ANNO BIOGRAPHICO

Anno Biographico

POR

Joaquim Manoel de Macedo

PRIMEIRO VOLUME

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA E LITHOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO

61 — Rua d'Ajuda, Chacara da Floresta — 61

1876

Commissão Superior

DA

EXPOSIÇÃO NACIONAL

DE

1875

PRESIDENTE

Sua Alteza Real Gaston d'Orleans, conde d'Eu.

MEMBROS

S. Ex. o Sr. Visconde de Jaguary.

S. Ex. o Sr. Visconde de Bom Retiro.

S. Ex. o Sr. Visconde de Souza Franco, finado a 5 de Maio.

O Sr. Commendador Joaquim Antonio d'Azevedo.

Escripta á convite da illustrada commissão superior da Exposição Nacional de 1875 com o fim de apparecer na Exposição de Philadelphia, esta obra é de propriedade da mesma illustrada commissão, e ao seu humilde autor cabe sómente a responsabilidade dos erros e das imperfeições que sem duvida a amesquinhão.

J. M. de Macedo.

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1876.

1 DE JANEIRO

SALVADOR CORRÊA DE SÁ E BENEVIDES

Em 1688 morreu em Portugal no dia 1 de Janeiro e aos noventa e quatro annos de idade Salvador Corrêa de Sá e Benevides, 1° alcaide-mór do Rio de Janeiro, Fidalgo da Casa Real, commendador de S. Salvador da Alagôa, e de S. João de Cassia na ordem de Christo.

Era elle filho de Martin de Sá, e de D. Maria de Mendonça e Benevides, e neto de Salvador Corrêa de Sá, 1° capitão-mór da cidade do Rio de Janeiro, da qual fôra um dos fundadores; nascera nessa mesma cidade, onde se baptisou na freguezia de S. Sebastião em 1594.

Sua vida foi cheia de serviços relevantes.

Em 1612 começou á prestal-os e o primeiro em que se distinguio, foi levar á Portugal um comboio de trinta navios á salvo das piratarias hollandezas.

Em 1625 levantou trezentos homens da capitania de S. Vicente e com elles embarcou, seguindo para a Bahia para ajudar a expulsão dos hollandezes que tinhão tomado a cidade de S. Salvador: aportou ao Espirito-Santo, e logo teve occasião de rachaçar os hollandezes que em seis náos vinhão saquear a terra; depois deste bello feito foi chegar á Bahia em Abril ainda a tempo de concorrer para a expulsão dos inimigos invasores.

Em 1634 nomeado almirante do mar do Sul teve ordem de ir combater os rebeldes que ameaçavão o Paraguay; desbaratou os indios calequis, cujo terrivel caudilho D. Pedro Chamcuy aprisionou, e retirou-se vencedor; mas trazendo em seu corpo doze feridas de flexas.

Em 1637 recebeu a nomeação de capitão-mór e governador do Rio de Janeiro; coube-lhe a felicidade de proclamar nesta capitania o rei D. João IV de Portugal restaurado e deu provas de grande prudencia e de energia; dissipando por meio de accordo conciliador tumultos dos colonos do Rio de Janeiro contra os jesuitas por causa da liberdade dos indios, e por igual motivo e com delongas e muito maior difficuldade o pronunciamento dos paulistas; poude emfim restabelecer a paz.

Em 1644 foi nomeado general da frota que então devia escoltar os navios do commercio do Brazil, incumbido de dirigir a exploração das minas, recebendo tambem o despacho de deputado do conselho ultramarino. Delegou os outros poderes para entregar-se á primeira e mais difficil commissão: fez tres viagens á Portugal, na de 1645 mostrou-se com trinta e seis vellas diante do Recife occupado pelos hollandezes, e desembarcou em Tamandaré soccorros

para os pernambucanos que acabavão de levantar-se em armas contra o dominio hollandez.

Outra vez nomeado governador das tres capitanias do Sul do Brazil (Espirito-Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente), e incumbido de ir soccorrer Angola, reunio á cinco galeões do governo dez vasos e competente guarnição á custa do povo, e quatro á expensas suas, fez-se de vella para a Africa, chegou á Quicombo, bateu os hollandezes occupadores e obrigou-os á capitular: depois accommetteu o rio de Congo, reduzio tudo á obediencia de Portugal, recebendo por premio da expulsão dos hollandezes de toda a costa de Angola a *graça de trazer por supportes de suas armas dous africanos*.

Em 1658 teve de novo o governo da repartição do Sul do Brazil independente em tudo do da Bahia: achou-se nesta terceira administração em provas do maior e mais rude labor á inspeccionar as minas, e contrariado por uma revolta que em sua auzencia rebentára no Rio de Janeiro: sua energia e seu prestigio vencerão e dominarão as difficuldades e a tormenta, e em 1661 entregou em perfeita tranquillidade, e em regular administração as capitanias ao seu successor no governo.

Em Lisboa, para onde se passou, foi achar a ingratidão em vez de premio: em 1666 consolou-se, vendo seu filho Martin Corrêa de Sá receber o titulo de visconde Asseca; á elle nada derão, ou antes o intrigarão, e perseguirão na côrte.

A' Affonso VI que o mandára chamar para ouvil-o antes de sua deposição á 23 de Setembro de 1667, Sá e Benevides aos 73 annos aconselhou medidas energicas e compressoras e offereceu-se para executal-as. Em consequencia disso e da

privança que seu filho visconde tivera na côrte do infeliz rei, foi preso e processado.

O fallecimento do filho e a orphandade dos netos derão a liberdade á Sá e Benevides, a quem reintegrarão no conselho de guerra e ultramar, em que tinha assento.

Esquecendo ingratidões, e injustiças, Sá e Benevides ao tocar os 90 annos, rugio, ouvindo a noticia da revolta do regulo de Pata na costa Oriental da Africa contra o poder do rei de Portugal, e offereceu-se para ir submettel-o.

Seus amigos lembrarão-lhe a edade avançada.

— Eu me consolaria se morresse a combater, e ao ruido da fuzilaria ! respondeu elle.

Forte ainda, altivo, e sem abatimento em seu espirito Salvador Corrêa de Sá e Benevides finou-se placida e religiosamente.

Seu nome lembra um dos primeiros e mais antigos heróes do Brazil.

Seus restos mortaes vierão a ter boa, fraternal visinhança na sachristia do convento (depois extincto) dos carmelitas descalços, onde tambem se depositarão os ossos do celebre brazileiro Alexandre de Gusmão.

2 DE JANEIRO

MARCILIO DIAS

Eis o nome de um Hercules.

Desprezo da vida em face do maior perigo, força de Alcides, bravura inexcedivel que não recuava diante da temeridade, cegueira em face do numero dos inimigos á combater, abnegação, porque simples e rude marinheiro, nem sonhava promoções animadoras, culto sublime ao dever do soldado na peleja, peito de rocha, braços de ferro, alma de fogo, natureza de heróe, tal foi Marcilio Dias.

Pobre e tosco marinheiro, ninguem lhe soube a filiação, o berço, e a vida por certo ingrata da infancia e da juventude ; todos porém o apreciavão na esquadra brazileira pela força, pela coragem, e pela disciplina.

Em falta de data de seu nascimento, e antes ainda da funebre data de sua morte de heróe, é justo apresental-o

no dia 2 de Janeiro de 1865, que foi tambem de fulgurante gloria para elle.

A guerra do Paraguay foi, como se sabe, precedida pelo recurso das represalias effectuadas por um corpo do exercito brazileiro que avançara da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, e pela pequena esquadra brazileira que sob o commando do Bayardo da marinha brazileira, o actual Sr. Visconde de Tamandaré, estacionava nas aguas de Montevidéo, cujo governo negava-se acintoso á dar satisfações de assassinatos, de roubos, e de selvagens violencias que havião commettido contra subditos do imperio forças militares do mesmo governo.

O general Flôres, notavel e poderosa influencia do Estado Oriental do Uruguay estava em armas contra a facção ou partido dominante em Montevidéo: a divisão do exercito brazileiro ao mando do velho e bravo general Menna Barreto apoiada pelos navios da esquadra e com o concurso do general Flôres cercou a praça fortificada de *Paysandú* em Dezembro de 1864, e não obtendo a capitulação imposta, atacou-a.

Commandava em *Paysandú* Leandro Gomez, o mais feroz inimigo dos brazileiros, que aliás foi salvo da morte pela generosidade e dever humanitario do Brazil vencedor.

Contra *Paysandú* desembarcára parte das guarnições dos navios brazileiros, e entre os marinheiros atacantes contou-se *Marcilio Dias*.

A praça estava poderosamente fortificada, e causára lamentaveis perdas nas baterias levantadas contra ella : um heróe, entre outros, o então chamado pelos inimigos o *invulneravel*, Mariz e Barros, commandava uma bateria e dirigia o ataque: Marcilio Dias estava sob suas ordens.

A 2 de Janiero de 1865 Mariz e Barros deu a voz de assalto ás trincheiras inimigas.

Foi terrivel e fervente a peleja; mas no meio do fumo, ao resoar da gritaria, ao troar dos canhões, e ao ruido da fuzilaria, na maior furia dos combatentes via-se a figura imponente de Marcilio Dias á avançar na dianteira dos que mais avançavão.

O marinheiro Hercules não fallava, era leão rompente e não rugia; era porém como impulsada machina de guerra que levava tudo diante de si, deixando destroços em seus impetuosos vestigios.

Depois de longas horas de sanguinolenta e enraivada peleja retumbou o grito—victoria !... ao vêr-se o homerico vulto do rude marinheiro Marcilio Dias, que cravava o estandarte brazileiro na torre da igreja de *Paysandú*.

Entre os nomes dos generaes e dos heróes dessa gloriosa *jornada* os relatorios officiaes exaltarão o do rude marinheiro.

Marcilio Dias laureado pela gratidão nacional escondeu-se ignorante da sua esplendida gloria até 11 de Junho de 1865.

A 11 de Junho elle estava como imperial marinheiro de 1ª classe no vapor *Parnahyba*, o epico inferno de sangue e de fogo da batalha de Riachuelo.

No *Parnahyba* atacado pelas abordagens de quatro vapores paraguayos tinhão já cahido mortos o capitão do 1º de infantaria Pedro Affonso, Greenhalgh e outros officiaes, e no momento em que o sobrevivo e heroico immediato primeiro tenente Felippe Firmino Rodrigues Chaves ordenava que se deitasse fogo ao paiol da polvora, Marcilio Dias sem desesperar da victoria e á tropeçar em cadaveres de irmãos, batia-se no convez contra innumeros inimigos.

O gigante em furia abria caminho por entre os paraguayos em multidão, deixando a um lado e outro inimigos feridos de morte pelo seu sabre.

Por ultimo quatro dos mais esforçados paraguayos tomarão o passo e atacarão o Hercules já ferido.

Extremo arrojo, Marcilio Dias bate-se contra quatro, terrivel mata dous ; mas horrivelmente acutilado cahe, como arvore gigantesca, ou melhor como monumento immenso que se abate.

Mas ainda moribundo saudou o *Amazonas* que com os violentos embates do seu beque arrombou e afundou os vapores inimigos que se tinhão agarrado ao *Parnahyba*.

A victoria era do Brazil. Marcilio Dias espedaçado pelos sabres e machadinhas dos paraguayos agonisou ao som dos hymnos do Brazil victorioso.

No dia 12 de Junho expirou sereno sem ter deixado ouvir um gemido, sem ter indiciado nem consolação pelo renome que deixava, expirou modesto, tranquillo, simples, como homem que nunca temera a morte, e que morria com a consciencia de ter cumprido á risca o seu dever.

Rude marinheiro Marcilio Dias foi duas vezes gigante para assim agigantar-se na historia da patria no meio de tantos heroes de mais elevada condição social.

Na marinha brazileira ha um vapor de guerra que tomou e perpetúa o nome de Marcilio Dias.

3 DE JANEIRO

MANOEL ANTONIO GALVÃO

Na cidade de S. Salvador da Bahia já tão rica de varões illustres nasceu á 3 de Janeiro de 1791 Manoel Antonio Galvão, filho de Jeronymo José Galvão e de D. Anna Maria Roza.

Depois de estudar humanidades Manoel Antonio Galvão foi destinado ao commercio, e tendo praticado como caixeiro, em Lisboa, para onde o mandarão, e na Bahia á cujo seio voltára, seguio para Londres, ahi esteve tres annos na casa do negociante Wilson; mudando porém de plano, partio em 1813 para Coimbra, em cuja universidade tomou o gráo de doutor em leis no anno de 1819.

Juiz de fóra de Goyaz em 1820, entrou alli em luta com o governador, pronunciando-se pela causa constitucional.

2

Eleito pela provincia da Bahia deputado da constituinte, foi depois nomeado ouvidor para Matto-Grosso.

Na magistratura subio todos os gráos, servindo na casa da Supplicação, na Relação da Bahia, e emfim em 1848 aposentou-se no Supremo Tribunal de Justiça.

Em sua vida parlamentar, politica e administrativa não menos se elevou.

A Bahia o elegeu deputado em 1826, primeira legislatura, e depois em 1863, e de lista triplice apresentada por eleição da mesma provincia foi pelo actual Imperador, o Sr. D. Pedro II, escolhido para senador do imperio.

Até essa data tinha sido presidente das seguintes provincias: das Alagôas em 1828, logo depois da do Espirito Santo, e em 1831 de Minas-Geraes, da qual passou no mesmo anno para a de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, que outra vez presidio de 1846 até Fevereiro de 1848.

Em 1835 foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do imperio para Inglaterra donde se retirou em 1839, não tendo querido aceitar missão diplomatica de igual caracter para a Russia.

No dia 1° de Setembro de 1839 Manoel Antonio Galvão de pouco chegado ao Rio de Janeiro entrou para o ministerio, tomando a pasta de ministro do imperio, na qual prestou bons serviços, bem que tivesse apenas duração de poucos mezes esse gabinete.

Em 1844 subio de novo ao poder, como ministro da justiça, e então foi um dos principaes promotores da pacificação da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul que ardia em revolta desde 1835. Nesse ministerio coube-lhe a honra de representar o rei de França Luiz Felippe no baptisado do principe D. Affonso.

Em 1845 nomeado plenipotenciario do Brazil para ajustar, no Rio de Janeiro, com o ministro inglez um tratado de commercio, declarou ao diplomata britannico que para entrar em negociações era indispensavel que fosse primeiro revogado o bill Aberdeen offensivo da dignidade do imperio.

Manoel Antonio Galvão foi nomeado conselheiro de estado em 1848, e dous annos depois á 21 de Março de 1850 falleceu no Rio de Janeiro em honradissima pobreza.

Deixou um nome puro e esclarecida e suavissima memoria.

Talento admiravel, intelligencia distincta, embora talvez sem grande vastidão e profundeza de conhecimentos, grande sagacidade de estadista, espirito subtil e dardejante de finos epigrammas, observação séria e penetrante dos homens, estudo severo dos factos, bom senso, amor da justiça, probidade sem jaça, e bondade extrema de coração erão os dotes deste benemerito brazileiro, que em politica pertenceu sempre ao partido liberal monarchista.

Durante o seu primeiro ministerio vagou o lugar de bibliothecario publico da côrte : multiplicarão-se os candidatos e os maiores empenhos ; o ministro Galvão respondia á todos : « esse lugar pertencerá a um homem que nunca me lisongeou, e que não o pede : » e o conego Januario da Cunha Barbosa por muitos titulos illustres foi o nomeado.

Embora liberal, Galvão, deputado na primeira legislatura, reprimio-se, e como que negou-se ao ardor e a luta dos partidos : muito mais tarde interrogado sobre os motivos de tal procedimento, respondia sempre : « tirei então a minha acha da fogueira para não me arrepender na occasião do incendio. »

Manoel Antonio Galvão, homem de consciencia sã, e incapaz de faltar á verdade, dava importante informação que é de grande luz na historia de Março e Abril de 1831.

Dizia elle que indo tomar posse da presidencia de Minas-Geraes encontrára em caminho o imperador D. Pedro I que dessa provincia voltava desgostoso e meditabundo, e que o imperador confidencialmente lhe dissera, que estava resolvido á abdicar a corôa do imperio do Brazil.

4 DE JANEIRO

CASIMIRO JOSÉ MARQUES DE ABREU

A historia da litteratura brazileira é enriquecida por alguns nomes de jovens poetas precocemente finados, portentosas esperanças que em flôr se desfizerão, auroras brilhantes que se apagarão sepultadas nas nuvens negras da morte.

Um delles foi sem contestação possivel Casimiro José Marques de Abreu, ou simplesmente Casimiro de Abreu, nascido *á 4 de Janeiro de* 1837 no municipio da Barra de S. João, provincia do Rio de Janeiro.

Passou risonha infancia na solidão ao lado de sua mãe D. Luiza Joaquina das Neves, e cedo começou á indiciar o seu *gosto* pela poesia : esse gosto era a inspiração que rompia, a flamma que não se podia apagar.

Acabava de completar sua instrucção primaria, quando seu pae, José Joaquim Marques de Abreu, negociante por-

tuguez, foi buscal-o e levou-o para o acreditado collegio do velho e excellente inglez João Henrique Freeze, em Nova-Friburgo, recommendando que este o educasse, preparando-o para a vida commercial.

Neste collegio aos quinze annos de idade escreveu Casimiro de Abreu a sua primeira poesia—Ave Maria !—canto do menino vate repassado de doçura.

E aos quinze annos uma linda menina enlevou-o, e nesse amor quasi infantil, mas por isso mesmo puro, angelico, nesse doce primeiro amor, cujo perfume fica perpetuamente no coração, Casimiro de Abreu fez apaixonados versos, e (são palavras por elle escriptas) *houve então alguem que o chamou poeta.*

Quasi logo o talentoso e applicado estudante vê interrompida sua instrucção secundaria pelo pae que o arrancou ao collegio Freeze, e á despeito de seus rogos e de seus protestos de completa negação para a vida commercial, o arrebatou, constrangeu á seguil-o para a cidade do Rio Janeiro, e ahi o installou á força no escriptorio de sua casa mercantil.

Desde esse dia declarou-se triste e lamentavel contrariedade de idéas entre o pae e o filho : o pae bem intencionado, mas duramente severo empenhava-se em esmagar no animo do filho o amor da poesia, e em abrir-lhe o caminho da riqueza pelo commercio : o filho privado de livros, espiado para não escrever cantos poeticos, illudia o pae, e á noite, quando todos dormião, velava elle, e devorava obras poeticas e de critica litteraria, que astucioso escondia, e vingava-se do *Deve* e *Ha de haver*, escrevendo versos horas inteiras.

O pae descobrio as innocentes traições do filho poeta, e

irritado, repellio-o do escriptorio e mandou-o para Portugal em Novembro de 1853.

Ainda um erro !... para matar o genio poetico de Casimiro de Abreu o rude negociante accendia na alma do filho poeta a saudade da patria !...

Em Portugal Casimiro de Abreu escreveu as *Canções do exilio* talvez as de inspiração mais feliz.

A nostalgia obumbrava o joven brazileiro : logo depois manifestarão-se nelle os primeiros sympthomas de tuberculose : á noticia deste mal o pae commoveu-se e Casimiro de Abreu poude voltar para sua querida e desejada patria, cujas doces auras parecerão á principio regenerar-lhe a saude. Illusão !...

Casimiro de Abreu seguio para a *fazenda* de seu pae ás margens do arroyo Indayassú, subsidiario do rio S. João, *fazenda* saudosa e romanesca, onde em seus tempos do collegio Freeze costumava ir passar as ferias, sitio predilecto, que fôra testemunha dos purissimos encantos do seu primeiro amor. Illusão !...

A linda menina do amor dos quinze annos do poeta, dormia donzella e pura somno de anjo á sombra de um cypreste em leito de cemiterio.

Um mez depois Casimiro de Abreu voltava martyr, mas obediente á vida commercial que lhe impunha a vontade obstinada de seu pae.

Tinha quasi vinte annos o poeta, e durante mais dous sujeitou-se respeitoso e submisso ; mas á noite, aproveitando horas de concedida liberdade, reunia-se á uma pleiade de jovens e talentosos poetas, que feliz e brilhantemente ainda florescem, e na improvisada, amiga, e suavissima Arcadia

expandia seu coração e sua alma em bellos e sentidos cantos de poesia.

A 13 de Junho de 1858 Casimiro de Abreu conseguio emfim deixar o escriptorio commercial de seu pai, e em Setembro do anno seguinte deu ao prelo suas composições poeticas sob o titulo de *Primaveras* recebidas com applauso geral da imprensa e do publico.

José Joaquim Marques de Abreu de má vontade ; mas assustado pela marcha da molestia pulmonar que ameaçava a vida do filho, dera-lhe liberdade, ou antes alforria da escravidão commercial ; exultou porém, ouvindo os elogios que as *Primaveras* excitavão, e rude como era, e doente e quasi moribundo, quiz que lhe lêssem as poesias do seu Casimiro; escutou-as a chorar na sua fazenda do *Indayassú*, mandou um expresso á buscar e á reclamar a presença do poeta, poude vel-o, abraçal-o, abençoal-o, e morrer nos seus braços consolado na morte com a gloria do poeta.

Poeta sem futuro, ainda uma illusão !...

Casimiro de Abreu voltou para a cidade do Rio de Janeiro ; a tuberculose porém implacavel seguia o seu caminho á devorar-lhe os pulmões. O poeta cantava ainda commovido e triste, quando em exacerbação da molestia foi por ordem dos medicos pedir milagre ao clima de Nova-Friburgo.

Alli consolado ao menos pela doce companhia de sua mãe, viveu o poeta ainda tres mezes até que á 18 de Outubro de 1860 expirou tão suavemente que pareceu adormecer.

Contava então vinte e tres annos de idade, e legára á litteratura patria o seu livro de canticos poeticos com o titulo de *Primaveras*.

As poesias de Casimiro de Abreu são cheias de sentimento,

doçura e melancolia, e sem duvida promettião ou asseguravão grande poeta lyrico.

O critico justo não esquecerá jámais que o joven inspirado tinha menos de vinte annos, quando escreveu os mais bellos e maviosos dos seus cantos e entre outros o seguinte, que não sendo de todos o melhor, é o mais breve e póde caber inteiro copiado aqui:

Berço e Tumulo

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flôres no meu canto amigo;
-- Pobre grinalda com prazer tecida —
E—todo amores—deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

E' cedo ainda!—quando moça fores,
E percorreres deste livro os cantos
Talvez que eu durma solitario e mudo
— Lyrio pendido a que ninguem deu prantos! —

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singella,
E nesse ramo que o sepulchro implora
Paga-me as rosas d'esta infancia bella.

5 DE JANEIRO

MANOEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Em 1711 falleceu neste dia Manoel Botelho de Oliveira, nascido na Bahia em 1636, capitão-mór, fidalgo da casa real, e formado em jurisprudencia na Universidade de Coimbra.

Voltando depois de formado á cidade de S. Salvador exerceu a profissão de advogado, merecendo sempre geral estima e consideração, e sendo por algum tempo vereador da camara.

Instruido, e amante conhecedor dos poetas latinos, italianos e castelhanos, além dos portuguezes, deu-se tambem ao cultivo da poesia ; mas deixou correr os melhores annos da vida sem cuidar da publicação dos seus escriptos e só na velhice e quasi aos setenta annos os deu á luz da imprensa.

Em 1705 foi publicado em Lisboa um volume em 4° de trezentas e quarenta paginas, contendo as poesias de Botelho de Oliveira sob o seguinte longuissimo titulo — *Musica do Parnaso, dividida em quatro córos de rimas portuguezas, castelhanas, italianas e latinas, com seu descante comico reduzido em duas comedias.*

O Sr. Varnhagen, actual visconde de Porto-Seguro, escrevendo a biographia desse brazileiro, lamenta que elle houvesse deixado para tão tarde a publicação, e naturalmente o empenho de corrigir suas poesias, sendo impossivel que ellas não se resentissem do abatimento da intelligencia sob o peso de tantos annos.

A *Musica do Parnaso* é obra rara e pouco procurada; mas em falta de grande merecimento poetico tem por si a recommendação da Academia de Lisboa, que a declarou classica de linguagem no que está escripto em portuguez.

Manoel Botelho de Oliveira é digno ainda de historica lembrança, não porque elle fosse o *primeiro filho do Brazil que fizesse publica a suavidade do metro;* mas porque foi ao menos *um dos primeiros* e mais antigos, á quem cabe essa gloria.

6 DE JANEIRO

BALTHAZAR DA SILVA LISBOA

Na cidade de S. Salvador, capital da provincia da Bahia, nasceu a 6 de Janeiro de 1761 Balthazar da Silva Lisboa: forão seus paes Henrique da Silva Lisboa, e Helena de Jesus e Silva.

Este distincto brazileiro estudou humanidades e seguio o curso e tomou o gráo de doutor em direito civil e canonico na Universidade de Coimbra, sob a protecção do bispo D. Francisco de Lemos Pereira Coutinho, seu muito illustrado compatriota, do Rio de Janeiro.

Depois de ser encarregado do exame da mina de carvão de Buarcos, e das de chumbo nos contornos da villa de Coja em Portugal escrevendo sobre ellas estimada memoria, voltou para o Brazil despachado juiz de fóra da cidade do Rio de Janeiro.

Elogiado pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos, malquistou-se com o successor deste, o conde de Rezende; porque havendo na cidade enorme carestia de farinha, e ao mesmo tempo tolerado monopolio do mesmo genero de que se carregavão muitas embarcações para fóra, Balthazar da Silva Lisboa, desempenhando a favor do povo seus deveres de magistrado, abrio devassa, mandou examinar os carregamentos dos navios, chegando a encontrar-se nelles caixões de farinha com as marcas de um ajudante de ordens do vice-rei!

Substituido no lugar de juiz de fóra, Balthazar da Silva Lisboa sahio para Portugal em 1796, e lá foi absolvido pelo Tribunal do Conselho Ultramarino de accusações de revolucionario e republicano urdidas pelos inimigos que deixára no Rio de Janeiro.

Ouvidor da comarca dos ilhéos no Brazil e pouco depois juiz conservador das matas, fez estudos sobre a cultura e os córtes de madeira, escreveu a « Physica dos Bosques dos Ilhéos, e a Descripção da comarca do mesmo nome, » que a Academia Real das Sciencias de Lisboa mandou imprimir na sua collecção.

Como erão sabidos os conhecimentos que havia feito sobre metallurgia, foi Balthazar da Silva Lisboa incumbido de examinar grande massa de ferro achada nos riachos de Bendegó, cabeceira do rio da Cachoeira, e a mina de carvão de pedra encontrada em 1813 no rio Cotegipe, e satisfez essa commissão em relatorio que apresentou, dando conta scientifica da existencia e das condições do ferro e do carvão de pedra nos lugares mencionados.

O conde dos Arcos, governador e capitão-general da Bahia, encarregou o illustre bahiano de fazer a mudança da

aldeia dos indios da freguezia da Almada para o lugar chamado das *Ferradas*, e elle vencendo com doçura a opposição dos indios, conseguio effectuar a util medida com sacrificio de sua saude e com grandes fadigas.

Aposentado no Conselho da Fazenda com o respectivo ordenado, doente e recolhido á fazenda que comprára no Rio das Contas, foi em 1821 perseguido como opposto á constituição das Côrtes portuguezas, cujas bases aliás foi jurar na cidade de S. Salvador, declarando, é certo, que suppunha que ella não faria a felicidade da nação.

Em 1823 as camaras municipaes da Cachoeira do Rio de Contas e de Valença, representárão contra Balthazar da Silva Lisboa, como inimigo da causa da independencia da patria, e o illustre ancião fugitivo, atravessando matos e pantanos, poude emfim embarcar em um brigue inglez, que o transportou ao Rio de Janeiro, onde a principio não o quizerão receber o imperador D. Pedro I e o ministro José Bonifacio de Andrada.

Balthazar da Silva Lisboa provou documentalmente sua innocencia: elle era ao contrario do que o accusavão, enthusiasta da independencia: tudo indica que o fundamento da perseguição estava em seus sentimentos desfavoraveis ás idéas democraticas: era senão absolutista, liberal muito atrazado. Uma opinião não é um crime.

O imperador e o ministro José Bonifacio acabarão por fazer justiça ao illustre bahiano, a quem annos mais tarde D. Pedro I quiz dar uma cadeira de lente do curso juridico creado em S. Paulo, e que elle não aceitou, lembrando sua edade quasi de setenta annos.

Mas o velho illustrado trabalhava ainda com ardor e em

1834 publicou na cidade a que se acolhera os ANNAES DO RIO DE JANEIRO em sete volumes, e de grande merecimento.

Fundado o Instituto Historico Geographico e Ethenographico Brazileiro em 1838, Balthazar da Silva Lisboa saudou-o com enthusiasmo, como socio honorario, presenteou-o com preciosissimo manuscripto, obra sua « BOSQUEJO HISTORICO DE LITTERATURA PORTUGUEZA, SERVINDO DE INTRODUCÇÃO A UM CORPO BIOGRAPHICO DOS MAIS DISTINCTOS BRAZILEIROS E DE MUITOS VARÕES CELEBRES POR SEUS SERVIÇOS AO BRAZIL. »

Balthazar da Silva Lisboa morreu a 14 de Agosto de 1840. Seu nome ficou gravado entre os dos mais illustres representantes das letras e das sciencias no Brazil, na primeira metade do seculo decimo nono.

Sua variada illustração se aprecia nas diversas tarefas que desempenhou commissionado pelo governo.

Para seu maior elogio basta dizer que não desmereceu a gloria de irmão do sabio José da Silva Lisboa, o visconde de Cayrú.

7 DE JANEIRO

FRANCISCO JOSÉ FURTADO

Aos 13 de Agosto de 1818 nasceu na cidade de Oeiras então capital da provincia do Piauhy Francisco José Furtado, filho legitimo de um cirurgião do mesmo nome e de D. Roza da Costa Alvarenga, senhora oriunda de uma das mais distinctas familias piauhyenses.

Aos dous annos de edade perdeu o pae, e sua mãe casada em segundas nupcias enviuvou ainda, sendo o seu segundo esposo assassinado por atrozes sicarios.

Aos nove annos foi de muda para Caxias, na provincia do Maranhão, ainda em vida de seu padrasto, e ahi, no berço de Gonçalves Dias, estudou preparatorios e em 1833 seguio para Olinda, onde logo se matriculou na academia juridica.

Em 1837 chegou-lhe a noticia do assassinato horrivel de seu optimo padrasto, e da impunidade dos assassinos, infames instrumentos de potentado da localidade.

4

« Esse funesto acontecimento (diz o illustre Sr Dr. Antonio Henriques Leal no seu Pantheon Maranhense na luminosa biographia do benemerito varão) não contribuio pouco para que Furtado tomasse tão cedo parte nas discussões politicas e redigisse, no seu quarto anno de collaboração com distinctos collegas o *Argos Olindense.* »

Custou-lhe a redacção desse periodico liberal varias desavenças com os lentes e para evitar que o desfeiteassem no acto, como acabava de acontecer á um dos collegas collaboradores (diz ainda o mesmo illustre biographo), seguio para S. Paulo, onde concluio o curso e tomou o gráo de bacharel formado em leis em 1838.

No anno seguinte chegou de volta á capital do Maranhão; estava a provincia á braços com tremenda revolta, que assolava principalmente o territorio de Caxias; mas Furtado, tendo na cidade desse nome sua mãe, não hesitou em correr para seu lado. Caxias foi cercada pelos rebeldes e rendeu-se emfim a elles, que prenderão o joven bacharel tão dedicado filho, como outros muitos habitantes.

Restaurada a cidade, mas continuando a revolta, Furtado prestou serviços importantes á causa da legalidade, e em recompensa foi em 1840 nomeado juiz municipal de Caxias, servindo de juiz de direito interino em 1841.

Liberal desde os bancos da academia, tomou seu posto no partido que hasteava na provincia a sua bandeira; foi eleito presidente da camara municipal de Caxias, e logo depois membro da assembléa provincial: exerceu tambem diversos cargos policiaes, e no exercicio de todas essas funcções distinguio-se pela intelligencia vasta e esclarecida, pela moderação, e por grandes virtudes.

Eleito deputado á assembléa geral em 1847 para a legis-

latura que começou em 1848, tomou assento em Maio, e no meio dos mais notaveis parlamentares, revelou-se substancioso, grave, e profundo orador em discursos que pronunciou; mas o partido liberal perdeu o poder á 29 de Setembro, e a camara temporaria adiada á 5 de Outubro foi dissolvida á 19 de Fevereiro de 1849.

Furtado tinha sido nomeado juiz de direito de Caxias por decreto de 20 de Setembro de 1848; rompendo porém logo depois a reacção politica conservadora, foi á 19 de Dezembro do mesmo anno removido para a capital do Pará, onde ficou até 1856, e servio como juiz de direito, dos feitos da fazenda e auditor de guerra.

Em 1856 inaugurada pelo gabinete do marquez de Paraná a politica que então se chamou de conciliação foi o Dr. Furtado transferido para a vara de juiz especial do commercio da capital do Maranhão; mas em Outubro do anno seguinte o magistrado modelo teve de ser experimentado na administração na qualidade de presidente da provincia do Amazonas.

Creada apenas a cinco annos, pauperrima de rendas, muito afastada da capital do imperio, e sem auxilios do governo geral, a provincia do Amazonas tão vasta e de tão minguada população não podia ser campo, onde se ostentasse proficua a intelligencia, a actividade e a energia do mais habil e abalisado administrador.

Furtado governou-a isento de espirito de partido, e com empenho moralisador; em seu tempo procedeu-se a eleições municipaes: elle não interveio no certamen; a liberdade do voto foi perfeita: vencedores e vencidos louvarão o presidente.

Sem recursos para fazer o bem que almejava, indicou ao

governo geral grandes e utilissimas providencias que convinhão ser tomadas e esclareceu sobre ellas a assembléa provincial em relatorio magistralmente elaborado. Catechese e civilisação dos indios, creação de colonias nacionaes nas margens do Madeira; communicações fluviaes com a provincia de Matto-Grosso e com a Bolivia, urgente reparo de fortalezas arruinadas, e construcção de outras forão assumptos que elle estudou e desenvolveu com apreciações praticas, e com attento cuidado e penetrante olhar de estadista.

Em 1859 deixou á seu pedido a presidencia da provincia do Amazonas abençoado pelos diversos partidos, e recolheu-se ao Maranhão, onde reassumio a vara commercial.

Em 1861 voltou Furtado á camara eleito deputado pelo segundo districto da provincia do Maranhão. Já era conhecido como orador de talento pujante : na sessão de 1861, e na do anno seguinte radiou na tribuna como severo e eloquente doutrinario liberal.

A 24 de Maio de 1862 entrou com a pasta da justiça no ministerio ephemero que os conservadores da camara derribarão com fraca maioria quatro dias depois. Os vencedores não conquistarão o poder que passou ao marquez de Olinda preparador do triumpho da nova situação politica que o gabinete de 24 de Maio preludiava.

Furtado, o ex-ministro, foi na prova exigida pela constituição reeleito deputado por unanimidade de votos : em 1863 a corôa dissolveu a camara, e elle tornando deputado á nova legislatura, occupou a cadeira de presidente daquella assembléa temporaria desde Janeiro até 24 de Julho de 1864, em que o Imperador o escolheu senador em lista apresentada pela provincia do Maranhão.

Os deputados liberaes e conservadores derão-lhe em des-

pedida sumptuoso banquete sem caracter de manifestação politica de partido; mas evidentemente indicador de seu grande merecimento pessoal.

Furtado tinha succedido na presidencia da camara ao illustrado Sr. conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, que a deixára chamado á organisar ministerio: á 31 de Agosto do mesmo anno elle succedeu ao mesmo estadista no governo, organisando naquelle dia o gabinete de que foi chefe.

Subia ao poder em gravissimas circumstancias: herdára as difficuldades das provocadas represalias no Estado Oriental do Uruguay, ainda no berço do seu ministerio viera atormental-o terrivel crise da praça commercial do Rio de Janeiro, tempesteada pela quebra das principaes casas bancarias, e logo depois os insultos selvagens do dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopes, e a guerra indeclinavel da desaffronta nacional derão ao gabinete de 31 de Agosto, ao gabinete do conselheiro Furtado, trabalhos de Hercules, torturas de martyr, imposição de tributos de patriotismo pagos galharda, energica, estupendamente com o mais dedicado civismo, e gloria que só tem por igual a gloria dos patriarchas da independencia do Brazil.

Na questão do Uruguay o gabinete Furtado consummou a obra politica iniciada pelo ministerio do Sr. conselheiro Zacharias, firmando esplendidamente o poder das armas do imperio na brilhante victoria de Paysandú.

Nos descalabros bancarios, e nas afflictivas contorsões da praça commercial tomou com o voto do conselho de estado medidas arbitrarias, que forão por muitos censuradas; mas que em todo caso tranquillisarão os animos, e derão tempo á satisfação de obrigações, que a situação anormal e

borrascosa, tornando impossiveis, criava o desespero de muitos, e a ameaça de imminentes e immediatos desastres de grandes casas que em sua ruina levarião de envolta muitas outras embora de mais modestas transacções commerciaes.

Na guerra do Paraguay Furtado foi o Pompeu feliz, que batendo com o pé na terra da patria levantou o exercito que deu a victoria ao Brazil.

A' 7 *de Janeiro* de 1865 referendou o illustre estadista o memoravel decreto chamando ás armas os *Voluntarios da Patria*, e contra a espectativa de muitos acudirão de todas as provincias do imperio aquelles gloriosos batalhões que forão immortalisar-se na guerra da desaffronta nacional.

Esta grandiosa providencia tão fulgurante pela confiança immensa no patriotismo dos brazileiros, e de influencia tão extraordinaria na guerra pelo enthusiasmo com que foi correspondida que, concebida, proposta e executada por Furtado, marca uma data que é preferivel á todas para marcar o artigo em que é registrado o seu nome neste livro.

Ao mesmo tempo que com os *Voluntarios da Patria* se improvisava numeroso exercito, o gabinete de 31 de Agosto pela acção energica e activissima do seu ministro da marinha (o Sr. conselheiro Francisco Xavier Pinto Lima) reorganisou a esquadra nacional, fez de navios velhos e condemnados novos e prestaveis que tomarão parte na pavorosa batalha de Riachuelo e concorrerão para a victoria que annullou as pretenções do poder naval do Paraguay; determinou a immediata e rapida construcção dos primeiros encouraçados brazileiros no arsenal de guerra da côrte, elevando emfim

a marinha ás proporções necessarias para começar a guerra e manter dominante a força do Brazil nas aguas do Paraná.

Na politica e administração do interior Furtado desenvolveu dignamente o seu programma liberal: deu effectivas garantias de liberdade aos africanos livres; mas sujeitos ao serviço do Estado e de particulares; resguardou os cidadãos de prisões arbitrarias, e prestou muitos outros e importantissimos serviços.

Dissidencias no seio do proprio partido fizerão cahir o gabinete de 31 de Agosto logo no primeiro dia de sessão da camara em Maio de 1865; porque o candidato ministerial á presidencia da camara foi vencido por um voto pelo da opposição.

Se algum dos membros do ministerio procurou aliás muito licitamente angariar votos no parlamento, Furtado á isso se negou com decidido proposito.

Tendo pedido, e obtido suas demissões, os ex-ministros do gabinete de 31 de Agosto receberão ovações do povo da capital.

Deixando o ministerio, o senador Furtado tomou devido posto entre os chefes principaes do partido liberal: de 1865 em diante fez opposição moderada; mas valente aos ministerios progressistas, e de 1868 á 1870 tomou e manteve igual e galharda attitude contra a nova situação politica conservadora.

Tinha sido nomeado juiz da vara commercial da côrte, e nella, no intervallo das sessões legislativas, engrandecia a sua reputação de magistrado integerrimo e profundamente instruido; mas em 1869 declarou-se fallida no Maranhão uma casa commercial, que por occasião da molestia, e do funeral de sua primeira esposa, e da sua mudança com nu-

merosa familia para a côrte, lhe emprestara quantias, que chegarão á somma relativamente elevada.

O conselheiro senador Furtado ao receber tal noticia, escreveu logo aos administradores da massa fallida, assegurando-lhes que ia empenhar-se em solver seu debito no mais curto prazo: pedio por isso e obteve em Março de 1870 sua aposentadoria de juiz do commercio com honras de desembargador, e abrio banca de advogado.

Acudia-lhe boa e animadora clientela; mas ferido pelo desgosto, extenuado pelo trabalho, o illustre conselheiro Furtado começou a soffrer muito em sua saude.

Em Abril de 1870 convidado para patrono da importante e celebre causa pleiteada perante a Relação do Rio de Janeiro, ganhou-a triumphalmente, proferindo defeza admiravel e famosa; mas ainda na casa do tribunal teve uma syncope, e voltando a si, e pelos amigos levado á sua morada, cahio de cama, e á 23 de Junho de 1870 falleceu victima de uma *angina pectoris*.

Morreu pobre e deixando oito filhos (seis do sexo feminino) todos do seu primeiro matrimonio ás portas da penuria. Amigos fieis e dedicados abrirão na côrte e nas provincias á favor das filhas do benemerito subscripção que produzio perto de quarenta e sete contos de réis, e seus dous filhos receberão educação condigna,graças á mais louvavel e pura amizade, provada além da sepultura.

Como juiz integro e illustrado o conselheiro Francisco José Furtado teve iguaes; não teve porém superior.

Em sua vida particular foi homem de virtudes, suave no trato, bom, generoso e de inexcedivel melindre em pontos de honra e de probidade, e amigo até os sacrificios pessoaes.

8 DE JANEIRO

JOSÉ DA NATIVIDADE SALDANHA

Nascido em berço dissimulado a 8 de Setembro de 1796 em Pernambuco, José da Natividade Saldanha teve ao menos zelosa protecção sem duvida de seu pai; pois que não lhe faltarão meios para estudar em Olinda todas as disciplinas preparatorias, e para ir formar-se em direito na Universidade de Coimbra.

Deixára em Pernambuco fama de brilhante intelligencia, e em Coimbra ganhou em breve a de grande engenho, e de bello talento poetico.

Cursava na Universidade o terceiro anno de leis, quando animoso deu ao prelo um volume de 136 paginas com o titulo de POESIAS OFFERECIDAS AOS AMANTES DO BRAZIL, constando de sonetos, odes, cantatas, dithyrambos, idylios, etc. O seu patriotismo transluzia do livro: em algumas

de suas odes exaltava-se celebrando heróes pernambucanos assignalados na guerra contra os hollandezos.

Como tantos outros, como quasi todos os seus collegas da Universidade naquelle tempo, era ardente republicano e enthusiasta da independencia do Brazil, contra a qual desde 1821 se bradava provocadoramente na Constituinte portugueza.

O grito do Ypiranga a 7 de Setembro de 1822, a acclamação da independencia e do imperador a 12 de Outubro seguinte chegarão á Portugal e José da Natividade Saldanha, que então seguia o terceiro anno de leis, impellido por ardor patriotico e por erro para elle fatal, desertou da Universidade, deixou-a com electrica exaltação, e voltou para o seio da patria.

Com idéas republicanas chegou á Pernambuco, provincia da monarchia brazileira, e veio achar os liberaes do imperio enthusiastas do imperador.

O joven republicano e poeta, espirito em lavas de dous volcões não esperou muito para ser victima da erupção de um delles.

Em Novembro de 1823 o imperador D. Pedro I desastradamente aconselhado dissolveu violentamente a constituinte brazileira, e por esse facto abrio profundo abysmo, que o separou dos liberaes.

Pernambuco deu o signal da resistencia revolucionaria no grande conselho de 13 de Dezembro de 1823; que creou situação anormal, e governação interina; repulsando a autoridade do presidente nomeado pelo imperador.

José da Natividade Saldanha foi dos mais exaltados propugnadores desse pronunciamento, e pelo grande conselho

eleito secretario do conselho governativo provisorio, e á 8 *de Janeiro de* 1824 lavrou-se o termo de eleição do presidente, secretario (que foi elle) e membros do conselho do governo provisorio da provincia eleito pelo collegio eleitoral das comarcas de Olinda e do Recife; convocado pelo de 13 de Dezembro de 1823.

Era o começo já pouco ou mal dissimulado da revolta republicana de Pernambuco em 1824.

A 2 de Julho Manoel de Carvalho Paes de Andrade proclamou a *Federação do Equador*, convidando as provincias do Norte a adherir á ella; faltou-lhe porém o apoio com que contava, e nem poude vencer a reacção da *Barra Grande*, já pronunciada em Pernambuco.

A 12 de Setembro o general Francisco de Lima e Silva entrou com as tropas legaes em um dos bairros do Recife, e occupou-o, em quanto Manoel Carvalho, que tinha sahido ao encontro de forças republicanas em retirada das visinhanças da *Barra Grande*, achou-se interceptado e não podendo voltar para a cidade metteu-se á noite em uma jangada, e foi asylar-se á bordo da corveta ingleza *Twed*.

A revolução foi esmagada.

José da Natividade Saldanha logo que o general Lima e Silva entrou no Recife, conseguio emigrar para os Estados Unidos, indo residir em Philadelphia com o coronel José de Barros Falcão, José Tavares Gomes da Fonseca e outros compromettidos na revolução, não tornando mais a Pernambuco, e deixando-lhe em despedida uma elegia que principia assim :

« Segunda vez te deixo, oh patria amada ;
« Lutando braço á braço com a desgraça !...

A commissão militar creada em Pernambuco o condemnou á morte, e mandou affixar editaes autorisando á qualquer pessoa para mata-lo.

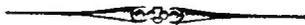
Dos Estados-Unidos passou José da Natividade Saldanha, para Venezuela, onde para viver assentou praça de soldado, valendo-se do general Abreu Lima que então ali servia no exercito e que o recommendou ao general Escalona.

Melhorou de fortuna depois; soube ganhar credito de homem de lettras e foi professar humanidades em Bogotá.

Em 1830, recolhendo-se á deshoras e debaixo de chuva copiosissima, José da Natividade arrebatado pela correnteza das aguas, foi cahir na *acequia* (valla) da rua, por onde hia e ali morreu.

Acharão-n'o demanhã afogado.

Estas informações sobre a vida do infeliz emigrado achão-se em ligeiro apontamento em um manuscripto deixado pelo general Abreu Lima, e estão de perfeita harmonia com outras que o Sr. conselheiro F. Lopes Netto, sendo ministro plenipontenciario do Brazil na Bolivia, recebeu em 1868 do consul-geral de Venezuela, o qual fôra discipulo de José da Natividade Saldanha, fallava do seu mestre com enthusiasmo, e se achava em Bogotá em 1830, quando elle tão desastrosamente morreu.

Constava que José da Natividade Saldanha tinha em manuscripto dous volumes de poesias que se perderão.

9 DE JANEIRO

JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA

Aos 19 de Outubro de 1777 nasceu na cidade de Marianna, provincia de Minas-Geraes, José Joaquim da Rocha, e alli fez os seus primeiros estudos, e seguia os de humanidades com tanto aproveitamento que tendo apenas deseseis annos de edade por escolha de seu mestre, o padre Pascoal Bernardino de Mattos, habilissimo e afamado professor de latim, foi encarregado de reger a respectiva aula, como seu substituto.

Casando-se a 25 de Abril de 1798, Rocha deixou de ir para Coimbra á formar-se em direito, como pretendia : servio na capitania de Minas-Geraes diversos cargos da governança, e officios de justiça com prudencia, e zelo intelligente, foi official do regimento de milicias da cidade de Marianna, e capitão de ordenanças do districto proximo,

e mereceu ser promovido ao posto de capitão-mór pelos serviços que prestou, extinguindo as dissenções que havia entre não poucos possuidores de terras auriferas, conseguindo isso por meio de conciliações, e sem oppressão, nem violencias.

Em 1808 mudou-se de Minas-Geraes para a cidade do Rio de Janeiro, onde estabeleceu banca de advocacia, embora não fosse formado, e em breve adquirio notavel reputação no fôro por sua intelligencia e probidade.

Ganhava muito como advogado; mas não servia menos gratuitamente aos pobres e desvalidos.

Em 1821 adherio logo á revolução de Portugal, foi eleitor de comarca e de provincia, e por Minas-Geraes eleito deputado supplente ás côrtes portuguezas.

Ainda bem que não teve de seguir para Lisboa. No Rio de Janeiro firmou o capitão-mór José Joaquim da Rocha sua maior gloria nos annos de 1821 e 1822.

Ligue-se á memoria do grandioso dia 9 de Janeiro de 1822 o nome do modesto, mui preclaro e benemerito patriota o capitão-mór José Joaquim da Rocha que foi senão o principal ao menos o mais activo e decidido conspirador da magestosa e electrica revolução abraçada então pelo principe regente nove mezes depois D. Pedro I, imperador do Brazil independente.

O grito do Ypiranga á 7 de Setembro de 1822 usurpa ao Rio de Janeiro, em gloria mal cabida á provincia de S. Paulo, a gloria incontestavel e firmada em factos positivos da iniciativa arriscada e anciosa da independencia do Brazil, e da conspiração patriotica para effectua-la.

José Bonifacio de Andrada e Silva foi o ministro, e a grande cabeça directora dos acontecimentos de 1822 desde

16 de Janeiro para a proclamação da independencia do Brazil ; mas já em 1821 erão iniciadores desse grandioso empenho, seus propugnadores, seus dedicados conspiradores no Rio de Janeiro Nobrega, Januario, Ledo, frei Sampaio, ainda outros, e mais influente e impulsor que todos o capitão-mór José Joaquim da Rocha.

Em 1821 José Joaquim da Rocha foi dos primeiros á cogitar na idéa da independencia do Brazil, e desde os primeiros decretos das côrtes portuguezas, descentralisando as provincias brazileiras, á conspirar para leva-la á effeito em *club* á que pertencião Nobrega, Paulo Barboza da Silva, Pedro Dias Paes Leme (depois marquez de Quixaramobim) e outros.

Em outro *club* trabalhavão no mesmo sentido o padre (depois conego) Januario, Ledo, frei Sampaio e ainda outros diversos patriotas.

Não forão estranhos á esses conselhos secretos as proclamações anonymas que em alguns dias de Outubro de 1821 amanhecerão pregadas nas esquinas das ruas da cidade do Rio de Janeiro, concitando o povo á pronunciar-se pela independencia com o principe D. Pedro por imperador do Brazil.

Mas até o fim de Novembro erão contrarios á causa da independencia o principe regente D. Pedro, herdeiro presumptivo da corôa, e fiel ao rei D. João VI, seu pai,—o partido luzitano apoiado nas tropas portuguezas de guarnição,—e os proprios brazileiros, liberaes exaltados e republicanos, por dedicação ás côrtes que representavão a revolução de 1820 e com ella os principios do systema liberal.

Os decretos das côrtes datados de 29 de Setembro de 1821, um extinguindo os tribunaes que o rei tinha creado

no Rio de Janeiro, e outro mandando retirar do Brazil o principe D. Pedro, á quem cumpriria ir visitar os Estados-Unidos Norte Americanos, a França, e a Inglaterra, rebentarão em principio de Dezembro na mesma cidade do Rio de Janeiro, provocando a irritação de todos os brazileiros, e o resentimento do principe.

Rocha reunio immediatamente o seu *club*, e deste sahirão Paulo Barboza para Minas, e Pedro Dias Paes Leme para S. Paulo afim de promoverem representações, pedindo ao principe D. Pedro que ficasse no Brazil.

A junta provincial de S. Paulo á 24 de Dezembro foi a primeira á representar.

Na cidade do Rio de Janeiro era muito mais difficil a execução desse empenho em face da numerosa guarnição portugueza já habituada á impôr sidiciosamente a sua vontade.

Mas a representação foi ridigida, e para que a assignasse o maior numero possivel de cidadãos, encarregarão-se alguns mancebos de familias estimadas da capital, e entre elles dous filhos do capitão-mór José Joaquim da Rocha, de pregar nas esquinas das ruas annuncios e convites, indicando as casas, onde se podia assignar aquelle documento patriotico.

Jorge de Avilez, o chefe da guarnição portugueza estava alerta, e rondas numerosas vigiavão as ruas da cidade : Os soldados arrancavão os annuncios com as pontas das bayonetas : trabalho vão !... apenas se distanciavão, os jovens patriotas pregavão novos annuncios.

Isto se passava no dia 2 ou 3 de Janeiro de 1822, e á 7 mais de oito mil assignaturas (grandissimo numero para aquelle tempo) cobrião a representação, que á 9 de Janeiro

foi solemnemente apresentada pelo senado da camara ao principe D. Pedro, o qual respondeu, declarando, que *ficava no Brazil.*

Collocado assim o principe D. Pedro á frente da revolução brazileira, José Joaquim da Rocha passa ao segundo plano do magestoso quadro; mas, embora modesto, trabalha e dedica-se tanto, que á 1 de Dezembro de 1822, D. Pedro, acabada a ceremonia de sua coroação de imperador constitucional do Brazil, entrando no paço, e vendo no meio do povo um dos filhos do benemerito, perguntou-lhe em alta voz :

— Que é de seu pai, a quem ainda não vi hoje ?....

— Está doente, senhor.

— Pois vá dizer-lhe que foi hoje agraciado com a dignitaria da Ordem do Cruzeiro.

Eleito pela provincia de Minas-Geraes deputado á constituinte brazileira, Rocha, apezar de liberal moderado, foi á 12 de Novembro de 1823, em seguida á dissolução dessa assembléa, prezo ao sahir della, e deportado com os tres Andradas e Montesuma (depois visconde de Jequitinhonha) e com dous filhos seus.

Em 1830 voltou do desterro, e entregou-se de novo ao exercicio da advocacia.

A 12 de Abril de 1831 a Regencia provisoria nomeou José Joaquim da Rocha enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil na côrte de Pariz, e no desempenho dessa alta missão houve-se elle com tanta solicitude e delicadeza, que em 1834 surgindo questão de certa gravidade por causa da nomeação do padre Dr. Antonio Maria de Moura, para bispo do Rio de Janeiro, entre a Santa Sé e o governo do Imperio, este nomeou o capitão-mór José

Joaquim da Rocha no mesmo caracter de ministro plenipotenciario para a côrte de Roma.

Em sua nova missão deu elle provas de grande tino, de moderação, e tambem de firmeza, sustentando as idéas, e disposições do seu governo até que este, modificando sua politica, deu-lhe successor no elevado cargo diplomatico.

Em Pariz como em Roma o capitão-mór José Joaquim da Rocha foi sempre o amigo, e o protector desvelado de quantos estudantes, e viajantes brazileiros procuravão a intervenção, e o auxilio do ministro do Brazil, e muitas vezes soube generoso dissipar apprehenções e difficuldades economicas, que os embaraçavão.

Recolhendo-se ao Rio de Janeiro em 1838, achou-se pobre, um pouco individado, e já velho e abatido ; mas abrindo ainda outra vez, sua banca de advogado trabalhou com ardor, trabalhou de mais, solveu seus compromissos, manteve dignamente a familia ; perdeu porém a saude, e sentiu dolorosamente que hia tambem perdendo os olhos.

Em 1841 o Imperador o Sr. D. Pedro II no dia de sua coroação e sagração lembrou e destinguio o benemerito Rocha, agraciando-o com o titulo de conselho.

Mas em breve o patriota, e um dos patriarchas da independencia do Brazil cegou de todo : ainda assim advogava, ouvindo ler autos, e dictando á escreventes quanto convinha em todos e ás vezes longos e profundos trabalhos em defeza das causas de que era patrono.

Depois não poude mais........ além da cegueira mortal infermidade o prostrou no leito em 1848.

Tinha elle então setenta e um annos, e pobreza extrema.

Embora por elle vellasse o amor, a dedicação filial,

atormentava-o na cegueira, na velhice, na pobreza o tormento dos filhos.

Em taes circumstancias chegou-lhe a mais doce consolação, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro levou á presença do governo breve , mas eloquente e verdadeira informação dos relevantes serviços prestados pelo esclarecido benemerito da independencia, e no fim de poucos dias o governo imperial lavrou decreto, concedendo ao conselheiro capitão-mór José Joaquim da Rocha a pensão de um conto e duzentos mil reis annuaes com sobrevivencia á sua mulher e filhos.

O venerando Rocha, o benemerito pobre, cego, quasi moribundo desatou á chorar ao dizerem-lhe o que fizera o Instituto, e o que decretára o governo imperial.

Poucos dias depois, aos 16 de Julho de 1848, o conselheiro José Joaquim da Rocha era cadaver.

O Imperador ao receber a noticia do passamento do modesto e venerando patriarcha da independencia da patria, ordenou immediatamente, que por conta de seu bolsinho se fizessem todas as despezas do funeral.

Uma commissão do Instituto Historico Geographico Brazileiro acompanhou os restos mortaes do conselheiro Rocha até a sepultura que os recebeu, e vio em seu nome collocada na fronte do cadaver uma corôa de *cizalpina* pelo respectivo e eloquente orador que então era o illustrado Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, actual barão de Santo Angelo, que na funebre ceremonia, e extrema despedida rematou seu commovido, e commovedor discurso com as seguintes e monumentaes palavras :

« Quando estive em Roma, e lá recebi os beneficios do conselheiro Rocha, ouvi-o dizer ao maior poeta do Brazil

estas memoraveis palavras: « Dou por bem empregados todos os sacrificios e perdas enormes que tive de 1822 a 1830, se uma voz se levantar na minha sepultura e pronunciar estas palavras—INDEPENDENCIA OU MORTE!—*porque nestas palavras se encerrão os dias maiores e os mais felizes da minha vida* »; e o conselheiro Rocha chorou!

« Sejão pois cumpridos os seus desejos de uma maneira solemne e patriotica, e receba o conselheiro José Joaquim da Rocha esta corôa de *Brazil* em nome da patria, em nome da historia, que lhe offerta o Instituto, o Instituto Historico, que guardará sempre a mais grata recordação do seu finado socio honorario, do benemerito José Joaquim da Rocha, que foi o primeiro motor da nossa independencia. »

10 DE JANEIRO

JOÃO FERNANDES VIEIRA

A 10 de Janeiro de 1681 morreu na cidade de Olinda João Fernandes Vieira. Devia morrer ahi. Dormio o somno da morte na capital de Pernambuco, onde subira ao apogêo da gloria.

Natural da ilha da Madeira, pobre mas laborioso emigrante, chegou á Pernambuco pouco antes da invasão dos hollandezes em 1630.

Seu enthusiasta panegyrista Fr. Raphael de Jesus no CASTRIOTO LUSITANO dá-lhe heroicas e romanescas acções no forte de S. Jorge no mesmo anno de 1630 logo no começo da guerra hollandeza: é licito duvidar dessa aurora de heroicidade precursora do sol magnifico que brilhou depois sem nuvens

A gloria de João Fernandes Vieira não precisa de invenções imaginarias e baldas de fundamentos.

Vieira no primeiro e segundo periodo da guerra hollandeza no Brazil é personagem obscuro.

No primeiro periodo ou absteve-se, ou passou ignorado e sem distincção.

No segundo, no tempo da illustrada e louvavel governação do principe Mauricio de Nassau, submetteu-se, como tantos outros portuguezes e pernambucanos ao poder hollandez: negociou, fez fortuna, enriqueceu por casamento com distincta e rica senhora pernambucana, e em 1644 quasi opulento, em perspectiva do mais feliz e tranquillo futuro, prestou-se á jogar, parando em carta muito duvidosa toda a base do seu florescimento, e da sua pujança material.

Nesse jogo começa a resplender sua gloria; porque Vieira expoz com galhardia patriotica toda sua riqueza pelo amor da patria.

André Vidal de Negreiros indo em 1644 com instrucções e por ordem do governador geral do Brazil, Telles da Silva, tecer em Pernambnco os primeiros fios da conspiração contra o poder hollandez, achou em João Fernandes Vieira o primeiro, e mais exaltadamente dedicado conspirador.

Objecto das suspeitas dos chefes hollandezes, já formalmente denunciado como chefe de imminente insurreição, Vieira não recúa; apressa o rompimento patriotico, solta o grito da independencia á 13 de Junho de 1645, e á 3 de Agosto do mesmo anno, tendo apenas reunido cerca de mil paisanos sem disciplina militar e mal armados e o capitão Antonio Dias Cardoso com uns setenta soldados, espera

no monte das *Tabocas* o coronel Hans que commandando oitocentos homens de tropa regular o perseguia, e ahi o põe em completa derrota depois de fervente peleja.

Logo após essa primeira victoria arde em guerra todo o Brazil-hollandez e João Fernandes Vieira se distingue no meio dessa pleiade brilhante de homens que se chamão Negreiros, Henrique Dias, Camarão, Soares Moreno, Cardoso e outros: não é militar, não toma o commando em chefe; mas improvisa-se general, e iguala áquelles capitães em habilidade e bravura.

A 7 de Outubro de 1645 acclamado pelo *povo e nobreza*; *clero e gente de guerra* de Pernambuco — *governador da independencia*, Vieira em Julho do anno seguinte recebeu á traição tres tiros, de um dos quaes a bala o ferio no hombro; como porém tivesse razão para crêr que os mandatarios dos assassinos erão rivaes invejosos da posição elevada em que se achava, teve a generosidade de abafar e esquecer o attentado para não acender discordias no campo pernambucano.

A guerra continuava sempre, e Vieira activo e energico nunca poupou nella nem sua pessoa, nem seus cabedaes, sendo difficil enumerar todos os combates, em que entrou, sem que jámais houvesse falha em sua esplendida coragem.

Em 1648 e 1649, elle distinguio-se notavelmente nas duas batalhas dos *Guararapes* sob o commando em chefe do general Barreto de Menezes.

Nessas duas sanguinolentas e memoraveis batalhas que os pernambucanos ganhárão, ficára abatido e moribundo o poder hollandez, cujo exercito não ousou mais sahir do Recife, onde em apertado cerco, resistio com tudo ainda, até

1654, em que seus chefes assignárão á 26 de Janeiro a capitulação da *campina do Taborda*, terminando a guerra, com a mais gloriosa e perfeita victoria dos pernambucanos.

João Fernandes Vieira entrou no Recife a 27 de Janeiro á frente da vanguarda do exercito independente.

D. João IV entre outros premios deu a Vieira o fôro grande, commenda lucrativa da Ordem de Christo, e o proveu no governo da capitania da Parahyba, em quanto não vagasse a de Angola; em ambos os quaes elle soube dar provas de capacidade administrativa.

D. João IV estava bem no caso de avaliar os serviços dos herões da insurreição pernambucana; porque elles fizerão a guerra quasi que exclusivamente limitada a seus proprios recursos e em 1646 resistindo á ordens em contrario arrancadas ao mesmo rei por cruel e imperiosa necessidade politica.

João Fernandes Vieira é por todos os titulos esplendido heroe, á quem é devido lugar de honra na galeria dos varões mais illustres e benemeritos do Brazil.

11 DE JANEIRO

LUIZ PEREIRA DA NOBREGA DE SOUZA COUTINHO

Benemerito da independencia, notabilidade politica e patriotica em 1822, faltão no entanto muitas informações sobre a vida do dedicado; mas modesto brazileiro Luiz Pereira da Nobrega.

Sabe-se que era natural de Angra dos Reis, provincia do Rio de Janeiro, que seguira a carreira militar, e que era capitão de primeira linha do regimento de Moura no tempo de D. João, principe regente, o qual o nomeou coronel commandante do regimento de cavallaria de milicias do districto de Itapacorá: substituido nesse commando de commissão por Fernando Carneiro, depois conde da Villa-Nova; tendo porém em seu favor os privilegios daquelle regimento, no qual os officiaes superiores tinhão honras da primeira linha

entrou para o estado maior do exercito com o mesmo posto de coronel, e ficou ás ordens do Paço.

Não era homem de instrucção notavel, e ao contrario pouco illustrado; capaz porém de acções energicas e de vontade forte.

Em 1821 pertenceu, e assiduo frequentou o club patriota dirigido pelo capitão-mór José Joaquim da Rocha ; cooperou com ardor e dedicação pessoal nos trabalhos que preparárão o acontecimento de 9 de Janeiro de 1822, ou o rompimento da revolução da independencia pela declaração do principe-regente D. Pedro de *ficar no Brazil*, desobedecendo ao decreto das côrtes de Lisbôa e do rei D. João VI, seu pae.

Dous dias depois, á 11 de Janeiro, o general Avilez pronunciou-se com a *divisão auxiliadora* que commandava, e que era composta de aguerridas tropas portuguezas, contra a decisão tomada pelo principe regente e occupou o monte do Castello, ameaçando a cidade.

Nobrega morava então á rua da Misericordia, e do lado daquelle monte : já era tão conhecido por suas idéas patrioticas e tanto trabalhára para a representação levada ao principe no dia 9 de Janeiro, que soldados lusitanos o insultárão atirando grandes pedras sobre a sua casa.

Cuidadoso da familia Nobrega levou-a para a casa do seu amigo o capitão-mór José Joaquim da Rocha ; e seguio logo para o campo de Sant'Anna, onde se reunirão os soldados do paiz, e os patriotas.

Os serviços que elle prestou durante o dia e toda a noite de 11 á 12 de Janeiro, ajudando á preparar a resistencia, á armar populares, e á desempenhar urgentissimas e delica-

das incumbencias o collocárão na primeira linha dos benemeritos daquelle dia e noite de civica e gloriosa dedicação.

Em Julho de 1822 foi nomeado ministro interino da guerra, e a 1 de Agosto coube-lhe a honra de referendar o decreto, declarando inimigas, e como taes devendo ser tratadas todas as tropas que de *Portugal* ou de qualquer outra nação fossem mandadas ao Brazil sem prévio conhecimento do principe regente.

A' 28 de Outubro de 1822 depois de proclamada a independencia da patria e de proclamado o principe D. Pedro Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil, demittio-se o ministerio Andrada, no qual era Nobrega ainda ministro da guerra interino, e só então deixou o poder; mas os dous Andradas José Bonifacio e Martin Francisco voltárão logo ao governo á 30 do mesmo mez, e tomando medidas extraordinarias e compressoras, mandárão abrir devassa sobre conspiração que não ficou provada, e fizerão sahir em desterro para França com José Clemente Pereira e o padre Januario da Cunha Barbosa o ex-ministro da guerra Luiz Pereira da Nobrega.

Como aquelles patriotas da independencia, e como Joaquim Gonçalves Ledo que tambem em Novembro fugira para Buenos-Ayres, Nobrega não foi eleito deputado da constituinte brazileira.

Restituido á patria em 1824 não influio nos negocios politicos; mas em 1826 a provincia do Rio de Janeiro o elegeu deputado da assembléa geral na primeira legislatura ordinaria, e installada a camara, mereceu ser por ella nomeado seu presidente.

Luiz Pereira da Nobrega não era orador, nem podia distinguir-se no parlamento.

Chegára no exercito ao posto de tenente-general, e falleceu no Rio de Janeiro.

Luiz Pereira da Nobrega de Souza Coutinho foi um dos benemeritos da independencia do Brazil e á ella prestou serviços tão relevantes em 1822 que merece lugar de honra na historia patria.

12 DE JANEIRO

D. DAMIANA DA CUNHA

Os sertanejos paulistas descobridores do vasto territorio que veio á formar a provincia de Goyaz, tinhão visto uns depois de outros passar um seculo sem que com toda sua bravura pudessem abater e domar a tribu selvagem dos *cayapós* dominadora dos sertões de *Camapuan*.

Intrepidos e vingativos os *cayapós* ouzavão chegar em suas correrias até o norte da capitania de S. Paulo, batião-se impavidos com as *bandeiras* de paulistas (companhias ou bandas de sertanejos) e roubavão as caravanas.

Luiz da Cunha Menezes governador e capitão general da capitania de Goyaz de 1778 até 1783 resolveu empregar meios doceis, conciliatorios e humanos para chamar á civilisação aquella tribu energica e guerreira e em 1780 fez

partir um simples mas intelligente soldado de nome Luiz á frente de cincoenta goyazes e tres indios em procura amigavel dos *cayapós.*

Depois de alguns mezes chegou de volta á *Villa Boa* (depois cidade de Goyaz) o soldado Luiz com os seus aventureiros, trazendo cerca de quarenta *cayapós* com o maioral da tribu, ancião ainda forte e de imponente aspecto. Entre as mulheres vinha a filha do maioral conduzindo pela mão á um menino, e ás costas em uma como rêde de cipó bonita menina de poucos mezes nascida.

O ancião lisonjeado pelo acolhimento e favores que recebeu do *grande capitão* (o governador) determinou ficar com os conquistadores, e despedio seus guerreiros, ordenando-lhes que fossem buscar os outros *cayapós.*

A menina, neta do maioral recebeu no baptismo o nome de Damiana, e o governador que foi seu padrinho, deu-lhe o seu appellido, *da Cunha.*

Os *cayapós*, cujo numero avultou por novos decimentos forão estabelecidos nas aldêas *Maria*, e de *S. José.*

Na aldêa de S. José cresceu, e casou-se com um brazileiro D. Damiana da Cunha, de quem Auguste de Saint Hilaire que foi visital-a, quando ali esteve, falla com elogio e interesse. Era mulher bonita, amavel, de espirito atilado, fallando bem o portuguez, e, o que mais importa, gozando a maior consideração entre os *cayapós.*

Mas a harmonia e a paz não durarão muito tempo: aquelles selvagens voltarão de novo á guerra ainda mais terrivel; porque não erão poucos os que desertando das aldêas depois de ter aprendido a manejar armas de fogo, levarão esse poderoso recurso aos seus irmãos dos desertos.

Então no meio da maior furia da guerra, quando os cayapós atacavão bandeiras, incendiavão habitações, destruião plantações, matavão e roubavão, e em consequencia soffrião tambem perseguição igualmente cruel, acabando muitos em vingativas e horriveis matanças, D. Damiana da Cunha começou á illustrar sua vida já por virtudes louvada, realisando, ella pobre e debil senhora, o que tinhão feito Nobrega e Anchieta.

Heroina do amor fraternal, anjo de caridade, apostolo da fé, suave e potente elemento de civilisação, D. Damiana da Cunha toma o grande e glorioso empenho de ir aos sertões chamar os *cayapós* á vida social, á religião santa, e ao dever do trabalho.

Essa admiravel e benemerita senhora quatro vezes maravilhou os goyanos pelos seus triumphos, que lhe custavão longas e penosas marchas, vida exposta ás feras e á mil outros perigos, e mezes de trabalhosa perseverança, que lhe esgotavão as forças.

Ella não levava soldados, nem guerreadores: levava no coração o amor, na alma a fé, e pendente sobre o peito a cruz do Redemptor.

Em 1808 depois de se ter internado ao sul nos sertões do Araguaya entrou D. Damiana na aldêa de S. José, trazendo mais de setenta *cayapós* de ambos os sexos que receberão as agoas do baptismo.

Pouco antes de 1820 preparava-se ella para segunda entrada, quando recebeu a honrosa visita do sabio Saint Hilaire que deixou entrever duvidas sobre o resultado da empreza: D. Damiana respondeu: « os *cayapós* me res-

peitão muito para deixar de attender-me. » E o exito do segundo empenho igualou ao do primeiro.

Em 1824 a nobre senhora-apostolo internou-se nos sertões de Camapuan, e após sete mezes de fadigas e de santa pregação conduzio á pia baptismal, e ao seio da civilisação cento e dous *cayapós* de um e outro sexo.

Era muito: estava cansada, abatida e gasta de tanto subir montanhas, descer á extensos valles, arrostrar perigos e morte, e provar mil privações nos desertos.

Mas no fim de 1829 os *cayapós* em avultado numero apresentarão-se ameaçadores, espalhando em sua marcha destruição e mortes.

O presidente de Goyaz, desde 1822, provincia do imperio do Brazil, appellou para D. Damiana da Cunha.

O anjo serenou a tormenta: os *cayapós* abrandarão-se á sua voz, e a heroina abnegada, esquecendo as profundas alterações de sua saude, recebeu instrucções do presidente da provincia, e sahio em companhia de seu marido Manoel Pereira da Cruz, e de um indio e uma india, José e Maria, que a acompanhavão sempre, á procurar conseguir a paz, a amizade, e a conquista civilisadora da indomavel tribu de seus irmãos.

A' 24 de Maio de 1830 pela quarta e ultima vez abysmou-se nos sertões, e no fim de oito mezes entrou de volta em sua aldêa á 12 de Janeiro de 1831.

E' a data deste dia glorioso; mas funereo: a heroina da caridade, da fé e da civilisação voltava moribunda.

Alquebrada e doente só com heroico esforço resistira á oito mezes de tormentoso labor: em taes condições pouco fizera: o sequito de *cayapós* conquistados por sua influencia

era menos numeroso; Damiana porém completára o sacrificio de sua vida.

Os indios aldeados sahirão á recebel-a com danças e festivas demonstrações: o presidente da provincia acudira á esperal-a com todas as autoridades do lugar.

Honras vans do mundo! D. Damiana da Cunha entrou na aldêa apoiada nos braços dos indios seus irmãos: trazia nos olhos quasi sem luz, e na face de pallidez marmorea o sello da morte.

O dia 12 de Janeiro de 1831 foi o annunciador da agonia da santa.

O dia 12 de Janeiro de 1831 é a branca e gloriosa mortalha de D. Damiana da Cunha.

Poucos dias depois ella morreu.

Hoje ninguem sabe, onde é o lugar da sepultura dessa missionaria angelica.

Tenha D. Damiana da Cunha este simples epitaphio na historia: *Mulher-apostolo.*

13 DE JANEIRO

VICENTE COELHO DE SEABRA

Exactamente quando em Minas-Geraes Claudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto, e provavelmente tambem Gonzaga (condemnado como elles) começavão á tecer os fios da malaventurada conspiração mineira, em 1788, Vicente Coelho de Seabra Silva Telles, natural de Congonhas de Campos em Minas-Geraes, sendo ainda estudante da Universidade de Coimbra, acabava de escrever os seus ELEMENTOS DE CHIMICA em dous volumes, dos quaes publicou o primeiro nesse anno logo depois de obter a sua carta scientifica.

Já não pouco era que um estudante á tanto se abalançasse; muito mais porém foi para sua gloria ter sido o livro que publicou o primeiro que em portuguez se escreveu depois do grande desenvolvimento e dos progressos que deveu

a chimica aos sabios francezes que tanto a elevárão na ultima metade do seculo decimo oitavo.

Mas o estudante que havia de ser mestre não se esqueceu de que era brazileiro: dedicou sua obra á *Sociedade Litteraria do Rio de Janeiro*, deixando transpirar na dedicatoria o seu amor ao Brazil.

O segundo volume dos ELEMENTOS DE CHIMICA sahio á luz em 1790, merecendo especial recommendação a parte em que tratou das pedras, e dos trabalhos das minas, principalmente de ouro, no Brazil, com a competente nomenclatura.

Em Abril de 1789 a Academia das Sciencias de Lisboa proclamára Seabra seu socio correspondente.

O illustre brazileiro tinha já então publicado mais duas dissertações uma sobre a *Fermentação em Geral* e outra sobre o *Calor* que offereceu ao sabio José Bonifacio de Andrada e Silva, seu compatriota.

Além destes trabalhos Vicente Coelho de Seabra escreveu mais: MEMORIA SOBRE A CULTURA DO RICCINO OU DA MAMONA EM PORTUGAL, pondo em tributo observações do que se praticava em Minas-Geraes: e em 1801 impressa em Lisboa a NOMENCLATURA CHIMICA PORTUGUEZA, FRANCEZA E LATINA, obra de grande merecimento, sendo as desinencias nella propostas as que ainda hoje estão adoptadas, salvas as modificações imperiosamente trazidas pelo progresso da sciencia.

Em um dos ultimos annos do seculo passado a Universidade de Coimbra recebeu Seabra como lente substituto de zoologia, mineralogia, botanica, e agricultura; mas logo em Março de 1804 e antes de contar quarenta annos o distincto brazileiro foi pela morte roubado á sciencia.

As obras de Vicente Coelho de Seabra são hoje quasi desconhecidas ; isso porém não admira, quando se ignora a data do seu nascimento e o dia da sua morte, cabendo aqui seu illustre nome pela lembrança de 13 de Janeiro de 1798 em que a Academia Real das Sciencias de Lisboa lhe conferio o diploma de seu socio effectivo.

14 DE JANEIRO

D. PAULO DE MOURA

DEPOIS FREI PAULO DE SANTA CATHARINA

Natural da villa depois cidade de Olinda em Pernambuco, onde nasceu no ultimo quartel do seculo decimo sexto, Paulo de Moura, filho legitimo de D. Felippe de Moura, e de D. Genebra Cavalcanti, e portanto de nobre linhagem paterna e materna; porque o pae era de fidalguia portugueza e D. Genebra era filha do nobre florentino Felippe Cavalcanti e de sua esposa D. Catharina de Albuquerque filha natural e legitimada de Jeronymo de Albuquerque, cunhado do primeiro donatario de Pernambuco, Duarte Coelho, e da india *Maria do Espirito Santo Arco Verde*, cujo pae era o famoso *Arco Verde*, morubixaba ou chefe da tribu dos *tabayares*, ou *tabayara*.

Descendia portanto pela parte materna D. Paulo de Moura

e era neto da india Maria do Espirito Santo Arco Verde, o sobrinho do heroe brazileiro Jeronymo de Albuquerque Maranhão irmão de D. Catharina de Albuquerque, e não claudicava nelle por isso a fidalguia ; porque a avó cabôcla filha de morubixaba era por seu pae como princeza na tribu dos tabayares, e por sel-o salvára da morte Jeronymo de Albuquerque, por quem se apaixonára.

D. Paulo de Moura aos vinte annos de edade enamorado e correspondido em seu amor casou-se com D. Brites de Mello, sua prima co-irmã, filha de João Gomes de Mello o moço, e de D. Margarida de Albuquerque, irmã legitima de D. Genebra Cavalcanti. Do seu consorcio nasceu D. Maria de Mello, e pouco depois D. Brites de Mello deixou o esposo apaixonado em amargurada viuvez.

D. Paulo de Moura ferido no mais doce amor da terra, desgostoso do mundo, abandonou o seculo, e recolheu-se ao convento de Nossa Senhora das Neves, e nelle professou, tomando o nome de Frei Paulo de Santa Catharina.

Em sua vida de religioso na ordem Seraphica distinguio-se pela humildade, e pelo amor com que tratava seus irmãos : a 14 de Janeiro de 1717 no capitulo celebrado em S. Antonio de Lisbôa foi eleito custodio do Brazil, e soube desempenhar os deveres desse cargo com tanto zelo, como prudencia, deixando abençoada memoria.

D. Maria de Mello, a filha de D. Paulo de Moura casou com Francisco de Mendonça Furtado, alcaide-mór de Mourão, commendador da Villa Franca do Xira, e governador de Mazagão : deste consorcio nasceu D. Mayor Luiza de Mendonça, a qual casou com João de Almada de Mello, commissario geral da cavallaria da Beira, alcaide-mór de

Palmella, e senhor do morgado dos Olivaes e do Souto d'El-Rei; destes foi filha D. Thereza Luiza de Mendonça que casou com Manoel de Carvalho de Atayde, moço fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, e capitão de cavallos na guerra da succession de Hespanha: desta união conjugal nasceu Sebastião José de Carvalho e Mello, depois conde de Oeiras e marquez de Pombal, o grande ministro de D. José I.

D. Paulo de Moura neto da india Maria do Espirito Santo Arco Verde, foi pois terceiro avô do marquez de Pombal que portanto era sexto neto daquella india da tribu *tabayara*.

Estas imformações se encontrão no *Novo Orbe Seraphico* de Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão. De D. Maria de Mello em diante estão ellas de perfeito accordo com as da Nobiliarchia Portugueza. De D. Maria de Mello em ascendencia até Maria do Espirito Santo Arco Verde não póde haver duvida alguma; porque além do valiosissimo testemunho de Jaboatão que foi na ordem Seraphica irmão e contemporaneo de Frei Paulo de Santa Catharina, é muito sabido e positivo o casamento do florentino Felippe Cavalcanti com D. Catharina de Albuquerque, filha legitimada de Jeronymo de Albuquerque e da india Maria do Espirito Santo Arco Verde.

15 DE JANEIRO

BARTHOLOMEU ANTONIO CORDOVIL

Em 1746 nasceu no Rio de Janeiro Bartholomeu Antonio Cordovil: viera á luz da vida nas vesperas da segunda metade do seculo decimo oitavo, na qual poetas e artistas da grande colonia portugueza da America sem ajuste; mas naturalmente começarão á ostentar em suas obras caracter, assumptos, ornatos e inspirados impetos de brazileirismo.

Bartholomeu Cordovil instruio-se tanto quanto era possivel no Rio de Janeiro, e sem illustração floresceu e brilhou como poeta de vivissimo talento, e gosto apurado. Seus versos erão muito applaudidos, e sua celebridade incontestavel.

Perdeu-se a maxima parte das numerosas composições poeticas de Cordovil; graças porém ao conego Januario da Cunha Barboza, e á outros dedicados salvadores de

thesouros litterarios expostos á cahirem no olvido por desmazelado menospreço de preciosos manuscriptos, diversas poesias de Cordovil forão impressas no *Parnaso Brazileiro*, hoje um pouco raro, e nellas e entre ellas, como justificadamente notão autorisados criticos, *no dittyrambo ás nimphas goyannas*, se manifesta bello e esplendido o talento, e graciosa e fecunda a imaginação deste poeta, que falleceu no dia 15 de Janeiro de 1810.

16 DE JANEIRO

JERONYMO FRANCISCO COELHO

A' 30 de Setembro de 1806 nascêra na cidade da Laguna, provincia de Santa Catharina, Jeronymo Francisco Coelho, filho legitimo do major Antonio Francisco Coelho e de D. Francisca Lina do Espirito-Santo Coelho.

Aos tres annos de edade foi trazido por sua familia para o Rio de Janeiro, e aos sete acompanhou seu pae que fôra nomeado commandante de um corpo de infantaria e inspector das tropas da provincia do Ceará, e alli assentou praça de primeiro cadete na companhia de artilharia aos 17 de Dezembro de 1813.

Em 1815 voltou para o Rio de Janeiro e foi escuso da praça. Mostrando já aos nove annos intelligencia notavel, seu tio o Dr. João Francisco Coelho o adoptou para fazel-o seguir a carreira das letras; no mesmo anno porém o espe-

rançoso menino perdeu o pae e o tio e ficou em completa pobreza sob o unico amparo de sua mãe, que por elle fez prodigios de amor.

A 16 de Fevereiro de 1818 assentou de novo praça no regimento de artilharia, e estudou com ardor latim, francez, inglez e philosophia racional e moral até 1820 em que se matriculou na academia militar: foi estudante distincto, ganhou o primeiro premio em dous annos e alcançou emfim as cartas dos cursos de mathematicas e de engenharia.

Mediante concursos e exames publicos subio em postos, de modo que em 1824, tendo apenas dezoito annos de edade já era capitão.

A prohibição de promoções no exercito, e a desorganisação deste em 1831 demorarão sua carreira militar.

Em 1834 passou Jeronymo Coelho para o corpo de engenheiros e só em 1837 foi promovido á major; mas d'ahi em diante novas promoções o forão elevando até a de brigadeiro á 14 de Março de 1855.

A politica e a administração aproveitárão a alta capacidade de Jeronymo Coelho: a provincia de Santa Catharina deu-lhe assento na sua assembléa provincial desde 1835 até 1837, e na camara temporaria da assembléa geral desde 1838 até 1847, e ainda na legislatura que começou em 1857, ao termo da qual não poude chegar.

No parlamento pertenceu constante á opinião liberal; mas deu sempre o seu voto a todas as medidas indispensaveis á marcha regular do governo, ainda mesmo quando estavão no poder os seus adversarios.

Como orador era fluente, claro, logico, ás vezes energico, nunca descomedido.

A' 2 de Fevereiro de 1844 entrou para o ministerio de que foi organisador o visconde de Macahé, encarregando-se da pasta da guerra ; e lutou brilhantemente com a opposição conservadora na camara até que esta foi dissolvida. Nesse ministerio coube-lhe a gloria de redigir as instrucções de 18 de Dezembro de 1844, que pozerão termo á rebellião do Rio-Grande do Sul desde 1835 em campo.

Em 1848 Jeronymo Coelho foi nomeado presidente da provincia do Pará, illustrou-se por administração tolerante, economica e sabia, e não interveio na eleição de deputados á que então se procedeu, senão para tornar effectiva a liberdade do voto. Coube-lhe ainda oppôr-se com patriotica energia á occupação do Amapá pela segunda vez resolvida pelos francezes de Cayenna.

Em 1850 deixou a presidencia do Pará e no Rio de Janeiro servio successivamente de director da fabrica da polvora, director do arsenal de guerra da côrte, e director da escola de applicação do exercito.

Em Março de 1856 foi nomeado presidente da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, e alli prestou relevantes serviços, sendo principalmente dignos de menção o systema e impulso dado ás obras publicas, e ás vias de communicação que elle fez abrir.

Não é para esquecer a ardua tarefa que desempenhou, sendo escolhido para chefe da commissão de engenheiros incumbida de medir e demarcar as vinte e cinco legoas que formavão o complemento do dote da Serenissima Princeza de Joinville, demorando essas terras nos sertões de S. Francisco, da provincia de Santa Catharina. Depois de cinco mezes de trabalho rudissimo Jeronymo Coelho renunciou

seus vencimentos ordinarios e as avultadas gratificações extraordinarias, que a todos os outros membros da commissão forão concedidas.

Em 1857 de novo eleito deputado pela sua provincia vem tomar assento na camara; e á 4 de Maio se encarrega da pasta da guerra no gabinete de que foi chefe o marquez de Olinda.

Alquebrado de forças, soffrendo já dolorosa enfermidade que lhe ia consummindo a vida, Jeronymo Coelho fez denodada frente durante a sessão desse anno á numerosa e vehemente opposição conservadora.

Esse esforço extenuou-o: no anno seguinte ousava proseguir nos combates; mas em breve sentio que era impossivel manter-se no campo da peleja: retirou-se do ministerio: seis mezes a sciencia medica disputou-o á morte, e desesperou por fim.

Jeronymo Francisco Coelho em ultimo recurso foi respirar os saudaveis ares de Nova-Friburgo: era tarde: depois de muito soffrer morreu sereno e resignado á 16 *de Janeiro de* 1860.

O espirito desse homem era tão brilhante, como generoso o seu coração: franco, leal á toda prova, probo e desinteressado morreu pobre, como pobre vivera sempre.

Era do conselho de S. M. o Imperador, e guarda-roupa da imperial camara, commendador das ordens de S. Bento de Aviz e da Imperial da Rosa; brigadeiro do exercito, vogal do conselho supremo militar, e deputado da assembléa geral legislativa.

17 DE JANEIRO

JOAQUIM AUGUSTO RIBEIRO

João Caetano dos Santos, o prodigioso actor dramatico brazileiro, não foi grande artista; mas foi grande genio, e sem duvida por isso morreu sem deixar escola: faltou-lhe a arte precisa para creal-a.

Todavia o explendor dos seus triumphos tornou-se incentivo que levou ao theatro não poucos jovens brazileiros deslumbrados pela ufanosa aspiração de o terem por mestre; infelizmente porém não era dado á João Caetano passar á elles as flammas de seu genio, nem inicial-os nos delicados e profundos segredos ou preceitos da arte dramatica, que advinhava representando no palco; mas não podia ensinal-os em escola regular; porque não tinha sufficiente instrucção, e estudos indispensaveis de seus principios e de suas regras.

Dos discipulos de João Caetano ficarão quasi todos em obscurissima mediocridade, e dessa triste condição escaparão sómente os poucos e bem poucos, que com o esforço da propria intelligencia avançarão além dos acanhados limites do ensino limitadissimo dos primeiros e triviaes conhecimentos praticos da scena. João Caetano não podia dar o que não tinha, a arte illustrada e sevéra ; não podia passar á outros as opulencias do thezouro que possuia de sobra, o seu genio que realisava maravilhas.

Entre os jovens enthusiastas do grande actor dramatico que arrebatados forão alistar-se na sua companhia do theatro de S. Pedro de Alcantara, contou-se Joaquim Augusto Ribeiro.

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nascêra a 6 de Julho de 1825, Joaquim Augusto era filho de João Thiago de Souza, brazileiro adoptivo, e de D. Marianna Joaquina de Jesus.

Pobre, tendo muito pouco mais do que a simples instrucção primaria ; talentoso, porém, e dado á leitura de poetas e dramaturgos da lingua portugueza, admirador de João Caetano, apaixonou-se pelo theatro dramatico, quiz ser actor, e apparecer na scena, e o Talma brazileiro o recebeu com esperança muito duvidosa e quasi por simples condescendencia.

Realmente Joaquim Augusto se apresentára com infelizes condições physicas para a scena dramatica : tinha, é certo, sympathico, bonito rosto e elegante figura, bellos e eloquentes olhos ; era porém um pouco surdo, de palavra difficil quasi indicadora de gagueira, e de andar menos gracioso, que chegava á affigural-o, se de facto o não era, côxo, embora levemente.

Na verdade parecia que a natureza fechara a porta do theatro a Joaquim Augusto; mas João Caetano, que não era exigente, abrio-lhe a scena dramatica.

Joaquim Augusto era homem de vontade forte, de intelligencia notavel, e incansavel no trabalho.

Tomou ao serio a arte dramatica, estudou-a, instruio-se: reconheceu os defeitos physicos, que contrariavão sua aspirada distincção na carreira á que se lançára, trabalhou com ardor e com paciencia admiravel para corrigil-os, e pouco e pouco fez-se applaudir, e ganhou nome de — artista.

Entrára antes dos vinte annos de edade para o theatro: em 1851 creou o papel de José na comedia—FANTASMA BRANCO—e depois seguidamente outros com distincção realçada pela imprensa.

Separando-se de João Caetano, representou na capital e em diversas provincias do imperio; já com apurado cabedal de instrucção na sua arte, e dominados, e grandemente dissimulados os seus senões physicos, foi á Portugal, representou nas cidades do Porto e de Lisboa, ganhou applausos e honrosas criticas, e apreciações honorificadoras de seu merecimento artistico de litteratos e autorisados juizes, e voltou á patria para ganhar novos triumphos.

Na cidade do Rio de Janeiro foi o chefe da empreza do *Gymnasio Dramatico*, a digna e no fim de poucos mezes de esplendor a infeliz, porém a mais legitima representante da arte dramatica.

Quasi ao mesmo tempo João Caetano, que voltara da Europa, e que assistira em Paris a representação do drama— *Prestigiador* e Joaquim Augusto que dirigia o *Gymnasio*,

annunciarão a representação do mesmo drama traduzido em portuguez.

Era como um combate entre dous paladinos em desafio no mesmo campo e com armas que devião suppôr-se iguaes.

Os dous cavalheiros se manifestarão na lucta grandiosa, entregarão-se nobre e galhardamente á comparação e ao juizo do publico mais illustrado da capital do imperio.

João Caetano teve erupções de genio que Joaquim Augusto longe ficou de attingir.

Joaquim Augusto poz em relevo a arte com tanto effeito, que por vezes excedeu á João Caetano.

Incontestavelmente foi esse o mais brilhante e ufanoso triumpho de Joaquim Augusto. Lutar com João Caetano e não ser por elle vencido era gloria, que até então nenhum outro artista dramatico ousara mesmo aspirar no theatro brazileiro.

Joaquim Augusto Ribeiro voltou depois outra vez ás principaes provincias do imperio, resplendendo na scena dramatica de todas ellas com o seu notavel talento e aprofundado estudo da arte.

Recolhido de novo á capital do Rio de Janeiro, teve em seus ultimos annos o grande desgosto de testemunhar a vergonhosa decadencia do theatro dramatico nacional na capital do imperio.

Joaquim Augusto Ribeiro falleceu á 17 de Janeiro de 1873, no Engenho Novo, no municipio da côrte.

Depois de João Caetano dos Santos foi o actor dramatico de maior e mais justa nomeada do seu tempo, cabendo-lhe a gloria de ter sido no Brazil um dos primeiros interpretes da escola chamada *realista*.

A alta comedia, e o drama forão as seáras dramaticas em que mais e melhor lavrou.

Como emprezario, ou associado em emprezas Joaquim Augusto Ribeiro empenhou-se sempre em animar a litteratura dramatica nacional, dando preferencia aos dramas e comedias de autores brazileiros.

Artista muito notavel e patriota honorificou-se com dous titulos, que recommendão sua memoria ao reconhecimento do Brazil: — artista notavel, e patriota.

18 DE JANEIRO

ANGELO MONIZ DA SILVA FERRAZ

Na bella e pitoresca cidade de Petropolis falleceu repen tinamente á 18 de Janeiro de 1867 com pouco mais de cincoenta annos de idade Angelo Muniz da Silva Ferraz, que poucos dias antes fôra agraciado com o titulo de barão de Uruguayana, e que nem tempo tivera para legalmente aproveitar o honorifico despacho.

Engrandecido nas lutas parlamentares, seu nome de paladino de tribuna foi simplesmente—Ferraz—: deve-se conserval-o.

Formado em direito no curso juridico de Olinda, Ferraz, talentoso e applicado filho da provincia da Bahia, foi por ella eleito deputado, quando já o applaudira, experimentando-o em sua assembléa provincial.

Ferraz entrou na camara temporaria do corpo legis-

lativo na legislatura que começou em **1843** : entrou e revelou-se, como orador de logica cerrada, e ás vezes de arrebatamentos eloquentes : em assembléa de feição politica unanime e ministerial, fez muito, conseguindo distinguir-se, sendo ainda joven, e noviço parlamentar.

Dissolvida essa camara, voltou á ella em **1845** eleito pela sua provincia, e dirigindo a opposição que constava de tres ou quatro deputados, recebeu a denominação celebre de *chefe da patrulha*, e firmou sua reputação de habilissimo orador parlamentar.

Na legislatura seguinte abandonou o partido conservador no qual se filiára para sustentar o gabinete liberal do sabio e virtuoso Paula e Souza profundissimo idealista, e fraco e desanimado estadista, á quem os adversarios tomarão o poder.

Nessa catastrophe do partido liberal Ferraz pronunciou discurso notavel terminado por arrojo de falso juizo que aliás provocou o enthusiasmo dos vencidos já em opposição : elle bradára antes de deixar a tribuna : « Ha suicidios gloriosos !... » e os bravos cobrirão o brado do glorificador do menos louvavel dos suicidios politicos.

Ferraz era então inspector da alfandega do Rio de Janeiro, a primeira do imperio, e nella deixou nomeada de muito intelligente, activo e preclaro administrador.

Desenganado ou convicto da confusão dos partidos, elle tornou-se em breve como independente de colligações politicas ; foi presidente da provincia do Rio-Grande do Sul, e de novo mandado ao parlamento, á principio votou com o ministerio conservador, e logo depois quasi só ou antes abandonado por temerosos e infieis companheiros que

em alliança se tinhão combinado, fez energica frente e opposição ao gabinete do marquez de Paraná, o homem de vontade fortissima, e então de quasi irresistivel commando.

No meio desses combates Ferraz foi pelo imperador escolhido senador em lista triplice offerecida por eleição da provincia da Bahia em 1856.

Tres annos depois no fervor dos certamens parlamentares em materia de systemas economico-politicos, chamado á organisar gabinete, foi presidente do conselho e ministro da fazenda.

Em 1865 tomou a pasta da guerra no ministerio organisado pelo marquez de Olinda e em face da guerra do Paraguay, desenvolvendo grande actividade.

Nesse anno tendo um exercito paraguayo invadido a provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, Ferraz, ministro da guerra, teve a honra de acompanhar S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, que deixando a capital do imperio, correu ao campo da guerra na provincia invadida para exultar com a patria pela victoria de Uruguayana, onde o general paraguayo Estigarribia rendeu-se prisioneiro com todas as forças do seu commando.

Tão deligente, solicito e energico se mostrára Ferraz como ministro da guerra que, formando-se em Agosto de 1866, (o de que foi organisador e presidente do conselho o Sr. conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos) teve de continuar no governo, conservando a pasta que occupava até que poucos mezes depois muito abatido por molestia do coração que no ardor de tantos trabalhos se aggravára, deixou o ministerio e foi morrer em Petropolis.

19 DE JANEIRO

TRAJANO GALVÃO DE CARVALHO

Alma cheia de inspirações; mas coração sem amor de gloria; bello talento apoucado pela desidia; harmonia quasi perdida na solidão, Trajano Galvão de Carvalho, á quem a natureza fizera poeta, deixou apenas um livro ou limitada collecção de poesias, das quaes, muitas de incontestavel merecimento, e que promettião mais brilhantes e amestradas composições, quando a morte o levou á sepultura, aos trinta e quatro annos de idade.

Filho de Francisco Joaquim de Carvalho e de D. Lourença Virginia Galvão, nasceu Trajano aos 12 de Janeiro de 1830, em Barcellos, perto da villa de Nossa Senhora de Nazareth, e á margem do rio Mearim, na provincia do Maranhão.

Perdendo seu pai, foi adoptado quasi ainda no berço por seu padrinho e tio paterno, Raymundo Alexandre de Carva-

lho, cuja esposa e sua madrinha, D. Maria Cecilia Bayma de Carvalho lhe deu cuidados de carinhosa mãi até aos oito annos de idade, em que seu padrasto e mãi o arrancarão aos tios, para leval-o comsigo para Portugal.

Aos quatorze annos completou Trajano os estudos de preparatorios exigidos pelas escolas juridicas do Brazil, e seu padrasto o mandou em 1845 para S. Paulo afim de graduar-se em leis.

Não chegando a tempo de matricular-se na Academia, demorou seus exames de preparatorios e continuava a fortalecer-se nelles; como, porém, tocasse flauta com muito gosto foi, pobre *caloiro*, figura obrigada das serenatas dos *veteranos*, provindo-lhe d'ahi mal merecida fama de estudante vadio, com o que tanto se encheu de temor que passou tres annos sem ousar expor-se á exames.

Em 1849, á insistentes conselhos do illustre maranhense o Sr. Dr. Antonio Henrique Leal, que então estudava medicina no Rio de Janeiro, seguio para Pernambuco, onde fez exames de preparatorios e matriculou-se na escola juridica de Olinda, ganhando bôas approvações no primeiro e segundo annos; no terceiro, porém, um epygramma, travessura poetica, applaudida pelos academicos, veio a custar-lhe um *R*, e elle tanto se magoou com essa approvação nodoada, que foi passar as férias no Maranhão, e indo para a fazenda de seus tios e padrinhos no Alto-Mearim, deixou-se lá ficar desgostoso; mas lendo e estudando sempre até que em 1854, seu primo Raymundo de Carvalho, que estudava em Pernambuco, para ali de novo o arrastou.

Trajano tomou emfim o gráo de bacharel formado em leis, voltou para o Alto-Mearim, onde casou com sua prima e

companheira de infancia, D. Maria Gertrudes de Carvalho, e todo inclinado á vida campestre, recusou-se a entrar em concurso á uma cadeira do lyceu da capital do Maranhão, á aceitar a promotoria publica da comarca do Alto-Mearim, e até a ser procurador de seu padrasto, que lhe offerecia, além da devida commissão, casa e serviço domestico gratuitos.

Trajano nem por isso dissipava o seu tempo: as horas que lhe sobravão da administração do grangeio rural, empregava-as no estudo dos bons livros, e em cultivar a poesia, conseguindo seus amigos que elle permittisse em 1863 a publicação de quasi todas as composições poeticas em um volume, sob o titulo: AS TRES LYRAS.

Trajano Galvão de Carvalho morreu no seio da sua querida solidão á 14 de Julho de 1864.

Além do seu livro—AS TRES LYRAS—, Trajano escreveu em prosa o *juizo critico* que vem em seguida á primeira edicção das POSTILLAS DE GRAMMATICA de F Sotero dos Reis e dous artigos humoristicos publicados no *Diario do Maranhão* e no *Progresso.*

Em suas poesias elle se mostra observador subtil e habil de costumes e de scenas que pinta com verdadeira côr local, purista sem affectação, metrificador natural, espirituoso critico e inspirado patriota.

20 DE JANEIRO

MEM DE SÁ

Portuguez pelo berço e de nobre estirpe, Mem de Sá é brazileiro ou pertence principalmente á historia do Brazil por seus maiores serviços, pela sepultura á que se recolherão seus restos mortaes, e pelo ramo de sua familia que se tornou brazileira.

Nomeado governador-geral do Brazil (foi o terceiro), Mem de Sá chegou á cidade de S. Salvador da Bahia e succedeu naquelle cargo á Duarte da Costa em 1558, exercendo-o sem interrupção até 1572, em que o entregou ao seu successor, morrendo pouco depois, e sendo sepultado no cruzeiro da igreja dos jesuitas da cidade de S. Salvador, como se vê do epitaphio de sua campa.

Nessa longa administração de perto de 15 annos, Mem

de Sá soube vencer herculeos trabalhos de diversa natureza; a guerra contra os indios nas capitanias de Porto Seguro e dos Ilhéos, onde morreu seu filho Fernando de Sá; a conjuração terrivel dos *tamoyos* na capitania de S. Vicente, no que lhe forão principaes auxiliares e ajustadores de paz Nobrega e Anchieta, preclarissimos jesuitas; a peste e a fome que assolárão a capitania da Bahia, e despovoárão os aldeamentos de indios amigos que forão mortos pela *variola* e afugentados para as florestas pelo terror. Não valeu menos o desenvolvimento da colonisação, a ordem administrativa que tanto custava a manter e o imperio da lei ainda mais difficil de impôr em colonias isoladas, e á grandes distancias, abundando nesses nucleos de povoações, e nas villas innumeros degradados e gente de ruins costumes.

Na conquista pacifica e humanitaria do gentio que se reunia em aldeias, o governador-geral fez muito, sendo protector e efficaz auxiliar com todo o concurso official; mas descansando justamente confiado nos milagres da Cruz que os jesuitas levavão apostolicamente nesse tempo ao seio dos selvagens nos centros dos seus bosques.

Mas, nesse continuo, aspero e tremendo labor de quasi tres lustros, avulta o bellico empenho que Mem de Sá enicíou e que teve a gloria de rematar brilhantemente no dia 20 de Janeiro de 1567.

Cumpre resumir em datas longa historia.

Em 1555, Nicoláo Durand Villegaignon, vice-almirante da Bretanha, e cavalleiro de Malta, protegido pelo almirante Caligny chega á bahia do Rio de Janeiro com uma expedição de francezes calvinistas, occupa e fortalece a pequena ilha, a que deu o nome daquelle seu protector, e

que só perpetuou e conserva ainda o delle proprio — *Villegaignon.*

O rei de França, perseguidor dos calvinistas em seu reino europeu, applaudia a occupação franceza do Rio de Janeiro apezar de calvinista, e acoroçoou auxilio importante que para ella foi mandado de França em 1556, sob a direcção de Bois-le-Conte, e que chegou ao seu destino no anno seguinte.

Em 1558, Villegaignon, oppressor de seus correligionarios, e por elles mal visto, depois de antagonismos e de tristes contrariedades, volta para a França, repudiando Calvino, e indo enfileirar-se no partido do duque de Guize; fica, porém, a colonia franceza no Rio de Janeiro e com animação e calculos taes que já determinava para as terras de seu proximo dominio no Brazil e para a cidade capital que projectavão fundar nomes os de— *França-Antarctica* e *Henri-ville.*

Em 1560, Mem de Sá recebe de Lisboa ordens para expellir os francezes do Rio de Janeiro, e partindo a executal-as, responde todavia assim á rainha regente D. Catharina:

« *Eu me puz logo prestes o melhor que pude, que foi o peior que um governador podia.* »

Com effeito, levou por exercito 120 portuguezes e 140 indios auxiliares; mas com esses poucos tomou a ilha de Villegaignon, defendida por mais de 150 francezes, e mil tamoyos.

Os francezes e indios derrotados fugirão para o continente muito visinho. Mem de Sá, sem gente bastante para ficar ali

em estabelecimento permanente, destruio a fortaleza e retirou-se.

Os francezes voltárão á ilha, tratárão de fortifical-a muito mais, e no continente quasi fronteiro estabelecerão o seu campo e defezas de *Uruçú-mirim.*

Em 1564 chega á Bahia Estacio de Sá, sobrinho do governador-geral, commandando dois galeões, e trazendo ao tio ordem para ajudal-o com todas as forças da colonia afim de expulsar de uma vez os francezes do Rio de Janeiro, e ahi fundar uma cidade.

A ordem do governo de Lisboa era quasi inexequivel; porque á colonia faltavão forças; Mem de Sá, porém, deu quanto poude ao sobrinho, e este, tomando na capitania do Espirito Santo o heroico *morubixaba Ararygboia* com a sua horda, e alguns auxiliares da de S. Vicente, entra em Março de 1566 na bahia do Rio de Janeiro, desembarca perto do *Pão de Assucar*, e entre este, e o monte de S. João se fortifica, e ahi, lança os fundamentos de futura cidade, á que dá o nome de *S. Sebastião*; porque Sebastião se chamava o rei de Portugal.

Esse anno de 1566 passou todo em combates repetidos e estereis entre portuguezes e francezes, tão inimigos e em campos tão aproximados, até que em Novembro, advertido pelo jesuita Anchieta, que fôra á Bahia tomar ordens sacras, da situação perigosa de Estacio de Sá, o governador-geral convocou voluntarios, tomou armas, foi receber novo concurso de combatentes no Espirito Santo e em S. Vicente e á 18 de Janeiro de 1567 chega ao Rio de Janeiro, e reanima os portuguezes levados ao desespero por falta de munições de guerra e de recursos alimenticios.

Mem de Sá não sabia resignar-se á defensiva; mas resignou-se a esperar um dia; porque o dia 20 de Janeiro era o da festa de S. Sebastião, orágo da cidade fundada.

Em 20 de Janeiro festejou pois Mem de Sá S. Sebastião, com ataque aos francezes: a peleja foi horrivel: *Uruçú-mirim* foi o primeiro, e o mais difficil campo batido e conquistado: em seguida Villegaignon, e alguns outros pontos fortalecidos cahirão submettidos á bravura dos valentes commandados pelo governador-geral.

Mortos pela maior parte, e em fuga aterrorisada á mercê dos tamoyos e pelo interior das florestas o resto dos inimigos, não ficou francez algum nas ilhas, e no continente da bahia do Rio de Janeiro.

Mas ferido de uma flexada no rosto Estacio de Sá morreu poucos dias depois.

Em serviço do Brazil, colonia e dominios de Portugal, Mem de Sá acabava de perder um sobrinho depois de ter perdido um filho.

Tomava nova patria por amado sangue derramado no Brazil.

Mem de Sá, fundou então a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, mudando o seu assento do lugar, onde Estacio de Sá a determinára, fortalecendo-se entre o *Pão de Assucar* e o monte de *S. João*, para o monte que se chamou de *S. Januario*, depois do *Castello* para ir d'ali descendo, e pouco a pouco dilatando-se até attingir a grandeza, que hoje apenas faz imaginar suas maravilhosas opulencias futuras.

Fundada a nova cidade, e regulada a sua administração,

Mem de Sá deixou-lhe por governador outro seu sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, que soube mostrar-se digno do tio.

Mem de Sá, illustre e benemerito por tantos e tão esclarecidos serviços prestados á colonisação e á nascente civilisação do Brazil, glorioso fundador da cidade que é capital do imperio do Brazil, não poderia jámais ser esquecido sem a mais condemnavel ingratidão dos brazileiros que devem veneração e culto á memoria de seu esclarecidissimo nome.

21 DE JANEIRO

HENRIQUE LUIZ DE NIEMEYER BELLEGARDE

A transmigração da familia real portugueza para o Brazil trouxe na mesma náo que conduzia o principe regente depois rei D. João VI, o capitão de artilharia de marinha Candido Roberto Jorge Bellegarde e sua esposa D. Maria de Niemeyer Bellegarde e dous filhos seus ainda meninos que havião de ser distinctos e prestantes brazileiros.

O mais novo delles então aos cinco annos de edade foi Henrique Luiz de Niemeyer Bellegardé nascido em Lisboa á 12 de Outubro de 1802.

Henrique Bellegarde educado desveladamente, sentou praça ainda em tenra edade como voluntario no corpo de artilharia e seguio os estudos mathematicos na escola militar creada no Rio de Janeiro: aos quinze annos foi promo-

vido á official, em 1820 á 1° tenente, e no anno seguinte á capitão ajudante do governador e capitão general de Moçambique tenente-general João Manoel da Silva.

De volta ao Brazil em 1822 adherio á causa da independencia, e concluio com applaudido aproveitamento o curso da escola militar. Sendo já engenheiro, prestou logo, como tal, serviços á patria adoptiva, empregando-se nas fortificações que então se construirão para cobrir a capital da invasão portugueza que se receiava.

Em 1825 foi estudar na Europa por ordem do governo e em tres annos de demora em França graduou-se bacharel em letras, recebeu carta de engenheiro-geographico, além de merecer attestados muito honrosos pelo curso de pontes e calçadas que igualmente frequentára.

Em 1828 Henrique Bellegarde desempenhou no Rio de Janeiro diversas commissões e foi promovido á major de engenheiros, e em 1831 ganhou justos gabes, publicando o seu RESUMO DA HISTORIA DO BRASIL, de que fez em 1834 segunda edição.

De 1831 até 1838 a esclarecida intelligencia e admiravel actividade de Henrique Bellegarde se patenteão em trabalhos consideraveis: deixa em descanso a penna de escriptor para ir prestar-se como engenheiro, construindo o pharol de Cabo-Frio que se avista á quarenta e cinco milhas de distancia, melhorando a barra desse mesmo Cabo, e collocando nos focinhos da rocha os argolões de espia, obras estas que tanto recommendão sua memoria aos navegantes.

As pontes da cidade de Campos e de Itajurú, os canaes de Cacimbas do Ururahy e de Maricá e outras construcções começadas ou projectadas bastão para dar idéa da capaci-

dade do engenheiro e de sua activissima diligencia depois de quanto fizera em Cabo-Frio.

Não se trabalha assim impunemente.

A' 21 de Janeiro de 1839 Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde falleceu na cidade de Cabo-Frio victima de febre perniciosa.

A morte apanhou-o aos trinta e sete annos, quando abrião-se á seus olhos os mais brilhantes horisontes da vida.

22 DE JANEIRO

MARTIN AFFONSO DE SOUZA

22 de Janeiro de 1532 é a data famosa da mais antiga, embora rude, sementeira da civilisação em terras do Brazil-selvagem.

Descoberto em 1500, julgado á principio (custa á crel-o) paiz esteril, ingrato e apenas favoravel áos refrescos dos navios em longa navegação para a Asia, depois já melhor apreciado ; mas preterido pelas Indias, que absorvião as ambições, e a gloria dos portuguezes, o Brazil só deveu ao rei D. Manoel explorações sem proveito.

A' rivalidade e á desconfiança dos hespanhóes á frequentar o rio da Prata, e ás apprehensões de projectos ambiciosos da França, de cujos portos sahião armadores que vinhão ás costas do Brazil carregar-se da madeira preciosa que déra

seu nome á terra, e que estreitavão laços de amizade com as tribus selvagens, couberão a fortuna de determinar o rei D. João III á attender á esta grande parte da America meridional.

Depois de uma expedição menos importante dirigida de 1526 á 1527 por Christovão Jacques, D. João III faz partir de Lisboa em Dezembro de 1530 Martin Affonso de Souza; do seu conselho, como capitão-mór da armada composta de cinco velas com quatro centos homens destinada á guardar as costas do Brazil, tendo Martin Affonso, que assignou-se em documentos com o titulo de *Governador da Nova Luzitania*, o poder de dar e repartir terras pelas pessoas que as quizessem e passar sesmarias da mesma terra, assim como criar tabelliães e mais officiaes de justiça.

Martin Affonso de Souza veio pois, além do mais, incumbido de fundar nucleos de colonisação no Brazil.

Não cabe aqui a historia dos diversos episodios da sua interessante e um pouco romanesca expedição.

Relativamente ao assento de nucleos coloniaes admira e não se explica bem, que elle não aproveitasse a Bahia de Todos os Santos, onde encontrou o portuguez e naufrago Diogo Alvares, o celebre Caramurú, a qual lhe offerecia as vantagens de optimo porto, e de auxilio dedicado dos tupinambás, que obedecião á influencia do Caramurú, e que não menos desapreciasse a feliz situação, a monumental grandeza, e as maravilhosas condições da bahia do Rio de Janeiro, onde aliás se demorou tres mezes, construio dous bergantins, fez-se amigo do chefe indio dominador da terra, e se abasteceu das provisões alli possiveis por um anno para quatro centos homens.

Qualquer que fosse o motivo do menospreço da Bahia de Todos os Santos, que depois veio á ser o berço e a séde da primeira capital do Brazil-colonia, e a igual desattenção ás grandezas da bahia do Rio de Janeiro, em cujas mansas ondas se espelha a capital do imperio do Brazil, certo é que Martin Affonso de Souza em 1532 fundou á 22 de Janeiro a primeira colonia portugueza no Brazil na ilha á que deu o nome do santo venerado nesse dia, *S. Vicente.*

Bafejado pela fortuna Martin Affonso começava á ser fortemente hostilisado pelo valente gentio da terra, quando lhe veio inesperado e como providencial auxilio em João Ramalho, que vinte annos antes ali ou perto, ou mais longe naufragára em perdido e ignorado navio, e que em seu maior e desesperado infortunio achára nos selvagens soccorro, protecção, e logo depois respeito á sua influencia de homem civilisado.

João Ramalho que habitava no interior, e tinha por consorte, ou esposa illegitima a filha de Tybiriçá, o maioral dos indios naquella terra dominadores, ouvindo a noticia da chegada e da empreza dos portuguezes, transpoz a serra do Mar, chegou com Tybiriçá á S. Vicente, desarmou os indios hostis, e poz-se ás ordens de Martin Affonso, que desde então teve em seu auxilio mais do que a tolerancia, o apoio e o concurso dos selvagens, que á principio se tinhão pronunciado inimigos.

Ha quem explique não por naufragio; mas por outro modo, como se dirá no competente artigo biographico, o encontro de João Ramalho naquella parte do Brazil; é porem certo o valioso concurso por elle prestado a Martin Affonso de Souza.

Além da colonia de S. Vicente, Martin Affonso de Souza guiado por João Ramalho fundou a de Piratininga á margem do rio desse nome nove legoas para o interior em bella e fertil planicie do outro lado da serra do Mar alli ulteriormente chamada do Cubatão.

Depois de distribuir terras pelos colonos, de crear officiaes do justiça nas duas villas levantadas em S. Vicente e em Piratininga, de nomear João Ramalho guarda-mór desta e a Gonçalo Monteiro da primeira, Martin Affonso de Souza, tendo assim desempenhado a sua missão, voltou para Portugal em 1533.

Emquanto se demorou em S. Vicente, este illustre iniciador da colonisação do Brazil, fundou nas visinhanças da colonia ou villa desse nome a primeira fabrica de assucar *(engenho)* que houve neste paiz, tendo mandado ir da ilha da Madeira plantas de canna.

Quando em 1533 D. João III resolveu dividir o Brazil em capitanias hereditarias para melhor e mais depressa adiantar a sua colonisação, doou a Martin Affonso de Souza a capitania de S. Vicente que comprehendeu cem leguas de costa, como lh'o declarou em carta que lhe escreveu.

Martin Affonso de Souza não voltou mais ao Brazil; seu nome porém ficou perpetuado na historia, e dous heróes brazileiros, dous indios o tomarão tambem para si na pia baptismal.

Martin Affonso de Mello—*Tybiriçá*

Martin Affonso de Souza—*Ararygboia.*

23 DE JANEIRO

CANDIDO JOSÉ DE ARAUJO VIANNA

MARQUEZ DE SAPUCAHY

Este illustre varão á quem todos reputarão grande pela intelligencia e vasta illustração, foi ainda maior do que apregoava delle a fama.

Filho legitimo do capitão-mór Manoel de Araujo da Cunha e de D. Marianna Clara da Cunha, ambos naturaes de Minas-Geraes, nasceu á 15 de Setembro de 1793 em Congonhas de Sabará aquelle que até os treze annos se chamou Candido Cardoso Canuto da Cunha, e que dessa edade em diante foi chamado com o consentimento de seu pae Candido José de Araujo Vianna.

Estudou preparatorios em sua terra natal, e teve por

mestres o Dr. José Teixeira da Fonseca Vasconcellos, depois visconde de Caethé, e o eximio pregador, poeta e latinista o padre Joaquim Machado Ribeiro, os quaes preannunciarão o seu brilhante futuro, medindo-o pela intelligencia e pela applicação do estudante.

No entanto Araujo Vianna já era então, o que foi até sua morte, o typo de modestia inexcedivel, que por isso mesmo imprimia em seu caracter exagerada timidez.

Por despacho do principe regente, pouco depois rei D. João VI, de 9 de Fevereiro de 1815 exerceu o lugar de ajudante das ordenanças do termo de Sabará; mas em 1816 partio para Portugal, e á 15 de Outubro matriculou-se na Universidade de Coimbra, seguindo o curso juridico.

A 9 de Junho de 1821 recebeu o gráo de bacharel formado em direito. Em Coimbra deixou firmada a mais bella reputação academica: em seus exames tivera em todos os annos approvações distinctas; além do curso juridico que seguira, frequentára as lições do de medicina, e cultivára a litteratura e a poesia com amor vivissimo: pertencia ao circulo esclarecido de Manoel Alves Branco, Odorico Mendes, e, além de outros, de Almeida Garrett, que depois o lembrava sempre com saudade e com enthusiasmo.

De volta para o Brazil e com intenção de exercer a advocacia, teve de abandonar essa idéa; porque a 17 de Novembro de 1821 foi nomeado promotor de capellas e residuos do termo e comarca de Sabará, passou logo e antes de entrar em exercicio á juiz de fóra de Marianna por decreto de 18 de Dezembro do mesmo anno, cabendo-lhe por Alvará de 23 de Abril de 1822 desempenhar na mesma ci-

dade o cargo de juiz provedor da fazenda, ausentes, capellas e residuos.

Seguem-se agora cincoenta e tres annos e mais um mez cheios de serviços relevantes, em que Araujo Vianna, mais tarde visconde e marquez de Sapucahy, foi disputado pela magistratura, pela politica, pela alta administração e por funcções tão elevadas e honrosas como difficeis e delicadas.

Na magistratura algumas datas resumem sua fulgente carreira : em 10 de Novembro de 1825 foi reconduzido no lugar de juiz de fóra, e, antes de concluir o triennio, nomeado por decreto de 17 de Maio de 1827 desembargador da Relação de Pernambuco, removido por decreto de 13 de Dezembro de 1832 para a da Bahia, e depois para a do Rio de Janeiro, servindo por vezes de desembargador fiscal da junta do commercio nesta capital. Da Relação do Rio de Janeiro subio ao pinaculo do sacerdocio das leis do Estado, como ministro do Supremo Tribunal de Justiça, obtendo depois de annos de serviço nelle o ser aposentado por decreto de 12 de Setembro de 1860.

No exercicio da magistratura foi luz esplendida pela sciencia do direito, e forte garantia de justiça pela rectidão das sentenças.

Na politica e na alta administração não seria facil consideral-o em dous horisontes distinctos.

Em 1823 é eleito deputado á constituinte brasileira pela provincia de Minas-Geraes, e já tão apreciado era, que coube-lhe a importante e espinhosa tarefa de ridigir o *Diario* dessa assembléa.

Em 1826 pertenceu á primeira legislatura do imperio,

como deputado eleito pela sua provincia, que o reelegeu sempre até á quarta; incluindo-o por duas vezes em listas para senadores, e merecendo Araujo Vianna ser escolhido da segunda vez pelo regente em nome do Imperador á 29 de Outubro de 1839.

Mas por carta Imperial de 13 de Novembro de 1826 Araujo Vianna fôra nomeado presidente da provincia das Alagôas. Suas ligações eram todas com os liberaes deputados de sua provincia; em 1826 porém a opposição liberal apenas se indicára como que sem nexo, e sem combinações parlamentares, experimentando a pratica tolerada de seus direitos de exame e de censura, e além disso Araujo Vianna muito moderado e doutrinario não podia pertencer á escola de opposição que depois se formou, tomando por principio negar-se á tomar parte no governo.

Em poucos mezes de presidencia nas Alagôas, Araujo Vianna arrefeceu a exaltação politica dos animos, e se não conseguio harmonisar os partidos, o que era impossivel, dominou-os pela justiça e sabedoria de sua administração.

Nomeado presidente do Maranhão á 17 de Setembro de 1828, tomou posse desse cargo á 13 de Janeiro do anno seguinte: foi achar essa provincia em lamentavel desordem administrativa, e em perigosa e ameaçadora effervescencia politica: o governo se mostrára ali anteliberal, oppressor e violento, a opposição liberal em viva irritação, e furente contra os delegados do poder executivo, ou, como geralmente se dizia, do imperador.

Araujo Vianna no fim de poucos dias, que aproveitára habilmente em actos de generosa e justa satisfação á offensas á direitos constitucionaes de cidadãos oppri-

midos, e em medidas tendentes á regenerar e moralisar a administração, apagou as flammas de resistencia, firmou a sua autoridade na confiança dos governados, e era applaudido com o nome de regenerador da administração e de presidente fiel observador dos preceitos constitucionaes, quando chegou ao Maranhão a noticia do pronunciamento do povo e da tropa á 6 de Abril e da abdicação do imperador D. Pedro I na madrugada do dia seguinte na capital do imperio.

O exaltamento dos liberaes subio de ponto, e em impetos de reacção contra o partido opposto e contra os portuguezes que intrusa e provocadoramente se tinhão envolvido na politica do paiz, patriotas menos reflectidos pronunciarão-se em ameaçadora revolta, tendo em seu favor a força militar: coube então a Araujo Vianna a gloria de restabelecer a ordem, e de firmar o imperio das leis sem conflictos, nem lutas, sómente com o emprego de meios brandos, com algumas concessões indeclinaveis nas circumstancias, e com o poder de sua influencia suave, conseguindo depois abater e obstar nova conspiração.

Em 29 de Novembro de 1831 entregou a presidencia da provincia ao seu successor, deixando no Maranhão nome abençoado geralmente.

A 14 de Dezembro á 1832, subio ao ministerio com a pasta dos negocios da fazenda, occupando tambem em 1833 interinamente a da justiça: retirou-se do governo a 2 de Junho de 1834, tendo prestado grandes serviços á administração financeira do imperio.

Em seguida servio por vezes o lugar de procurador fiscal do tribunal do thesouro publico nacional.

A 27 de Março de 1841 entrou para o gabinete nesse dia organisado, encarregando-se da pasta dos negocios do imperio. Concorreu para fazer passar nas camaras o projecto de lei que creou o novo conselho de estado, e foi o ministro que poz em execução essa lei, e que deu regulamento ao mesmo conselho.

As revoltas liberaes de S. Paulo e Minas-Geraes e as lutas parlamentares que as tinhão precedido absorverão os cuidados de todos até Setembro de 1842: o gabinete vencedor dessas revoltas deixou o poder á 20 de Janeiro de 1843 por desharmonia entre alguns de seus membros; mas Araujo Vianna tinha tido tempo de melhorar a instrucção publica, de reformar a direcção scientifica do Muzeu Nacional, e de levar á outros serviços publicos o seu espirito de progresso.

Por decreto de 14 de Setembro de 1850 foi Araujo Vianna nomeado conselheiro de estado extraordinario, passando a conselheiro ordinario pelo de 20 de Agosto de 1859, pertencendo á secção dos negocios dos ministerios do imperio e da agricultura, commercio e obras publicas. Desde 1851 até sua morte desempenhou a tarefa de secretario do conselho de estado.

A' 12 de Dezembro de 1854 foi o illustre benemerito Araujo Vianna agraciado com o titulo de visconde de Sapucahy, sendo elevado á marquez por decreto de 15 de Outubro de 1872.

Na camara dos deputados foi sempre incluido em commissões importantes, e depois de ter sido vice-presidente, occupou a cadeira de presidente durante os annos de 1838 e 1839. No senado entrou sempre nas commissões de consti-

tuição e de redacção das leis, excepto sómente o tempo do seu segundo ministerio, e tres annos em que tambem ali foi presidente, deixando de sel-o á requerimento seu.

Nos governos das provincias como nos ministerios de estado distinguio-se pela moderação, pela tolerancia, e pelo zeloso empenho de animar e desenvolver o progresso moral da nação: os seus principaes cuídados pertencião á instrucção publica. Em politica ligou-se estreitamente ao partido liberal moderado depois de 7 de Abril de 1831 e de 1837 em diante ao partido conservador que Bernardo Pereira de Vasconcellos creou; mas para ser estadista notavel no governo faltou sempre ao marquez de Sapucahy a vontade energica indispensavel para a acção em épocas ou em circumstancias extraordinarias: e, facto curioso, de 1832 á 1834, e de 1841 á 1843 o marquez de Sapucahy foi membro de ministerios que assoberbarão crizes tremendas, tomando medidas fortes, compressoras, e nem todas legaes: não era porém elle, aliás sujeito e lealmente adstricto á responsabilidade collectiva, o inspirador dos recursos ousados, e da energia que nos actos violentos se escuda com a desculpa — *salus populi.*

Póde-se dizer que o marquez de Sapucahy não era do partido conservador; mas simplesmente da escola conservadora, tanto se mostrava sincero e verdadeiramente tolerante, brando, condescendente, e obsequioso para com os seus adversarios politicos.

Na constituinte brazileira, na camara dos deputados e no senado de que foi membro muito prestimoso e famosamente trabalhador, durante cincoenta e dous annos o marquez de Sapucahy nunca brilhou, nunca teve um triumpho na tri-

buna: não era, nem podia ser orador: faltava-lhe o dom da palavra a qual difficil chegava á acudil-o: havia nelle ou algum senão nos orgãos da voz, ou a timidez e o acanhamento incriveis em homem tão sabio o faziam hesitar embaraçado e titubeante á cada enunciação do pensamento: até mesmo lendo em assembléa solemne, como que se violentava enleiando-se perturbado em vexame como que inverosimil; mas invencivelmente natural; fóra porém da exhibição na tribuna, fóra do apparato, da solemnidade, do auditorio, na sua cadeira de senador, na sala das commissões, no seu gabinete sempre de facil, ameno, e encantador accesso o marquez de Sapucahy era — livro de consulta —, fonte de sabedoria, que só elle ignorava, monumento de sciencia escondido em immenso abysmo de modestia.

No conselho de estado nenhum foi mais activo, nem mais luminoso, nem mais profundo e fertil trabalhador do que elle: rivalisou com o marquez de Olinda, e com o visconde de Souza Franco em admiravel expedição quasi diaria de illustradissimas consultas.

Além da magistratura, da alta administração, do parlamento, e do conselho de estado, o marquez de Sapucahy desempenhou funcções que bastarião para a sua gloria na terra.

No imperial collegio de Pedro II foi commissario do governo por muitos annos nos exames dos respectivos alumnos; preencheu por vezes igual tarefa no Instituto Commercial, e nos exames geraes de instrucção publica do municipio da côrte, merecendo sempre da multidão travessa de estudantes respeito e veneração que nem uma só vez falhárão.

Foi membro da commissão examinadora dos candidatos á carreira diplomatica.

Estas commissões poderião ser confiadas pela sympathia ou pelo distinctivo favor do governo á outro cidadão, e tanto mais que, não remunerados, erão antes *onus* do que mimo de patronato; outras porém exaltão a confiança que merecia o marquez de Sapucahy.

Em 11 de Janeiro de 1839 foi nomeado mestre de litteratura e de sciencias positivas do Imperador e de suas augustas irmãs, e como se houve no desempenho de tão honroso e alto mister dil-o a grande e distincta amisade do Imperador e o facto não menos eloquente de Sua Magestade escolhel-o para mestre de suas augustas filhas.

A 12 de Dezembro de 1864 teve ainda o marquez de Sapucahy a subida honra de ser nomeado para servir de testemunha por parte do Imperador no casamento da serenissima princeza D. Leopoldina com o Sr. Duque de Saxe.

De 15 de Setembro de 1874 em diante o illustrado e venerando marquez começou a soffrer e a definhar: os medicos reconhecerão lesão profunda do coração no laborioso e infatigavel octogenario: á 14 de Janeiro de 1875 aggravarão-se os seus padecimentos.

Estava então em Petropolis, e em serviço de semana, como camarista do Imperador, e querendo retirar-se para o seio de sua familia, Sua Magestade poz á sua disposição um trem especial da estrada de ferro até o porto de Mauá, dahi até a côrte a sua galeota, e na cidade carro da imperial casa para conduzil-o á sua residencia.

O marquez não se levantou mais do leito; sereno, suave, consolando a familia, conservou inalteravel e plena sua

luminosa intelligencia chegando ao ponto de examinar e expedir papeis do conselho de estado até o dia 22 de Janeiro. A 23 ás 10 horas da manhã o Imperador acompanhado de seus semanarios foi visitar seu velho mestre e amigo, que se mostrou profundamente agradecido e penhorado, dizendo em despedida : « Vossa Magestade é verdadeiramente grandioso ! »

Ao meio dia, e quando uma hora antes parecia um pouco melhor, o marquez de Sapucahy expirou tranquillamente rodeado de sua familia.

O Imperador que se achava na Academia das Bellas Artes distribuindo premios aos alumnos distinctos, retirou-se immediatamente e muito commovido ao receber a noticia do fallecimento do marquez.

O Brazil acabava de perder um grande homem.

Desde 1826 até 1875 atarefadissimo, e repartido por tão grandes e importantissimos misteres, magistrado, membro da camara temporaria e depois da vitalicia, presidente de duas provincias até 1831, ministro duas vezes depois e por alguns annos, conselheiro de estado, mestre do imperador, e de suas augustas irmãs, e mais tarde de suas augustas filhas, occupado em commissões diversas, o marquez de Sapucahy estudava sempre e muito : era profundo litterato, conhecia perfeitamente algumas linguas vivas, era latinista notavel, sabia o grego, os classicos portuguezes lhe erão familiares, e a lingua portugueza tinha nelle magistral purista. Sobrava-lhe tempo para estar em dia com todos os progressos e com todas as obras da sciencia do direito, para acompanhar toda a litteratura moderna do velho mundo, e para ler todos os livros publicados no Brazil, e ainda os dos

escriptores mais noveis, que encontravão sempre no velho sabio ardor juvenil para animal-os.

E ainda mais : o marquez de Sapucahy era dissimulado poeta, e teria sido, se o quizesse, poeta de primeira ordem: alguns sonetos, uma ou outra ode, algumas composições ligeiras, que escapárão ao segredo da sua exagerada modestia, são primores de inspiração, de optimo gosto, e de arte consummada.

E o marquez de Sapucahy ainda como litterato se abatia pela sua invencivel timidez : até o fim de sua vida o velho sabio admirava a intelligencia dos outros e duvidava da sua !

O marquez de Sapucahy foi a sabedoria amesquinhada pela exagerada modestia e pela timidez. A energia, e a consciencia do seu elevado merecimento lhe terião dado extraordinaria influencia nos destinos do Brazil.

Foi homem immenso que nunca teve espelho, em cujo reflexo apreciasse as proporções de sua propria grandeza.

Candido José de Aranjo Vianna, visconde e marquez de Sapucahy, gentil homem e fidalgo da casa imperial, deputado, senador, e conselheiro de estado, membro do Supremo Tribunal de Justiça, cavalleiro das ordens de Christo e da Rosa, dignitario da imperial ordem do Cruzeiro, Gran Cruz das ordens de S. Januario de Napoles, e da Ernestina da casa Ducal de Saxe Coburgo Gotha, foi tambem grão mestre honorario do grande Oriente do valle do Lavradio, durante mais de trinta annos presidente e depois socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e membro de muitas outras sociedades scientificas e litterarias estrangeiras e do Brazil.

---

24 DE JANEIRO

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

José Durão nasceu na Cata Preta, arraial de Nossa Senhora de Nazareth do Inficcionado, quatro legoas ao norte da cidade de Marianna, capitania depois provincia de Minas-Geraes, entre os annos de 1718 e 1720, sendo seus progenitores os mineiros capitão-mór Paulo Rodrigues Durão e D. Anna Garcez de Moraes.

Diz o Sr. conselheiro J. M. Pereira da Silva que José Durão fizéra todos os seus estudos primarios e de preparatorios nas aulas dos Jesuitas na cidade do Rio de Janeiro, e que apenas os completou passou-se para Portugal, onde na Universidade de Coimbra tomou o grão de doutor em theologia á 24 de Dezembro de 1756, e que no anno de 1758 professou na ordem dos eremitas de S. Agostinho

e logo começou a ter nomeada como orador sagrado, pregando em Leiria em acção de graças pela salvação da vida de José I, escapo do mysterioso attentado de 3 de Setembro.

Questões de amor proprio aliás não bem averiguadas indispuzerão o bispo de Leiria D. João Gomes da Cunha contra frei José de Santa Rita Durão, que temendo-se delle, seguio viagem para a Hespanha com intenção de ir d'ali para a Italia ; declarada porém a guerra entre os dous reinos da peninsula, foi o religioso viajante preso por suspeições de espia, e encarcerado no castello de Segovia, donde sahio depois do tratado de 10 de Fevereiro de 1763, que restabeleceu a paz na Europa.

Aproveitando a liberdade, Santa Rita Durão partio para a Italia : em Roma encontrou-se com José Basilio da Gama à quem intimamente se ligou.

Depois de demorar-se alguns annos na Italia, resolveu voltar para Portugal, quando soube que em 1772 se reformava a Universidade de Coimbra, da qual fôra nomeado reitor o seu compatricio e amigo o bispo D. Francisco de Lemos. Chegando á Coimbra, e de combinação com o bispo propoz-se á um concurso de oppositor em theologia, venceu aos outros concurrentes e em 1778 na abertura dos cursos, coube-lhe recitar a oração de sapiencia, escripta em latim conforme era de uso. Esse discurso mereceu grandes applausos, e é ainda lembrado com elogio.

Ignora-se quando começou Durão á compôr o seu poema —CARAMURÚ—; suppõe-se que principiára a escrevel-o nesse mesmo ou no seguinte anno : o Sr. visconde de Porto Seguro diz que consta por tradicção ter sido o poema concluido em muito pouco tempo, e que José Agostinho de

Macedo attesta a muita facilidade com que Durão compunha de ordinario descansando em um sitial de pedra junto á ribeira de Cozelhas que passava na cerca do seu convento. Alli dictava elle ao seu amanuense, pardo liberto de nome Bernardo, que trouxera comsigo do Brazil.

Logo que concluio a sua obra, Durão dirigio-se para Lisboa afim de dal-a ao prélo, e o poema CARAMURU' sahiu á luz naquella cidade em 1781.

Infelizmente o CARAMURU' não teve dos contemporaneos a aceitação que o poeta esperava : magoado por isso Santa Rita Durão desgostou-se tanto que (segundo informa o Sr. conselheiro Pereira da Silva) rasgou todas as poesias que tinha composto e guardava.

Pouco sobreviveu ao seu desencanto o epico brazileiro, fallecendo no collegio de Santo Agostinho á 24 *de Janeiro de* 1784.

Ao laborioso empenho e incansaveis investigações do illustrado Sr. Innocencio Francisco da Silva, autor do *Dicc. Bibliog. Portuguez*, deve-se o conhecimento desta ultima data como a da profissão da regra de Santo Agostinho no convento da Graça de Lisboa á 12 de Outubro de 1758 por frei José de Santa Rita Durão.

Inspirado pelo amor da patria, como o proprio poeta o declara, o CARAMURU' *poema epico do descobrimento do Brazil* teve a fortuna do PARAISO PERDIDO de Milton : só depois da morte do autor, começou á ser apreciado.

No seculo actual os maiores vultos da litteratura portugueza vingarão Durão da injustiça de seus contemporaneos. O visconde de Castilho o elogia ; Garrett exalta o seu merecimento ; José Maria da Costa diz que

Durão deve ser considerado, como *fundador da poesia brazileira* ; José Agostinho de Macedo chama Durão « homem á quem só faltava a antiguidade para ser reputado grande ! Ferdinand Diniz pensa que o *Caramurú é uma epopéa nacional brazileira que interessa e enleva.*

Monglave (Eugenio Paray de) traduzio em francez o poema CARAMURU'

Não cabe aqui um juizo critico ; o mais desenvolvido porém, completo, justissimo se acha resumido nas seguintes palavras escriptas pelo já cidado José Maria da Costa e Silva quando no seu ENSAIO BIOGRAPHICO-CRITICO falla de Santa Rita Durão : « foi elle o primeiro que teve o bom senso de descartar-se das preoccupações europeas que havia bebido nas escolas, para compôr uma epopéa brazileira pela acção, pelos costumes, pelo sentimento e idéas e pelo colorido local. »

Neste juizo só se poderia notar, que as palavras « *foi elle o primeiro* » chegarião á pôr em duvida igual *bom senso*, com que José Bazilio da Gama tão *brazileiro* se mostrára no seu poema ARAGUAY publicado annos antes do CARAMURU'

25 DE JANEIRO

FREI PAULO DA TRINDADE

Natural de Macahé, na então capitania do Rio de Janeiro, Paulo que se chamou da Trindade, entrando religioso na custodia de S. Thomé da Ordem Seraphica, estudou as letras sagradas com o padre-mestre frei Manoel do Monte Olivete enviado de Lisboa para dirigir os estudos naquella custodia.

Applicou-se fervoroso á theologia, ao direito canonico, e á sagrada escriptura.

Dedicou-se affincadamente á conversão dos idolatras africanos, chegando até a ensinar o latim e á preparar para a vida sacerdotal á alguns delles.

Era frequentemente e de muitos pontos consultado, tão grande reputação gosava pelas suas virtudes e sciencias.

Foi commissario geral por patente do vigario geral frei Francisco Henrique, que foi depois bispo.

Em 1634 presidio ao terceiro capitulo celebrado no convento da Madre de Deos de Gôa.

Falleceu em Gôa aos oitenta annos de idade no dia 25 de Janeiro de 1651.

Compôz a CONQUISTA ESPIRITUAL DO ORIENTE, referindo os trabalhos notaveis dos padres na conversão dos infieis desde o Cabo da Boa Esperança até as mais remotas ilhas do Japão: tres livros em manuscripto.

Compôz mais um TRATADO DE THEOLOGIA MORAL em manuscripto existente no convento de S. Thomé.

26 DE JANEIRO

PARAGUASSU'—CATHARINA ALVARES

Do meio de ficções poeticas e de tradições romanescas, sendo algumas de imaginação inventora que por mal da historia não faltou aos antigos chronistas, surge o vulto rude, mas sympathico e legendario de *Paraguassú*, filha das virgens florestas do Brazil.

No artigo biographico de 5 de Outubro, em que se trata de Diogo Alvares—o Caramurú, se vê, como entra nas chronicas da patria a joven tupinambá tomada por consorte pelo naufrago, que se salvára na bahia de Todos os Santos.

Paraguassú era filha de um dos chefes (*morubixabas*) principaes do gentio tupinambá, e é muito provavel que além do prestigio que lhe déra o mosquete com que matára es-

16

tampidoso a ave historica, a união com essa selvagem concorresse não pouco para a grande influencia de Caramurú.

O pae de Paraguassú naturalmente se ufanando do consorte que a escolhera, escudára á este com todo o poder da sua cabilda; e a predilecta companheira de Diogo Alvares foi sem calculo, nem designio; mas pela importancia de seu pae, e pelo proprio e cada dia mais poderoso influxo a primitiva, suave; forte porém alavanca da civilisação nas terras da Bahia.

O gentio não tinha idéa do dever e da virtude da castidade da mulher; mas Paraguassú foi instinctivamente ou por ardente amor *companheira* honesta de Caramurú, e tão extremosa por este, como desvelada protectora de seus irmãos selvagens, tornou-se o idolo dos tupinambás, e arbitro de sua vontade.

Quando se baptisou, tomando na pia o nome de Catharina Alvares, não se sabe: está com justos fundamentos regeitada a tradicção de sua viagem com Diogo Alvares á França, e do seu baptismo ali, sendo sua madrinha Catharina de Medicis, que lhe déra o seu nome. Ella se chamou Catharina *Alvares*, o que indicia que ao seu baptismo seguio talvez immediatamente o seu casamento, que lhe trouxe o *nome de familia* do esposo: a escolha do nome de Catharina bem podia ter qualquer outra explicação, a lembrança de parente amada de Caramurú, a da santa venerada no dia, em que se baptisára, ou qualquer outro motivo, e se devesse influir no facto, ou em tal escolha alguma princeza da época, havia em Portugal a rainha *Catharina* d'Austria.

E' certo que Diogo Alvares casou-se com Paraguassú ou pouco depois de baptisada em 1531, quando Mar-

tin Affonso de Souza esteve por dias na Bahia, ou quando depois Francisco Pereira Coutinho fundou ali em 1538 a sua capitania, ou em 1549 sob Thomé de Souza nesse anno chegado ao Brazil como primeiro governador-geral da colonia Americo-portugueza.

Catharina Alvares, a Paraguassú dos *tupinambás*, foi sempre mais do que consorte e depois esposa de Caramurú, foi por sua influencia generosa e amiga-fraternal sobre os selvagens, notavel auxiliadora de seu marido.

Os tupinambás se prestarão á concorrer para a fundação do estabelecimento colonial do donatario Francisco Pereira Coutinho: dizem alguns escriptores que depois desse serviço importante, acendendo-se a guerra entre portuguezes e indios revoltos, e os colonos dedicados ao donatario, e sendo por este preso Diogo Alvares, Paraguassú puzéra em campo e em pelejas grande força de *tupinambás* em favor de seu esposo: se o facto, aliás contestado, fosse exacto, provaria sómente a poderosa influencia da dedicada esposa; pois que Coutinho foi batido e expulso da sua capitania para mais tarde vir morrer na ilha de Itaparica, onde se salvára de naufragio, sendo após morto pelos selvagens que o odiavão.

Em 1549 Thomé de Souza, o fundador do governo geral do Brazil na Bahia, achou em Diogo Alvares e em Catharina Alvares fiadores leaes, seguros e utilissimos do apoio e do concurso dos *tupinambás*, que foram os seus melhores auxiliares em seus primeiros e arduos trabalhos.

De sua união com Diogo Alvares á principio só natural e depois sacramentada Catharina Alvares—a Paraguassú teve

quatro filhas, que se casarão todas, formando troncos de descendencias illustres e mais tarde titulares.

Sua descendencia é das mais nobres na antiga capitania depois provincia da Bahia e vem de *Paraguassú*, de Diogo Alvares a casa bahiana da *Torre* tão celebre por opulencia e por serviços civicos.

Diogo Alvares—o Caramurú morreu á 5 de Outubro de 1557, e sua esposa Catharina Alvares, a legendaria Paraguassú já além dos oitenta annos, quasi centenaria morreu *á 26 de Janeiro de* 1583.

Seus restos mortaes descansarão na igreja do mosteiro de Nossa Senhora da Graça (na cidade da Bahia), onde lhe inscreverão o seguinte epitaphio :

« Sepultura de dona Catharina Alvares Paraguassú, senhora que foi desta capitania da Bahia, a qual ella e seu marido, Diogo Alvares Corrêa, natural de Vianna, derão aos senhores reis de Portugal : edificou esta capella de Nossa Senhora da Graça e a deu com as terras annexas ao patriarcha de S. Bento em os annos de 1582. »

27 DE JANEIRO

JACOB ANDRADE VELLOSINO

Medico e naturalista que se fez celebre na Hollanda, nasceu Jacob de Andrade Vellosino em Pernambuco em 1639, na época do maior auge do dominio hollandez sob o governo do principe Mauricio de Nassau.

Filho de um hollandez, o seu sobrenome de Andrade indica que sua mãe era pernambucana ou portugueza : com effeito alguns casamentos ligárão hollandezes com pernambucanos á despeito da repulsão nacional que se observava.

Quando em 1654 aquelles conquistadores capitulárão no Recife, permittida foi livre retirada ás familias dos hollandezes casados nas capitanias, onde tinhão dominado.

Jacob de Andrade Vellosino acompanhou seus pais

para a Hollanda, e ahi completou e desenvolveu seus estudos começados no Recife, formou-se em medicina, e estabelecido em Amsterdan teve boa nomeada, e bem merecida reputação, como habil medico, e naturalista: publicou memorias e trabalhos scientificos na lingua de sua patria adoptiva, merecendo louvores dos sabios e dos escriptores hollandezes.

Falleceu aos setenta e tres annos em 1712.

Em falta de mais precisas datas da vida de Jacob de Andrade Vellosino seu nome fica lembrado no dia 27 de Janeiro, em que no anno de 1654 pela capitulação do Taborda, elle seguindo a sorte de seus pais, teve de deixar a terra de seu berço.

28 DE JANEIRO

ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SA'

Filho legitimo de Joaquim Franco de Sá que foi senador do imperio, e de D. Lucrecia Rosa Costa Ferreira, filha do tambem senador Antonio Pedro da Costa Ferreira (depois barão de Pindaré, Antonio Joaquim Franco de Sá) nasceu aos 16 de Julho de 1836 na cidade de Alcantara, provincia do Maranhão

Acompanhando seu pai ora ao Rio de Janeiro, quando elle vinha tomar assento na camara, como deputado, ora á pontos onde os cargos politicos o obrigavão á residir, Antonio Joaquim Franco de Sá não seguio estudos regulares até 1846 ; mas já mostrava talento brilhante e esperançoso. Desse anno até 1849 no Maranhão, e no Rio de Janeiro no

collegio Marinho até o fim de 1851 completou o curso de preparatorios.

Contava poucos mezes além de quinze annos, e já compunha suaves e melancolicas poesias, precursoras de futuros e grandiosos arroubos. Era um menino inspirado, mas o seu coração já se afogára em lagrimas. Em 1850 elle tinha perdido sua mãi, á 10 de Novembro de 1851 chegou-lhe ao Rio de Janeiro a noticia da morte do pai.

O orphão partio para Olinda, onde em 1852 matriculou-se na academia juridica.

Entre os estudos de direito, os de philosophia e litteratura e o cultivo da poesia correu a vida do joven Franco de Sá até o anno de 1856, no qual a 1 de Janeiro, sahindo agitado e transpirando de um baile, constipou-se de subito e ardendo em febre que não o deixou mais, falleceu á 28 do mesmo mez e anno, quando se aproximava do termo de seus estudos academicos.

Depois de sua morte, seu irmão o Sr. Dr. Felippe Franco de Sá deu ao prelo em um volume de cento e quarenta e cinco paginas as flôres daquella primavera de poeta finado aos vinte annos de idade. O livro tem por titulo: POESIAS DE ANTONIO JOAQUIM FRANCO DE SÁ.

Em composições que sahirão como que expontaneas de sua musa de dezoito á vinte annos enleva a frescura, applaude-se o empenho da pureza da fórma, o fulgor das imagens, e ainda mais o bom gosto, com que o poeta soube escapar de certo contagio de exagerações e extravagancias, que se apadrinhavão com o nome de Byron.

O poemeto IDALINA póde servir de prova do bom senso

do joven poeta. Os dous sonetos—*Sabbatina e Esbelta*—tem verdadeiro merecimento.

Na poesia—*Amor e namoro*—Franco de Sá é chistoso e mostra-se estudante *de puro sangue.*

O distincto poeta portuguez, o Sr. Thomaz Ribeiro, o cantor de D. Jayme, em carta que escreveu ao Sr. Dr. Felippe Franco de Sá, apreciou com os maiores elogios as poesias do joven Antonio Franco de Sá, e naturalmente a escripta no album do seu amigo e collega (tambem poeta), o Sr. Pedro de Callazans. São dessa bella poesia as seguintes quadras, em que brilha o enthusiasmo á zombar das tormentas que esperão no futuro aos poetas, e á illuminar a turba, embora ella resista.

Então surjamos altivos
E lancemos ao redor
Do olhar—lampejos mais vivos,
Da lyra—canto melhor.

Embora a turba resista,
Ganhemos nosso lugar ;
Generosos dando vista ;
A' quem nos quizer cegar.

Façamos nectar divino
Dessas gottas de amargor !
De cada gemido—um hymno !
De cada espinho—uma flor !

29 DE JANEIRO

MANOEL DIAS — O ROMANO

Como as letras as bellas artes começárão á desenvolver-se, e á ter historia propria no Brazil apenas no seculo decimo-oitavo, bem que já tivessem brilhado, como meteóros notabilidades brasileiras nos proprios horisontes do mundo europeu.

Até então letras e artes quasi que exclusivamente se cultivavam no silencio e na sombra dos conventos das ordens religiosas, que eram as têtas de alguma instrucção de humanidades, e que tinhão seus frades architectos e pintores de algum merecimento.

No seculo decimo-oitavo os cultores das letras principiárão á reunir-se temerosos, e acabárão perseguidos: as

artes menos suspeitosas, menos capazes de influencia immediata e vibrante no espirito do povo forão toleradas, salva a barbara condemnação da ourivezaria brazileira, que ao impulso dos desenhos e dos elegantes modelos do mestre Valentim, tinha excluido todas as obras vindas de Lisboa.

Além do monopolio decretado á favor da ourivezaria da metropole, nada mais se oppôz ao nascente desenvolvimento das bellas artes no Brazil-colonia.

E os artistas forão surgindo expontanea e naturalmente.

Na então florescente, muito depois assolada por horrivel peste, e hoje extincta villa de Macacú, nasceu em meiados do ultimo seculo Manoel Dias: não só o dia mas tambem o anno de seu nascimento são duvidosos; alguns velhos porém daquella villa ufanosos da gloria do seu comparochiano o dizião vindo ao mundo na freguezia de Santo Antonio de Sá, a da Villa, á 29 de Janeiro do anno controverso e disputado entre elles.

Manoel Dias desceu o rio Macacú, e veio para a cidade do Rio de Janeiro aprender a arte de ourives, em que se distinguio; mas as obras de Leandro Joaquim; e do mestre Valentim o arrebatárão, e elle se pôz á desenhar, e á sonhar com a pintura, aspirando ir fazer estudos em Lisboa.

Manoel Dias não tinha um real de seu: embora! um negociante, á quem agradára por trabalhos de ourivezaria, o levou para a cidade do Porto: morrendo porém logo deixou em tal extremo de penuria o infeliz macacuense,

que foi para este boa fortuna ser acceito por creado de outro negociante que estivera no Brazil.

Indo á Lisboa com o amo, Manoel Dias achou protector que o mandasse estudar na Casa Pia, e o matriculasse depois na Academia do Castello.

Vida de privações, de tormentos, de tristes vexames; mas vida de irresistivel vocação de artista.

Manoel Dias distinguio-se tanto que foi mandado para Roma, onde tomou por mestre o celebre Pompêo Battoni, um dos que mais cooperou para a revolução artistica, cujos chefes eram Winkelmann e Raphael Mengs.

Quando o exercito da França invadio Portugal o mizero artista fluminense foi para Genova, onde experimentou todas as afflicções da mizeria e da fome.

De volta á Portugal, e mercê de alguma fama que levava mereceu e conseguio ser nomeado professor regio de desenho e pintura para a cidade do Rio de Janeiro, onde em sua casa estabeleceu a aula do nu, tendo, entre outros, por discipulos Manoel José Gentil e Francisco Pedro do Amaral que serão lembrados.

Manoel Dias trouxe de sua residencia e estudos em Roma a denominação de *Romano*.

Deixou diversos quadros: o de *Sant'Anna* que estava na antiga Casa da Moeda; o de *Nossa Senhora da Conceição* de bello colorido e guardado na Academia das Bellas Artes; outros que se arruinarão, e diversos retratos e paizagens; mas sobre tudo uma *cabeça de S. Paulo* executada em chapa de marfim com admiravel desenho, expressão, e trabalho ponteado, que bastarião para sua maior gloria de artista, se não fosse sua maior glo-

ria o ter sido no ponto de vista da pintura, a rainha das bellas artes, um dos primeiros ou mais antigos, e mais proficuos elementos, e benemeritas placentas da arte no Brazil.

Manoel Dias, grande mestre de desenho, homem honrado e excellente pae de numerosa familia, depois de 1831, velho e abatido retirou-se para a villa depois cidade de Campos, e lá morreu sem duvida desgostoso; porque a indifferença dos contemporaneos ingratos o tinhão ferido no coração com o olvido, que é o barbaro assassinato do artista.

Manoel Dias—o Romano sem ter sido—um genio—foi ao menos, e isso é já muito—consideravel e effectivo elemento civilisador do Brazil, como habil mestre de desenho e de pintura.

30 DE JANEIRO

GOMES FREIRE DE ANDRADE

Vergontea de nobilissima familia portugueza e digno de seus illustres avós, Gomes Freire de Andrada, depois conde de Bobadella, veio governar a capitania do Rio de Janeiro em 1733, e estendeu seu governo ás de Minas-Geraes e de S. Paulo, e deixou seu nome glorificado por serviços relevantes e consideraveis beneficios.

Em Minas estabeleceu a capitação em 1735, creou em 1738 uma casa de Misericordia : no Rio de Janeiro construio a casa dos governadores depois palacio real e imperial, fez acabar os arcos do aqueducto da Carioca, e construir tanque de lavagem, reparou e augmentou fortalezas, levantou a da Conceição, ordenou e vio concluida a construcção do primeiro chafariz do largo do Paço (que o vice-rei Luiz de

Vasconcellos mandou substituir por outro executado pelo mestre Valentim) e foi o verdadeiro fundador do convento de Santa Thereza em cuja igreja foi sepultado.

No Rio-Grande do Sul fez a guerra contra os indios armados e commandados pelos jesuitas, quando commissionado pelo governo da metropole se occupava de executar a demarcação dos limites, conforme o infeliz tratado de Madrid.

E mais que tudo isso, deu no governo lição e exemplo de sabedoria, de amor do povo, de zelo religioso, de desinteresse, e de probidade sem macula. Forte e energico algumas vezes excedeu-se, impondo despotica vontade; tendo porém sempre por escusas as melhores intenções do bem, e os costumes do tempo que punhão ácima de tudo o dever da obediencia ao mando da autoridade.

D. José I o fez conde de Bobadella e mandando que na casa do senado da camara da cidade do Rio de Janeiro se collocasse e perpetuamente se conservasse o seu retrato para estimulo e exemplo dos futuros governadores.

O conde de Bobadella morreu no Rio de Janeiro no dia 1º de Janeiro de 1763.

Mas a data, em que é aqui lembrado, 30 de Janeiro de 1754, marca nobre empenho que cumpre ser memorado.

Ainda no seculo decimo oitavo a civilisação do Brazil, rica e por grandiosos feitos de seus filhos, já gloriosa colonia de Portugal, não recebia cuidados, nem animação; os conventos erão quasi as exclusivas placentas de alguma instrucção para os brazileiros: no entanto na terra do sol revelavão-se intelligencias luciferas.

Não havia imprensa e tinha-se medo da suspeita do pensamento livre.

Mas á 7 de Março de 1724 o vice-rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes (depois conde de Sabugosa) não temeu acender a primeira luz da aurora publica e autorisada de intelligencias brazileiras reunidas em sociedade litteraria, que se chamou, conforme a escola do tempo, *Academia dos Esquecidos*, inaugurada na cidade de S. Salvador da Bahia, e que na verdade realisou completamente o seu titulo; por que cahio em esquecimento por mais de um seculo.

A' Gomes Freire de Andrade coube a gloria de animar o segundo impeto da pobre civilisação do Brazil almejante de exhibições, de alguma influencia, de primeira irradiação no proprio seio do paiz; porque longe delle, e além do Atlantico já resplendião brazileiros; mas só com honra e proveito de Portugal.

A 30 de Janeiro de 1752 na casa do governador, e por explicavel interesse e absoluta dependencia, trazendo thuribulos de incenso poetico, fundarão a *Academia dos Selectos* que teve aliás duração ephemera. Lerão-se então cantos poeticos em latim, hespanhol e portuguez sob o titulo de máo gosto; mas de influição propria da época de *musa jesuita, benedictina, seraphica e carmelitana.*

No meio dos poetas Gomes Freire de Andrade, o protector, embriagava-se com os activos aromas da thurificação das intelligencias á pedir animação e á temer suspeitas de influencia civilisadora, com que nem ao menos calculavão.

Gomes Freire honrou dignamente a installação da *Academia dos Selectos* no Rio de Janeiro com todo o brilhantismo de sua côrte de capitão-general e governador. mostrando-se

cercado de todos os seus ajudantes de ordens, e das princi-cipaes autoridades da capitania.

A *Academia dos Selectos* ainda assim não teve futuro.

A civilisação do Brazil ensaiava apenas seus primeiros passos de infancia.

O desmazêlo, a indifferença, e o egoismo da metropole impunhão á riquissima colonia infancia de dous seculos.

A *Academia dos Selectos* viveu pouco, como vivem as rosas.

Mas a marcha da civilisação dos povos estuda-se desde o momento de seus primeiros, dubios, e temerosos passos, desde o ensaio das azas mal implumadas da aguia, que apenas sahe do ninho, e ainda não póde elevar-se soberba ácima dos Andes, e á procurar o sol.

A *Academia dos Selectos* no Rio de Janeiro tem um direito e um dever na historia do Brazil.

O dever de gratidão á Gomes Freire de Andrade que prompto e solicito se mostrou á honrar e proteger o bello culto das letras.

O direito de honorifica memoria do mais nobre empenho do cultivo e do desenvolvimento da civilisação da patria, colonia rica, explorada, abundantemente suxada ; mas com indifferença e egoismo esquecida como em desprezo de mizera escrava pela metropole desamoravel e avarenta.

31 DE JANEIRO

ANTONIO JOSÉ DUARTE DE ARAUJO GONDIM

Nascido na capitania de Pernambuco em 1782, Antonio José Duarte de Araujo Gondim ahi estudou as suas humanidades, e seguio logo depois para Portugal, onde se formou em direito na Universidade de Coimbra.

Voltando para o Brazil em 1808 foi aproveitado na magistratura, e nella se distinguio pela sua esclarecida intelligencia e por seu espirito zeloso de justiça.

Depois de juiz de fóra de Marianna, em Minas-Geraes, passou á ouvidor da Villa Rica, ulteriormente cidade do Ouro Preto, onde por ausencia do governador D. Manoel José de Portugal, exerceu o cargo de membro do governo interino.

Em 1820 passou como ouvidor para a provincia da

Bahia. Quatro annos depois foi despachado desembargador da casa de supplicação no Rio de Janeiro, onde tambem servio no lugar de ouvidor do crime, de juiz da corôa, de corregedor do civel, e de fiscal da junta dos arsenaes.

Tendo adquirido notavel reputação por suas luzes e distincto proceder, a provincia de seu berço, Pernambuco o elegeu em 1823, deputado á constituinte brazileira, e nessa augusta assembléa, embora, por sua modestia, não fosse frequente na tribuna, trabalhou activo e prestante em commissões, e fez-se conhecido como politico de idéas moderadas, que em seguida á dissolução da constituinte o levarão a afastar-se do partido liberal em opposição ao governo do primeiro imperador desde aquelle acto imprudente.

Em 1826 Araujo Gondim deveu ainda á sua provincia o entrar na lista da primeira eleição senatorial, e ao imperador o ser escolhido senador á 22 de Janeiro do mesmo anno ; não lhe foi dado porém tomar assento na camara vitalicia do imperio ; porque falleceu á 31 de Janeiro, apenas oito dias depois da honrosa escolha.

Illustrado e trabalhador Antonio José Duarte de Araujo Gondim tinha auspicioso futuro politico no Brazil, quando a morte lhe cortou a carreira aos quarenta e quatro annos de idade.

Elle era cavalheiro da Ordem de Christo e dignitario da Imperial do Cruzeiro.

1 DE FEVEREIRO

D. FREI FRANCISCO DE LIMA

Foi D. frei Francisco de Lima nomeado bispo de Pernambuco (o quarto na ordem chronologica) e confirmado á 22 de Agosto de 1695, e tomou posse da sua diocese á 1 de Fevereiro do anno seguinte.

Tinha mais de sessenta annos, quando veio governar o seu bispado, que necessariamente devia ser um dos mais rendosos do Brazil; porque só a capitania de Pernambuco tinha população e riqueza a rivalisar com a da capital da grande colonia.

E D. frei Francisco de Lima era tão simples no seu viver, tão humilde, tão sobrio que comsigo muito pouco despendia.

Mas o velho religioso e venerando bispo criou *trinta*

missões de indios que reunio em longes pontos do interior, e ardendo em zelo por ellas, não poupava cuidados, nem á sua pessoa fadigas extraordinarias para animal-as, e dirigil-as no serviço de Deus e em proveito da patria. Quando já contava mais de setenta annos, elle ainda visitou todas as suas *trinta familias*, internando-se para isso pelos sertões, e caminhando duzentas leguas pelo menos.

Além de seus *filhos indios*, tinha outros filhos, os *pobres* que nunca recorrião á elle debalde.

No fim de nove annos de episcopado, D. frei Francisco de Lima falleceu á 29 de Abril de 1704, e nem ao menos deixou o sufficiente para as despezas de seu enterro.

Em seus cofres de bispo achárão-se 40 rs. em dinheiro !...

A caridade não tinha podido guardar o segredo, que era de todos sabido; mas ostentava a magestade dessa pobreza apostolica.

D. frei Francisco de Lima jaz no convento do Carmo de Olinda.

2 DE FEVEREIRO

MANOEL ANTONIO VITAL DE OLIVEIRA

Filho legitimo de Antonio Vital de Oliveira e de D. Joanna Florinda de Gusmão Lobo Vital, nascêra o bravo que neste dia de Fevereiro se immortalisou, á 28 de Setembro de 1829 na cidade do Recife, capital de Pernambuco.

Aos quartoze annos de idade, tendo já feito o estudo de algumas humanidades, veio Vital de Oliveira para o Rio de Janeiro, e matriculou-se na escola de marinha á 1 de Março de 1843. Distinguio-se pela intelligencia e pela applicação. Em 1845 era guarda marinha, á 2 de Dezembro de 1849 foi segundo-tenente.

Habituou-se á vida do mar em viagens transatlanticas: de volta de uma dellas sob o commando do actual Sr.

visconde de Tamandaré que trazia o vapor *D. Affonso*. Vital de Oliveira entrou no combate de 2 de Fevereiro de 1849 no Recife, que os revoltosos praieiros atacárão, e onde forão derrotados.

Mas não é este o 2 *de Fevereiro* que immortalisou o bravo. Em 1849 Vital de Oliveira cumprio o seu dever; nas guerras civis, porém, os vencidos são irmãos, e os vencedores colhem louros; mas chorão sobre elles.

Armado com a medalha de cavalleiro da ordem de Christo nesse mesmo anno de 1849, Vital de Oliveira era primeiro-tenente em 1854, e commandando o hiate de guerra *Parahybano* tirou a planta da costa do Brazil que corre de *Pitimbú á S. Bento*, enriquecendo a respectiva carta com lucido roteiro;—a planta dos *baixos das Rosas* que demorão nos mares proximos da ilha de *Fernando de Noronha*—a das duas lagôas do norte e do sul da provincia das Alagôas, e fez as necessarias explorações para se estabelecer ali navegação á vapor. Em 1862 publicou cinco cartas hydrographicas levantadas desde o rio *Mossoró* na provincia do Rio-Grande do Norte até o rio de *S. Francisco*. Fez exames e estudos para o reconhecimento de certos pontos da costa ao sul de *Santa Martha* na provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul. Em 1863 examinou, sondou no municipio da côrte o rio *Mirity* e apresentou relatorio e planta desse rio.

No mesmo anno foi presidente da commissão nomeada para averiguar e estimar o computo dos prejuizos soffridos pelos proprietarios e interessados nos cascos, apparelhos, e carregamentos dos navios apresados, á titulo de represalias, pelo almirante inglez Warren, e para determinar

os pontos, onde se effectuárão os apresamentos, áfim de reconhecer, se tinhão sido feitos nas aguas do dominio do imperio.

Depois de tanto, Vital de Oliveira encetou e por mais de dous annos foi adiantando com escrupuloso e activo labor a obra importantissima do levantamento da carta geral da costa do Brazil, que infelizmente não poude acabar.

Os trabalhos e estudos da costa do Brazil feitos por Vital de Oliveira forão as bazes confessadas da obra do hydrographo francez *Muchez* e já devidamente apreciado na Europa o joven hydrographo brasileiro recebeu do governo de Portugal a commenda da Ordem de Christo, do da França o habito da Legião de Honra, do da Italia o da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro.

S. M. o Imperador do Brazil já o tinha despachado Official da Imperial Ordem da Roza; e promovido-o á capitão-tenente á 2 de Dezembro de 1862.

A guerra do Paraguay rebentára.

Em 1866 Vital de Oliveira parte para a França áfim de receber e trazer ao Brazil o encouraçado *Nemesis* ali construido. Elle o traz, assoberba encapelladas ondas, na altura de Pernambuco soffre horrorosa tempestade, que já desanimava, e punha em consternação seus companheiros, habil e energico manda e faz-se obedecer, salva o encouraçado, entra no porto do Rio de Janeiro, onde o almirante dos Estados da União Norte-Americana vai cumprimental-o e diz-lhe: « E' um triumpho para a navegação o ter atravessado o Atlantico em navio da construcção do *Nemesis.* »

O Imperador mudou a denominação *Nemesis* em *Silvado,* nome já heroico, e Vital de Oliveira seguio para a guerra,

commandando o *Silvado*, e a 21 de Janeiro de 1867 foi promovido á capitão de fragata por merecimento.

Doze dias depois chegou para Vital de Oliveira o da immortalidade.

A' 2 de Fevereiro de 1867, ao romper da aurora, a esquadra brasileira ordenada em tres divisões, atacou a tremenda fortaleza de *Curupaity*, e as trincheiras paraguayas, penetrando na lagôa *Pires*.

Dez vapores rompem o fogo contra *Curupaity*: um delles, o mais atrevido é o *Silvado*, e Vital de Oliveira, seu commandante, em impetos de indomavel bravura, e de patriotico orgulho, despreza o favor, o escudo da couraça, e de espada em punho, provocador do inimigo, alvo de tiros, em pé sobre a escotilha, vulto homerico, maneja enthusiasmado o gladio, e brada :—fogo !...

Aquelle heróe, assombro de intrepidez, mostrou-se ao inimigo não como valente guerreiro; mas como baluarte ameaçador: os paraguayos fizerão-lhe honra: *Curupaity* arrojou sobre elle parte de sua artilharia, e com dous projectis á um só tempo derribou o colosso.

Manoel Antonio Vital de Oliveira não cahio sobre a escotilha, cahio nos braços de irmãos de armas que á seu lado tambem affrontavão a morte.

Dous de Fevereiro de 1867 vio morrer; mas immortalisou Manoel Antonio Vital de Oliveira.

3 DE FEVEREIRO

JOÃO PEREIRA RAMOS DE AZEREDO COUTINHO

Filho primogenito de Manoel Pereira Ramos de Lemos e Faria e de sua esposa D. Helena de Andrade Souto Maior Coutinho, nasceu na fazenda de Marapicú, termo da villa do Iguassú, no Rio de Janeiro em 1722, e como seu irmão, D. Francisco de Lemos, depois de cursar as aulas dos jesuitas na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, foi para Portugal, e formou-se em leis na Universidade de Coimbra.

Seguindo a carreira da magistratura em Portugal, e distinguindo-se logo por sua intelligencia e illustração, occupou altos e importantes empregos, merecendo a maior confiança do marquez de Pombal, de quem foi intimo amigo e que o nomeou procurador da corôa, desembargador

do paço, ministro da junta do exame do estado e melhoramento temporal das ordens regulares, e chronista mór da Terre do Tombo.

Quando em 1770 o marquez de Pombal creou a junta chamada «Providencia Litteraria» para realisar a grande reforma da Universidade de Coimbra foi o desembargador João Pereira um dos membros dessa junta que se compoz de varões illustradissimos e de alta capacidade já reconhecida e provada.

Morto D. José I, e demittido o marquez de Pombal, o illustre e honrado João Pereira Ramos não o esqueceu na desgraça, e foi visital-o no seu retiro, como bom e fiel amigo: por igual e louvavel demonstração de apreço e de amizade o bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos recebeu em castigo a exoneração do cargo de reitor da Universidade; mas esse acto injusto e feio do governo de D. Maria I não desanimou o nobre e generoso irmão do bispo.

Quando aquelle governo pretendeu instaurar processo ao marquez de Pombal para arrastal-o perante os tribunaes que devião julgal-o ou antes condemnal-o pelos actos do seu ministerio de vinte e sete annos, João Pereira Ramos sahio corajoso em defesa do grande ministro, e na qualidade de procurador da corôa exaltou os serviços do marquez, e se oppôz á vingativa perseguição, que seria dezar e nodoa para o reinado de D. Maria I, como ousou dizêl-o em parecer que apresentou escripto á rainha.

Em consequencia de tão digno proceder João Pereira Ramos foi pelos novos ministros dispensado de diversas commissões de que se achava incumbido, e, como seu irmão o bispo de Coimbra, cahio no desagrado da côrte; mas

alguns annos depois por decreto de 3 *de Fevereiro de* 1789 a rainha reparou a injustiça com que o tratára, deolhe entrada no conselho dos ministros, e fêl-o em proveito do governo e do paiz rehaver toda a influencia, que tivera dantes.

João Pereira Ramos de Azeredo Coutinho morreu em Lisboa no anno de 1789.

Este illustre brasileiro gozou reputação de habil politico, e de consummado jurisconsulto: passou por grande litterato e com o bispo seu irmão foi dos collaboradores mais assiduos da Academia Real de Sciencias de Lisboa.

4 DE FEVEREIRO

FRANCISCO DE SOUZA

Nasceu Francisco de Souza na Bahia em 1628; entrou para a companhia de Jesus, e tendo adquirido grande illustração, tornou-se muito celebre como theologo profundo e habilissimo chronista.

Perpetúa ainda e muito mais que estas informações a sua memoria a obra que deixou publicada em 1710 sob o titulo: ORIENTE CONQUISTADO, na qual assignalou seu notavel talento e variada instrucção, merecendo-lhe nella o Brazil curiosas noticias, que bom e amante filho quiz dar de sua patria.

O padre Francisco de Souza falleceu em Gôa no anno de 1713.

Não ha de sua vida conhecimento de data precisa de dia, mez e anno que sirva para o registro regular de seu nome neste Annuario, e por isso fica arbitrariamente lembrado á 4 de Fevereiro.

5 DE FEVEREIRO

DIOGO ANTONIO FEIJO'

Entre os homens mais notaveis que figurárão na politica do Brazil até 1843 avulta o padre Diogo Antonio Feijó.

Nasceu elle na cidade de S. Paulo no mez de Agosto de 1784, e ahi por seu talento e applicação sevéra conseguio a limitada educação litteraria que do clero se podia obter, e em 1807 tomou ordens de presbytero, e dedicou-se á educação da mocidade, insinando latim, rhetorica e philosophia racional e moral na villa da Parahyba e em Campinas e Itú.

O padre Feijó foi logo nesses lugares objecto da veneração de todos. Era de austéra vida, de simplicidade de costumes e de maneiras, de caracter puro e exemplar de virtudes: o seu zelo no cumprimento do devêr igualava o seu

desinteresse; nas deliberações prompto e decisivo, na execução energico, inabalavel e tenaz, delle se dizia mais tarde que *era possivel quebral-o*; *mas não torcel-o*. A's estas ultimas qualidades que ás vezes tocarão aos correspondentes defeitos, ajuntava patriotismo, e coragem civica inexcediveis.

Triumphára a revolução constitucional de 1820 no reino de Portugal.

Em 1821 o padre Feijó foi um dos deputados eleitos pela provincia de S. Paulo ás côrtes de Lisboa, e seguindo para Portugal, nellas tomou assento á 11 de Fevereiro de 1822 e á 25 de Abril seguinte proferio esforçado e notavel discurso, defendendo os direitos do Brazil que a grande maioria portugueza da constituinte ameaçava.

Os deputados brazileiros lutárão debalde, e cinco d'entre elles, sendo um dos cinco o padre Feijó, retirarão-se furtivamente de Lisboa, e chegando á Falmouth publicárão á 22 de Outubro do mesmo anno de 1822 famoso manifesto em que expuzerão os motivos do seu proceder.

De volta á patria Feijó recolheu-se immediatamente á Itú.

Em principios de 1824 o imperador D. Pedro I offerecendo o projecto de constituição do imperio, chamou as camaras municipaes á pronunciarem-se sobre este. A aceitação foi quasi unanime; mas em Itú Feijó redigio emendas que a camara municipal offereceu, propondo eleição directa, abolição de condecorações e outras idéas.

A provincia de S. Paulo o elegeu deputado da primeira (1826—1829) e da seguinte legislatura ordinaria (1830 — 1833), e o padre Feijó, franco e vigoroso liberal, sentou-se nos bancos da opposição, e exerceu influencia consideravel.

Na sessão de 1827 elle, o padre de sãos e austéros costumes, propoz a *abolição do celibato clerical*: na de 1828 apresentou o projecto de reforma das municipalidades.

Em 1831 recebeu em S. Paulo a noticia dos acontecimentos de Março e Abril na capital do imperio, e emfim a da abdicação do imperador D. Pedro I.

A revolução de 7 de Abril abalára o imperio: em diversas provincias e principalmente na côrte a indisciplina dos corpos militares, o exaltamento de muitos liberaes, o furor das facções, e a fraqueza do governo privado de elementos materiaes de acção legal preoccupavão e chegavão á aterrar os espiritos.

O padre Feijó estava em seu posto na camara, quando á *4 de Julho de* 1831 foi pela regencia permanente chamado á tomar a *pasta da justiça* que era a da defeza e segurança da ordem e da tranquillidade do imperio. Procurarão em Feijó o patriotismo, a energia, a coragem impassivel no perigo, a vontade de ferro, e a acção prompta, decisiva, e incapaz de hesitação.

O padre Feijó obedeceu ao dever e subio ao governo.

A sociedade fixou nelle os olhos, e ainda á tremer esperou....

O padre ministro da justiça dissolveu os corpos militares indisciplinados e em horrivel phrenesi; suffocou á 7 de Outubro a revolta da Ilha das Cobras, creou a 10 do mesmo mez o corpo de municipaes permanentes; em 1832 suffocou a revolta dos *exaltados* á 3 e esmagou a dos restauradores á 17 de Abril.

Na sessão legislativa de 1832 apresentou franco, sevéro,

e vehemente relatorio : acabando de lel-o á camara, um deputado que junto delle se collocára, perguntou-lhe :

— V Ex. tem quarenta mil homens para sustentar as idéas do seu relatorio ?....

Feijó respondeu immediatamente :

— Não ; mas tenho quatro mil guardas nacionaes.

Sem docilidade para contemporisar, homem do *sim* ou do *não*, exigente de plenissima confiança, tendo cahido no senado a suspensão do tutor José Bonifacio, o padre Feijó, deu sua demissão de ministro da justiça á 26 de Julho.

Este acto do padre Feijó teria sido premeditado de accordo com o club conspirador do golpe de Estado de 30 de Julho, que quatro dias depois se propoz e falhou ?.... não poucos assim julgarão ; mas não parece verosimil. Feijó nunca dissimulou seus intentos, era incapaz de conspirar á sombra, e ficaria no governo para propôr sob sua responsabilidade de ministro, os mais audaciosos e violentos projectos, se em sua consciencia os considerasse necessarios para salvação da patria.

Em um anno e vinte e dous dias de ministerio elle deixára escripto a brilhante epopéa de sua vida politica. Objecto de odio profundo, e de infames calumnias da imprensa dos partidos em delirio, e das facções esmagadas mas em vingativa furia, não houve aleive, nem insolentes e atrozes invectivas de que escapasse o honestissimo homem, padre austéro, e eximio patriota, que soube e poude salvar a ordem, a integridade, e a monarchia do Brazil.

Em seu ministerio de 1831 á 1832 teve Feijó a sua pyramide mais gloriosa, e é de direito recordar em sua vida illustre o dia 4 de Julho em que aceitou a pasta da justiça.

Eleito em lista triplice pela provincia do Rio de Janeiro e escolhido senador á 5 de Fevereiro de 1833, e annullada essa eleição pelo senado, foi de novo incluido na lista, e de novo nomeado senador no mesmo anno, e tomou assento na camara vitalicia á 15 de Julho de 1833.

No anno seguinte, posto em execução o Acto Addicional, os eleitores do imperio elevárão o ministro da justiça de 1831 á 1832 no cargo supremo de regente do Brazil.

O padre Feijó prestou no senado juramento como regente á 12 de Outubro de 1835: mas um dia antes havia sido eleito bispo de Marianna, missão e honra que ou por modestia, ou politicamente bem inspirado não aceitou.

Elevado ao maior gráo da grandeza á que podia tocar o cidadão brazileiro, o regente Feijó proclamou em breve programma de idéas sãs, e patrioticas.

Mas D. Pedro I, o almejado dos restauradores, que obrigava a união estreita do partido liberal dominante, morrera em Setembro de 1834 ; na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul rebentára terrivel e ameaçadora rebellião, e logo depois Bernardo Pereira de Vasconcellos, o grande estadista previsor, e aproveitador das reacções naturaes de idéas politicas, desertando das bandeiras liberaes, proclamou o *regresso*, e em opposição chamou á seu commando os vencidos de 7 de Abril, os desgostosos do periodo subsequente, e formou, e disciplinou o *partido conservador*, e fez habilissima guerra á regencia, ou aos ministerios do regente Feijó.

O combate no parlamento e na imprensa durou perto de dous annos. O padre Feijó não sabia transigir : não quiz governar com o partido conservador, e contrariado e viva-

mente combatido por numerosa e habilissima opposição parlamentar de subito, com resolução immediatamente levada á effeito, resignou a regencia do imperio á 18 de Setembro de 1837, e entregou o governo á seus adversarios politicos.

O *Manifesto aos Brazileiros* que então publicou é documento historico da maior importancia, e de grande elevação de sentimentos.

Demittindo-se de regente o padre Feijó teve apenas meios muito escassos para as despezas de sua viagem de retirada para sua provincia !....

Na regencia elle conservára todos os habitos de seu viver simples e modesto ; mas o seu subsidio de vinte contos de réis annuaes passava em grande parte para as mãos dos pobres.

Recolhido á S. Paulo, desgostoso e doente não compareceu á sessão do senado em 1838 ; mas deu nesse anno bello exemplo de humildade christã.

Em 1828 sustentando as idéas que formulára em projecto em 1827, publicára o padre Feijó um opusculo intitulado : « *Demonstração da necessidade da abolição do celibato clerical pela assembléa geral do Brasil, e da sua verdadeira e legitima competencia nesta materia. Pelo deputado Diogo Antonio Feijó.* »

No anno de 1838 fez pela imprensa em S. Paulo a declaração de que *revogava* e se *desdizia de tudo* quanto nos seus discursos na camara dos deputados, e em seus escriptos pudesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica, ou á pessoa alguma, accrescentando que tal declaração era espontanea e filha unicamente do receio de haver errado, apezar de suas boas intenções.

Em S. Paulo escreveu elle ainda o periodico politico.— *O Justiceiro.*

O padre Feijó abatido de forças, prostrado pela enfermidade, velho quasi sexagenario, e ainda mais velho parecendo pela ruina da saude e pelos estragos do tempo, estava em Campinas, quando em 1842 ouvido o ruido da revolta que em nome dos principios liberaes rebentara em Sorocaba, o alquebrado veterano, o invalido liberal fez-se conduzir á Sorocaba, tomou sobre si a responsabilidade principal do movimento revolucionario e ali foi preso, e, por ordem do governo, conduzido á cidade de Santos, lançado sem saber para onde o levavão, em um vapor de guerra que o conduzio para o Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro para a cidade da Victoria, capital da provincia do Espirito-Santo em Julho de 1842. Ahi ficou elle até o mez de Dezembro, em que lhe permittirão seguir para a capital do imperio e tomar sua cadeira no senado, no qual o esperava o processo, como cabeça de rebellião.

Explicando o seu proceder em exposição que apresentou ao senado, Feijó foi ainda o homem franco e energico dos outros tempos.

Essa exposição foi o ultimo acto de sua vida politica.

O padre Diogo Antonio Feijó morreu na cidade de S. Paulo á 10 de Novembro de 1843.

Tendo occupado tão altas posições acabou em grande pobreza.

O decreto imperial de 15 de Junho de 1841 concedera-lhe a pensão de quatro contos de réis annuaes.

O padre Diogo Antonio Feijó foi prototypo de virtudes em sua vida particular; no governo incorreo em

erros politicos devidos á seu caracter indomavel, regidissimo, incapaz de concessões aos adversarios; mas de 1831 á 1832 foi o ministro que salvou a ordem, e a monarchia, e em todos os tempos o exemplar da firmeza, do desinteresse pessoal, da honra, e do patriotismo mais ecrysolado. Homens como o padre Feijó são raros.

6 DE FEVEREIRO

PEDRO DE ALBUQUERQUE

Em 1644 morre neste dia na cidade de Nossa Senhora de Belém Pedro de Albuquerque, governador e capitão-general do Estado do Maranhão e Grão Pará.

Era elle natural de Pernambuco, e um dos filhos de Jeronymo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatario dessa capitania.

Pedro de Albuquerque esclareceu e glorificou sua vida com um desses feitos em que resplende inexcedivel heroicidade.

Ardia desde 1630 a guerra da invasão hollandeza: Domingos Fernandes Calabar, desertando das bandeiras da patria levára para o campo inimigo a fortuna das armas.

Calabar dirige em Novembro de 1632 numerosa força de

hollandezes á desembarcar em sitio que determina entre os rios Formoso e Serinhaem, e enceta hostilidades que muito prejudicão aos pernambucanos, retirando-se á tempo e á salvo depois de saquear e destruir engenhos.

O general Mathias de Albuquerque manda então construir pequeno reducto sobre o rio Formoso com duas peças de calibre 4 e 6, deixa por guarnição vinte homens sendo um delles artilheiro, e por commandante Pedro de Albuquerque, o qual tinha sido capitão das milicias da parochia de villa Formosa.

No anno seguinte o major Schkoppe sahe á frente de quinhentos homens do porto do Recife á 4 de Fevereiro, á 6 fundeia a esquadrilha tres milhas ao sul da barra do Rio Formoso, desembarca metade da força em lugar escolhido por Calabar para que, emquanto os lanchões atacassem o reducto, fosse este tambem e ao mesmo tempo atacado por terra.

Ao romper da aurora do dia 7 de Fevereiro começa o fogo pela frente e pela retaguarda contra o acanhado e fraco reducto do Rio Formoso; mas Pedro de Albuquerque com os seus vinte homens resiste embravecido e jura não render-se: suas duas peças respondem ao fogo inimigo, e quatro assaltos successivos são estupendamente repellidos com perda dos atacantes.

Netscher, historiador hollandez, escreveu as seguintes dignas e generosas palavras:

« Jámais houve soldados que cumprissem melhor o seu dever, do que este punhado de bravos. »

Mas á cada assalto e ao fogo dos lanchões reduzia-se o numero dos defensores do reducto, e emfim en-

trarão nelle os hollandezes sem opposição: o que acharão e virão, assombrou-os: dezenove cadaveres jazião por terra, e no meio delles estendido e semi-morto o capitão Pedro de Albuquerque com duas feridas de espada, uma de bala de fuzil e uma chuçada:

Dos vinte e um Jeronymo de Albuquerque, parente do capitão, ao vêr-se unico em pé, e já com tres feridas, escapou, lançando-se á nado para não ficar prisioneiro.

Os hollandezes commovidos, admirados, de tanto heroismo, multiplicaram cuidados para chamar á vida Pedro de Albuquerque, e levando-o para o Recife exultarão, conseguindo no fim do mais zeloso tratamento vêl-o arrancado á morte, e o mandárão soltar nas Indias sob a palavra de não tomar armas contra a Hollanda.

Pedro de Albuquerque passou para a Hespanha e d'ali para Portugal: em 1642 foi nomeado governador e capitão-general do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, onde morreu de enfermidades resultantes dos graves ferimentos que recebêra na heroica defeza do reducto do Rio Formoso, cuja tomada custára aos hollandezes oitenta mortos além dos feridos.

7 DE FEVEREIRO

D. ROMUALDO DE SOUZA COELHO

O homem que é elevado ás maiores grandezas aos vôos de sua intelligencia illustrada e pelo encanto de preclaras virtudes fica na historia como exemplo e pharol.

Romualdo de Souza Coelho filho do lavrador Alberto de Souza Coelho e de D. Maria de Gusmão, ambos paraenses, nasceu á 7 de Fevereiro de 1762 na villa hoje cidade de Cametá, na provincia do Grão Pará, e ali mesmo recebeu a instrucção primaria, e completou o estudo do latim. Frei Angelo, religioso de Nossa Senhora das Mercês e Redempção dos captivos, apreciou tanto a intelligencia e o caracter do menino, que o levou para o seu convento da cidade.

Romualdo de Souza dedicou-se ao sacerdocio, e rece-

beu ordens de presbytero em 1785, sendo já notavel por sua instrucção e austeridade de costumes: no anno seguinte era vigario interino de S. José do rio Araxá, em 1789 lente de latim do Seminario, em 1794 secretario do novo bispo D. Manoel de Almeida de Carvalho, seu thezoureiro dos Pontificaes e vice-reitor do seminario: examinador synodal, lente de theologia; e além de mais, Arcipreste da cathedral em 1805.

E tudo isso elle foi sem aspirar, nem pedir: seu unico empenho na vida tinha sido ser padre; o mais lhe viéra; porque sabia ser padre.

Na capital do Pará elle unico ignorava que era modelo de virtudes, e já fonte riquissima de sciencia. O bispo D. Manoel de Almeida muitas vezes o chamava á conferencias scientificas.

Em 1817 o mesmo bispo mandou Romualdo de Souza Coelho ao Rio de Janeiro para comprimentar D. João VI que succedêra no throno á rainha D. Maria I, e saudal-o em seu nome, no do cabido, do clero, e dos diocesanos do Pará: ao despedil-o, disse-lhe: «vá; quero que o conheçam; porque ha de ser o meu successor no bispado.»

A prophecia realisou-se quasi logo: D. Manoel de Almeida falleceu á 30 de Junho de 1818: D. Romualdo de Souza Coelho era bispo do Pará em 1819.

Foi bispo, como tinha sido simples padre, humilde, zeloso, beneficente, exemplar de virtudes e sabio. Ninguem teve mais numerosa familia; todos os pobres erão seus filhos: ninguem se lembrava menos de si, e ninguem era tão abençoado como elle.

O seminario e instituições pias erão seus doces amores na terra.

Foi eleito deputado pelo Grão Pará ás côrtes de Lisboa e em 1823 de volta á cidade de Belém o nomeárão presidente da Junta-Provisoria-Governativa : o bispo aceitou o cargo para empenhar-se com ardôr em manter a ordem, impedir conflictos, e aconselhar conciliação até que a provincia escapou á influencia e oppressão da tropa luzitana, e acclamou a independencia, e D. Pedro I Imperador do Brazil.

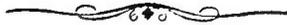
Velho já e cançado pela vida de estudos, que illumina a intelligencia, mas abate o corpo desprezado, D. Romualdo de Souza Coelho visitou em longas e incommodas viagens grande numero de parochias e de capellas do seu bispado, fazendo ouvir por toda parte sua palavra apostolica.

Adoeceu fatalmente pouco antes da revolta de 1835 no Pará: a anarchia, o furor das facções, o horror do sangue, o arrancárão quasi já cadaver de seu leito de moribundo: levado nos braços de dous padres D. Romualdo de Souza foi duas vezes expôr-se aos desatinos dos revoltosos que tinhão já chegado á ousar os maiores attentados e fallou-lhes em nome de Deus e da patria, aconselhando ordem e obediencia, e promettendo exorar amnistia.

O velho bispo nada conseguio, e recolheu-se para padecer em leito de agonisante de todos os dias, cinco annos de martyrisada vida até que expirou á 15 de Fevereiro de 1841.

Sua sepultura recebeu apenas um corpo de pelle e ossos.

São numerosas as obras impressas de D. Romualdo de Souza Coelho: duas explicão os acontecimentos de 1823, em que elle tomára parte: as outras são Cathecismos, Dissertações, Discursos, Orações e Pastoraes de abonado merecimento.

D. Romualdo de Souza Coelho foi principe da igreja, que sahio como os apostolos de Jesus Christo, do seio pobre e humilde do povo.

8 DE FEVEREIRO

EMILIANO FAUSTINO LINS

O empregado mesmo de uma cathegoria superior da repartição ainda a mais importante, aquelle que em um ou em outro ramo da administração publica se consagra ao paiz, vive uma vida inteira de trabalho e dedicação, aperfeiçoando o systema de contabilidade, facilitando a resolução de mil questões, solvendo as duvidas que embaração o expediente, destruindo os obstaculos que podem os ministros encontrar em sua marcha, regularisando a machina administrativa, dirigindo os subalternos que o devem auxiliar, e preparando emfim a estrada do progresso; é portanto um benemerito como o guerreiro da patria ou o campeão do parlamento; e todavia lá fica longos annos quasi ignorado e occulto entre os livros e as pastas na sala da repartição a que pertence; esse não tem o incentivo das ovações populares para progredir ufanoso, e no entanto progride, e vai modesta e

placidamente concorrendo para a prosperidade do Estado; como o arroyo tenue e sem nome que corre mansamente no valle fertilisando as terras onde serpeja.

Um dos mais bellos typos do empregado publico, foi o conselheiro Emiliano Faustino Lins.

Emiliano Faustino Lins, filho legitimo de Ignacio José Lins e de D. Anna Innocencia da Silva, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 8 de Fevereiro de 1791.

Recebeu a sua educação litteraria no antigo seminario de S. Joaquim, onde aprendeu as linguas latina e franceza, e fez o seu curso de philosophia sempre com aproveitamento; deixando o seminario, matriculou-se na aula do commercio, e ahi mereceu ser considerado como um dos primeiros estudantes; aproveitando o tempo que lhe sobrava, em vez de perdêl-o em vãos passatempos, applicou-se ao estudo da lingua ingleza.

Encetou a carreira de empregado publico entrando para a junta da fazenda na qualidade de praticante, e taes provas deu de intelligencia e de zelo que, sem a magia do patronato, que ás vezes levanta a incapacidade, como em suas azas o vento eleva a folha secca que rolava no pó, conseguio ir gradualmente subindo em cathegoria, até que em 18 de Novembro de 1819 foi nomeado 2º escripturario do thesouro nacional.

Em Dezembro de 1827 a reputação de Emiliano Faustino Lins já se achava tão solidamente estabelecida, que lhe valeu ser escolhido para uma commissão de alta importancia, qual a de regularisar a junta de fazenda da provincia da Bahia, e tal se mostrou no desempenho de tão ardua tarefa, que, de volta ao Rio de Janeiro, foi condecorado primeiramente com o habito de Christo, depois com o do Cruzeiro,

e elevado de 2° a 1° escripturario do thesouro nacional, que então passava pela reforma autorisada pela lei de 4 de Outubro de 1831.

Aos 22 de Dezembro de 1840 foi Emiliano Faustino Lins nomeado official-maior da contadoria geral de revisão do thesouro nacional, e por decreto de 21 de Fevereiro de 1844 contador geral, dignando-se S. M. o Imperador de conferir-lhe a carta de conselho, e de agracial-o com a commenda de Christo,

Gozando sempre da mais plena confiança de seus chefes, e dos ministros com quem servio, respeitado por todos os seus collegas, amado por quantos o conhecerão, exemplo da mais immaculada probidade, e do zelo intelligente o mais vigilante e severo, o conselheiro Emiliano Faustino Lins, depois de quarenta annos de relevantes serviços, cansado e valetudinario, obteve a sua aposentadoria no lugar de contador geral aos 2 de Dezembro de 1850, sete annos antes da sua morte, que teve lugar á 18 de Outubro de 1857.

Do Instituto Historico e Geographico Brazileiro foi esse preclaro varão um dos socios fundadores, e durante muitos annos o servio no lugar de seu thesoureiro, e como membro infallivel de sua commissão de contas.

Intelligencia, zelo, probidade severa, dedicação, patriotismo, perfeita cortesia e amabilidade fizerão de Emiliano Faustino Lins o modelo do empregado publico.

9 DE FEVEREIRO

DIOGO GOMES CARNEIRO

Em seus apontamentos manuscriptos doados ao Instituto Historico do Brazil informa Balthazar da Silva Lisboa que Diogo Gomes Carneiro nascera no Rio de Janeiro em 9 de Fevereiro de 1628: está averiguado e ninguem contesta, que o Rio de Janeiro fosse o berço natal de Diogo Gomes; mas a data do seu nascimento era por todos ignorada: Balthazar da Silva Lisboa não fundamenta a sua informação, que reproduzida aqui e aceita com estas explicações, será força tambem concluir, que esse notavel brazileiro morreu, contando apenas quarenta e oito annos de idade.

Da vida de Diogo Gomes Carneiro na terra natal nada ao certo se sabe: naturalmente educou-se em Portugal, onde se tornou distincto por sua intelligencia e notaveis estudos.

Nem de outra sorte este *brazileiro* teria sido secretario

do marquez de Aguiar e depois nomeado pelo rei chronista geral do Brazil com a pensão annual de trezentos mil reis.

Esta nomeação indica ainda que Diogo Gomes occupava-se muito das cousas do Brazil, sua patria.

Falleceu Diogo Gomes Carneiro em Lisboa em 26 de Fevereiro de 1676.

Deixou as seguintes obras:

Oração apodixica aos scismaticos da patria.

Historia da guerra dos Tartaros, em que se refere como invadirão o imperio da China, etc.—Traducção do latim.

Primeira parte da Historia do capuchinho Escocez: traduzida do toscano.

Instrucção para bem crer, bem obrar, e bem pedir em cinco tratados: traduzida do castelhano.

10 DE FEVEREIRO

FREI FRANCISCO SOLANO

Filho legitimo de Jorge Antonio Leite Mendonça, natural da freguezia depois villa de S. João de Itaborahy, então pertencente ao municipio de Santo Antonio de Sá, capitania do Rio de Janeiro, Francisco Solano nasceu á 10 de Fevereiro de 1743 ou naquella parochia ou na villa de Macacú (a mesma da villa de Santo Antonio de Sá hoje extincta), começou á estudar no convento que alli tinhão os Franciscanos, passando logo depois para o de Santo Antonio na cidade do Rio de Janeiro e nelle professou e instruiose notavelmente.

Em 1814 depois de occupar os maiores cargos da ordem, chegou á ser provincial, tendo por secretario o famoso frei Sampaio.

Com extraordinaria disposição para as bellas artes; mas não tendo eschola no Brazil, d'onde nunca sahio, frei Solano não poude ser grande mestre, mostrou-se porém tão habil quanto lhe era possivel em trabalhos de esculptura, de desenho, e de pintura.

O convento de Santo Antonio ainda conserva alguns quadros de santos, e diversos espaldares, obras de frei Solano, e duas jarras de páo, das quaes ficou a tradição.

Para as festas de Santo Antonio emprestava um devoto duas ricas e bellas jarras de porcellana da India, até que em um anno os frades não lh'as pedirão, como costumavão fazer.

O devoto foi á festa, vio as *suas jarras*, ornando o altar, e sorprehendido e confuso, acabada a solemnidade, interrogou ao sachristão, o qual a rir lhe mostrou as *jarras de páo*, que elle tomava pelas suas de porcellana da India.

Quando no fim do seculo passado o grande frei Vellozo, outro Franciscano, trabalhava na sua *Flora Brazileira*, frei Solano foi o artista auxiliar, que muito o ajudou.

Frei Vellozo não sabia desenhar, pedio um ajudante desenhador e o vice-rei Luiz de Vasconcellos lh'o deu em frei Solano, que se tornou inseparavel companheiro daquelle sabio, seguio-o em suas excursões pelas florestas, e são delle os desenhos de todas as plantas que se encontrão na *Flora Brazileira*.

11 DE FEVEREIRO

JERONYMO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

Neste dia do anno de 1618 abrio-se na cidade de S. Luiz do Maranhão a sepultura que recebeu os restos mortaes do heróe brasileiro Jeronymo de Albuquerque Maranhão.

Fructo de illegitima união, filho de Jeronymo de Albuquerque, parente de Affonso de Albuquerque—o *terrivel* de Camões, e cunhado do primeiro donatario de Pernambuco Duarte Coelho, e de uma india que se chamou no baptismo Maria do Espirito Santo, filha de *Arco-Verde, morubixaba* ou chefe de uma horda aldeada nas proximidades de Olinda, nasceu em 1548 o illustre e famoso brasileiro.

Com os jesuitas aprendeu á lêr, á escrever, e á fallar

bem o portuguez, o que foi toda a sua instrucção litteraria; mas soube não esquecer a lingua *tupi*, ou india que fôra a da sua primeira infancia.

Muito verde ainda e já habituado ao exercicio das armas, acompanhava seu pae, ou a *Arco Verde*, seu avô, em campanhas contra os indios inimigos do lado de Iguarassú, e contava vinte annos, quando tomou parte nas ultimas pelejas que assegurárão a conquista da Parahyba, dellas sahindo com reputação gloriosa.

Bravo, indomito, e soberbo era pelo nome de seu pae muito respeitado pelos portuguezes, e pelo de seu avô materno objecto prestigioso do amor e do orgulho dos indios amigos, estendendo-se sua fama, e o temor do seu braço pelas *tabas* ou aldêas dos selvagens ainda não submettidos.

O mameluco Jeronymo de Albuquerque foi logo de 1598 á 1599 o verdadeiro conquistador do Rio Grande (do Norte) e da nascente colonia nomeado capitão. Os chefes selvagens *Itapuanguassú*, *Sorobabé*, e *Uiratining* ou Pão-secco sujeitarão-se ao neto de Arco Verde, e experimentarão sua lealdade e protecção.

O valente e benemerito mameluco foi declarado ou feito *fidalgo da casa real*.

Elle tinha duas fidalguias, a que lhe provinha de seu pae, á que sem duvida devêra com os serviços prestados áquella elevada graça, e a de neto do valente *Arco Verde*, de quem se mostrava digno, e que com a fama de sua bravura e da ostentação de sua procedencia india, lhe dava extraordinaria influencia sobre os selvagens, do que elle proprio se jactava orgulhosamente.

Em 1613, mandado ao Ceará, elle funda na bahia de *Jurará-codra* ou das *Tartarugas* uma povoação, cuja igreja recebe a invocação de *Nossa Senhora do Rozario;* sabendo porém, que forte expedição de francezes estabelecêra colonia na ilha do Maranhão, encarrega o seu companheiro Martim Soares Moreno de ir por mar observal-a e colher informações, e volta á Pernambuco no empenho de pedir reforços e munições, e, chegando, já ali encontra urgentes ordens da côrte para a expulsão dos francezes da grande ilha occupada, e á 17 de Junho de 1614 recebe a nomeação de—capitão da conquista e descobrimento das terras do Maranhão—e parte embora com insufficientes forças para a maior e mais gloriosa das suas campanhas.

A historia, ainda mesmo abreviada da conquista do Maranhão, occuparia dezenas de paginas e não cabe aqui.

Depois de grandes contrariedades Jeronymo de Albuquerque consegue emfim entrar pela bahia do Maranhão e ir desembarcar no sitio chamado Guaxemduba.

Os francezes fundadores da colonia de S. Luiz, cujo nome foi conservado pela cidade capital da provincia do Maranhão tinhão por chefe *Ravardiere,* no mar dobrada, na ilha triplicada força em comparação da que dispunha Jeronymo de Albuquerque, e sem contar a desproporção enorme dos indios que dessa vez falharão aos calculos um pouco vaidosos do heróe mameluco.

Ravardiere embarca força relativamente poderosa e esmagadora, e lança a maior parte della em frente á Quaxemduba, mandando intimar Jeronymo de Albuquerque

á render-se: este em resposta se arroja contra o inimigo sem lhe importar a superioridade do numero, derrota-o, os indios fogem espavoridos, os francezes desembarcados são mortos, ou ficão prisioneiros, e, com a baixa da maré em praia muito raza, Ravardiere assiste de longe a completa ruina dos seus sem poder soccorrêl-os.

Raio da guerra, Jeronymo de Albuquerque acabava de alcançar quasi milagrosa victoria.

Em breve Ravardiere ainda superior em força combatente achou-se limitado á occupação da sua nascente povoação e dos fortes de S. Luiz, tendo assignado um armisticio até o fim do anno seguinte, emquanto dous fidalgos, um portuguez e outro francez, irião ás respectivas côrtes expôr o caso e dellas esperar a resolução final da guerra que se tinha travado.

Jeronymo de Albuquerque com recursos mesquinhos, privado de communicações com Pernambuco, que navios francezes estorvavão, á prever falta de munições e de abastecimentos, e tendo diante de si inimigo mais numeroso, e já fortificado na ilha, ajustou armisticio desprestigiador dos francezes que se encerrarão dentro de suas fortificações de S. Luiz, e que offerecia e dava á metropole tempo bastante para vencer, e expulsar o inimigo estrangeiro invasor da ilha do Maranhão.

O heróe fizera tanto quanto era licito imaginar e exigir de um general sem exercito; o armisticio porém foi reprovado pelo governo da metropole, que não soubera dar soldados e que abandonára quasi ao acaso o heróe mameluco, neto de Arco Verde.

Alexandre de Moura veio de Lisboa com potente reforço

ultimar a expulsão dos francezes do Maranhão; ali porém chegando, e resolvendo atacal-os em seus fortes, ainda confiou o commando da acção bellicosa ao denodado e bravissimo Jeronymo de Albuquerque.

Ravardiere dobrou-se vencido, e retirou-se expulso com os seus expedicionarios.

Alexandre de Moura nomeou capitão-mór do Maranhão a Jeronymo de Albuquerque; este porém em sua consciencia o vencedor, o victorioso, o conquistador agraciou-se por si proprio, deu-se titulo decretado por justo orgulho, ajuntou ao seu nome de baptismo, e ao de seu pae, o pronome de sua maior gloria—*Maranhão*—e chamou-se d'ahi em diante Joronymo de Albuquerque *Maranhão*, e deixou á seus descendentes os nobres nomes de familia—Albuquerque Maranhão—*Albuquerque*, ufania de portuguezes, *Maranhão*, ufania de brasileiros.

Jeronymo de Albuquerque Maranhão, dignissimo parente de Affonso de Albuquerque, o heróe da Azia, e neto do murubixaba *Arco Verde*, o mameluco duplamente fidalgo, morreu, como ficou dito, á 11 de Fevereiro de 1618, aos setenta annos de idade, deixando tres filhos, todos fidalgos da casa real, e illustres por seus serviços.

Jeronymo de Albuquerque Maranhão é vulto homerico na historia do Brazil.

12 DE FEVEREIRO

PEDRO DE ALCANTARA BELLEGARDE

Em Novembro de 1807 as aguias conquistadoras de Napoleão, invadindo Portugal, tinhão obrigado a imigração da familia real portugueza para o Brazil: a náo *Principe Real* que conduzia o principe regente depois rei D. João VI, e seu filho D. Pedro que havia de ser 15 annos mais tarde fundador do novo imperio, trazia por commandante de um destacamento de artilharia o capitão Candido Norberto Jorge de Bellegarde, á quem acompanhava sua digna esposa D. Maria Antonia de Niemeyer Bellegarde apezar do melindrozo estado em que se achava, e que pelas commoções violentas de terrivel tempestade deu á luz precocemente á 3 de Dezembro á um menino que levado á pia baptismal pelo

principe D. Pedro, recebeu os dous primeiros nomes de seu padrinho, chamando-se Pedro de Alcantara Bellegarde.

Tendo em 1810 morrido no Rio de Janeiro o já então major Candido Norberto, o principe D. Pedro mandou no anno seguinte assentar praça de cadete de artilharia, com vencimento de tempo de serviço e soldo, não só ao menino Bellegarde, seu afilhado, como ao irmão deste Henrique Luiz de Niemeyer Bellegarde já lembrado no artigo de 21 de Janeiro.

Pedro de Alcantara Bellegarde matriculou-se com treze annos de idade na escola militar, em cujo curso que era de sete annos, foi em cinco premiado.

A lei estabelecia então os concursos para as promoções de artilharia, e Pedro Bellegarde conquistou assim em 1823 o posto de segundo tenente, em 1826 o de primeiro tenente, e no anno seguinte o de capitão.

Ainda estudava na escola militar, quando servio em suas primeiras commissões de engenharia com habilissimos chefes.

Passando para o corpo de engenharia e sendo em 1828 promovido á major, partio para Campos de Goytacazes, onde por mais de dous annos occupou-se em trabalhos de engenharia.

Em 1832 (e já seu padrinho não era imperador do Brazil) foi um dos seis candidatos que se apresentarão em concurso para tres lugares vagos de substitutos da escola militar, e o unico proposto ao governo que aliás só em 1834 o nomeou; mas passando quasi logo á lente proprietario leccionou com proficiencia em quasi todas

as cadeiras até que em 1853 pedio e obteve a sua jubilação.

Em 1836 concorreu notavelmente para a fundação e foi director e lente da escola de architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro, e preparou e publicou compendios para ella.

Ao mesmo tempo com seu tio o coronel Conrado Jacob de Niemeyer apresentou á assembléa geral legislativa o plano para arrazamento do monte do Castello da capital do imperio.

Em 1841, acudindo á convite do governo provincial de Pernambuco, partio com o coronel Conrado para aquella provincia e em dous mezes entregarão plano completo para o encanamento das aguas potaveis do Recife, obra que se realisou com applauso merecido.

Além de encarregado de outras commissões que soube desempenhar, teve em 1852 a nomeação de director do arsenal de guerra da côrte, quando no parlamento se denunciavão abuzos graves ali observados.

Com seu tio e companheiro de trabalho levantou a carta topographica da provincia do Rio de Janeiro.

Antes porém destes trabalhos tinha elle passado quatro annos fóra do imperio á servi-lo dedicadamente. Em 1848 o patriotismo o obrigou a acceitar a nomeação de encarregado de negocios do Brazil no Paraguay, e conseguio celebrar tratado de alliança que facilitou o desenvolvimento da politica do imperio no Rio da Prata.

Em 1853 Pedro de Alcantara Bellegarde é encarregado da pasta da guerra no gabinete de que foi presidente o marquez de Paraná, e no fim de dous annos sahe do

ministerio, tendo nelle completado com o batalhão de engenheiros a organisação do quadro do exercito, e creado a escola de applicação.

Por morte do barão de Caçapava foi nomeado chefe da commissão de limites do imperio com o Estado Oriental.

Em 1863 entra logo depois da dissolução da camara para o ministerio de que era presidente o marquez de Olinda, tomando a pasta da agricultura, commercio e obras publicas; é eleito deputado á assembléa geral; mas no fim de oito mezes o gabinete se retira á 15 de Janeiro de 1864.

Vinte e oito dias depois, *a 12 de Fevereiro* Pedro de Alcantara Bellegarde dormio o somno da morte.

Além de tantos serviços, e nem todos mencionados cumpre lembrar que elle foi um dos socios fundadores do Instituto Historico Geographico do Brazil.

Pedro de Alcantara Bellegarde, marechal de campo, era do conselho de S. M. o Imperador, veador de S. M. a Imperatriz, commendador da ordem de Aviz, doutor em sciencias mathematicas, lente jubilado da escola militar, vogal do supremo conselho militar e de justiça, membro de muitas sociedades scientificas e litterarias, e sobre tudo isso—era um homem de bem.

Em sua vida publicou as seguintes obras e trabalhos:

Compendio de mathematicas elementares.

Compendio de topographia para uso da eschola de Architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro.

Noções de Geometria Discriptiva para uso dessa mesma eschola.

Compendio de mechanica elementar e applicada.

Noções elementares de direito das gentes para uso dos alumnos da eschola militar.

Noções e novas taboas de balistica pratica.

Instrucções para as medições stereometricas e acrometricas mandadas observar nas alfandegas do imperio em Outubro de 1835.

Compendio de architectura civil e hydraulica.

Limites ao sul do imperio com o estado Oriental do Uruguay em exposição official ao governo.

13 DE FEVEREIRO

ANTONIO DE PADUA FLEURY

Filho legitimo de João Fleury Coelho, e de D. Rosa Maria de Lima Camargo, nasceu Antonio de Padua Fleury aos 8 de Dezembro de 1795 na villa de Santa Cruz, provincia de Goyaz.

Em sua mocidade servio na segunda linha do exercito, sendo successivamente promovido até o posto de tenente de uma das companhias de cavallaria. Em 1822 respondeu ao brado heroico da independencia com o enthusiasmo de um coração patriota, e então contribuio com um donativo espontaneo para o augmento das forças da marinha de guerra nacional.

Na cidade de Cuyabá, para onde passou a estabelecer-se como negociante, foi considerado pelos seus concidadãos que o elevarão a todos os cargos de eleição popular. Durante dous annos teve assento no conselho da presidencia da provincia de Matto-Grosso, e quatro annos foi membro do conselho provincial, a que tambem presidio. Em Goyaz, para onde transferio a sua residencia, servio em diversas legislaturas na assembléa provincial, que por vezes o escolheu para seu presidente. Em 1836 ainda os seus comprovincianos lhe derão uma alta prova de confiança, contemplando-o em uma lista triplice de senador; na penultima legislatura da assembléa geral o enviarão á camara temporaria como seu representante.

Estas eloquentes demonstrações de consideração e de sympathia do povo não podião carecer de fundamento. O benemerito cidadão tinha a ellas indisputavel direito.

Em Cuyabá, como na capital da provincia de Goyaz, onde foi habitar depois, Antonio de Padua Fleury soube sempre dedicar-se ao bem e ao progresso do paiz. Em 1838 foi nomeado coronel chefe de legião da guarda nacional da cidade de Goyaz, e mostrou-se digno desse honroso e elevado posto: foi incluido na lista dos vice-presidentes da sua provincia desde a promulgação do acto addicional por escolha da assembléa respectiva, e de 1846 em diante por cartas imperiaes, que assim altamente o distinguirão e como vice-presidente administrou a provincia por mais de um anno, de 13 de Fevereiro de 1848 a Junho de 1849 com applauso e contentamento geral, fundando nessa época a aldêa *Pedro Affonso*, centro civilisador de algumas hordas de selvagens.

Em 1825, 1831, e 1842 abrio-se a bolsa deste cidadão patriota para auxiliar o serviço do Estado em despezas tanto geraes, como provinciaes.

Em 1837, e 1851 emprestou dinheiros á fazenda publica por tempo illimitado e sem juro algum.

Padua Fleury contribuio generosamente para grande melhoramento, a illuminação da capital da provincia, e para a primeira typographia que nella se fundou ; constantemente empenhou-se em acoroçoar a navegação do Araguaya, fonte de progresso e de riquezas, que hade em breve futuro avultar, assegurando vantagens immensas.

Antonio de Padua Fleury falleceu em Goyaz no anno de 1860 coberto de benções dos seus comprovincianos, que lembrão com justa gratidão o seu nome.

14 DE FEVEREIRO

MANOEL JACINTHO NOGUEIRA DA GAMA

MARQUEZ DE BAEPENDY

A dissolução da constituinte brazileira á 12 de Novembro de 1823 arredou do imperador D. Pedro I o partido liberal, e foi a origem dessa opposição inflexivel que só acabou á 7 de Abril de 1831.

Inflammadas as paixões politicas o governo do imperador via republicanos em quasi todos os liberaes, e estes accusavão de reaccionarios e absolutistas os ministros e os amigos do imperador.

Entre os estadistas mais dedicados á D. Pedro I soffreu muito por isso Manoel Jacintho Nogueira da Gama, marquez de Baependy.

Na cidade de S. João d'El-Rei, em Minas-Geraes, nascera este illustre brazileiro á 8 de Setembro de 1765, filho legitimo de Nicoláu Antonio Nogueira, e de D. Joaquina de Almeida e Gama.

Oriundo de antiga e distincta familia, ainda na infancia recebeu esplendido exemplo de patriotismo, vendo seu pai que era alferes de ordenanças de S. João d'El-Rei, ao annuncio de que os hespanhóes ameaçavão as fronteiras em 1777, reunir o corpo, do qual o seu prestigio e o amor dos soldados lhe dão o commando, e marchar para S. Paulo, vencendo cento e sessenta leguas de marcha, recusando depois indemnisações e premios.

Manoel Jacintho estudou humanidades em sua provincia, e aos desenove annos incompletos seguio para Portugal no empenho de formar-se na Universidade de Coimbra. Naquelle tempo erão difficeis as communicações, e o estudante baldo de recursos pecuniarios durante dous annos, sustentou-se com o proprio trabalho, copiando musica para viver, como Rousseau o fizera.

Chegadas as providencias da familia, matriculou-se nas faculdades de philosophia e de mathematicas em Coimbra, distinguio-se pelo fulgor da intelligencia, e pelo comportamento louvavel : antes porém de concluir o curso das duas faculdades, veio a adversidade feril-o.

A fortuna de seu pai acabava de ficar comprommettida na fiança que prestára á um arrematante de dizimos que se deixára alcançar.

O joven estudante não se abateu : fez-se explicador de muitos collegas menos talentosos que elle, e tirando recursos desse ensino particular, não só poude proseguir em seus estu-

dos, como teve a consolação de mandar á familia alguns tenues auxilios que ao menos sorrião aos corações dos pais com a doce prova de que o filho ausente não experimentava os tormentos da miseria.

Approvado e premiado em todos os annos do curso de philosophia e de mathematicas, sua intelligencia, insaciavel conquistadora, quiz ainda mais, e invadio a faculdade de medicina, cobriu-se de louros em duas campanhas, ganhando o primeiro e segundo anno no meio de applausos.

Mas de subito é interrompida gloriosamente sua carreira academica. Sem que o tivesse requerido, sem que ao menos o esperasse, foi nomeado por decreto de 16 de Novembro de 1721 lente substituto de mathematicas da Academia Real de Marinha em Lisboa, e exerceo ali o professorado até 1801.

O justo orgulho brazileiro se ufana, lembrando que Manoel Jacintho tão sem protecção em Portugal, que esteve em Lisboa dous annos, copiando musica para viver, e que na Universidade de Coimbra despojado de recursos pelo infortunio de seu pai, estudou exclusivamente á propria custa, explorando o ensino particular, poude merecer, sendo brazileiro, aquella nomeação sanccionadora do seu grande merecimento.

Promovido em 1793 á 1° tenente de marinha, em 1798 já era capitão de fragata, e tres annos antes cavalleiro professo da Ordem de S. Bento de Aviz.

Entre amigos de alta posição social que seus bellos dotes de intelligencia e de coração attrahirão, foi dos mais affectuosos D. Rodrigo, depois conde de Linhares, e desta amizade se aproveitou Manoel Jacintho em favor do seu

comprovinciano e patriota José de Rezende Costa desterrado com seu pai para Cabo-Verde por crime de lesa-magestade na conspiração mineira chamada do *Tira-dentes*.

Rezende Costa foi agraciado, teve emprego no Erario de Lisboa, donde depois voltou para a querida e saudosa patria.

Não foi este o unico brazileiro protegido por Manoel Jacintho, que experimentado no infortunio soube ser util aos compatriotas infortunados e longe do Brazil.

Ainda um golpe, e ainda uma prova de generoso coração: morre mal acabava de tomar o capello na faculdade de medicina de Coimbra, seu irmão mais velho Antonio Joaquim Nogueira da Gama, e deixa ao desamparo e na miseria sua viuva e seis filhos : Manoel Jacintho, embora pobre, aceita a herança fraternal, envia para o seio de sua familia em Minas-Geraes os sobrinhos orphãos de pai, e dá á viuva de seu irmão modesta mezada em Coimbra até a sua morte.

Ardia por tornar á patria : foi despachado á 1 de Junho de 1801 inspector geral das nitreiras e fabricas de polvora de Minas-Geraes, deputado da junta de mineração e moedagem, e secretario do governo, declarado lugar vitalicio em sua pessoa á 1° de Outubro, em que teve tambem a nomeação de deputado da junta da Real Fazenda na mesma capitania, e á 12 de Novembro do mesmo anno foi ainda nomeado ajudante do intendente geral das minas e metaes do reino, no curso docismatico da casa da moeda, onde elle estabeleceu laboratorio chimico, e se encarregou da construcção das nitreiras artificiaes em o *Braço de Prata* e dellas exerceo o cargo de inspector.

Tudo isso era pouco; porque as ultimas nomeações o

detinhão em Portugal: á 9 de Fevereiro de 1802 foi promovido á tenente-coronel do corpo de engenheiros: no mesmo anno obteve sua demissão do cargo de secretario do governo de Minas-Geraes, que não exercêra, e á 24 de Setembro emfim voltou para o suspirado Brazil com a nomeação de deputado e escrivão da junta da Fazenda da sua amada provincia.

De 1806 á 1821 é longa e benemerita a historia biographica de Manoel Jacintho: nella resplende em Minas-Geraes o fiscalisador zeloso; mas prudente: em 1808 escrivão do Real Erario creado no Rio de Janeiro assoberbou abusos e prevaricações, e interesses inconfessaveis, propoz melhoramentos e systema para a cobrança das rendas e fiscalisação das despezas, e zombou das inimizades que lhe trazia o cumprimento e o zelo do seu dever de honra.

Em 1811 foi deputado da junta directora da Academia Militar então creada, e inspector de suas aulas, cargo que exerceu até 1821 sem estipendio.

Em 1809 commendador de Aviz, em 1814 agraciado com o titulo de conselho, em 1815 fidalgo cavalleiro, Manoel Jacintho reformou-se á 11 de Dezembro de 1822 no posto de marechal.

Em 1821 já tinha sido lançado em Oceano tormentoso: em Fevereiro foi nomeado membro e secretario da commissão dos vinte que com os procuradores eleitos pelas camaras das cidades e villas do Brazil devião examinar o que dos artigos da futura constituição portugueza fosse adoptavel neste reino e propor as reformas necessarias; em Abril assitiu, como eleitor da parochia de S. José, as discussões

tumultuarias, e ao violento e barbaro ataque da assembléa eleitoral reunida na *Praça do Commercio.*

Em 1823 deputado da constituinte brazileira pela provincia do Rio de Janeiro Manoel Jacintho distinguio-se notavelmente e á 17 de Julho do mesmo anno, demittido o ministerio Andrada, aceitou a pasta da fazenda no gabinete organisado pelo imperador, não querendo porém em Novembro carregar com a responsabilidade da impolitica dissolução da constituinte, renunciou sabiamente (bem como quatro outros ministros seus collagas) a pasta que tomára.

A 13 de Novembro o ex-ministro Manoel Jacintho foi nomeado conselheiro de Estado, e coube-lhe a gloria de ser um dos autores e signatarios da constituição do imperio, recebendo por tão relevante serviço a dignitaria da ordem imperial do cruzeiro,

A 15 de Outubro de 1825 foi-lhe conferido o titulo de visconde de Baependy, com honras de grandeza subindo á marquez um anno depois.

A 21 de Janeiro de 1826 entrou de novo para o ministerio com á pasta da fazenda, na qual se conservou um anno, embora desgostoso por ver-se contrariado em seus planos de reformas administrativas e fiscaes.

Em 1826 tinha sido apresentado em lista triplice para senador pelas provincias do Rio de Janeiro e de Minas-Geraes, e sendo escolhido pelo imperador por esta, tomou assento logo na installação do senado.

Fóra do poder até 1831 o marquez de Baependy fulgio na camara vitalicia entre os mais habeis e abalisados senadores, e no conselho de Estado por vezes vio infelizmente desattendidos pareceres que ficarão escriptos, e que aceitos

terião poupado o governo do imperador á funestos erros. Elle oppoz-se vivamente aos emprestimos de Londres que tanto onerárão então as finanças do paiz, e tão fortes censuras motivarão ao governo: sabio foi o seu conselho nas questões que forão determinadas pela morte de D. João VI, e pelo chamamento do imperador do Brazil ao throno portuguez, como rei D. Pedro IV; avulta porém sobre todos esses pareceres o que offereceu, quando mais grave e vehemente era a luta dos partidos travada com ardor no seio das camaras ameaçadora da crise que se pronunciou em Março e Abril de 1831: o marquez de Baependy votou, aconselhando que o governo se circumscrevesse na restricta esphera de sua acção constitucional, e que firmasse a independencia e ponderação das duas camaras do corpo legislativo.

Em Março de 1831 a capital do imperio anciava em prodomos de revolta: os brios nacionaes ultrajados em tres noites seguidas por bandos de portuguezes provocadores, e insolitamente impunes servião á conspiração manifesta dos liberaes exaltados contra o imperador: este no empenho de acalmar as iras do povo chamou ao governo liberaes infelizmente sem prestigio, e sem influencia, que poderão abater a revoltante intervenção do elemento estrangeiro; mas não tiverão força para embaraçar a acção dos conspiradores. D. Pedro I em taes circumstancias mudou subitamente o ministerio, organisou outro na noite de 5 de Abril, aceitando nelle ainda a pasta da fazenda o marquez de Baependy.

Esse ministerio durou desde a noite de 5 até a madrugada de 7 de Abril, em que D. Pedro I abdicou a corôa, não querendo ceder ao povo e tropa que exigião a reconducção dos ministros demittidos.

O marquez de Beapendy desde 7 de Abril absteve-se de influir directamente nos negocios politicos.

Em 1831 o partido liberal dominante, cedendo talvez á necessidade de satisfazer as paixões populares inflammadas, formulou na camara accusações contra os ex-ministros de D. Pedro I; mas aquella de que foi objecto do marquez de Baependy, cahio reconhecida sem fundamento em parecer de commissão da mesma camara approvado pelos votos dos proprios deputados liberaes.

Depois de 1831 o marquez de Baependy foi vice-presidente, e presidente do senado e o Sr. D. Pedro II declarado maior, no dia de sua coroação á 18 de Julho de 1841 o agraciou com a gran-cruz da ordem da Rosa.

Fóra da vida politica o marquez de Baependy deixou tambem honrada a sua memoria por serviços notaveis. São delle a idéa e o projecto de um montepio para as familias dos militares, e outro que apresentou em 1825 á D. Pedro I de montepio geral para as familias brazileiras, o qual foi levado a consideração do senado, resultando desse patriotico trabalho a instituição do Monte Pio Geral dos Servidores do Estado, que em glorificação do *sic vos non vobis* desconheceu ou não soube honorificar sua illustre placenta, o benemerito inspirador.

O marquez de Baependy falleceu quasi *á meia noite de 14 de Fevereiro de* 1847 com oitenta e um annos e alguns mezes na cidade do Rio de Janeiro, sendo seu corpo sepultado nos jazigos da ordem terceira de S. Francisco de Paula.

Preclaro como estudante, como lente, como administrador, como financeiro, como legislador, foi homem de grande

sciencia, e de abalisada pratica na gerencia do erario, e de repartições fiscaes.

Muito mais do que nos ministerios de que fez parte, durando o primeiro pouco mais de tres mezes, o segundo um anno de contrariedades, o terceiro apenas um dia e duas noites de tormento, no conselho de Estado deixou testemunhos de habil estadista já aliás provado em sua positiva reprovação ao acto da dissolução da constituinte.

Inabalavel sustentador das idéas politicas conservadoras, amigo do imperador D. Pedro I, e á elle sempre leal e dedicado, oppondo-se á graves erros do seu governo no conselho de Estado ; mas no parlamento escudando-o com abnegação pessoal, o partido liberal durante o primeiro reinado hostilisou-o fortemente.

Logo depois da abdicação de D. Pedro I á 7 de Abril, o povo, nas vertigens de sua victoria, insultou o seu domicilio.

Em 1847, no dia de sua morte, já foi geral o sentimento publico.

Além de 1847 mais de um quarto de seculo vae indo....

O juizo da posteridade começa a lavrar sua sentença ; e sobre a sepultura do marquez de Baependy gravão-se as palavras : — « Coragem e trabalho ; beneficencia e sabedoria; lealdade e abnegação ; patriotismo e honra. »

15 DE FEVEREIRO

CANDIDO BAPTISTA DE OLIVEIRA

De 1820 á 1823 fulgio na Universidade de Coimbra um estudante brasileiro que seguindo as aulas das faculdades de mathematicas e de philosophia foi premiado em todos os annos, até que no fim de quatro tomou o grão de bacharel formado em mathematicas.

A congregação da faculdade que lhe conferira esse grão propôz ao governo que mandasse graduar gratuitamente o estudante brasileiro, se este quizesse aceitar tal graça: um dos lentes attestando seus triumphos academicos, accrescentou que no futuro o laureado bacharel *havia de ser contado no numero dos sabios.*

Esse estudante foi Candido Baptista de Oliveira, filho de Francisco Baptista dos Anjos e de D. Francisca Candida

de Oliveira, nascido na cidade de Porto-Alegre, provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul aos 15 *de Fevereiro de* 1801.

Candido Baptista, destinado por seus paes á vida ecclesiastica, fez os seus estudos de humanidades no seminario de S. José da cidade do Rio de Janeiro; não tendo porém vocação para o sacerdocio, seguira para Portugal, onde na Universidade de Coimbra, tão brilhante e extraordinariamente se distinguio.

Candido Baptista, de Portugal passou á França, frequentou com licença do governo os cursos da escola polytechnica; e ganhou a particular amizade do sabio Arago, que ali ensinava astronomia.

De volta ao Brazil em 1827 Candido Baptista foi nomeado lente substituto da academia militar, passando pouco depois á lente proprietario da cadeira de mechanica racional.

A fama de seus triumphos em Coimbra e do nome que deixára na escola polytechnica em França, corrêra, e a sua provincia o elegeu deputado na segunda legislatura.

Candido Baptista ligou-se na camara em 1830 ao partido liberal e em 1831 foi um dos vinte e quatro signatarios da famosa representação de 15 de Março.

Depois da abdicação do Imperador D. Pedro I, o ministro da fazenda Bernardo Pereira de Vasconcellos que na camara apreciára os já profundos conhecimentos de Candido Baptista, nomeou-o inspector geral do thezouro Nacional, quando punha em execução a reforma desse tribunal e de suas dependencias.

No desempenho de tão ardua tarefa elle prestou nota-

veis serviços, e entre outros o emprego especial da stereometria até então desconhecido nas alfandegas do imperio, nova formula de arqueação dos navios mercantes para regularisar o imposto de ancoragem, e a systematisação dos pezos e medidas.

Em 1834 deixou a inspectoria do thesouro; mas voltou á ella em 1837, sendo então ministro da fazenda Miguel Calmon depois marquez de Abrantes.

No entanto como deputado sem que primasse na tribuna, era comtudo o collaborador principal de todas as medidas financeiras.

Deixou de ser deputado em 1838; porque sua provincia, á braços com tremenda revolta, não tomou parte na eleição da quarta legislatura; em 1839 porém entrou para um gabinete no qual tomou as pastas da fazenda e de estrangeiros: esse ministerio não satisfazia ás exigencias ardentes dos partidos e durou por isso poucos mezes; mas na administração das finanças Candido Baptista elevou-se ácima de toda opposição, e na direcção dos negocios estrangeiros teve a gloria de merecer desabrida guerra dos traficantes de escravos africanos.

De 1840 á 1843 a diplomacia o levou á S. Petersburgo e logo depois á Vienna d'Austria em alta missão: nesta capital Candido Baptista foi admirado e gozou a maior estima do principe de Meternich; em S. Petersburgo, elle grangeou a amizade do conde de Nesselrode; mas roubou-lhe por vezes dias inteiros á intimidade para ir frequentar o director do observatorio astronomico, que o acariciou, e applaudio como irmão e igual na sciencia.

Recolhido á patria, occupou sua cadeira de lente até

1847, em que foi jubilado. Em Maio do mesmo anno aceitou a pasta da marinha no gabinete presidido pelo benemerito Manoel Alves Branco, depois visconde de Caravellas: tambem esse ministerio teve curta duração; mas Candido Baptista desceo do poder, deixando creado o corpo de fuzileiros navaes, augmentadas as proporções da marinha de guerra; e vivificada de tal modo a administração, que lamentou-se com o mais justo fundamento a sua retirada do governo.

Em 1850 a gratidão nacional levou a provincia do Ceará á apresental-o em lista sextupla para senadores, e S. M. o Imperador que honrava com a sua amizade e confiança á Candido Baptista, e que sabia avaliar seu grande merecimento, capacidade, e transcendentes serviços prestados á patria deu-lhe com a sua escolha constitucional a mais merecida cadeira no senado brasileiro.

Ahi, na camara vitalicia, elle foi como na temporaria orador de voz fraca, sempre de concisão mathematica, nunca de arrebatada eloquencia: levantava-se e fallava para dizer com simplicidade e clareza; mas em poucos minutos o absolutamente util e esclarecedor; no gabinete porém, os grandes oradores o tomavão por conselheiro, e as vezes por arbitro.

Não era estadista de tribuna; era estadista de administração.

O Imperador o nomeou conselheiro de Estado: o governo o nomeou director do Banco do Brazil e Candido Baptista, o sabio, o administrador pratico, e homem leal e probo á toda prova, cumprio á risca o seu dever, e servio com intelligencia, zelo, dedicação, e grande pro-

veito no conselho de Estado e na directoria do Banco do Brazil.

O Jardim Botanico do Rio de Janeiro tambem o teve por seu inspector.

A politica e a administração desviárão talvez Candido Baptista de sua especial e grandiosa vocação: mathematico profundo, sabio admiravel que teria feito esse homem, se auxiliado pela abastança, que faz dispensar cuidados da familia, e não urgido pelo governo, que ás vezes desloca intelligencias como que predestinadas, se se houvesse exclusivamente dedicado á sua predilecta sciencia?...

Candido Baptista era cultor apaixonado e magistral da mathematica: amava-a como o Tasso a poesia: o calculo era a flamma de sua vida: com o giz entre os dedos, e a taboa diante de si esquecia o mundo, ou antes, á conquistar mundos, passava as vezes quatro e seis horas consecutivas á calcular e á resolver problemas sem jámais sentir fadiga, e, ainda menos, receio da precisão do raciocinio calculador. Quando se entregava ao calculo, era preciso que a familia cansada de esperal-o, o fosse despertar e arrancar ao seu giz e á sua taboa.

Candido Baptista de Oliveira, benemerito, sabio, preclaro e honradissimo brazileiro falleceo na cidade do Rio de Janeiro aos 15 de Outubro de 1865.

16 DE FEVEREIRO

ANDRÉ PEREIRA TEMUDO

A' 15 de Fevereiro de 1630 numerosa e formidavel esquadra hollandeza com grande força de desembarque destinada á conquista da capitania de Pernambuco, apresentou-se diante do porto do Recife, e rompendo o bombardeio, sahio della o general Wawdenburch e foi com o seu exercito desembarcar na praia do *Páo Amarello* cerca de doze milhas ao norte de Olinda, capital de Pernambuco, sobre a qual marchou ao romper do dia seguinte.

Tão heroicos logo depois os pernambucanos mostrarão-se fracos, e até cobardes no primeiro dia da invasão hollandeza.

O governador e general Mathias de Albuquerque de-

balde quiz disputar o passo á Wawdenburch na passagem do rio Doce: toda a sua gente fugio em debandada, e elle, retirando-se em tal abandono, evacúa Olinda e vai ensaiar muito duvidosa resistencia no Recife, que domina o porto.

Em numero de mais de tres mil em tres columnas os hollandezes entrão em Olinda abandonada, e não tendo forças á combater, entregão-se ao saque das igrejas; porque nas casas pouco achão á saquear.

Então o espirito religioso e o patriotismo inspirarão actos de desespero á alguns homens nascidos para heróes, e que baratearão suas vidas em resistencia tresloucada, em sacrificio estupendo; mas vão, porque era esteril, e porque privou a causa da patria e da religião de paladinos sublimes.

Assim o capitão Salvador de Azevedo com vinte e dous bravos postou-se diante do Collegio dos Jesuitas e bateu-se furioso, cedendo o campo, quando os seus vinte e dous contra mil já estavão todos mortos e feridos, e despedaçadas as portas da igreja pela artilharia.

O capitão André Pereira Temudo fez ainda mais em desesperado arrojo.

O dia do nascimento, o berço patrio, a vida anterior de Temudo ignorão-se: o capitão de milicias indiciava-se pernambucano: *o dia* 16 *de Fevereiro* de 1630, e o sacrificio, embora esteril, em todo o caso admiravel de sua vida, se não é gloria, é pelo menos ufania do Brazil.

Sem companheiros, só, mal inspiradamente por orgulho desatinado não querendo fugir, e ficando em Olinda,

o capitão Temudo revoltou-se ao presenciar o saque das igrejas, e correndo á da Mizericordia invadida por bandos hollandezes, vendo-os profanar indigna, brutalmente os altares, soltou um bramido, e desembainhou a espada.

O capitão Temudo sem um unico auxiliar, elle só, sem esperança, com certeza de ser morto, *elle só* de espada em punho atacou bandos de hollandezes.

E' inverosimil; mas assim foi.

O desespero e a furia o tornão Hercules, heróe de Ariosto, ou dos antigos romances da cavallaria da idade media.

Leão indomito brame, derribando homens, e no meio de dez ou mais sacrilegos que á golpes de espada *elle só* prostra sem vida, cahe emfim crivado de golpes, morrendo no meio daquelles que acabava de matar.

O capitão André Pereira Temudo póde não ser um heróe; é ao menos porém legendario na historia da patria.

17 DE FEVEREIRO

JOSÉ CLEMENTE PEREIRA

Filho legitimo de José Gonçalves e de D. Maria Pereira nasceu José Clemente Pereira no lugar de Adem villa de Castello Mendo, comarca de Trancoso no reino de Portugal á 17 de Fevereiro de 1787.

Formou-se em direito e canones na Universidade de Coimbra.

Na guerra contra os francezes invasores de Portugal alistou-se no corpo academico de que foi commandante José Bonifacio de Andrada e Silva, e no posto de capitão dirigio uma das famozas guerrilhas tão fataes ao inimigo.

Militou no exercito anglo-luzo que sob o commando de Wellington invadio a Hespanha.

Em 1815 embarcou para o Brazil, chegando ao Rio de

Janeiro á 12 de Outubro, e ahi exerceu a advocacia até 1819 em que foi nomeado juiz de fóra da villa da Praia Grande (mais tarde cidade de Nictheroy) que então se creára.

Essa villa deveu-lhe o plano, medição e alinhamento de suas praças e ruas e verdadeiros serviços de fundador.

Na villa de Maricá á 26 de Fevereiro de 1821 convocou a camara e o povo e fez proceder o acto de juramento á constituição que as côrtes devião promulgar, e no mesmo anno foi nomeado juiz de fóra da cidade do Rio de Janeiro, entrando em exercicio á 30 de Maio.

A' 5 de Junho seguinte a divisão auxiliadora (tropa lusitana) de guarnição á cidade pronunciou-se indisciplinada, conseguindo que o principe-regente D. Pedro jurasse immediatamente as bazes da constituição emanadas das côrtes portuguezas, e que despedisse do ministerio o conde dos Arcos; mas com as armas em punho a tropa amotinada resolveu que se nomeasse uma *junta* de nove deputados para assistir aos despachos do principe no empenho de sujeitar D. Pedro á influencia do general Avilez, seu commandante: contra a execução dessa violenta medida levantou-se corajoso e firme José Clemente como presidente do senado da camara, e conseguio annullal-a.

Em Dezembro de 1821 elle propoz á camara que se representasse ao principe regente D. Pedro, pedindo-lhe que ficasse no Brazil, o que era propor o rompimento da revovolução da independencia.

No dia 9 de Janeiro de 1822 José Clemente em sua qualidade de juiz de fóra presidente do senado da camara sahio á frente deste com a maior solemnidade e seguido de immenso povo e foi ao paço da cidade apresentar a famoza re-

presentação do povo do Rio de Janeiro ao principe D. Pedro propondo-lhe a desobediencia ao decreto das côrtes em pedido para que ficasse no Brazil.

Apresentando essa representação leu José Clemente memoravel e energico discurso, que é padrão de gloria.

Foi José Clemente que de uma das janellas do paço repetio ao povo em alta voz a resposta do principe: « Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, estou prompto; diga ao povo que — Fico. — »

Em 1822 o senado da camara por seu caracter representativo foi e devia ser a boca official da revolução que fallasse ao principe e convocasse o povo no Rio de Janeiro: á 13 de Maio foi elle offerecer ao principe D. Pedro o titulo de *Defensor Perpetuo do Brazil*; a 23 do mesmo mez pedir a convocação de uma constituinte brazileira: a 21 de Setembro, depois de erguido o brado do Ypiranga, convocou os cidadãos para a solemne proclamação de D. Pedro I imperador do Brazil no dia 12 de Outubro, e neste dia lavrou o auto dessa proclamação. O nome de José Clemente Pereira presidente e orgão do senado da camara está escripto em todos esses documentos da historia da independencia do Brazil.

Logo após o triumpho rebentou a discordia entre os benemeritos da independencia. O ministerio Andrada perseguio como demagogos e anarchistas José Clemente, Ledo, Januario, Nobrega e outros que em resultado de rapida devassa forão deportados.

A intriga e os manejos dos inimigos dos patriotas da independencia que em Novembro de 1823 havião de conse-

guir tambem a deportação dos Andradas, fizerão deportar aquelles benemeritos em 1822.

A' 17 de Fevereiro de 1824 José Clemente já restituido á patria que adoptára, recebeu a dignitaria da ordem do Cruzeiro.

Na primeira legislatura brazileira tres provincias, a do Rio de Janeiro, a de S. Paulo, e a de Minas-Geraes o elegerão deputado.

Depois de ser intendente geral da policia José Clemente subio ao ministerio: como administrador deu á capital do imperio abastecimento d'aguas, e chafarizes em diversos pontos, regularisou o correio, e ordenou a primeira exposição publica da academia das bellas artes : como legislador collaborou na obra — monumento do codigo criminal do Brazil, e foi o principal inspirador e organisador do codigo commercial: como politico, e ministro dedicou-se todo ao imperador D. Pedro I, e foi objecto da mais ardente guerra do partido liberal nos ultimos quatro annos do primeiro reinado.

Em 1831 elle desapparece da scena politica e administrativa convicto da repulsão geral dos liberaes predominantes. Na terceira e quarta legislatura não foi reeleito deputado ; mas já em 1835 Evaristo Ferreira da Veiga o tinha incluido na sua chapa e feito eleger membro da primeira assembléa provincial do Rio de Janeiro, na qual José Clemente prestou notaveis serviços.

Em 1836 e 1837 Vasconcellos levanta a bandeira do partido conservador, José Clemente alista-se nelle, em 1838 tem já voltado a camara temporaria da assembléa geral, em 1841 entra para o ministerio, e toma a pasta da guerra;

activo e energico multiplica recursos para vencer as revoltas liberaes de 1842 em S. Paulo e Minas-Geraes, e no mesmo anno é escolhido senador em lista triplice offerecida pela provincia do Pará, e em 1850 é nomeado primeiro presidente do tribunal do commercio e conselheiro de Estado.

Subira tanto quanto era possivel subir em gerarchia administrativa e politica.

Elle tinha solida base de gloria incontestavel na obra monumental da independencia do imperio do Brazil em 1822, brilhantes florões em seus serviços administrativos, de 1827 em diante vida politica mais ou menos tempestuosa, amaldiçoada pelos liberaes, santificada pelos imperialistas do primeiro reinado, e applaudida pelos conservadores do segundo ; mas no ultimo quartel de sua vida activissima liberaes e conservadores, todos os homens bons o admirão, o exaltão, honrando a benemerencia de José Clemente Pereira, como provedor da Santa Casa da Misericordia da cidade do Rio de Janeiro.

A' esse zeloso e dedicadissimo provedor, á José Clemente Pereira, que o foi desde 8 de Julho de 1838 até a noite em que uma hora antes da sua morte ainda trabalhava no serviço da Santa Casa deve esta serviços extraordinarios e multiplicados: elle passou de todo o enterramento dos cadaveres nas vallas da Misericordia para o *Campo Santo* ou cemiterio perfeitamente regularisado no *Cajú*; levantou em face da Praia de Santa Luzia bonito monumento systematicamente reformador do edificio e das enfermarias da Misericordia; deu nova casa aos *expostos* ; melhorou o recolhimento dos orphãos, e fez construir na Praia Vermelha o magnifico palacio, Hospicio de D. Pedro II, para os alienados.

No ultimo quartel de sua vida José Clemente Pereira fez em beneficio da humanidade tanto, quanto seria bastante para encher de gloria uma longa vida toda dedicada ao amor do proximo.

Sem duvida José Clemente Pereira teve em seu auxilio a maior protecção e grandissimos favores do governo; mas já é maximo merecimento o ter sabido merecer e applicar em caridosas, e pias instituições todos os dons, auxilios e recursos que sua influencia pessoal e a justa confiança de que era credor podião obter.

José Clemente Pereira deixou memoria abençoada pela humanidade.

O imperador o Sr. D. Pedro II que lhe destinava em breve o mais condigno titulo nobiliario, foi sorprehendido pela noticia da repentina morte do benemerito na noite de 10 de Março de 1854; mas logo honrou-lhe a memoria, agraciando sua viuva com o predisposto titulo que esperava ao marido—*condessa da Piedade.*

José Clemente Pereira, o piedoso, ainda, graças á munificencia do imperador, deixou por herança á sua viuva a nobreza santa da—*Piedade.*

18 DE FEVEREIRO

D. CLARA CAMARÃO

Filha de indios, nascida em ignorada *taba* dos desertos, provavelmente no Ceará, ou no Rio-Grande do Norte, menina selvagem cedo acolhida ou tomada pela civilisação, perdido no esquecimento o seu nome primitivo que seria o de alguma flôr, de algum mimoso arbusto, arroio, ou bella imagem, que a ella applicasse o amor de seus pais, a historia apenas guardou o nome de *Clara* dado no baptismo á interessante indiana que veio á ser a legitima esposa do indio heróe Poty, ou Antonio Felippe Camarão.

Sabe-se que activissima, brilhante, e gloriosa parte coube ao bravo e indomito Camarão na guerra contra os hollandezes: Damião de Fróes diz que D. Clara

acompanhou seu marido em todas as campanhas, e que colheu louros marciaes em todas as victorias: que acompanhasse o esposo nas lides guerreiras; mas sem empenhar-se activamente nas pelejas, embora exposta ficasse aos perigos, é mais que provavel; porque isso era de costume entre os selvagens, dos quaes ella provinha; que entrasse com ardor em um ou outro combate, em que visse mais arriscado o seu querido Poty, ou Camarão, é bem possivel, é mesmo natural; com certeza porém D. Clara Camarão immortalisou-se como heroina *á 18 de Fevereiro de* 1637.

O principe Mauricio de Nassau nomeado governador-geral do Brazil hollandez, chegára ao Recife, em Pernambuco, á 23 de Janeiro de 1637, e logo fôra atacar os restos do exercito pernambucano fortalecido em Porto Calvo sob o commando do general Bagnuolo.

A' 18 de Fevereiro ferio-se terrivel peleja junto do rio que corre pela Barra Grande: chamou-se á esse rigidissimo combate—batalha de Porto Calvo—: os hollandezes estavão divididos em tres columnas sob o commando em chefe de Nassau: os pernambucanos inferiores em numero nem tinhão presente o seu general Bagnuolo; mas ainda assim immortalisárão-se pela sua bravura.

Henrique Dias, commandando os seus pretos, praticou com elles inauditas proezas, e tendo a mão esquerda despedaçada por uma bala, mandou fazer a amputação, e continuou logo a pelejar.

Camarão, heróe sempre, desejava, procurava a morte; porque os seus indios começavão a fraquear temerosos,

e eis que de subito rompe D. Clara Camarão, sua esposa, de espada em punho e á frente de algumas senhoras, em quem mudára anciosos temores em impeto bellicoso, e com incrivel ou pelo menos inverosimil bravura, reanima com o seu exemplo os indios, e combate como o Brandimarte de Ariosto, excedendo em valor e proezas á maior parte dos homens.

A batalha se suspendeu com a noite e ficou indecisa, e provavelmente o não ficara, se não fosse o impetuoso concurso varonil da heroina D. Clara.

Aproveitando a noite, Bagnuolo retirou-se para as Alagôas, e D. Clara Camarão sem descansar das fadigas do combate, prestou-se á escoltar com as suas bellicosas e já enthusiasmadas companheiras familias que emigrarão de Porto Calvo, fugindo á dominação do estrangeiro conquistador.

Clara Camarão partilhou de direito o titulo de *dom* que além da mercê do habito de Christo Felippe IV (III de Portugal) déra em premio á seu marido.

Em fins de 1648 e depois da primeira batalha e gloriosa victoria dos Guararapes, falleceu no *arrayal novo do Bom Jesus* o bravo D. Antonio Felippe Camarão, victima de febre perniciosa.

Nunca depois da morte de seu marido se tornou lembrada por feito algum, ou por qualquer acção a esplendida heroina de Porto Calvo.

Ainda um titulo honroso.

O véu negro e honesto da viuvez foi a mortalha em que previamente se sepultou em vida D. Clara Camarão, a Brandimarte brasileira.

19 DE FEVEREIRO

JOANNA ANGELICA

Em Fevereiro de 1822 correu o primeiro e generoso sangue pela independencia do Brazil na cidade de S. Salvador, capital da heroica provincia da Bahia.

Brazileiros e portuguezes estavão já separados em dous partidos, quando á 15 de Fevereiro chegou de Portugal a carta regia que nomeava o brigadeiro Luiz Ignacio Madeira de Mello (portuguez) commandante das armas da Bahia, cargo que estava exercendo o brigadeiro Manoel Pedro de Freitas Guimarães (brazileiro). A junta provisoria governativa e a camara municipal explorárão pretextos para não dar posse á Madeira, e conservar Manoel Pedro no commando militar.

De um lado pronunciavão-se o povo bahiano da ci-

dade, e alguns batalhões em geral de milicias: do outro numerosa guarnição de aguerridos corpos de primeira linha luzitanos, e os portuguezes estabelecidos em S. Salvador.

A' 17 e 18 de Fevereiro os dous partidos combaterão nas ruas em terriveis conflictos; os brazileiros forão rechaçados, e retirarão-se para o forte de *S. Pedro* (que tambem evacuarão no dia 21, indo acampar no interior), e a 19 a victoria do general Madeira era completa.

Mas a soldadesca desenfreada e furiosa, aproveitando a desordem, e a derrota dos patriotas, violarão, e saquearão casas de bahianos, chegarão a profanar igrejas, e em phrenesi e impellidos pela sêde de sangue ousarão investir contra o mosteiro da Lapa.

Horrivel dia 19 de Fevereiro!

O mosteiro da Lapa, asylo de virgens consagradas ao Senhor, era objecto do respeito, e da veneração de todos. Não havia suspeita, nem ao menos audacia de aleive, atrevimento de zombaria, que tivessem chegado á tocar as paredes daquelle retiro, que os espiritos livres poderião reputar instituição á tornar-se anachronica, mas alli, no mosteiro da *Lapa* venerada em tributo ás virtudes e a santa piedade daquellas innocentes desterradas e esquecidas do mundo.

A madre abbadeça do mosteiro da Lapa era Joanna Angelica, senhora bahiana á quem toda a Bahia prestava cultos de admiração e de justissimo louvor pela sua exemplar caridade, doçura e pureza dignas de seu nome —*Angelica*.

Durante o ruido dos combates a madre abbadeça e suas irmães ajoelhadas aos pés dos altares tinhão passado á resar, e á pedir á Deus paz, e perdão, misericordia para todos.

Mas á 19 de Fevereiro a soldadesca furente avança ameaçadora sobre o mosteiro da Lapa...... os sacrilegos entrão...... batem, e em vozeria selvagem annuncião o intento da profanação......

As virgens carmelitanas correm aterradas a abraçaremse com os pés das imagens da Mãe Immaculada......

O postigo porém se abre, e diante dos soldados ferozes se mostra sublime a abbadeça Joanna Angelica pallida, emagrecida pelas macerações e coroada de seus cabellos brancos:

— Retirai-vos, brada ella; não podeis entrar aqui! a sentinella deste asylo vedado é Jesus!...

Mas debalde clamára: a porta do mosteiro é arrombada, e a turba phrenetica e vandalica se arroja......

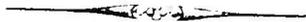
Então em frente dos selvagens, em pé e firme, com olhar ardente, a admiravel Joanna Angelica, a abbadeça, só e impavida exclama com o enthusiasmo dos martyres da fé:

— Só penetrareis aqui, pizando sobre o meu cadaver!...

E cahio logo traspassado seu peito pelas bayonetas dos sceleratos......

O capellão do convento, o velho e virtuoso padre Daniel da Silva Lisboa acóde ao barbaro ataque, e é morto, quando queria arredar dos pés dos assassinos o cadaver da martyr.

Os soldados portuguezes invadem e saqueão o mosteiro, e as freiras espavoridas fogem, escapão-se, e vão acolher-se ao convento da Soledade.

E a 19 de Fevereiro de 1822 *Joanna Angelica*, freira martyr, subio ao céo, deixando na cidade de S. Salvador da Bahia a causa da independencia do Brazil ungida com o sangue de uma virgem esposa de Jesus.

20 DE FEVEREIRO

ANGELO DE SIQUEIRA

Missionario apostolico, Angelo de Siqueira era natural de S. Paulo, onde nasceu e por muitos annos se apurou no serviço de Deus e dos homens no seculo decimo oitavo.

Pouco se sabe de sua vida humilde, austera e modestissima.

Achando-se na cidade do Rio de Janeiro e conseguindo a protecção e apoio do capitão Antonio Rabello, que lhe doou o terreno necessario, Angelo de Siqueira, promovendo a devoção da Virgem Santissima sob a invocação de Nossa Senhora da Lapa, edificou uma casa para seminario que recebesse os jovens aspirantes ao estado ecclesiastico: o

bispo D. frei Antonio do Desterro concedeu para realisação desse empenho provisão dada á 2 de Fevereiro de 1751, permittindo o ensino do canto-chão, das ceremonias do côro, dos exercicios espirituaes, do latim e pouco mais.

A primeira pedra do edificio foi lançada á 20 de Fevereiro de 1751, e todo elle erigido á custa de esmolas e donativos que Angelo de Siqueira incansavel obteve.

O seminario da Lapa prosperou muito: entre os seus seminaristas contou alguns que se tornarão homens notaveis, como o padre Elias, o Dr. Goulão, o conego Luiz Gonçalves, João Manso e outros; mas o seu periodo de florescimento, e de existencia da instituição não foi além de meio seculo.

Em 1808 o convento do Carmo ligado por um passadiço á casa dos vice-reis servio para alojamento e accommodações da familia real portugueza que viera para o Rio de Janeiro e os Carmelitas em 1811 forão occupar e ainda occupão o antigo seminario da Lapa.

Frei Angelo de Siqueira passou-se do Rio de Janeiro para Portugal apenas acabára de fundar o seu querido seminario, e em Lisboa estava em 1755, pois que lá pregava então sermões de penitencia para applacar a justiça divina que elle annunciava castigando os peccados e a corrupção do povo com os horrores do terremoto de 1 de Novembro desse anno.

Frei Angelo de Siqueira escreveu: *A Botica preciosa ou thesouro precioso da Lapa*—impresso em Lisboa na officina de Miguel Rodrigues em 1756

O penitente arrependido e fiel companheiro para instruir uma alma devota e arrependida, fazendo confissão geral com varios soliloquios para antes e depois da communhão; impresso em Lisboa na officina de Costa e em Coimbra na de Pedro Ferreira em 1757

21 DE FEVEREIRO

JOSÉ PEREIRA REBOUÇAS

Na villa depois cidade de Maragogipe, provincia da Bahia, nasceu á 2 de Janeiro de 1789 José Pereira Rebouças, filho legitimo de Gaspar Pereira Rebouças e D. Rita Bazilia, cazal feliz que deu á sua patria tres cidadãos, modelos de educação, ardentes de puro patriotismo, e ricos de intelligencia.

José Rebouças seguia o curso de humanidades á começar pelo latim, cujo estudo completou em menos de tres annos; mas, vencendo ainda com facilima comprehenção algumas outras disciplinas preparatorias, abandonou a carreira das letras para dedicar-se todo a arte da musica, de que era cultor apaixonado, tendo-se tornado violinista de merecimento.

Entregue ao estudo da arte de sua vocação, em pouco não houve difficuldade de execução musical á que falhasse na rabeca, o instrumento dos mais delicados segredos.

Só lhe faltava escola perfeita.

José Rebouças era tão estimado pela sua educação e dotes moraes, como pelo seu merito de artista.

Creou e organisou a banda de musica do segundo regimento de milicias da cidade de S. Salvador, e a dirigio durante os governos dos condes dos Arcos e de Palmas e ainda além.

Em 1822 rompendo a luta entre o general Madeira com as tropas lusitanas, e os corpos de milicias e patriotas bahianos, que, batidos na cidade, se retirarão á 21 de Fevereiro de 1822 para o Reconcavo, José Rebouças deu ferias á musica para ir tomar seu posto de honra entre os heróes da Cachoeira, onde foi encarregado quasi logo da guarda de um armazem de mantimentos e de provisões de guerra.

Em breve começárão as pelejas: José Rebouças fez boa companhia á seus dous irmãos, que fulguravão dedicados á independencia da patria: alistou-se no exercito heroico, e bateu-se galhardo até o glorioso 2 de Julho de 1823, em que Madeira evacuou a cidade, e nella entrárão as phalanges patrioticas, arvorando victoriosa a bandeira auriverde.

O artista largou então a espingarda, e tomou o violino.

Em 1829 o amor de sua bella arte, e a louvavel ambição de aperfeiçoar-se nella o levárão á Europa: desembarcou no Havre, seguio para Pariz, onde no conservatorio de musica estudou cerca de anno e meio, ao mesmo

tempo que se inspirava, ouvindo no theatro a Sontaig, Malibran, a Pasta; Lablache e outras maravilhosas notabilidades.

Da França partio para a Italia, cujas notaveis capitaes visitou, como artista desejoso de aprender: em Bolonha se demorou tres annos, frequentando a academia de musica, submettendo-se á exames, e conquistando emfim honorifico diploma.

Foi o primeiro brasileiro que por amor da arte da musica se transportou á Europa para estudar e aperfeiçoar-se no seu cultivo consciencioso e severo.

Voltou musico illustrado e mestre para a sua querida Bahia; mas a Bahia não lhe poude offerecer theatro, onde em grandes composições se expandisse o seu talento musical.

José Rebouças celebrisou-se como sorprendente, magistral, e inspirado violinista.

Como compositor, que se tornára notavel pela mestria e por profundo conhecimento da arte fez muito menos do que poderia fazer, se tivesse florescido na Italia ou em França.

Era muito mais da escola italiana do que da allemã: se tivesse preferido antes o caminho que lhe abrião Haydn, Mozart e os mestres seus successores aos attractivos arroubos mais enamorados e faceiros do que severos de Donizetti e de Bellini, e ainda do immortal Rossini que á estes dous precedêra, teria na magestade da arte achado na musica religiosa mais opportuna e franca revelação do seu genio, que aspirou e não teve na Bahia o theatro lyrico

ou a opera italiana, que o arrebatára na França e na Italia.

Todavia José Rebouças deixou composições de muito valor e que devem ser lembradas.

Entre muitas outras, que profusamente espalhou, e foram estimadas no seu tempo, mas de importancia menos distincta, applaudirão-se as seguintes :

Uma *ouverture* em Bolonha—1832.

Duas *ouvertures* em Bolonha—1833.

Tres *ouvertures* na Bahia—1834.

O *Magnificat* na Bahia—1835.

Variações sobre o motivo da aria da *Estragniera* para violino—na Bahia—1836.

Hymno constitucional e contrario á revolta republicana da cidade de S. Salvador—na Bahia—1837.

Cançonetas, romances, lundús, marchas marciaes—innumeros.

José Pereira Rebouças não se mostrou maior em seu genio musical ; porque foi apenas do tamanho de seu tempo na sua patria.

Se alguma cousa ha para sentir e lamentar, lembrando sua grande intelligencia musical pouco productiva, é que sendo elle de espirito tão religioso, como seus pais, e seus illustres irmãos, não cultivasse mais a musica sagrada.

Todavia o seu nome de artista, de patriota, e de homem honesto, é digno de seus pais, e de seus irmãos merece a gratidão do Brazil, e justa lembrança na historia patria.

22 DE FEVEREIRO

ANTONIO FRANCISCO DUTRA E MELLO

Na cidade do Rio de Janeiro nasceu a 8 de Agosto de 1823 Antonio Francisco Dutra e Mello: seu pae de igual nome o deixou em muito verdes annos orphão na terra, e em grande pobreza confiado ao santo amor da triste mãe viuva D. Antonia Rosa de Jesus Dutra.

Mas ao amor de mãe Deus dá o poder do encanto na dedicação, e da sublimidade nos sacrificios: pobre, laboriosa porém, honesta, e sensata D. Antonia com prodigios de trabalho e de economia manteve embora muito parcamente os filhos, pois que outros lhe deixára o marido além de Antonio Francisco Dutra e Mello, e

deste, o mais velho, foi ella por falta de meios, a suave mestra de instrucção primaria.

De sua mãe recebeu Dutra e Mello o exemplo e a educação da virtude, e do luto e das lagrimas da viuva talvez aquella funda melancolia que o acompanhou em toda a sua vida aliás tão breve.

Como aquella mãe multiplicou recursos, tirando-os de seu trabalho honrado, e das privações que se impunha, como aquelle filho soube logo em menino unir á extroardinario talento e á applicação mais afincada aos estudos o proceder grave e reflectido proprio da idade madura, seria difficil dizel-o; mas é certo que Dutra e Mello poude matricular-se no collegio de instrucção elementar do capitão Januario e ahi completar aos desesete annos de idade, sempre considerado o primeiro estudante do collegio, os seus estudos de algebra, geometria e trignometria, geographia, chronologia e historia, linguas latina, franceza, e ingleza, grammatica e litteratura portugueza, religião, philosophia e rhetorica.

O capitão Januario, desde algum tempo seu protector, e alguns amigos animárão então ao joven Dutra e Mello, excitando-o a seguir o curso medico ou de direito; elle porém agradeceu e não aceitou esses offerecimentos generosos, e entregou-se com ardor ao magisterio particular, empregando-se logo no collegio, de que era filho.

Seus amigos procurárão verificar os motivos daquella recusa singular, e souberão emfim que Dutra e Mello pagava divida sagrada á sua estremecida mãe, poupando-a ao trabalho incessante e consummidor de forças, e trabalhando elle para ajudal-a á manter a familia.

Mas Dutra e Mello não parou nos estudos já feitos, e em horas que roubava ao magisterio, aprendeu o grego, o hebraico, e estudava o sanscripto, cultivou as sciencias physicas, e a astronomia.

Preparava-se nelle um sabio; ardia-lhe porém no espirito flamma brilhante e irresistivel que lhe devorou longas e constantes vigilias em suas cançadas noites: Dutra e Mello nascêra poeta, e a poesia o arrebatava:

O dia era do trabalho para sua mãe e familia; algumas horas de folga pertencião á seus severos estudos; a noite elle a dedicava ao cultivo da poesia, aos enlevos de sua imaginação, escrevendo cantos, não banaes, nem de exagerados e extravagantes transportes; mas cheios de philosophia, de sentimento e repassados de melancolia.

Porto Alegre (actual barão de Santo Angelo) disse de Dutra e Mello: « as suas poesias parece que elle as escrevêra já sentado no esquife; ellas têm a côr do luto e o halito da sepultura; ha nellas um véu de tristeza, como a mortalha que o vestio. »

Todo entregue ao magisterio, ao estudo de gabinete e á solidão, Dutra e Mello apenas entretinha relações com alguns sabios e litteratos e só concorria ás sociedades de lettras, sendo no Rio de Janeiro membro da de *Instrucção elementar, do Atheneu Fluminense, da Academia Brazileira, da Auxiliadora da Industria Nacional, e do Instituto Historico e Geographico Brazileiro,* além de membro correspondente da *Sociedade Polytechnica de Paris.*

Pallido do rosto e melancolico do parecer, magro, e meditabundo, seu corpo aos vinte annos de idade dobrava-se um pouco para a terra, como á procurar o leito funebre.

E não esperou muito, procurando-o: Antonio Francisco Dutra e Mello falleceu aos vinte e dous annos no dia 22 de Fevereiro de 1846.

Foi como um anjo pelas suas singulares virtudes: filho e irmão dedicadissimo, de costumes irreprehensiveis, da maior doçura e lealdade com os amigos, incapaz do menor vislumbre de inveja. Porto Alegre traçou o seu elogio, começando por dizer: « a terra recebeu o corpo virgem de Dutra e Mello, » e concluio dizendo: « este anjo, nascido na pobreza, se educou na orphandade ».

Os seguintes versos são de Dutra e Mello, e ao acaso colhidos no seu *Hymno á Noite*:

Tu és, oh dia, o predilecto encanto
Da natureza inteira;
Todos amão colher as aureas flôres
Que as rodas do teu carro a terra lanção
Para o teu rutilar volvem-se os olhos
E ninguem busca a noite! O somno os prende,
Emquanto vagaroso vai seu plaustro
As campinas do céo placido arando,
Mas tu me és sempre deleitosa e cara,
Oh! noite melancolica! a minha alma
Attractivos em ti descobre anciosa
Não ama o perylampo a luz do dia
Nem as aves da morte então solução.

23 DE FEVEREIRO

MARTIN FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA

Levanta-se o vulto magestoso de um dos tres grandes Andradas.

Martin Francisco Ribeiro de Andrada nasceu em 1776 no mesmo ninho, donde sahirão as aguias José Bonifacio e Antonio Carlos. (Veja-se o artigo de 6 de Abril para escusa de repetições.)

Seus paes erão abastados e puderão cultivar sua bella e rica intelligencia.

Martin Francisco formou-se em mathematicas na Universidade de Coimbra e em 1800 já era empregado em recursos scientificos ao lado de seu irmão José Bonifacio, e do tenente-general Napion.

Voltando para S. Paulo, sua provincia natal, elle em

vinte annos de vida placida e feliz ora no retiro se absorve em severos estudos de sciencias e das lettras, ora em passeios de sabio examina, e registra em trabalhos manuscriptos as riquezas naturaes e principalmente mineralogicas da provincia.

Em 1821 é nomeado secretario do governo provisorio de S. Paulo, e patriota brame á noticia dos decretos de 29 de Setembro fulminados pelas côrtes de Lisboa contra o Brazil, e ao receber em Dezembro o fraternal convite do Rio de Janeiro concorre notavelmente para a representação que á 24 desse mez o governo provisorio dirigiu ao principe-regente D. Pedro, pedindo-lhe que *ficasse no Brazil.*

A 9 de Janeiro de 1822 D. Pedro pronuncia o—*Fico*—, primeira palavra da revolução da independencia do Brazil: á 16 José Bonifacio, chegado apenas de S. Paulo ao Rio de Janeiro, é nomeado ministro dos negocios do reino e dos estrangeiros.

No entanto em S. Paulo predomina adversa influencia; Martin Francisco é expulso do governo provisorio, e conduzido preso para o Rio de Janeiro, onde á 4 de Julho de 1822 aceita prompto e decidido a pasta da fazenda no glorioso ministerio da independencia.

Economia, fiscalisação de despezas, actividade e zelo, exemplo de probidade que a propria calumnia não ousa atacar, habil recurso á emprestimo e á subscripções patrioticas derão ordem e systema ás finanças e capitaes ao Brazil em revolução.

A independencia é proclamada e Martin Francisco eleito deputado á constituinte brazileira pela provincia do Rio de Janeiro.

A' 17 de Julho de 1823 cahiu em face da constituinte o ministerio dos Andradas.

Em Novembro do mesmo anno subia de ponto o antagonismo entre brazileiros e portuguezes; Daniel Pamplona autor de um artigo impresso, tendo sido espancado por officiaes militares luzitanos ao serviço do Brazil, queixou-se á constituinte : Martin Francisco pronunciou discurso vehemente que electrisou o povo, e como elle fallárão Antonio Carlos, Montesuma e outros : a situação aggravou-se, e o Imperador D. Pedro I impolitica e desastradamente dissolveu a constituinte, cujo paço foi cercado por artilharia e numerosa força militar á 12 de Novembro.

Martin Francisco preso, como outros deputados á porta da constituinte, seguiu com seus dous irmãos, Montesuma, e Rocha, e ainda outros em desterro para a Europa.

Abriu-se contra os patriotas desterrados devassa, processo em que forão provas o periodico *Tamoyo*, os discursos dos Andradas na constituinte, e até cartas escriptas por elles ás suas familias !.... em 1828 o processo por crime de sedição hia ser julgado, Martin Francisco e Antonio Carlos voltão da Europa e apresentão-se para defender-se : a Relação os absolve ; e Martin Francisco sahe da fortaleza da Ilha das Cobras, onde fôra encerrado para em breve saber que estava eleito deputado á segunda legislatura pela provincia de Minas-Geraes, que era então o grande fóco das idéas liberaes.

Na camara fez desde 1829 opposição moderada ; mas energica : em 1830 negou-se á entrar para o ministerio.

Depois da abdicação de D. Pedro I recusou-se á entrar no governo sob a regencia e fez no parlamento vigorosa

opposição ao ministerio do padre Feijó e de Vasconcellos e aos seguintes representantes do partido liberal sahido victorioso, mas sensato e moderado do pronunciamento do dia 6 de Abril de 1831.

Desde 1832 organisára-se o partido *caramurú* ou restaurador, do qual se dizia ser conselheiro e alma José Bonifacio, tutor do imperador e de suas augustas irmãs em menoridade.

Martin Francisco foi no parlamento o defensor eloquente de seu irmão.

Na terceira legislatura elle foi não proscripto como Aristides ; mas esquecido e posto de lado pela paixão politica do partido dominante e aliás patriota.

Esse partido porém gastou-se em sacrificios e em lutas ; a morte do ex-imperador D. Pedro I em Portugal apagou a força resistente e poderosa contra os planos de restauração que o continhão unido e compacto.

Em 1836 Vasconcellos declarou-se na camara peccador contricto, proclamando a necessidade do *regresso*, e, levantando da sepultura o Lazaro, deu a voz da reorganisação politica e regular do partido conservador.

Em 1837 Vasconcellos chefe do partido morto e ressuscitado venceu á 19 de Setembro.

Em 1838 Martin Francisco e Antonio Carlos eleitos pela provincia de S. Paulo deputados da quarta legislatura apoiárão o gabinete de Vasconcellos e derão-lhe prestigio e força ; mas logo no anno seguinte declararão-se em opposição e em 1840 pozerão-se á frente dos propugnadores da maioridade do imperador o Sr. D. Pedro II.

A' 22 de Julho forão lidos na camara dous decretos do regente, o primeiro, communicando a nomeação do mesmo senador Vasconcellos, para ministro do imperio, e o segundo referendado por este ministro, adiando a assembléa geral.

Martin Francisco, Antonio Carlos com os outros deputados liberaes seguirão para o paço do senado no meio do povo que os victoriava, reunirão-se aos senadores que apoiavão á maioridade, e mandarão uma deputação ao imperador para expôr os perigos que corria o Estado e pedir-lhe que tomasse as redeas do governo.

De sua parte o regente do imperio Pedro de Araujo Lima, depois visconde e marquez de Olinda, recuou em face do pronunciamento geral, e depois de apresentar-se ao imperador, convocou para o dia seguinte (23 de Julho) a assembléa geral, a qual immediatamente proclamou a maioridade do Sr. D. Pedro II, que, chegando ao paço do senado ás tres e meia horas da tarde, prestou o juramento prescripto pela constituição.

A 24 de Julho o imperador formou o seu primeiro ministerio, no qual Martin Francisco occupou a pasta da fazenda.

Esse gabinete durou oito mezes.

Em 1841 o velho Martin Francisco fez na camara temporaria viva opposição ao ministerio que fôra organisado em Março, e o atacou depois ainda mais ardentemente na assembléa provincial de S. Paulo, protestando contra as leis de 3 de Dezembro, e do conselho de Estado.

Em 1842 coube-lhe provar seus ultimos desgostos politicos em consequencia da revolta dos liberaes em S. Paulo e Minas-Geraes.

Gasto de forças, embora com a intelligencia sempre fulgurosa Martin Francisco Ribeiro de Andrada morreu em Santos á 23 de Fevereiro de 1844.

Foi orador distincto, elegante e correcto, o homem de severidade de costumes e de probidade inexcediveis. Foi duas vezes ministro, deputado da constituinte brazileira, e em duas legislaturas, e baixou ao tumulo levando ao peito o habito da ordem de Christo que lhe fôra dado no tempo colonial.

Roubado ás sciencias pela politica deixou poucos escriptos publicados que forão os seguintes:

Manual de mineralogia, ou esboço do reino mineral, disposto segundo a analyse chimica de Mr. Farher, etc. Traduzido em portuguez. Lisboa, na offic. de João Procopio Corrêa da Silva, 1799, 4°, 2 tomos com estampas.

Tractado sobre o Canamo, composto em francez por Mr. Morcandier, traduzido em portuguez. Lisboa, 1799, 8°.

Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo em 1805. Sahiu na *Revista* trimensal do Instituto, tomo IX, pag. 527.

24 DE FEVEREIRO

FRANCISCO CORDEIRO DA SILVA TORRES E ALVIM

VISCONDE DE JERUMIRIM

Na quinta de Olaia, termo da villa de Oureos, no reino de Portugal, nasceu á 24 de Fevereiro de 1775 Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim, segundo filho varão de Antonio de Souza Mello e Alvim e de sua mulher D. Maria Barbosa da Silva Torres.

Aos dezesete annos tendo completado brilhantemente todas as suas humanidades foi Francisco Cordeiro para Lisboa, e feitos os seus exames, assentou praça de aspirante na academia de marinha em 1797: laureado no curso desta academia e já segundo-tenente, requereu para

frequentar a militar de fortificação, artilharia e desenho, e ganhou o primeiro premio em todos os annos.

A' pedido de todos os lentes, concedeu o governo em 1804 á Francisco Cordeiro passagem para o corpo de engenheiros, esperando aquelles têl-o por companheiro do magisterio.

Concluido o curso de engenharia, Francisco Cordeiro foi encarregado do encanamento do Tejo que transbordára e rompêra os antigos diques de suas margens entre Santarém e Vallada, e havia mais de um anno que com pericia notavel dirigia essas obras hydraulicas, quando á 25 de Novembro de 1807 em noite tempestuosa foi sua casa repentinamente invadida por multidão de soldados francezes que avançavão sobre Lisboa.

Não querendo ficar em Portugal sob o dominio dos invasores, uma noite (poucas semanas depois) embarcou em Lisboa no cáes do Sodré em um bote, levando comsigo a esposa, com quem se ligára no dia antecedente, desceu as cinco leguas rio abaixo, atravessou a linha de canhoneiras que vigiava e defendia a barra, e ao amanhecer atracou á fragata ingleza *Nympha*. Em breve seguio para a Inglaterra, e desta para o Brazil, chegando no Rio de Janeiro á 12 de Maio de 1809.

Promovido logo á capitão e empregado no serviço da casa real, foi em 1811 nomeado lente da Academia Militar, e incumbido de dar diversos compendios para o curso dessa escola creada no Rio de Janeiro, o que elle promptamente executou, compilando os melhores autores.

Em 1813 dirigio a reparação e perfeição dos trabalhos hydraulicos deixados pelos jezuitas na fazenda de Santa

Cruz, e depois o encanamento das aguas de Maracanan e a construcção do chafariz do campo de Sant'Anna (praça da Acclamação) na cidade, antiga o cáes da praça do Commercio, e inspeccionou as obras da alfandega.

Em 1822 adherio á causa da independencia do Brazil e no serviço do novo imperio foi encarregado das fortificações desde a barra de *Guaratiba* até a *Gavia*: A 24 de Dezembro de 1827 recebeu a nomeação de *inspector geral da caixa de amortisação* e no anno seguinte entrou para o ministerio, tomando a pasta da guerra; mas sentio-se fóra do seu elemento: desgostou-se desde o primeiro dia, e no fim de poucos, obteve sua demissão pedida com instancia.

Em 1830 dirigio as obras do canal da *Pavuna* e do rio *Guandú*, e deixou provadas suas altas habilitações em numerosas consultas sobre machinas e inventos, no plano do dique da ilha das Cobras, na planta da casa de Correcção da capital, no exame do Arsenal de Marinha, e no trabalho que escreveu para reorganisação da Escola Militar.

Tinha gradualmente subido em postos: em 1833 foi reformado á pedido seu no de marechal de campo, e em 1846 aposentado no lugar que exercia na caixa da Amortisação.

Mas em 1840, o Imperador declarado maior, nomeára Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim veador das princezas, no anno seguinte, membro do conselho de Estado que então se organisou, agraciando-o antes com a grande dignitaria da Imperial Ordem da Roza; dando-lhe mais tarde, em 1854, o titulo de visconde de Jerumirim.

Este illustre cidadão falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 8 de Maio de 1856 aos oitenta e um annos de idade.

Além de grande dignitario da Imperial Ordem da Roza, foi official da do Cruzeiro e cavalleiro da de S. Bento do Aviz.

A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional o teve por seu presidente honorario e o Instituto Historico e Geographico do Brazil por um dos seus membros fundadores.

O visconde de Jerumirim foi um dos mais illustrados e mais modestos homens do seu tempo.

Elle deixou em numerosos manuscriptos importantes *Memorias* sobre systema de pezos e medidas, systema geral de pharóes, assumptos de administração financeira, e muitas outras sobre diversas materias.

25 DE FEVEREIRO

JERONYMO DE ALBUQUERQUE

A data sob a qual fica registrado o nome deste fidalgo portuguez que é brazileiro pelos serviços que prestou á capitania de Pernambuco, á que completamente ligou-se, deixando nella o seu nome perpetuado por numerosos filhos, dos quaes mais de um immortalisou-se por feitos heroicos, é muito duvidosa quanto ao dia e mez; indica-se porém segura em relação ao anno.

Jeronymo de Albuquerque veio para Pernambuco em 1535 acompanhando sua irmã D. Brites, esposa do donatario Duarte Coelho, o qual já tinha vindo adiante lançar os fundamentos da sua colonia.

Os *cahetés* depois de derrotados em 1535 tornárão

por mais de uma vez á guerrear contra os conquistadores, e em fins de 1547 se apresentarão ameaçadores nas proximidades de Olinda, e diante de Iguarassú.

Jeronymo de Albuquerque agradara-se tanto do Brazil, que resolvera ficar nelle: nos primeiros annos da fundação da capitania de Pernambuco distinguira-se e fôra feliz vencedor batendo os indios: diz-se que menos afortunado perdera um olho em alguma outra peleja; mas ainda peior que isso á 2 de Janeiro de 1548 cahio prisioneiro em poder dos selvagens, que em fins de 1547 atacarão as colonias nascentes de Pernambuco, e foi condemnado ao horrivel sacrificio da antropophagia.

E' de crer que não fosse dos ferozes *cahetés*; mas sómente delles alliada e trazida do interior a horda bellicosa, menos cruenta porém; em cujo captiveiro foi arrastado Jeronymo de Albuquerque; porque diz a chronica, que delle apaixonada a filha de *Arco-Verde*, morubixaba, ou chefe da horda vencedora, conseguira de seu pae, que o condemnado á servir aos gozos da antropophagia em banquete de horrorosa vingança, lhe fosse dado e conservado como dilecto consorte.

Jeronymo de Albuquerque objecto do amor, e rei do coração da enamorada filha de *Arco Verde*, por ella dominou sobre a horda selvagem, fez christã essa india que recebeu no baptismo o nome de Maria do Espirito Santo, abençoou e legitimou o primeiro fructo de sua união, á quem deu seu nome, Jeronymo de Albuquerque (em 1599 conquistador do Rio-Grande do Norte, e em 1614 vencedor dos francezes no Maranhão), e final-

mente aldeou nas visinhanças de Olinda *Arco Verde* e seus indios tornando-se esse chefe alliado precioso dos portuguezes.

Inconstante, e sensual Jeronymo de Albuquerque multiplicou seus amores illicitos de modo á receber admoestações e censuras da rainha D. Catharina, regente do reino durante a menoridade de D. Sebastião, a qual por fim annunciando-lhe a ida de D. Christovão de Mello para Pernambuco, aconselhou-o á tomar por legitima esposa alguma das filhas deste fidalgo.

Jeronymo de Albuquerque obedecendo gostoso á rainha, casou-se com D. Felippa de Mello, e, apezar de estar já avançado em idade, teve della onze filhos, vindo á deixar vinte e quatro entre esses legitimos e os outros treze uns mamelucos, como o heróe de seu nome e filho de Maria do Espirito Santo, a india que amorosa e apaixonada o salvára, e outros nascidos de portuguezas, aos quaes todos soube ao menos legitimar.

Por morte de Duarte Coelho em 1554 Jeronymo de Albuquerque foi o recurso de sua irmã viuva contra os *cahetés* que voltárão animados e embravecidos á atacar a capitania.

Velho e curvado ao pezo de innumeros serviços provados em grandes e multiplicadas pelejas, tronco de heróes, brazileiro pela gloria, pelo amor, pelos filhos que deixava ao Brazil, Jeronymo de Albuquerque falleceu em Olinda aos 25 de Fevereiro de 1594, tendo de idade cerca de oitenta annos.

26 DE FEVEREIRO

DIOGO PINHEIRO CAMARÃO

Natural do Rio Grande do Norte, ou, como pensava e informa em precioso manuscripto Abreu Lima, nascido em Pernambuco, Diogo Pinheiro Camarão era de raça pura do gentio do Brazil, e sobrinho do famoso D. Antonio Felippe Camarão.

E' provavel que tivesse já nascido no seio da sociedade catholica, á que pertencia desde menino seu tio: recebeu limitada educação, e não está averiguado o anno, em que começou a servir na guerra contra os hollandezes no Brazil; mas é positivo que desde 1645 servia nella com distincção e bravura, pertencendo ao corpo de indios commandado por D. Antonio, o heroico—Poty—dos selvagens. Em 1648 fez proezas na primeira batalha dos Guararapes.

No fim desse anno morrendo D. Antonio Felippe Camarão, o governador dos indios, era tal a reputação de valentia de Diogo Pinheiro, que lhe foi dado o commando do terço de que seu tio fôra organisador e mestre de campo.

Logo no anno seguinte elle coroou-se de louros na segunda batalha dos Guararapes, concorrendo muito para a victoria com os seus indios, que igualárão em arrojo aos negros de Henrique Dias.

Desde essa jornada celebre Diogo Pinheiro Camarão foi contado entre os chefes mais intrepidos e habeis.

Em seguida de 1649 á 1654 abrilhantou seu nome em diversos combates, nos quaes nunca recuou vencido, embora o julgassem ás vezes arrebatado e imprudente pela ousadia que o levava á não calcular com o numero, nem com a posição favoravel das forças inimigas. No ataque e tomada do forte do Barreto firmou a sua gloria de chefe e de combatente bravo, e indomito.

O maior elogio de Diogo Pinheiro Camarão fizerão os seus companheiros e irmãos de peleja, e de guerra, dizendo e proclamando, que elle fôra digno successor de seu tio, cuja fama soubera manter em toda a sua maior altura.

Ignora-se o dia do fallecimento de Diogo Pinheiro Camarão, que foi indio denodado e heroico na guerra contra os hollandezes.

Seu nome fica arbitrariamente registrado no dia 26 de Fevereiro.

27 DE FEVEREIRO

BELLARMINO DE MATTOS

Tinha aqui seu lugar de honra o pobre homem do povo, operario laborioso, e honesto cidadão que de simples compositor de typographia pouco e pouco se elevou pelo trabalho, pela intelligencia e pela constancia á prestante e benemerito membro da familia de Guttemberg.

A 31 de Outubro de 1821 chegára á cidade de S. Luiz do Maranhão a primeira typographia que se estabeleceu nessa provincia, estando á reclamal-a o *Conciliador do Maranhão* tambem a primeira gazeta alli publicada, e que rompera em *manuscripto* e por numerosas copias no dia 18 de Abril desse anno ao impulso da noticia que inesperada chegára da revolução constitucional de 1820 em Portugal.

Até 1830 foi essa a unica imprensa do Maranhão chamada depois da independencia *Typographia Nacional Imperial*: Clementino José Lisboa fundou em 1830 a *Typographia Constitucional* e João Francisco Lisboa e o Sr. Frederico Magno d'Abranches estabelecerão em 1835 outra, que em breve passou á propriedade do Sr. major Ignacio José Ferreira.

Em 1843 a *typographia* de F. de S. N. Cascaes introduzio melhoramentos, e comprada pelos Srs. Drs. Fabio Alexandrino de Carvalho Reis, A. Theophilo de Carvalho Leal, e A. Rego ainda mais aperfeiçoada publicou o *Progresso,* primeira folha diaria que teve o Maranhão, seis volumes de romances, e em 1849 a segunda edição dos *Annaes historicos do estado do Maranhão* por B. P. de Berredo.

Foi nesta typographia que concluio o seu aprendisado Bellarmino de Mattos, tendo por mestre e director o habil Antonio José da Cruz que era o chefe da officina.

Bellarmino de Mattos nasceu na povoação do Axixá, pertencente á villa de Icatú, provincia do Maranhão, em 24 de Maio de 1830, e veio para a cidade de S. Luiz aos seis annos de idade trazido por sua mãe D. Silvina Rosa Ferreira.

Aos dez annos, sabendo ler e escrever correntemente, entrou de aprendiz na typographia da *Temperança* até que passou para a do *Progresso* que em 1849 teve por novo proprietario o seu chefe Antonio José da Cruz.

Em cinco annos de trabalho e de luta com a pobreza Bellarmino de Mattos serve com dedicação á seu velho mestre, e rouba metade das horas do descanso, ora grudando papel, porque faltava o do formato do *Progresso*, ora publicando em avulsos, que elle proprio e só compunha e imprimia *orações* e lendas de sanctos, cuja procura lhe dava algum lucro.

Em 1854 o velho A. J. da Cruz aceitou um emprego e suspendeu a publicação do *Progresso*, orgão da opposição liberal; mas os Srs. Drs. Carlos F. Ribeiro, e J. J. Ferreira Valle fundárão imprensa por conta propria, os jovens operarios do *Progresso* correrão todos para ella, e Bellarmino de Mattos chefe da officina á organisar, desenvolveo aptidão, actividade e experiencia que á todos admirarão. Foi então que deu-se com ardor e penetrante intelligencia ao estudo elevado da arte typographica, pondo-se em pouco tempo á par de todos os aperfeiçoamentos, conhecedor de todas as machinas, apparelhos e innovações, introductor de melhoramentos, e enthusiasta apaixonado da filha de Guttemberg, cujo amor glorificou-o.

Mas a intolerancia politica, o abuso, e a violencia quizerão amordaçar a imprensa da opposição: os operarios typographos forão ameaçados, dous delles presos e obrigados á assentar praça. Os redactores dos jornaes lavrarão protesto, e Bellarmino, refugiado na casa do Dr. Carlos F. Ribeiro, concebeu nesses dias de adversidade a idéa da *Associação Typographica Maranhense* que installou á 11 de Maio do mesmo anno de 1857, em que tanto soffrêra.

Depois de alguns annos que pertencem mais ás lides politicas, do que á vida artistica de Bellarmino de Mattos, aliás sempre fiel e dedicado ao partido liberal de sua provincia, um dos mais eloquentes e prestimosos propugnadores deste na imprensa, e sobre isso patriota inspirador de todos os progressos do Maranhão, e litterato abalisado, o Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, dando a Bellarmino conselho, animação, o favor de seu credito e a honra de sua firma, levou-o a tomar do Banco Commercial as quantias necessarias para a fundação de uma typographia propria e digna da arte de que elle já era mestre.

Bellarmino deu então alma, brilhantismo, e no Brazil primazia á imprensa do Maranhão. De sua typographia sahirão—*treze volumes de almanaks*—as *Postillas grammaticaes* de Sotero—as *poesias de Franco de Sá*—as *comedias* do Dr. Luiz M. Quadros— as *comedias* e *poemeto* de Joaquim Serra, e sequente e numerosa serie de obras de autores e de traductores nacionaes, servindo não só á sua provincia, como ás do Pará, Piauhy, Ceará e Pernambuco.

Vienna d'Austria, Paris, Londres, Bruxellas, Lisboa e Nova-York estavão em constante tributo de seus melhores typos, e de suas mais aperfeiçoadas impressões.

Bellarmino de Mattos obteve premio assignalado na exposição nacional realisada no Rio de Janeiro em 1867.

Conquistou duas corôas que a gratidão da patria zéla e perpetúa. Graças á sua proficiencia e probidade a sua typographia foi e continúa á ser a mais perfeita

na nitidez e belleza das obras, e a mais commoda, justa, e, diga-se a palavra, a mais barata no custo das publicações em todo o imperio do Brazil. Graças ao seu patriotismo, e ao seu amor das lettras e da arte Bellarmino de Mattos multiplicou edicções de obras antigas e originaes, e de traducções todas de brazileiros ou concernentes ao Brazil, e foi por tanto fonte notavel e rica de civilisação de sua provincia e do imperio.

Em que peze á memoria sympathica de Paula Brito, e os Srs. Laemmert e Garnier prestimosos e recommendaveis editores de obras na cidade do Rio de Janeiro, Bellarmino de Mattos foi o primeiro typographo do imperio, foi o representante mais legitimo, e amestrado do progresso da arte typographica no Brazil.

Por tudo isso a provincia do Maranhão deu-lhe, e o Brazil todo deve conservar-lhe o appellido de—*Fermin Didot* Maranhense.

Em 1866 imputarão-lhe crime que nodoava sua honra: a inveja, e talvez odios politicos o levarão da officina, onde radiava, á cadêa que o abateu e prostrou.

Dous jurys em suas sentenças successivas o tribunal da Relação, e o Supremo Tribunal de Justiça reconhecêrão e proclamárão a innocencia da victima.

Mas a victima ficára ferida no coração.

Livre e sempre laborioso Bellarmino de Mattos envelhecido pelo infortunio, ressentido da injustiça dos homens, viveu obumbrado, e não sorrio mais ao mundo.

Teimava em viver e trabalhar só por sua velha mãe.

Adoeceu. A' 26 de Fevereiro de 1870 presentio que

ia morrer, e ás dez horas da noite disse á pobre mãe desolada:

— Não chore; atormenta-me deixal-a tão pobre; mas consola-me o apoio que lhe fica em meus irmãos. Tenha coragem! eu vou morrer; mas não me chore......

E não fallou mais.

A's duas horas da madrugada do dia 27 *de Fevereiro de* 1870 Bellarmino de Mattos, exhalou o ultimo suspiro.

Homem do povo, operario intelligente e laborioso, filho estremecido, cidadão honesto, artista de grande merecimento, typographo amante apaixonado de sua arte, provecto mestre, patriota, luz civilisadora, creador da melhor, da mais aperfeiçoada, e da mais fertil, primorosa e util typographia do Brazil Bellarmino de Mattos deixou nome e memoria que pertencem ao Pantheon da patria.

Sobre este benemerito estende-se sem exageração o — *ensaio biographico* competente do illustrado Sr. Dr. Antonio Henriques Leal no II tomo do seu *Pantheon Maranhense*, do qual foi em resumo tirado este artigo.

28 DE FEVEREIRO

JOSÉ DE SÁ BITANCOURT ACCIOLI

No anno de 1752 nasceu na villa depois cidade de Caethé, provincia de Minas-Geraes José de Sá Bitancourt Accioli, e tendo seus paes transferido sua residencia para a provincia da Bahia, onde tinhão comprado uma fazenda, ficou elle e um irmão seu em companhia de D. Maria Izabel de Sá Bitancourt, que se encarregou de educal-os.

Bitancourt Accioli tomou na Universidade de Coimbra o grão de bacharel em sciencias naturaes, deixando nella reputação de estudante distincto.

De volta á Minas-Geraes, o joven naturalista exaltou-se, admirando as riquezas naturaes da patria, fez algumas obras de excellente kaolim de Caethé, e fundio ferro, que remetteu a alguns amigos e condiscipulos com ligeira

memoria escripta sobre esse metal e a abundancia em que se offerecia : a memoria foi lida no meio de brindes á *prosperidade do Brazil* em um jantar que precedeu poucas semanas á denuncia da conspiração mineira em 1789, e á immediata prisão dos chefes conspiradores.

Sabendo que tambem o querião prender, Bitancourt Accioli fugio para a Bahia com a intenção de emigrar para os *Estados-Unidos* ; mas o engenho de Acarari á que se acolhera, foi uma noite cercado por trezentos soldados de linha, e elle preso, levado para a cidade de S. Salvador, e d'ali remettido para a do Rio de Janeiro,onde a alçada estava procedendo contra os conspiradores.

Com cento e oito annos de edade a velha D. Maria Izabel fez prodigios de actividade e de empenho e poude reunir e apresentar á favor da innocencia do sobrinho documentos que obrigarão a sua absolvição pela terrivel alçada.

E' muito licito duvidar dessa innocencia de Bitancourt Accioli que em Coimbra fôra do tempo em que muitos estudantes brazileiros comprometterão-se á trabalhar pela independencia da patria.

Bitancourt Accioli, absolvido, tornou para a Bahia e nas margens do Rio de Contas estabeleceu fazenda, dando-se á cultura do algodoeiro.

D'ahi o tirou o governo em 1799, encarregando-o de explorações mineralogicas com especial inspecção nas minas de salitre de *Montes Altos* : elle, obedecendo, deu ao governo conta de suas observações em memoria, que a Academia das Sciencias de Lisboa mandou imprimir : ao mesmo tempo nos Montes Altos fundou bem montada fabrica, abriu pelo sertão estrada que aproximava a fabrica de

porto de embarque, e auxiliou muito a colonisação que lhe vinha das ilhas ; mas as despezas do transporte do salitre desanimarão o governo, a guerra da Europa fez paralisar os trabalhos dependentes da onerosa protecção official, e o inspector das minas de Montes Altos pediu, obteve sua demissão, e voltou á fazenda do Rio das Contas.

Lá não só plantou para si, como distribuiu sementes pelos moradores visinhos, instruindo-os no cultivo do algodoeiro, e na industria respectiva, escrevendo memorias sobre o assumpto ; mas de subito a mãe adoptiva o chama.

Pretextando seus cento e doze annos de edade a nobre e energica velha D. Maria Izabel via-se declarada demente e privada da direcção e uso de seus bens. Bitancourt Accioli parte para Minas-Geraes, annulla todos os ardiz da ambição, faz sua tia entrar na posse e governo de quanto lhe pertencia, e fica a amparal-a até que lhe fecha os olhos ; mas permanece em Minas-Geraes, porque sua mãe adoptiva o constituira seu herdeiro.

Rebenta em Portugal a revolução de 1820 :

Bitancourt Accioli a saúda como liberal, e como brazileiro exulta, prelibando a immediata revolução brazileira da independencia.

O perseguido, e processado, o preso, e lançado em masmorra de 1789 á 1992 acclama 1820 que prepara 1822.

Ao saber no fim de 1821 do decreto das côrtes, que arrancava da regencia do Brazil o principe D. Pedro, e o mandava á viajar pela Europa, installa em Caethé com outros patriotas a sociedade que denominarão—*Pedro e*

Carolina—com o fim de representar ao principe, pedindo-lhe que não deixasse o Brazil, e de preparar meios para impedir a recolonisação da patria.

A' noticia de que o governo provisorio instituido em Ouro Preto cedendo á impulsos de exaltamento ultra-liberal se oppunha ás manifestações contra as côrtes de Lisboa, e favoraveis á regencia já revolucionaria de D. Pedro no Brazil, Bitancourt Accioli, coronel de milicias, poz-se á frente do seu regimento, proclamou o regente D. Pedro, reuniu o segundo regimento de cavallaria commandado por parente seu, e marchou sobre a capital da provincia, parando sómente, onde e quando soube que D. Pedro, sem exercito, entrára em Minas, estava á tres leguas do Ouro Preto, e que por toda parte o povo o acclamava, e lhe dava por carro triumphal o enthusiasmo do patriotismo.

Bitancourt Accioli mandou seu filho, o tenente-coronel José de Sá assegurar ao principe sua dedicação e a da tropa do seu commando.

Não foi de ceremonia, ou de simples cortejo a segurança.

Rompeu na Bahia a guerra da independencia : o coronel Bitancourt Accioli lembrou ao governo a marcha de corpo auxiliar dos independentes pelo interior, e autorisado á levantar a força, tirou do seu regimento um batalhão de 585 praças á frente das quaes marchou para a Bahia seu digno filho o tenente-coronel José de Sá Bitancourt e Camara.

Elle contava setenta annos : velho e abatido não poude commandar a expedição patriota ; mas vingou-se da velhice e das molestias que o prostravão, mandando no batalhão

além do commandante mais tres filhos seus á combater e promptos á morrer pela independencia da patria.

José de Sá Bitancourt Accioli tem titulos de sobra á gratidão nacional, como benemerito.

1 DE MARÇO

VALENTIM DA FONSECA E SILVA

Falleceu neste dia do anno de 1813 na cidade do Rio de Janeiro Valentim da Fonseca e Silva geralmente conhecido pelo *mestre Valentim.*

Nascera em Minas-Geraes: seu pae, um fidalgo portuguez contratador de diamantes, teve-o de uma pobre mulher brazileira, e levou-o para Portugal ainda em tenra idade, e ahi começava á educal-o.

Valentim voltou para o Brazil, quando lhe sorria a joventude; porque, perdendo seu pae, os parentes o mandárão transportar para o Rio de Janeiro.

Pobre, abandonado; mas laborioso, cedendo á mais decidida vocação entregou-se ao estudo da arte toreutica com o entalhador que fez as primeiras obras da Ordem terceira do

Carmo, as quaes depois concluio em parte; porque em breve se tornára habilissimo artista.

O mestre Valentim celebrisou-se: seu grande amor ao trabalho igualava apenas a facilidade na invenção. A' elle corrião todos os artistas do Rio de Janeiro, principalmente os ourives e lavrantes para obter desenhos e moldes de banquetas, ciriaes, lampadas, custodias, frontaes, salvas e quanto exigia luxo e gosto. As lampadas de prata ainda hoje admiradas nas igrejas de S. Bento, Carmo, e de Santa Rita forão por elle desenhadas e modeladas. Toda a obra de talha da igreja da Cruz, os ornatos da sachristia da de S. Francisco de Paula e outros do mesmo genero forão do inspirado artista.

O vice-rei Luiz de Vasconcellos teve no mestre Valentim o seu braço direito (como dizia) para as obras que fez executar.

O chafariz que hoje se vê no meio da praça de D. Pedro II (largo do Paço d'antes chamado), foi obra do mestre Valentim.

Ardendo na noite de 24 de Agosto de 1789 o recolhimento do Parto, o mesmo mestre o reedificou em tres mezes e dezesete dias, dando admiravel prova de actividade e intelligencia, protestando com tudo contra o desenho do antigo edificio que foi obrigado á respeitar.

Luiz de Vasconcellos deveu-lhe mais e muito melhor do que essas duas obras, e Valentim á elle no *Passeio Publico* do Rio de Janeiro; porque a gloria repartio-se entre o fundador e o architecto.

Por ordem do vice-rei uma lagoa (chamada do *Boqueirão*) foi aterrada á custa de um monte denominado das

Mangueiras : no lugar do monte está a rua que conserva o seu nome : e sobre o terreno artificial do Boqueirão alargou-se e alindou-se o Jardim Publico, que terminava como ainda hoje acaba em espaçoso terraço sobre o mar.

Valentim deu o risco e os modelos de toda a obra architectonica, deu os desenhos para todos os ornatos, e na pequena cascata que fica entre as duas escadas centraes do terraço além de outros primores que se perderão, collocou os dous *jacarés* cuja fundição dirigio em pessoa. Na quasi completa e apurada transformação porque passou o Jardim Publico sob os planos e execução do habil Sr. Glaziou a cascata e os jacarés do mestre Valentim forão respeitados e se conservárão como preciosidades artisticas.

O grande mestre concluira o *Passeio Publico* em quatro annos, e quasi ao mesmo tempo o chafariz das Marrecas com as estatuas de Echo e Narcizo, que parecem erguidas sentinellas á guardal-o.

Entre muitos outros louvados trabalhos desenhou Valentim os modelos de dous apparelhos de porcellana fabricados por João Manso, chamado o chimico, com o kaolim da ilha do Governador, os quaes forão applaudidos em Lisboa.

A mais competente das autoridades, o Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, actual barão de S. Angelo, lavrou sobre o mestre Valentim o seguinte juizo :

« Foi um grande artista, homem extraordinario para o Brazil daquelle tempo e para o de hoje e o seu nome deve ser venerado. »

2 DE MARÇO

JOSÉ CORRÊA DA SILVA

Em 1746 nasceu em Pernambuco José Corrêa da Silva, que por seus paes foi destinado á carreira militar.

Em 1777 era alferes do regimento de infantaria do Recife, que se achava destacado na ilha de Santa Catharina, quando á 27 de Fevereiro o governador Antonio Carlos Furtado de Mendonça entregou por indigna capitulação a praça ao general hespanhol D. Pedro Cevallos.

Então o alferes José Corrêa corre ao quartel, toma a bandeira do seu regimento, cingi-se com ella, consegue passar da ilha ao continente, demora-se alli occulto dous dias á espera das consequencias da capitulação e sabendo emfim que a ilha ficára conquistada pelos hespanhóes, á 2 de Março ouza encetar a pé longuissima viagem para levar a

bandeira por elle glorificada á Pernambuco, devendo atravessar os sertões de S. Paulo e Minas-Geraes o que effectuou.

O governador José Cesar de Menezes o elevou á tenente e logo depois a tenente ajudante do regimento de granadeiro, e como José Corrêa se distinguisse por muito intelligente, e escrevesse com letra admiravel foi encarregado de organisar mappas estatisticos, que seguidamente se remetterão para Lisboa recommendados pela sua precisão, clareza e importancia, como pelo trabalho esmerado caligraphico.

O mesmo capitão-general José Cesar de Menezes promoveu José Corrêa á capitão, deu-lhe o commando da fortaleza do mar, e em 1787 encarregou-o da policia da villa e do termo do Recife.

Era enormissima a ultima tarefa. Abundavão ladrões e assassinos: as noites erão de cuidados e de apprehensões no Recife e seus proximos bairros: José Corrêa, que não se recommendou pela estricta legalidade de seus actos policiaes, e que arbitrariamente foi prendendo e soltando, ou mandando para a ilha de Fernando facinoras conhecidos, e homens suspeitos e de envolta com elles talvez alguns innocentes, procedeu com energia tal, que no fim de um anno de seu absolutismo official os habitantes do Recife dormião tranquillamente, e seguros sem mais receios de perturbação de seu somno, e de algum descuido na segurança das portas.

José Corrêa atravessou quatro governos da capitania, dirigindo á contento geral por mais de vinte annos a policia do municipio ou termo do Recife. A's vezes arbitrario;

mas sempre bem intencionado foi a amada garantia da vida e da propriedade, e por isso mesmo elemento civilisador proprio e adequado áquelle tempo.

Com sessenta e quatro annos de idade, e cincoenta de importantes serviços José Corrêa da Silva morreu em Pernambuco no anno de 1810 pouco depois de ser promovido á tenente-coronel.

No horisonte modesto de sua vida se distinguira e se exaltára tanto que tem direito á honorifica menção na historia da patria.

3 DE MARÇO

JOSÉ ANTONIO MARINHO

No dia 4 de Março de 1853 funebre acompanhamento numeroso seguia o caixão que encerrava o cadaver de um homem por mais de um titulo illustre ; o que porém muito impressionava no luctuoso sequito era o bando, mais que centena de meninos muitos banhados em pranto, e afflictos ou tristissimos todos.

Era simples e eloquente o quadro: levava-se ao jazigo dos mortos o conego Marinho, que fallecêra á 3 *de Março de* 1853.

José Antonio Marinho, filho legitimo de Antonio José Marinho e de sua mulher de nome esquecido, nasceu á 7 de Outubro de 1803 no porto do Salgado, povoação mesquinha á um quarto de legua do Rio de S. Francisco.

O menino Marinho tinha contra si a pobreza dos paes, que era como negação do esperançoso futuro, e o accidente da côr que o amesquinhava diante da vaidade parva de não poucos; Deus porém lhe dera em seu favor aquella flamma que vale mais do que minas de ouro, e que não tem côr nem branca, nem parda, nem preta—a flamma da intelligencia.

Marinho fez os seus estudos de instrucção primaria no *Salgado*: admirou ao mestre; mas não poude passar d'ahi: ou vocação, ou recurso desejava em balde *aprender latim e ser padre*: desejo vão!

A providencia deixa-se ás vezes chamar *acaso*. Um *acaso* veio em soccorro de Marinho já adolescente.

Havia festa religiosa no *Salgado* e além da festa de igreja comedia em theatro particular; mas na vespera adoece o encarregado do principal papel da comedia; o festeiro se desconsola; acode porem Marinho, diz que assistira aos ensaios e que sabe de cór a parte do protogonista, e é aceito, como triste recurso.

A comedia vai á scena, e Marinho excede á toda espectativa, brilha, é coberto de applausos, e ganha as honras da representação theatral.

Logo depois um fazendeiro manda-o para Pernambuco, á cuja diocese pertencia então o Salgado, afim de fazel-o seguir os estudos necessarios e tomar ordens sacras, e com recommendação sua o bispo o admitte como seu famulo.

Mas rebenta em Pernambuco a revolução de 1817 e o estudante Marinho, famulo do bispo, toma as armas, e compromette-se, e em breve, fugindo ás tropas reaes

vencedoras, atravessa sem recursos pecuniarios e só immenso sertão, demora-se na villa da Barra acolhido por generosa familia, da educação de cujos filhos se occupa por algum tempo, e emfim outra vez favorecido pelo seu primeiro protector vai para o seminario do Caraça, onde continúa e acaba seus estudos, e depois de algumas contrariedades toma ordens sacras em 1829.

Em 1831 teve por concurso a cadeira de philosophia racional e moral da cidade do Ouro Preto, leccionando algum tempo depois a mesma materia na cidade de S. João d'El-rei.

Na tribuna sagrada foi orador distinctissimo: mereceu ser nomeado em 1839 pregador da capella imperial; em 9 de Setembro de 1840 conego honorario e em seguida effectivo da mesma capella, e camarista secreto supranumerario de sua Santidade, com honras de monsenhor á 11 de Novembro de 1847.

Nesse mesmo anno entrou em concurso, pretendendo a igreja do SS. Sacramento da cidade do Rio de Janeiro: seu acto foi brilhantissimo: apresentado á 8 de Maio era tres dias depois confirmado e collado cura dessa igreja.

Mas a politica absorveu em grande parte a vida do illustre mineiro.

Liberal pronunciado foi nos ultimos annos do primeiro reinado ardente opposicionista em Minas-Geraes: em 1835 sentou-se com Vasconcellos, Theophilo Ottoni e outros na primeira assembléa provincial de Minas, e em 1837 tomou assento na camara temporaria da assembléa geral, e revelou-se logo orador distincto, e inspirado improvisador.

Em 1842 entrou com o partido liberal mineiro na re-

volta que se desfez depois da derrota de *Santa Luzia*; refugiado na fazenda de S. Gonçalo no municipio de Queluz, escreveu a sua *Historia da revolução de Minas* e tendo sido de todo pacificada a provincia, entregou-se á justiça publica, e o jury da villa de Piranga o absolveu.

Em 1844 o imperador concedeu amnistia á todos os compromettidos nas revoltas de 1842.

Marinho volta á assembléa geral em 1845, e é reeleito deputado na seguinte legislatura, sendo porém dissolvida a camara em 1849.

Na imprensa politica redigio um periodico de curta duração em S. João d'El-Rei e em 1847 foi-lhe confiada pelo partido liberal a redacção em chefe do *Correio Mercantil.*

No seminario do Caraça e ainda muitos annos depois Marinho não primou por estudioso e applicado; mas com assombrosa intelligencia vencia em horas, o que a outros custava longos dias de estudo: na tribuna parlamentar sorprehendia á todos por triumphos de eloquencia principalmente nos improvisos.

De 1845 am diante tornou-se homem de leitura e de meditação e dentro em pouco adquirio muita illustração.

Arredado da politica, realisou em 1849 bellissima idéa, creando na capital do imperio o collegio, que conservou o seu nome ainda muitos annos depois da sua morte.

Director e principal professor do *Collegio Marinho,* á este dedicou-se todo, applicando ao ensino da instrucção

secundaria os melhores methodos modificados pelo seu lucido juizo.

Em tão grande empenho o que menos o preocupava era o cuidado do *lucro*: no *Collegio Marinho* abundavão os estudantes *gratuitos* principalmente de Minas e do municipio da côrte.

O collegio tornou-se muito acreditado, e os collegiaes amavão monsenhor Marinho, como á um pae carinhoso.

A morte veio cortar muito cedo, á 3 *de Março de* 1853 o fio da vida de monsenhor José Antonio Marinho, quando elle tinha apenas cincoenta annos de idade, e era desde um lustro rico e perenne fonte de civilisação.

4 DE MARÇO

JOSÉ JOAQUIM CARNEIRO DE CAMPOS

MARQUEZ DE CARAVELLAS

Nasceu neste dia e no anno de 1768 na cidade de S. Salvador da Bahia o venerando brasileiro, cujo nome, e titulo nobiliario acabão de ler-se: teve elle por paes José Carneiro de Campos e D. Custodia Maria do Sacramento, que o destinarão ao ministerio do sacerdocio.

Em Coimbra Carneiro de Campos depois do curso de sciencias physico-mathematicas, graduou-se em theologia; mas vencendo os desejos da familia contrarios aos seus, tomou o gráo de doutor em direito civil.

Famoso por seu talento, por seus brilhantes estudos, e por costumes puros começou por encarregar-se em Lisboa

do ensino e da educação dos filhos de D. Rodrigo de Souza Coutinho, depois conde de Linhares, o celebre ministro, brazileiro por ascendencia materna, e amigo e protector de brazileiros.

Logo depois empregado na secretaria de Estado da fazenda, Carneiro de Campos vem com a familia real portugueza para o Rio de Janeiro em 1807, e em 1808 official da secretaria de Estado dos negocios do reino, sóbe depois á official maior e até 1820 trabalha zeloso e premiado; mas á sombra do systema administrativo que deixa aos ministros todas as glorias da inspiração e do labor do chefe subordinado.

A commenda da Ordem de Christo á 17 de Dezembro de 1814, a da Ordem da Corôa de Ferro d'Austria em 1817, o despacho de cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição em 1820, a nomeação de secretario da nova fundação dos estudos da Universidade de Coimbra em 1816 attestão o que valia Carneiro de Campos.

Em 1821 elle entra em commissão nomeada para o exame do thezouro.

Em 1823 deputado á constituinte brazileira pela provincia do Rio de Janeiro, entra no ministerio que succede ao dos Andradas, e respeitado por suas idéas liberaes moderadas, e rigida probidade pela opposição Andradista desce sábiamente do poder na vespera da dissolução da constituinte, golpe de estado fatal que reprova.

Ministro em 1823 foi elle quem rechaçou os ultimos empenhos de união do Brazil com Portugal trazidas pelo conde do Rio Maior.

Homem de idéas moderadas, liberal de principios; mas

sem ligações de partido foi Carneiro de Campos um dos dez conselheiros nomeados para redigir a constituição politica do imperio, e o principal inspirador dos principios liberaes que ella firmou.

Senador pela provincia de Bahia em 1826, um anno antes á 12 de Outubro agraciado com o titulo de visconde de Caravellas, e logo depois marquez, ministro da justiça e interinamente do imperio de 1826 á 1827, outra vez ministro do imperio de 4 de Novembro de 1829 até o fim de 1830, o marquez de Caravellas singularisou-se, e exceptuou-se pelo milagre da confiança publica nacional que nunca desmereceu.

Depois da dissolução da constituinte brazileira, quasi todos os ministros de D. Pedro I, erão objectos da reprovação do povo, e hostilisados pelo partido liberal.

O marquez de Caravellas foi tres vezes ministro de D. Pedro I, e tres vezes em seus ministerios poupado e reverenciado pelos liberaes.

E no entanto nunca houve ministro mais fiel e mais leal ao imperador.

Na madrugada de 7 de Abril de 1831 D. Pedro I abdica o throno em seu filho ainda menor o senhor D. Pedro II; triumpha o partido liberal em armas na capital do imperio; em bem da ordem, e no urgente e extraordinario empenho de organisar e dar governo á nação reunem-se no paço do senado os senadores e deputados que se achão na cidade do Rio de Janeiro embora sem o numero legal, elegem uma regencia provisoria, e um dos tres regentes eleitos por notavel maioria de votos foi o marquez de Caravellas,

e tres vezes ministro, e um dos conselheiros de estado do ex-imperador D. Pedro I!....

A 7 de Abril de 1831 o partido liberal em revolução vencedora elevou ao capitolio o sabio estadista marquez de Caravellas.

José Joaquim Carneiro de Campos, marquez de Caravellas, morreu pobre á 8 de Setembro de 1836, tendo sido senador do imperio, conselheiro de estado, por tres vezes, ministro, e membro da regencia eleita no ardor da revolução triumphante. Liberal moderado, justo e conciliador, estadista notavel, illustrado e probo, nunca foi chefe nem seguidor de partido algum politico, e soube merecer sempre a estima e o respeito de todos os partidos.

5 DE MARÇO

MANOEL FERREIRA DE ARAUJO GUIMARÃES

Filho do negociante Manoel Ferreira de Araujo e de D. Maria do Coração de Jezus nasceu á 5 de Março de 1777 na cidade da Bahia Manoel Ferreira de Araujo Guimarães.

Depois de estudar primeiras letras e latim na Bahia o joven brazileiro passou-se para Lisboa, onde com louvor e brilhantismo completou o curso de humanidades, e não podendo por falta de recursos pecuniarios entrar na Universidade de Coimbra, matriculou-se em 1798 no 1° anno da Academia Real de Marinha e no anno seguinte apresentou ao ministro da marinha que então era D. Rodrigo de Souza Coutinho (depois conde de Linhares) a traducção de parte do curso de mathematicas do abbade Marie, com-

prehende a arithmetica e principios de algebra, o sendo examinado este trabalho pela Academia mereceu os maiores applausos.

Findo o anno lectivo Manoel Ferreira foi premiado pelo seu exame e no anno seguinte recebeu do conselho do Almirantado o despacho de aspirante de piloto.

Em 1799 obteve do governo uma pensão de cincoenta mil réis annuaes, emquanto continuasse os estudos na Academia Real de Marinha, tanta era a sua pobreza, e já tão provado o seu merecimento.

Concluindo o curso academico, e apresentando ao ministro a carta geral de sua approvação, Manoel Ferreira foi immediatamente nomeado lente substituto da mesma Academia, sendo-lhe annunciada a patente de 1° tenente da armada, como se praticára com os seus antecessores lentes substitutos; mas entrando logo para a pasta da marinha novo ministro, não quiz este expedir o decreto relativo á patente causando ao distincto brazileiro o prejuizo de sete e meio annos de atrazo em sua carreira militar.

Manoel Ferreira regeu as aulas do 2° e 3° annos; trabalhou na Socidade Militar, de que era membro nato; publicou a traducção da—*Analyse de Cousin*; mas sempre em luta com a falta de recursos, obtendo licença seguio para a Bahia, onde o conde da Ponte governador e capitão-general o hospedou, empenhou-se em protegel-o; debalde porém pedia a prorogação da sua licença; até que a transmigração da familia real portugueza para o Brazil, e a grande influencia do conde de Linhares no governo vierão melhorar a sorte do illustre bahiano.

No Rio de Janeiro, para onde se passára, Manoel

Ferreira foi nomeado capitão do corpo de engenheiros e incumbido de fazer e publicar a traducção da geometria de *Legendre* para a Academia Militar.

Depois de alguns trabalhos litterarios na Academia de Marinha, abrio a 1 de Março de 1809 o curso desta. Em 1811 teve passagem para a Academia Militar, para a qual escreveu os compendios de—astronomia e de geodesia.

Em 1812 perdeu o seu amigo e protector o conde de Linhares : compôz em seu elogio um epicedio que correu impresso com muito louvor.

Em 1813 foi promovido á sargento-mór effectivo, e no mesmo anno começou a redacção da *Gazeta do Rio de Janeiro*, e a do—*Patriota*, interessantissimo periodico que hoje com empenho se procura, e muito raros são os que o possuem.

Em 1821 já era coronel graduado, e jubilou-se na Academia Militar. No mesmo anno deixou a redacção da *Gazeta*, e dedicado á causa da independencia da patria, começou em Outubro de 1822 á publicar o periodico—*Espelho*—, pregando e animando a resistencia ás tropas lusitanas. No mesmo sentido, quando o general Jorge de Avilez se achava com os corpos militares de seu commando na Praia-Grande tinha já publicado o impresso avulso: «Um cidadão do Rio de Janeiro á divizão auxiliadora luzitana» que produzio consideravel effeito.

Em 1823 tomou assento na Constituinte brazileira como deputado pela bahia, e servio na commissão de marinha e guerra.

A simples menção de outros cargos e tarefas que desem-

penhou basta para se avaliar a importancia dos serviços que continuou á prestar.

Elle foi nomeado—em 1823 deputado da junta de direcção da Academia Militar;—em 1824 deputado da junta de inspecção da Typographia Nacional;—em 1826 tomou de novo a redacção da *Gazeta do Rio de Janeiro* que só deixou em Abril de 1830.

Tinha gradualmente subido á brigadeiro graduado do corpo de engenheiros e na effectividade desse posto e com permissão para residir em sua provincia foi reformado em Janeiro de 1831. Era cavalleiro do Ordem Imperial do Cruzeiro e commendador da de S. Bento de Aviz.

Na Bahia ainda não descançou: á 4 de Março de 1834 o governo provincial fêl-o aceitar a nomeação de professor de geometria e mechanica applicada ás artes, cadeira annexa ao arsenal de marinha e para ella deu-se pressa em traduzir a *Geometria* e *Mechanica* applicadas ás artes do barão Dupin.

Foi membro trabalhador e distincto da primeira assembléa provincial da Bahia.

O mais cruel dos golpes estava reservado á sua velhice.

A' 7 de Novembro de 1837 rebentou na Bahia a revolta republicana que foi esmagada em Março do anno seguinte. O brigadeiro Manoel Ferreira conservara-se fiel ao governo legal; mas seu filho, o major Innocencio Eustaquio infelizmente fôra arrastado á envolver-se no movimento revoltoso, sendo mais grave o seu crime; porque era militar.

A' 23 de Junho de 1838 o major Innocencio respondeu á conselho de guerra, e á seu lado mostrou-se como defensor o velho brigadeiro Manoel Ferreira, seu pae!...

A defesa foi eloquentissima: a sciencia argumentava, a natureza inspirava: os proprios juizes banharão-se em lagrimas.

O pae defensor calou-se emfim extenuado, e em pranto.

Mas.... o major Innocencio foi condemnado.

O brigadeiro Manoel Ferreira de Araujo Guimarães não poude mais com a vida e depois de tormento longo falleceu á 24 de Outubro desse mesmo anno de 1838.

6 DE MARÇO

D. FRANCISCO DE ASSIS MASCARENHAS

MARQUEZ DE S. JOÃO DA PALMA

Filho legitimo de D. José de Assis Mascarenhas, conde de Olinda, Sabugal e Palma, e de D. Helena de Lima, condessa dos mesmos titulos, filha dos marquezes de Ponte de Lima, D. Francisco de Assis Mascarenhas nasceu em Lisboa á 30 de Setembro de 1779.

Applaudindo sua natural vocação ás letras, seus paes o mandarão para Coimbra, onde feitos os seus estudos de humanidades, matriculou-se na faculdade de direito que frequentou até o segundo anno, sendo retirado da Universidade para entrar logo no serviço do rei.

Em 1804 na idade de vinte e cinco annos D. Francisco

foi nomeado governador e capitão general da capitania de Goyaz que administrou com prudencia e tino, serenando os animos dos habitantes que achára em desconfiança e exaltação, fazendo economias, reduzindo as despezas com o pessoal da administração, animando o commercio com o Pará pelo rio Araguaya ; e propondo e conseguindo a criação á nova comarca de S. João das Duas Barras.

Em Novembro de 1808 deixou Goyaz para ir tomar posse do governo da capitania de Minas-Geraes, da qual foi governador e capitão general até 11 de Abril de 1814, e ahi organisou prezidios militares para evitar que os selvagens atacassem os habitantes do interior, e tambem para chamar os indios á vida da civilisação.

Em premio de seus serviços o principe-regente D. João fez-lhe mercê do titulo de conde de Palma.

No mesmo anno de 1814 o conde de Palma sempre como governador e capitão-general passou a administrar a capitania de S. Paulo e em 1818 a da Bahia. Sua administração em toda a parte benefica e suave mais se fez sentir na Bahia, melhorando a sorte dos pernambucanos ali presos (em consequencia da revolta republicana de 1817) os quaes puderão desde então receber soccorros e consolações de suas familias.

A 10 de Fevereiro de 1821 o movimento de tropa e povo no sentido da revolução de Portugal fez crear a primeira junta provisoria do governo da Bahia ; mas tanta estima gozava o conde de Palma, que foi nomeado presidente da junta, nomeação que elle recusou, retirando-se logo para o Rio de Janeiro.

O rei D. João VI não conseguio fazel-o aceitar o vice

reinado das Indias portuguezas; agraciou-o porém com a grã-cruz da ordem de Christo, e nomeou-o presidente do desembargo do paço, regedor da justiça e conselheiro de estado.

Em 1822 o conde de Palma adherio á causa do Brazil, e assistio como condestavel á coroação e sagração do imperador D. Pedro I, que lhe deu o titulo de marquez de S. João da Palma, e o fez seu mordomo-mór

Na eleição dos primeiros senadores em 1826 o seu nome foi apresentado por quatro provincias e o imperador o escolheu senador pela de S. Paulo.

Em 1829 coube-lhe desempenhar uma missão especial na Europa; e terminada ella e recolhido ao Brazil, absteve-se de tomar parte activa nos negocios, desgostoso pela abdicação de D. Pedro I., de quem era amigo.

Geralmente estimado por sua benevolencia, animo generoso, grande lealdade e desinteresse, falleceu na cidade do Rio de Janeiro *á 6 de Março de* 1843.

7 DE MARÇO

VASCO FERNANDES CEZAR DE MENEZES

DEPOIS CONDE DE SABUGOZA

Quarto na ordem muito irregular dos primeiros vice-reis do Brazil, Vasco Fernandes Cezar de Menezes, ulteriormente conde de Sabugoza, depois de haver governado a India, chegou á cidade de S. Salvador na Bahia, e governou o principado do Brazil desde 23 de Novembro de 1720 até 11 de Maio de 1735 em que foi rendido.

Em tão longa administração teve elle de assoberbar na cidade e capitania da Bahia dous flagellos de natureza opposta: depois de pequeno tremor de terra que durou dous ou tres segundos á 4 de Janeirc de 1724, desastrosa secca que durou quatro annos, e immediato e extraordinario in-

verno *(estação chuvosa)* que teve igual duração. Não é pois de admirar que por grandes obras e melhoramentos esse vice-rei não deixasse lembrado o seu nome; deveu-lhe porém a capital do Brazil alguma protecção aos poucos cultivadores das letras que alí havia, e o primeiro ensaio de propaganda litteraria na America-portugueza.

Havia quasi dous seculos que em Florença se iniciára a *Academia dos Humidos,* imitada successivamente em seu máo gosto e extravagantes pseudonymos na França, na Inglaterra, na Hespanha e em Portugal, quando o vice-rei Vasco Fernandes Cezar de Menezes plantou na cidade de S. Salvador uma academia desse pedantesco genero; mas por peior que fosse, não havia nem melhor, nem igual no Brazil, que até então nunca possuira alguma.

Vasco Fernandes installou a sociedade litteraria no seu palacio na tarde de 7 de Março de 1724 com sete membros por elle convidados, os quaes com o seu beneplacito escolherão por emblema o sol com esta letra «*Sol oriens in occiduo*» e intitulárão a sociedade «*Academia dos Esquecidos.*»

Os sete academicos installadores forão (vão com seus nomes os pseudonymos de rigor que tomarão) o padre Gonçalo Soares da França—*Obzequioso*; o desembargador e chanceller Caetano de Brito e Figueiredo—*Nubiloso;* o ouvidor do civel Luiz de Siqueira da Gama—*Occupado;* o juiz de fóra Dr. Ignacio Barbosa Machado—*Laborioso;* o coronel Sebastião da Rocha Pitta—*Vago;* o capitão João de Brito Lima—*Infeliz;* e José da Cunha Cardoso—*Venturoso.*

A *Academia dos Esquecidos* celebrou diversas sessões,

abundou em trabalhos poeticos em portuguez e latim, em discursos sobre differentes themas, e em torneios lyricos tendo ás vezes assumptos os mais extravagantes.

Como era de prever o vice-rei foi o constante objecto das thurificações dos academicos : «*Sol oriens in occiduo.*»

A *Academia dos Esquecidos* parece não ter tido mais de um anno de duração : além da sua decima oitava conferencia á 4 de Fevereiro de 1725, não ha noticia de outra.

A erudita memoria apresentada sobre esta Academia ao Instituto Historico do Brazil pelo seu 1° secretario o conego Dr. J. Fernandes Pinheiro, fonte, onde forão bebidas estas informações, conclue com esta justissima apreciação:

« Descendente em linha recta das academias italianas, hespanholas e portuguezas foi a *Academia Brazilica dos Esquecidos* a legitima representante do espirito futil e da incontinencia tropologica que tanto prejudicárão ás suas avoengas. Os homens porém que consagrárão seus lazeres ao cultivo da intelligencia, posto que mal encaminhada, n'uma época em que tão poucas aspirações erão deixadas ás lettras, devem ser considerados benemeritos da patria, e sua saudosa memoria religiosamente guardada na urna do respeito e veneração dos posteros.

8 DE MARÇO

FRANCISCO JOSÉ SOARES DE ANDRÉA

BARÃO DE CAÇAPAVA

Já lá vão quinze annos do cadaver dado aos vermes: as paixões apagarão-se: é tempo de dar á memoria do benemerito a sua propria luz sem as nuvens das prevenções e das tempestades politicas.

Francisco José Soares de Andréa, barão de Caçapava, marechal do exercito, conselheiro de estado e de guerra; grã-cruz da ordem de S. Bento de Aviz, official da imperial do Cruzeiro, e commendador da da Roza nasceu em Lisboa á 29 de Janeiro de 1781, e destinado á carreira das armas assentou praça no regimento de infantaria n. 2 á 14 de Dezembro de 1796, e á 18 de Fevereiro do anno se-

guinte foi reconhecido cadete. Completou distinctamente o curso de engenharia e de navegação. Fez a campanha de 1801 na arma de artilharia e foi promovido á alferes em 1805. Veio na mesma náo que conduzio para o Brazil o principe regente depois rei D. João VI, chegou no Rio de Janeiro á 7 de Março de 1808, e no dia seguinte foi promovido á segundo tenente.

Esse dia, o 8 *de Março de* 1808, o de seu desembarque na capital do *novo imperio*, o de sua promoção, o de seu auspicioso futuro neste Brazil que adoptou por patria é digno de presidir a sua noticia biographica em forçoso e acanhado resumo lançada.

De 1808 á 1817 foi empregado no archivo militar, e depois como engenheiro no reconhecimento da estrada que se projectava da cidade do Rio de Janeiro ao Rio Preto, no nivelamento da mesma capital, no dessecamento dos paues da quinta da Boa Vista e em outros trabalhos.

Em 1817 servio na expedição do general Luiz do Rego contra a revolução republicana de Pernambuco, sendo encarregado da secretaria do governo e da organisação da divisão militar daquella capitania, e ali prestou bons serviços administrativos, cabendo-lhe a honra de desagradar á cruelissima alçada por intervir mais de uma vez á favor de victimas destinadas ao supplicio.

Em Julho de 1822 foi escolhido para fortificar a ilha de Santa Catharina; no mesmo anno adherio á causa da independencia do Brazil, e voltando para o Rio de Janeiro, o governo o incumbio de diversas fortificações, e da construcção do pharol da ilha Raza, aliás já principiado.

A' 12 de Outubro de 1826 teve a promoção de briga-

deiro graduado, e indo servir na guerra da Cisplatina, tomou parte na batalha de Ituzaingo, á 20 de Fevereiro de 1827 como ajudante general do exercito.

Em 1828 coube-lhe ir fortificar a villa, depois cidade do Rio-Grande, e a barra da provincia, elaborando e executando então o projecto de um pharol na mesma barra.

Successivamente exerceu o commando das armas de Montevidéo até a entrega dessa praça, o da provincia de Santa Catharina, e depois o do Pará, onde á 22 de Maio de 1831 recebeu a noticia da abdicação de D. Pedro I, conservando-se no commando das armas á despeito da irritação dos liberaes que exigião a sua deposição, até que á 16 de Julho chegarão os novos presidente, e commandante das armas mandados pela regencia provisoria do imperio.

Os acontecimentos do mez de Março de 1831 em que o inaudito arrojo de grande numero de portuguezes nas noites que se chamarão das *garrafadas* inflammou os brios da nacionalidade brazileira, e comprometteu mais que muito o imperador D. Pedro I, reacenderão o antagonismo internacional, e forão nocivos ao general Andréa, que era nascido em Portugal, e militar de disciplina sevéra, fôra sempre addicto á causa do imperador.

Andréa chegou do Pará no meio de prevenções que lhe erão contrarias, e suspeitoso ao partido dominante, ficou desempregado.

Aggravárão-se as suspeitas; porque Andréa foi membro influente da *Sociedade Militar* em franca opposição ás idéas e ao governo de 7 de Abril, e accusado de conspirar para a restauração de D. Pedro I.

O general Andréa foi perseguido, teve de responder á

conselho de guerra por ter mandado prender um tenente de milicias no Pará, foi absolvido : mas, por sentença do supremo conselho militar, sujeito á novo processo (que nunca teve andamento) não descançou.

O governo o queria longe da côrte, onde o temia como um dos chefes (real ou supposto) do partido *caramurú* ou restaurador, e não achando nelle docil obediencia, fêl-o prender na madrugada de 14 de Dezembro de 1833 e seguir á 27 do mesmo mez para a provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, devendo ali incumbir-se de diversos trabalhos militares; mas á 25 de Janeiro do anno seguinte o general Andréa foi dispensado dessa commissão e á 17 de Fevereiro mandado transferir para a villa de S. José do Norte, onde se conservaria até nova ordem da regencia.

Estas medidas violentas erão de caracter politico e evidentemente consequencias dos motins populares tolerados pelo governo, que na capital se pronunciarão, atacando a casa da Sociedade Militar e algumas typographias do partido da opposição.

O general Andréa prestou no Rio-Grande como engenheiro serviços expontaneos, e declarado em liberdade pelo presidente da provincia á 17 de Novembro de 1834, encarregou-se de novos trabalhos até que foi chamado á côrte em Março de 1835 e em Novembro do mesmo anno nomeado presidente e commandante das armas do Pará, que desde 1832 se debatia nas garras de horrivel revolta já sem caracter politico, e abrazada em instinctos ferozes.

A capital e quasi toda a provincia estavão em poder

dos revoltosos. O general Andréa tomou a primeira, reconquistou a segunda e na grande obra do estabelecimento da ordem foi as vezes arbitrario, e comprimindo resistencias ousadas, ou fazendo castigar actos atrozes, fez-se temer pelo rigor.

Em 1839 deixou o governo do Pará, e tomando na côrte assento na camara, como deputado, foi accusado de abusos, de horrores, e de attentados que o tinhão feito o Verres feróz daquella provincia. O general defendeu-se plenamente; não negou; mas demonstrou a necessidade do rigor, e dos actos mais censurados.

Os rebeldes do Rio-Grande do Sul tinhão invadido a provincia de Santa Catharina, e tomado a villa da Laguna no empenho de dispôr de um porto de mar.

Andréa recebeu naquelle mesmo anno a nomeação de presidente e commandante das armas da provincia de Santa Catharina.

Chegou á cidade do Desterro em Agosto de 1839: os rebeldes batidos retirarão-se da Laguna, e em seguida evacuárão a provincia que tinhão invadido.

Em 1840 o general Andréa é presidente e commandante das armas do Rio-Grande do Sul: ali opéra prudente por falta de forças e habil se mostra na estrategia contra os rebeldes; mas no fim de quatro mezes em consequencia da nova politica inaugurada pelo primeiro ministerio (liberal) do imperador declarado em maioridade, foi substituido na presidencia e no commando das armas.

Em 1841 foi incumbido de formular o projecto da organisação do quadro do exercito e nomeado commandante do corpo de engenheiros no anno de 1842, no

qual tambem tomou assento na camara, como deputado do Rio de Janeiro.

Em 1843 presidente da provincia de Minas-Geraes que acabava de sahir de extensa e grande revolta, procedeu de modo que sem desagradar ao partido vencedor, que era o do governo, conquistou a gratidão dos vencidos.

Em Dezembro de 1845 presidente da provincia da Bahia; administrou-a habilmente até 27 de Julho de 1846.

Em 1848 foi nomeado presidente e commandante das armas da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul em delicadas circumstancias pelo que se passava no Estado Oriental, onde Oribe, verdadeiro tenente de Rozas, o dictador de Buenos-Ayres tinha em cerco Montevidéo, e dominando na campanha deixava que seus caudilhos muitas vezes ultrapassassem as fronteiras do imperio.

Na expectativa de eventualidades de guerra o general Andréa determinou posições para acampamento de grandes forças, destinou Caçapava para deposito de material sufficiente á vinte mil homens e multiplicou providencias de habil estrategico e de consummado administrador.

No meio desses e de outros transcendentes trabalhos teve successor no governo do Rio Grande do Sul.

De volta a côrte outras e consideraveis commissões o occupárão; mas tocando aos setenta annos pedio e obteve reforma no posto de marechal do exercito.

Rompera a guerra, vencido e expatriado Rozas, salvo o Estado Oriental, libertada a Confederação Argentina, e generoso vencedor o Brazil, celebrou este imperio tra-

tado de limites com a republica oriental do Uruguay, e urgia demarcal-os.

O velho marechal Andréa foi o chefe da commissão demarcadora dos limites, e nessa tarefa exhibio toda a força esclarecida de sua intelligencia; todo o seu respeito á equidade, e toda a energia de zeloso patriota.

A noticia de molestia grave e ameaçadora de sua esposa obrigou o marechal Andréa á correr á côrte.

O coração tem seus direitos: o velho marechal chegou á tempo de receber o ultimo suspiro da sua consorte de quasi meio seculo.

O imperador deu-lhe á esse tempo o titulo de barão de Caçapava.

Coberto de luto e confrangido pela dôr o barão de Caçapava voltou no cumprimento do seu dever aos campos do Sul.

A demarcação dos limites completou-se: apenas faltavão accessorios e duvidas de menos importancia á resolver e ultimar, quando o anjo da morte disse ao barão de Caçapava—basta!

Cahio enfermo, sentio-se abatido, annunciou-se agonisante, e contricto, calmo e sereno falleceu a 2 de Outubro de 1858.

Aos setenta e cinco annos de idade morreu ainda no serviço da patria, que adoptára.

9 DE MARÇO

ANTONIO FERREIRA FRANÇA

Aos 14 *de Janeiro* de 1771 nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia Antonio Ferreira França, filho legitimo de Joaquim Ferreira França e de D. Anna Ignacia de Jesus França, esta natural de Minas-Geraes e aquelle de Portugal, e dos quaes recebeu piedosa e desvelada educação.

Na Bahia fez Antonio Ferreira França os seus estudos de humanidades, revelando a mais facil comprehensão e muito notavel intelligencia: tinha além disso a melhor indole, e grande brandura de coração: mas tambem desde logo mostrou a força de vontade, a independencia de caracter, a franqueza de sentimentos, de que em toda sua vida deu provas com simplicidade e sem ostentação.

Quiz seguir para Coimbra, e oppondo-se á isso seu pae,

um dia metteu-se elle á bordo de uma embarcação que sahia para Lisboa: não levava nem passaporte, nem recommendação, nem licença da familia, e nem recursos! o capitão que não tinha idéa desse passageiro, deu com elle depois da sahida do navio, e arribou para deixal-o em terra.

Este facto não se explica por extravagancia de joven, nem foi tido em conta de desrespeito á autoridade paterna: havia já no estudante certa originalidade natural, que o levava á fazer o que lhe parecia bom e justo com firmeza de resolução, e como abstraindo-se do calculo das consequencias.

Elle insistio em ir para Coimbra: sua mãe, e sua madrinha, dignas e honestissimas senhoras, entrarão na mais louvavel e abençoada conspiração amorosa e domestica: cotisarão-se, derão-lhe os meios para a viagem, e tendo-o abraçado, e visto partir, voltárão a annunciar ao marido e compadre, o que acabavão de effectuar: Joaquim Ferreira em vez de reprovar o acto, mandou logo dar mezada ao filho, e depois lhe enviou por companheiro na Universidade Clemente Ferreira França (depois marquez de Nazareth), outro seu filho.

Antonio Ferreira França foi maravilhoso estudante em Coimbra: seguio os cursos das faculdades de philosophia, de mathematicas e de medicina, formou-se nessas tres faculdades, sendo premiado em todos os annos do curso de todos tres!... muito estimado dos lentes, um delles, o celebre mathematico José Monteiro da Rocha, quando o estudante afamado teve de estudar astronomia, abrio a aula sómente para elle.

Formado emfim, o Dr. França foi convidado para ser

lente da Universidade; elle porém respondeu, que seus serviços pertencião de direito ao Brazil.

Deixou Coimbra com a reputação de joven honestissimo, e de costumes puros, e de homem de sciencia já profunda, mas de Coimbra trouxe aquella mesma originalidade que para lá levára. Muito occupado do seu espirito, que illuminava, apenas ao corpo dava zeloso aceio; mas absolutamente estranho á idéa de modas, ou de pericia de alfaiate nos vestidos: onde quer que fallasse, como scientifico, que era, enunciava-se com precizão e profundeza; sem adornos de eloquencia porém, e só attendendo á mais desejavel clareza. Era o Cicero da simplicidade oratoria.

Casára-se em Coimbra com dedicada e virtuosissima senhora, que foi seu maior thesouro na vida. Foi nomeado lente de geometria para a capital da Bahia, onde tambem por muitos annos occupou o lugar de medico da Santa Casa da Misericordia, e do hospital militar. Como lente mereceu quasi idolatria dos discipulos, porque os captivava com a doçura; e os dominava com o encanto da sabedoria mais modesta: como medico era um anjo de caridade.

Quando se organisou a primeira escola medica da Bahia o Dr. França foi nomeado lente, e passou á sel-o da academia de medicina creada pela reforma que estabeleceu novo plano de estudos, continuando elle a leccionar até que se jubilou.

Em 1822 era o Dr. França membro da camara municipal da cidade da Bahia, quando romperão os conflictos dos patriotas com o general Madeira e as tropas lusitanas, e ao tempo que todos tremião, que travavão-se combates, e que os patriotas bahianos se retiravão para o Reconcavo, elle,

dedicado á independencia da patria, e zeloso do seu dever de vereador, apresentou-se sempre no seu posto sem temer as baionetas lusitanas, que aliáz o respeitarão.

Era pacifico, opposto á desordens, e á appello á combates ; mas firme em seu patriotismo, surdo ao ruido das armas, indifferente aos perigos, e com sublime placidez sempre impassivel e inhabalavel á cumprir seu dever.

Em 1823 foi eleito deputado á constituinte brazileira pela sua provincia, que ainda depois desde 1826 até 1837 lhe deu assento em tres legislaturas como deputado da assembléa geral.

Na constituinte apresentou a idéa da *federação das provincias do imperio*: nas legislaturas ordinarias offereceu projectos sobre instrucção publica, para abolição lenta da escravatura ; e um bem notavel para que as questões graves internacionaes fossem decididas por congresso das potencias. Era e mostrou-se francamente e sempre republicano de idéas ; mas republicano pacifico e só de conquistas de intelligencia e de civilisação. Em 1833, discutindo-se o projecto do banimento do ex-imperador D. Pedro I, elle, o republicano, disse na tribuna : « se D. Pedro, o fundador do imperio, vier ao Brazil, eu heide ser o primeiro á abrir-lhe a porta. »

Na segunda legislatura ordinaria teve por collega na camara um filho, o muito illustrado e probo Ernesto Ferreira França, na terceira dous, este, e o Sr. conselheiro Cornelio Ferreira França, que ainda felizmente vive.

O Dr. Antonio Ferreira França gozou immensa popularidade como deputado. Distinguia-se pela coragem e pela franqueza das idéas liberaes mais adiantadas, pela eloquen-

cia da simplicidade em seus discursos, e por exterioridade e modos originaes.

Elle era de baixa estatura e magro, e trajava vestidos que poderião servir a homem alto e gordo: sua gravata era tão larga que nella escondia, abaixando a cabeça, o queixo até a extrema inferior do nariz. O povo que o amava muito, chamava-o—*Francinha*.

Ardente de idéas o Dr. Ferreira França sabia comedir-se nas discussões; mas nenhum o excedia em impassivel coragem. Quando na camara se discutio a accusação do ministro da guerra Oliveira Alvares, o velho Dr. França, occupando a tribuna, foi apupado e insultado por militares que enchião uma das galerias, e frio, e no mesmo tom, com indifferença desprezadora, duas vezes interrompido com vozeria e ameaças, tres vezes repetio sem se alterar a proposição, que provocára a indebita e violenta gritaria.

No entanto, quando seu filho o illustrado Ernesto fallava, e como joven liberal se exaltava, atacando o governo, o velho Dr. França, puchava-lhe as abas da casaca, e lhe dizia: « prudencia, senhor Ernesto! »

Elle tinha muitas vezes incalculados impetos de epigrammas, e de sarcasmos espirituosissimos.

Em um dia um deputado atacára por inutil e onerosa para o thesouro a creação de uma aula de grego. O Dr. França tomando a palavra, pedio e obteve licença do presidente para fazer uma pergunta áquelle deputado que acabava de sentar-se:

E perguntou:

— V. Ex. sabe ou em algum tempo estudou e procurou saber a lingua grega?....

— Não ; respondeu-lhe o collega.

— Senhor presidente ! disse o Dr. França : tenho respondido ao discurso do nobre deputado.

E sentou-se no meio da hilaridade da camara, que approvou em seguida a creação da aula de grego.

O Dr. Antonio Ferreira França foi durante algum tempo medico da imperial camara, e no paço mostrou-se o mesmo homem de sciencia, e tambem de espirituosa originalidade. Uma vez, estando á cabeceira do imperador D. Pedro I doente, pedio este agua, elle apressou-se a satisfazel-o; mas o camarista veio logo tomar-lhe das mãos o copo, dizendo-lhe que não lhe pertencia a honra desse serviço. O Dr. França desfez-se em satisfações, confessando-se profundamente ignorante em materia de etiqueta. No dia seguinte estava só com o augusto doente, quando o ouvio accusar forte necessidade de verter agua : então em vez de servil-o, o Dr. França correu á porta do quarto, e poz-se á chamar em alta voz, dizendo : « quem é o do vaso !.... venha, quem é o do vaso !.... »

O imperador desatou a rir.

O Dr. Antonio Ferreira França entrou mais de uma vez em listas para senador ; não foi porém escolhido. Deixando tambem de ser reeleito deputado na quarta legislatura, recolheu-se á vida privada ; mas ainda na sua provincia occupou a cadeira de grego e de director do lycêo da Bahia, mostrando no desempenho daquella, admiravel profisciencia.

Morreu rodeado de seus filhos, e de sua virtuosa esposa no dia 9 de Março de 1848.

10 DE MARÇO

JOSÉ PIRES DE CARVALHO ALBUQUERQUE

Como tantos outros brazileiros illustres que florescerão nos dous primeiros seculos do Brazil colonial, e ainda no decimo oitavo, José Pires de Carvalho Albuquerque apenas escapou do olvido em que se abismou a memoria de muitos.

Sabe-se que José Pires nasceu em 1701 na Bahia, e que sua familia pertencia á nobreza da capital do Brazil.

E' de crer que estudasse humanidades na Bahia: formou-se em canones; foi capitão-mór de Maragogipe, e exerceu o importante emprego de secretario de estado no Brazil.

Em seu tempo foi tido em conta de poeta notavel, e como tal celebrisou-se.

Em 1757 José Pires de Carvalho Albuquerque publicou um poema á *Conceição de Nossa Senhora.*

Seu nome fica registrado no dia 10 de Março; mas arbitrariamente por falta de conhecimento de data precisa e averiguada.

11 DE MARÇO

D. JOSÉ JOAQUIM JUSTINIANO MASCARENHAS CASTELLO BRANCO

Filho legitimo de João de Mascarenhas Castello Branco e de D. Anna Theodora nasceu José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco á 23 de Agosto de 1731 na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro e ahi fez os seus estudos primarios e de humanidades nas aulas da companhia de Jesus, seguindo para Coimbra em 1750, graças em boa parte aos auxilios de seu tio o padre Ignacio Manoel da Costa Mascarenhas, vigario da freguezia da Candelaria.

Tomou na Universidade o gráo de Licenciado na Faculdade de Canones e em 1754 recebeu em Lisboa a ordem presbiteral.

Sua intelligencia já muito illustrada e sua virtude reconhecida o fizerão ir provando seu merecimento em cargos e bene-

ficios ecclesiasticos: deputado da inquisição em Evora, logo depois promotor do mesmo tribunal, obteve em 1765 a dignidade decanal da Sé do Rio de Janeiro, e ahi occupou a segunda cadeira da inquisição até 1769 em que passou para lugar semelhante em Lisboa.

Em 1773 foi nomeado coadjuctor e futuro successor do bispado do Rio de Janeiro, confirmado por bulla de Clemente XIV de 20 de Dezembro do mesmo anno, recebendo a sagração na capella do cardeal regedor D. João da Cunha.

D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco chegou ao porto do Rio de Janeiro á 15 de Abril de 1774, e no dia seguinte desembarcou como proprietario da Mitra fluminense, por ter fallecido á 5 de Dezembro do anno antecedente D. frei Antonio do Desterro.

O novo bispo chamou pela Pastoral de 11 de Março de 1775 um e outro clero á exame de theologia moral e teve que vencer a desobediencia das corporações religiosas, principalmente da capucha, que sustentarão ter privilegios concedidos pelos SS. PP. ás suas ordens, e só obedecerão humildes á ameaças de excommunhão maior.

O grande empenho do venerando pastor foi instruir e moralisar o clero: com esse fim instituio conferencias á beneficio dos antigos e novos ecclesiasticos sob a direcção do padre-mestre frei João Capistrano de S. Bento, religioso franciscano, e mandou que não fosse admittido á exame de confessor padre algum sem certidões de frequencia das aulas de moral: estabeleceu ainda no seminario de S. José aulas de rethorica, philosophia, geographia, cosmologia e historia natural, e no mesmo seminario e no de S. Joaquim aulas de musica, que produzirão habilissimos cantochonistas.

O resultado destas providencias foi ter o bispo em sua diocese clero digno do serviço de Deus e muito util á civilisação do paiz.

Nomeado em 1784 Visitador Geral e Reformador Apostolico dos Religiosos Carmelitas da provincia do Rio de Janeiro, nessa commissão que desempenhou por seis annos, corrigio lamentaveis abusos, pagou avultadas dividas, e se ás vezes os carmelitas o acharão severo, nunca o sentirão injusto.

Visitando diversas parochias da sua diocese, este bispo não permittio que os parochos carregassem com despeza alguma na sua passageira residencia, e menos ainda conveio em ser por elles hospedado.

Além do bom governo da sua diocese, prestou serviços que devem ser lembrados : promoveu quanto poude a cultura e industria do anil, que muito prosperou, e concorreu para a propagação da cultura apenas nascente do cafeeiro, recebendo sementes da horta dos Barbadinhos italianos, e fazendo-as distribuir com muita recommendação pelos padres Couto e João Lopes, este na freguezia de S. Gonçalo, e aquelle no caminho de Rezende, onde tinha fazenda, da qual sahirão as plantas e sementes que tão grande riqueza produzirão.

O dia 28 de Janeiro de 1805 marca o ultimo da vida do bispo D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco que foi sepultado no jazigo que elle proprio fizera preparar na capella do palacio episcopal. Sobre a campa que cobrio seus restos mortaes, lê-se :

« *Santa Maria, ora pro nobis.* »

12 DE MARÇO

FRANCISCO XAVIER DE SANTA THEREZA

As primeiras missas celebradas no Brazil á 26 de Abril e a 1 de Maio de 1500 forão por frei Henrique, religioso franciscano que acompanhava Pedro Alvares Cabral.

A companhia de Jesus entrou no Brazil mandando com o governador geral Thomé de Souza em 1549 os seus primeiros missionarios á este paiz.

Em 1558 um franciscano frei Pedro de Palacios chegado á capitania do Espirito Santo ergueu com o auxilio dos colonos uma capella consagrada á Nossa Senhora dos Prazeres que muitos annos depois servio de base á fundação de um convento.

No anno de 1584 as ordens religiosas dos Benedictinos

e dos Carmelitas fundarão os seus primeiros conventos na cidade de S. Salvador aquelles, e na de Olinda estes, onde os capuchos de Santo Antonio tambem estabelecerão o seu no anno seguinte.

A civilisação embora morosa da colonia portugueza da America deveu muito a essas communidades religiosas que forão suas fontes de luz, e entre ellas não foi a menos civilisadora a dos franciscanos.

A provincia (religiosa) de Santo Antonio do Brazil produzio desde o seculo decimo setimo grandes oradores sagrados, poetas, e homens de profundo saber.

Entre elles deve ser lembrado frei Francisco Xavier de Santa Thereza que nascera na cidade da Bahia á 12 de Março de 1686.

Foi franciscano da provincia mencionada e incorporou-se depois na de Portugal para onde se passára.

Viajando por diversos paizes da Europa, enriqueceu sua intelligencia com estudos e observações.

Embarcou na armada que o rei D. João V mandou em auxilio do papa Clemente XI para resgatar a ilha de Corfu do poder dos turcos. Em 1717 na batalha naval de Passavá foi gravemente ferido, soffrendo em consequencia amputação da perna esquerda.

Foi leitor de theologia, penitenciario geral da Ordem Seraphica, e membro da Academia Real de Historia. Cultivou as letras e a poesia, escreveu em latim obras em prosa e verso, e pertencia á Arcadia Romana.

Mereceu por certo credito de pregador distincto; pois que o escolherão por vezes para subir á tribuna sagrada em exequias de altas personagens, como se póde ver na

menção de suas obras, que fazem a Bib de Barbosa, e o Sr. Innocencio Francisco da Silva no seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

Ignora-se a data da morte de frei Francisco Xavier de Santa Thereza.

13 DE MARÇO

JOSÉ MARTINS PEREIRA DE ALENCASTRE

Natural da provincia da Bahia, onde nasceu na freguezia do Rio Fundo, á 19 de Março de 1831, José Martins Pereira de Alencastre teve por berço a pobreza: mas ainda assim conseguio estudar na cidade de S. Salvador além da instrucção primaria algumas disciplinas preparatorias.

Talentoso, e applicado, mas falto de meios suspendeu ainda muito joven o curso regular dos seus estudos pela necessidade de comprar com o seu trabalho o pão quotidiano.

Entretanto elle continuou sempre a instruir-se nas vigilias do seu gabinete.

Na provincia do Piauhy, para onde lhe cumprio partir,

forão bem depressa aproveitadas suas habilitações, o Alencastre successivamente servio os lugares de promotor publico interino em Oeiras, de procurador fiscal da thesouraria geral, de praticante supra-numerario da secretaria do governo, e por fim o de professor publico da lingua portugueza do lyceu da capital.

Em Agosto de 1857, almejando espaço mais vasto para os vôos do seu talento, veio para a cidade do Rio de Janeiro, e em Outubro do mesmo anno obteve a nomeação de official de secretaria da intendencia da marinha; apenas, porém, acabava de tomar posse do seu emprego, quando poucos dias depois foi despachado secretario do governo da provincia do Paraná, onde no anno seguinte recebeu o decreto que o nomeava segundo official da secretaria do conselho naval então creado.

Secretario do governo da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul desde Abril de 1859 até o fim de Janeiro de 1861, o prestimoso Alencastre é nesta data incumbido de mais alta commissão pelo governo imperial que o nomea presidente da provincia de Goyaz, e dous mezes depois ainda o considera distinctamente designando-o, embora ausente, para chefe de secção da secretaria de Estado dos negocios da agricultura, commercio e obras publicas nesse anno instituida.

Deixando a presidencia de Goyaz por exoneração que solicitára, dedicou-se zeloso ao seu novo emprego, até que em 1866 foi delle distrahido para ir exercer a presidencia da provincia das Alagôas, que durante o seu governo teve a gloria de mandar para a guerra do Paraguay dous corpos com 116 praças, além de 60 outras destinadas á armada

imperial. Um anno depois Alencastre voltava para a capital do imperio e recebia em premio de seus serviços a commenda da ordem de Christo.

De 1867 em diante, Alencastre consagrou-se exclusivamente ao dever cumprido excrupulosamente de empregado publico, e ao estudo e trabalhos importantes que sem duvida apressárão-lhe a morte.

Legou a seus compatriotas utilissimo e eloquente exemplo do triumpho da applicação, da diligencia e da actividade: a historia de sua vida é uma voz que ensina e brada aos desanimados pela pobreza e pela humildade do berço: « Trabalhai!... Aspirai!... e subireis pelo merecimento. »

Foi com a convicção desta verdade que Alencastre trabalhou, aspirou e subio: de compleição delicada, de saude fraca, mas de vontade energica, seu espirito reagia sobre o corpo abatido, vencia, recolhia louros de victoria, exaltava-se com os triumphos; gastava, porém, demais a vida....

Um anno antes da morte, a morte se pronunciára mais ou menos proxima na molestia reconhecidamente incuravel e implacavelmente progressiva, e o sentenciado, com o açodamento de quem sabe que pouco tempo tem de seu, não fez questão de mezes, e trabalhou em dobro...

A morte, como que teve á seu modo piedade do martyr do trabalho, e no dia 13 de Março de 1866 foi o seu cadaver levado para o jazigo.

José Martins Pereira de Alencastre deixou publicadas as seguintes obras:

Lagrimas e saudades — poesias — Bahia 1852—1 vol. 8° grande.

Memoria chronologica, historica e coreographica da provincia do Piauhy — impressa na *Revista do Instituto* — tomo XX.

14 DE MARÇO

EUZEBIO DE MATTOS

Natural da Bahia, onde nasceu em 1629, filho de Gregorio de Mattos, e de sua mulher D. Maria da Guerra, e irmão de Gregorio de Mattos Guerra, o famoso e inccorrigivel poeta satyrico, Euzebio de Mattos, talento descommunal, foi muito cedo attrahido e tomado pelos jezuitas que na esperteza e admiravel comprehensão de menino advinharão-lhe o genio, observando-o nos primeiros estudos.

O dia 14 de Março de 1644 marca a data de sua entrada para a *companhia*.

O irmão Euzebio fez extraordinarios progressos no estudo de humanidades, teve por mestre de philosophia o celebre padre Antonio Vieira e mais tarde o substituio na cadeira e primou no magisterio. O padre Manoel de Sá, au-

toridade a mais competente, dizia que além de profundo em outros conhecimentos, elle era excellente latinista, e bom poeta.

Na tribuna sagrada o padre Euzebio foi na Bahia rival de Vieira, e de Antonio de Sá, o que importa o maior elogio.

Desgostoso e offendido deixou no fim de alguns annos a roupeta, e tomou o habito de carmelita com o nome de frei Euzebio da Soledade.

O padre Antonio Vieira, voltando á Bahia em 1681 já achou frei Euzebio carmelita, e sabendo que os padres da companhia erão disso os culpados, exclamou no estylo seu e do tempo: « Pois tão mal fizerão que tarde *se criarão* para a companhia outros *Mattos !...*» Responderão-lhe que Euzebio de Mattos tinha tido amores, e fructo delles um filho, e fôra preciso castigar o escandalo; mas Vieira tornou-lhes, dizendo: « Creio bem que seja isso intriga; mas que o não fôra, o padre Euzebio tem tal merito, que convinha mais á companhia sustental-o com filhos e tudo, que privar-se de tão importante soldado. »

Frei Euzebio da Soledade, ou Euzebio de Mattos era prodigioso: a natureza o enriquecêra prodigamente de preciosissimos dons.

Na Bahia nascêra e da Bahia nunca sahio; mas seu genio era como raio do sol brilhante do Brazil.

Sua illustração era vasta, sua intelligencia profunda e maravilhosa.

Frei Euzebio foi tudo quanto quiz ser em letras e bellas artes.

Litterato igual aos mais fulgurantes da época, em sciencias ecclesiasticas distincto; na tribuna sagrada orador á disputar a palma á Vieira considerado o primeiro em Portugal; na poesia cantor que seus contemporaneos dizião inspirado.

Era grande musico; compunha hymnos religiosos, e amenos cantos profanos sobre versos de sua lavra: tocava bem harpa, e ainda melhor viola; desenhava primorosamente, e fazia estampas com perfeição tal, que se afiguravão gravadas.

Das obras deste illustre e grande brasileiro pela maior parte infelizmente perdidas ficarão as seguintes:

Ecce Homo, isto é, as suas praticas dos *Espinhos,* da *Purpura,* das *Cordas,* da *Canna,* das *Chagas,* e do *Titulo de homem,* monumento de estylo e fonte de sabias lições.

Oração funebre feita á 14 de Julho de 1672 ao bispo D. Estevão dos Santos.

Sermão da Soledade, impresso em sua vida.

Sermões (quinze) posthumos formando o primeiro tomo da collecção que projectava fazer dos fragmentos achados na sua cella o seu collega ou irmão frei João de Santa Maria, que não a continuou.

Das poesias de Euzebio de Mattos quasi tudo desappareceu. Quiçá algumas se attribuem á seu irmão Gregorio de Mattos por se encontrarem nos desordenados papeis do espolio deste. Entretanto era copiosa a musa do carmelita, que fôra jezuita, e nunca deixára de ser além de religioso, poeta profano, e ás vezes zombeteiro.

O Sr. Varnhagen, actual visconde de Porto-Seguro dá por authentica a parodia de dez oitavas dirigidas por

Gregorio de Mattos á sua estimada D. Brites em dez outras oitavas que Euzebio de Mattos compôz, escravisando-se ás palavras terminaes dos versos parodiados.

Em falta de melhor prova do talento poetico de Euzebio de Mattos, este esforço de arte dará ao menos idéa da capacidade do poeta em livre e amplo voar de inspiração.

15 DE MARÇO

ANTONIO DA COSTA

Neste dia e no anno de 1816 nasceu na cidade do Rio do Janeiro Antonio da Costa, filho legitimo do cirurgião do seu mesmo nome e de D. Gertrudes Mathilde da Silva e Sá.

Estudou humanidades na cidade de seu berço, e destinando-se por decidida vocação á honrosa profissão de seu pae, matriculou-se em 1831 na antiga escola medico-cirurgica do Rio de Janeiro, e nella teve por lente de anatomia o celebre Dr. Marques, mestre de tantos que forão depois mestres.

Em 1833 Antonio da Costa seguio para a França, começou á estudar em Pariz, por doente passou-se para Montpellier, onde em 1837 recebeu o grão de doutor em medi-

cina: de novo em Pariz empregou alguns mezes em frequentar hospitaes, e em seguir a pratica dos mais notaveis medicos operadores.

A' 6 de Fevereiro de 1838 saudou de volta da Europa a terra da patria, no anno seguinte defendeu these perante a Faculdade de medicina do Rio de Janeiro, e entrando logo no exercicio de sua profissão, revelou-se além de habil medico habilissimo cirurgião-operador.

Ao perfeito conhecimento do corpo humano, no qual sabia lêr como abalisado geographo em segura e esmerilhada carta topographica de paiz todo estudado e reconhecido, reunia animo imperturbavel, mão firmissima, rapidez de manobra, e lucida apreciação das consequencias de suas operações. Em breve fulgio acreditado, e teve louros como operador na cidade onde florescia Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, o grande e muito illustre cirurgião brasileiro. Quem brilhava ao pé de Manoel Feliciano era por força lucifero planeta.

Após dezesete annos de triumphos cirurgicos o Dr. Antonio da Costa vai de novo á Europa, apresenta diversos e importantes trabalhos a academia das sciencias medicas de Lisboa, e em seguida á imperial academia de medicina de Pariz, avultando ahi a *Memoria* escripta em francez, e tendo por titulo «*Dezeseis annos de clinica cirurgica no Brazil*», na qual relatou as bellas e algumas muito curiosas observações e os feitos de sua clinica de operador, e deu conta dos progressos e do estado da cirurgia no Brazil, fazendo a respectiva historia desde 1808.

Relacionado com as summidades cirurgicas de Pariz, enriquecido por novos conhecimentos, deixando reputação

estimada na soberba capital da França, o Dr. Antonio da Costa recolhe-se á patria, e entrega-se á sua numerosa e difficilima clinica cirurgica, á que exclusivamente se dedicou de 1856 em diante.

Zeloso do credito de seu nome, e do de sua patria, foi frequente na remessa de observações e de estudos para as gazetas medicas, e para a academia de medicina de Pariz.

No vigor da idade, aos quarenta e quatro annos, e na hora em que passava em visita as suas enfermarias no hospital da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, o Dr. Antonio da Costa sentio-se doente: o generoso guerreiro recebêra golpe mortal no campo das mais santas batalhas. O vencedor de mil campanhas sangrentas, mas humanitarias, caridosas e pias recolheu-se mal-ferido.

Não houve extremo de esforços da sciencia de irmãos-amigos, nem apuro de estremecidos cuidados de familia que impedissem a marcha progressiva e implacavel da molestia.

O Dr. Antonio da Costa morreu no dia 7 de Julho de 1860.

Tevo por titulos e honras na terra o ter sido doutor em medicina pelas Faculdades de Montpellier e do Rio de Janeiro, cirurgião honorario de S. M. o Imperador do Brazil, commendador da Ordem de Christo e cavalleiro da imperial Ordem da Roza no Brazil; cavalleiro das Ordens de Christo e da Conceição em Portugal e da Ordem da Legião de Honra em França, cirurgião dos hospitaes da Santa Casa da Misericordia, da Ordem Terceira do Carmo e da Providencia no Rio de Janeiro, medico da Sociedade

Franceza de Beneficencia e da legação da França nesta mesma capital, membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil, da Sociedade Anatomica de Pariz, da de sciencias medicas de Lisboa, e de outras ainda.

E além de todos esses titulos lisonjeadores do homem na terra ninguem lhe esqueça o seu mais nobre titulo, aquelle que mais o recommendou no céo e diante de Deus.

O Dr. Antonio da Costa foi prestante e caridoso bemfeitor da humanidade.

E o seu nome fulgura entre os nomes dos mais destros e abalisados cirurgiões e operadores brazileiros.

Sua memoria é digna da gratidão da patria, que elle soube honrar.

16 DE MARÇO

MARTIN AFFONSO DE SOUZA — ARARIGBOIA

E' deste dia e do anno de 1568 a sesmaria de uma legua de terra ao longo do mar e duas para o sertão dada a Martin Affonso de Souza, o famoso indio Ararigboia. A sesmaria ficava do outro lado da bahia e fronteira á nascente cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro.

Ararigboia era um selvagem benemerito.

Em 1555 uma expedição de francezes calvinistas dirigidos por Nicoláo Durand Villegaignon, cavalleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha estabeleceu-se na bahia do Rio de Janeiro, começando por occupar e fortalecer a pequena ilha á que deu o nome do almirante seu protector em França, *Coligny*, e que tomou e conserva o seu—*Villegaignon*.

Desavenças religiosas levarão o chefe da expedição á retirar-se para a França em 1558. Villegaignon desertára das fileiras de Calvino e abraçára o partido do duque de Guizé.

Mas a colonia franceza no Rio de Janeiro recebera soccorros e calculava com tanto futuro e desenvolvimento que de antemão adoptára para seus dominios no Brazil o nome de *França Antarctica*, e para a capital que fundarião a de *Henriville*.

Em 1560, Mem de Sá, terceiro governador geral do Brazil, partio da cidade de S. Salvador com pequena força que poude reunir, e entrando na bahia do Rio de Janeiro bateu os francezes que em derrota fugirão da ilha e acolherão-se ao continente, onde os indios *tamoyos* seus alliados, os acolherão nas florestas; como porém o governador não trazia gente bastante para deixar ali formando estabelecimento permanente, voltarão os vencidos á occupar a ilha desde que o vencedor se retirou.

Em 1565 Estacio de Sá veio de Portugal encarregado de expellir os francezes do Rio de Janeiro e de fundar ahi uma cidade: de seu tio, o governador Mem de Sá recebeu os auxiliares possiveis, e chegando á capitania do Espirito Santo, conseguio mover á acompanhal-o com a sua horda de *tupiminós* o *morubixaba* ou chefe *Ararigboia*.

O que era esse indio nos combates, dizia-o o nome que adoptára, Ararigboia (cobra-feroz.)

Estacio de Sá entrou a barra do Rio de Janeiro, desembarcou, e tomando posição entre o Pão d'Assucar e a Praia Vermelha, ahi lançou os fundamentos da cidade, á

que deu o nome de S. Sebastião; porque Sebastião se chamava o rei de Portugal.

Os francezes já estavão fortalecidos tambem no continente apoiados pór grande numero de tamoyos, mas nem poderão destroçar os portuguezes, nem estes á elles.

O anno de 1556 foi gasto em choques e pelejas estereis, em que aliás Ararigboia ostentou destreza e bravura admiraveis.

A' 18 de Janeiro do anno seguinte chegou Mem de Sá em soccorro do sobrinho, á 20, dia de S. Sebastião deu batalha, e no primeiro ataque, o de *Uruçumirim*, Ararigboia, inimigo dos tamoyos, maravilha pela audacia, e horrorisa pela matança que faz nas hordas furentes daquelles selvagens: nessa, e nas seguintes pelejas é delle pelo menos metade da honra das victorias. A *cobra-feroz* desempenha seu nome.

Não ha mais francezes nem tamoyos nas ilhas e no continente do Rio de Janeiro: os que puderão escapar, fugirão aterrados.

Estacio de Sá morre de uma flexada que no rosto recebera. Mem de Sá muda o assento da Sebastionopolis para o monte que se chamou do Castello, e do qual foi ella descendo e occupando a situação vasta e pitoresca, onde hoje se dilata.

Ararigboia é na fundação da cidade potente auxiliar de Mem de Sá, que o obriga com amigo empenho á ficar ahi, como herculeo braço em que se apoie seu outro sobrinho, Salvador Corrêa de Sá, á quem deixa por governador da nova capitania administrativa do Rio de Janeiro.

Martin Affonso de Souza, Ararigboia, estabeleceu-se com os seus indios em aldêa no monte que depois se chamou de S. Lourenço, sitio historico, mas hoje pouco lembrado na cidade de Nictheroy, de que é aliás dominadora eminencia de formosissimo panorama.

D'ali sahe um dia Ararigboia á auxiliar Salvador Corrêa de Sá em ataque contra francezes chegados á Cabo-Frio e explorando a alliança dos tamoyos: trava-se em pequenas barcas e canôas a peleja: Salvador Corrêa cahe no mar, e é Ararigboia que o salva, agarrando-o pela cintura, e tomando-o ás ondas, que hião absorvel-o. A victoria corôa os esforços, e a valentia do chefe selvagem.

Mais tarde tamoyos e francezes ardendo em vingança e odio vêm ousados atacar a aldêa do chefe *tupiminó*: Salvador Corrêa manda-lhe em soccorro trinta e cinco soldados e Ararigboia, desprezando os recursos da defensiva, desce de seu monte, ataca de improviso os inimigos desembarcados e ameaçadores: a peleja é negra, porque se trava durante negra noite, e Ararigboia amanhece ensopado de sangue francez e tamoyo e soberbo, vendo á fugir ao longe as canôas e barcos que levão os restos dos inimigos que escaparão ao seu furor selvagem.

Desde então francezes e tamoyos não ousarão mais affrontar a *cobra-feroz*.

O rei D. Sebastião mandou em apreço de tão grandes acções á Martin Affonso de Souza—Ararigboia o presente de um vestido completo de seu uso, deu-lhe o posto de capitão-mór de sua aldêa com o padrão de tença de

doze mil réis, e o agraciou com o habito de cavalleiro da ordem de Christo.

Por mercês e distincções taes pode-se fazer idéa de quanto fizera e merecêra o intrepido e famoso indio.

Martin Affonso de Souza, o Ararigboia, morreu desastrosamente afogado perto da ilha de *Mocangué-mirim*.

A luz de sua gloria apagou-se no mar, e na indifferença ingrata de algumas gerações; mas renasce e brilha na historia, que deve perpetuar seus feitos.

Ararigboia, (*cobra-feroz,*) tem em sua vida illustre uma unica sombra enegrecedora, a raiva infrene, a vingança sanguinolenta, o furor de tigre nos combates, em que não dava quartel ao inimigo; elle porém era selvagem, era a—cobra-feroz—; heróe sabido dos sertões, e da selvatiqueza ninguem podia exigir que elle, o Ararigboia, fosse heróe amamentado pelá civilisação.

Basta-lhe para maior e applaudido renome o ter deixado de ser antropophago nos impetos de atroz vingança costumeira entre os selvagens seus irmãos.

17 DE MARÇO

FREI JOSÉ DA NATIVIDADE — O SUBTIL

Nascido na cidade do Rio de Janeiro á 19 de Março de 1649 José da Natividade abraçou na patria o Instituto de S. Bento, e no competente mosteiro adquirio profunda instrucção tanto em theologia e philosophia como em litteratura: era eloquentissimo no pulpito e argumentador de tantos recursos, de tanta finura e habilidade que por alcunha era chamado—*o Subtil*.

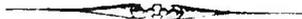
Já conhecido e admirado transportou-se para Portugal e doutorou-se em theologia na Universidade de Coimbra.

Tornando para o Brazil foi abbade do mosteiro da Bahia, e depois provincial.

Era muito consultado em assumptos ecclesiasticos, e suas respostas merecião a mais elevada consideração.

Sendo provincial, falleceu no mosteiro da Bahia á 9 de Abril de 1714. Em suas exequias solemnes fez o seu funebre panegyrico o padre mestre frei Matheus da Encarnação Pina, de quem se tratará em outro artigo.

Frei José da Natividade, grande e celebre orador sagrado apenas imprimio tres dos seus sermões.

Deixou um livro in-folio de consultas canonicas regulares e moraes.

18 DE MARÇO

JOSÉ BORGES DE BARROS

Até o fim do seculo passado no Brazil como em Portugal as familias mais nobres e ricas se honravão de dedicar ao sacerdocio algum de seus membros, e as mais modestas e pobres fazião sacrificios para ter um filho ou algum parente padre.

José Borges de Barros filho do capitão João Borges que se distinguira na guerra contra os hollandezes, e de Maria de Barros, nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia á 18 de Março de 1657: era o primogenito de sua casa, e desejou pertencer á companhia de Jesus; mas a experiencia de seis annos provou-lhe que sua debil saude, e enfermidades não lhe permittião a observancia do Instituto Religioso; deixando-o porém, foi para a universidade

de Coimbra, na qual tomou o grão de mestre em artes, e o de bacharel nos sagrados canones

No Brazil occupou os lugares de mestre de escola da cathedral da Bahia, desembargador da Relação Ecclesiastica, vigario geral e juiz dos residuos, e tornando á Coimbra desempenhou ahi os de provisor e vigario geral, e prior dos de Santa Maria de Arezede e S. João de Almedina, e Arcediago de Cêa. Tendo defendido a jurisdicção do prelado da diocese de Coimbra, cujo procedimento desagradára ao rei D. Pedro II, teve de passar á Lisboa, onde o arcebispo d'Evora D. Simão da Gama o nomeou seu provisor e vigario geral, obtendo elle mais tarde em premio de seus serviços um canonicato na cathedral de Evora.

No intento de receber a roupeta José Borges recolheu-se ao oratorio de S. Filippe Nery, da villa de Estremoz, e falleceu á 10 de Março de 1719 com signaes de predestinado, conforme diz a *Bibliotheca Luzitana*, donde são extrahidas todas estas informações.

Este illustre brazileiro fulgurou no magisterio, ensinando philosophia e theologia, e na tribuna sagrada como elegante orador evangelico na Bahia, em Coimbra, Evora e Lisboa; e deixou em suas obras o testemunho de eximio canonista.

Tinha prodigiosa memoria: mais de uma vez, acabando de ouvir um sermão, recolhia-se á casa, e no fim de horas o mandava escripto sem falha nem mudança de uma só palavra á quem o tinha recitado. Ouvindo proferir mil vocabulos, elle os repetia todos ou pela sua ordem, ou retrogradamente.

Era admiravel na escripta não só pela lindeza e perfeição dos caracteres, como porque imitava com assombrosa semelhança as melhores e as peiores lettras. A's vezes divertia-se, escrevendo á manejar duas pennas com uma só mão, fazendo ao mesmo tempo duas regras dissimelhantes uma da outra:

Cultivou modestamente a poesia.

Foi de gentil presença, de genio jovial, e de louvadas virtudes.

Deixou os trabalhos e obras seguintes:

Tractatus de Præceptis Decalogi 4° M. S.

Pratica Judicial como o Formulario do provisor e vigario geral, Fol. M. S.

Tratado pratico das materias heraficiaes, 4°

Sermões varios, 2 tom., 4°

Arte de memoria illustrada.

A Constancia com triumpho, comedia.

Conclusões Amorosas, M. S.

19 DE MARÇO

JOÃO DA SILVA MACHADO

BARÃO DE ANTONINA

Aos oitenta e seis annos de idade rendeu, 19 de Março de 1875, a alma ao Creador, o benemerito barão de Antonina.

João da Silva Machado era o seu nome de baptismo e de familia : nasceu na provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul em 1782 : seu berço foi humilde e pobre. Sua vida honorificou-se pelo trabalho, pela honra, e por longos annos de serviços.

Silva Machado começou, sendo activo conductor de gado muar e cavallar, que ia vender na provincia de S. Paulo : tão laborioso como economico, e gozando de bem merecida

confiança pela sua probidade, foi ajuntando cabedaes, que servirão para dar maiores expansões á sua industria: já possuia alguma fortuna, quando contrahio no districto que depois se tornou provincia do Paraná, casamento feliz; pois que, além de trazer-lhe encanto domestico, deu-lhe consideravel riqueza.

O homem do trabalho foi desde então elemento de progresso, e por consideraveis serviços elevou-se á benemerito da patria. A' propria custa abrio longas estradas, mandou explorar os sertões dos rios Tibagy e Paranapanema, fundou duas aldêas de indios á margem do Rio Verde uma, e do Itararé, outra; fez-se luz de civilisação, embora não tivesse a sciencia que se bebe nas academias.

Homem intelligente, cultivou em leituras de gabinete, e na sociedade de varões illustrados o seu espirito: tinha em alto gráo o thezouro do bom senso.

Durante annos a provincia de S. Paulo deu-lhe assento na sua assembléa provincial, e na camara dos deputados: Sua Magestade o agraciou com o titulo de barão de Antonina, em recompensa dos serviços que elle prestára á ordem publica por occasião da revolta de S. Paulo em 1842.

Tendo sido creada a provincia do Paraná, o barão de Antonina entrou na primeira lista triplice para senador, offerecida por ella á corôa, cuja escolha recahio no benemerito cidadão em 13 de Julho de 1854.

O barão de Antonina foi grande do imperio, senador, veador de S. M. a Imperatriz, grande dignitario da imperial ordem da Rosa, official da do Cruzeiro, e coronel commandante superior da guarda nacional, reformado.

20 DE MARÇO

D. ROSA MARIA DE SIQUEIRA

Este dia não lembra alguma daquellas varonis spartanas, soberbas e rudes mamelucas de S. Paulo, mães e esposas de sertanejos guerreadores, dos quaes diz a tradicção que em 1709 negarão-se á receber os filhos e maridos derrotados em Minas-Geraes pelos *emboabas* ou forasteiros (portuguezes seus rivaes na exploração das minas), dizendo-lhes todas á uma voz : « voltem á vingar-se, e vencedores e vingados os receberemos. »

Este dia lembra, e nelle deve honrar-se a memoria de joven e delicada, mas heroica paulista.

Rosa Maria de Siqueira nasceu na villa, depois cidade, de S. Paulo no anno de 1690 : teve berço de seda e ouro : seus paes, Francisco Luiz Castello Branco e D. Izabel da

Costa e Siqueira erão ricos e de familias nobres, e empenharão-se em dar-lhe educação tão esmerada, como era possivel então na colonia.

Bella, distincta, e afortunada D. Maria de Siqueira ligou-se por laços conjugaes ao desembargador Antonio da Cunha Souto Maior, que a levou para a cidade de S. Salvador da Bahia, e d'ali em Dezembro de 1714 com ella tomou passagem na não *Nossa Senhora do Carmo e S. Elias* em viagem para Lisboa.

A não montava vinte e oito peças, e levava á seu bordo, além da marinhagem e guarnição cento e desenove pessoas entre homens, mulheres, meninos, e alguns mizeros judeus remettidos para o tribunal da inquisição.

A força da não é de notar-se; porque naquelle tempo os piratas argelinos infestavão o oceano, apresando navios, roubando os carregamentos e levando homens e mulheres aos mercados de escravos dos mouros.

A 20 de Março de 1714, 15 legoas ao mar das Berlengas, sobre a costa de Lisboa virão-se tres navios argelinos ao romper do dia avançando ou voando sobre a não: erão tres nãos contra uma, a menor das tres abria vinte e seis bocas de morte, a seguinte quarenta e quatro, a maior, a capitania cincoenta e duas.

A's sete horas da manhã começou o mais desigual combate e delle no maior fervor os judeus que preferião captiveiro sob argelinos á martyrios da inquisição, romperão em brados contra a temeridade do capitão provocadora de vingança dos vencedores, desanimando assim os marinheiros e soldados.

Então appareceu ardente e sublime Rosa Maria de Siqueira.

Joven (tinha vinte e quatro annos), franzina de corpo, bella e suave, mimosa no parecer e no trato, ella mostrou-se no meio dos combatentes, bradando: « viva a fé de Christo !.... »

E exposta completamente ao fogo dos tres navios inimigos, correndo da guarnição de uma peça para a de outra á carregar para uns polvora, para outros armas, encorajava á todos, gritando de continuo: « viva a fé de Christo !... »

A linda e delicada joven no meio das balas e da furia da morte ostentava tanta bravura que fez dos soldados e marinheiros que principiavão á hesitar, heróes invenciveis.

O combate durou emquanto duràra o dia, e interrompeu-se á noite.

O cartuchame esgotára-se na náo portugueza: D. Rosa Maria de Siqueira ajudada por duas escravas africanas e outras tantas velhas indias que a acompanhavão, trabalhou até o amanhecer, dando promptos trezentos cartuchos.

No entanto a marinhagem reparára, como fôra possivel, os estragos soffridos pela náo.

No dia seguinte renovou-se ainda mais enraivada a peleja. Cinco vezes a náo foi abordada, e cinco vezes rechaçados forão os infieis, os argelinos abordantes, e mortos, ou lançados ao mar, e nesse horror de combates corpo á corpo a joven heroina pelejou como soldado, tornando pelo seu exemplo cada soldado em Alcides. Os pelejadores que não podião vel-a, ouvião-na; porque sua voz argentina era ouvida no meio da fuzilaria, e sobrepujando o ruido das horrorosas abordagens, á bradar sempre: « viva a fé de Christo !... »

A' 21 de Março a salvação da náo foi devida á protecção

de Deus, que tomára por instrumento a heroicidade da bella e mimosa joven Rosa Maria de Siqueira, que se mostrára pelejadora intrepida e inspiradora de prodigioso valor.

Interrompe-se a peleja : vem outra vez a noite, e outra vez Rosa de Siqueira a passa em claro, trabalhando á preparar cartuchame para o combate que ameaçava o dia que no fim de poucas horas havia de amanhecer.

Mas ao romper da aurora os portuguezes virão as tres náos argelinas de vélas abertas e á favor de fresco vento, navegando para longe.

O perigo tinha passado ; a heroina desappareceu.

D. Rosa Maria de Siqueira, chegando á Lisboa, confundio-se, vendo-se objecto da curiosidade e da admiração de todos, e joven, bella, e festejada, mas digna e modesta soube furtar-se á gloria marcial que só excepcionalmente póde caber á seu sexo, e no lar domestico dedicou sua vida ao amor do esposo e da familia.

21 DE MARÇO

DOMINGOS BORGES DE BARROS

VISCONDE DA PEDRA BRANCA

A 10 de Outubro de 1780 nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia Domingos Borges de Barros, filho legitimo do capitão-mór Francisco Borges de Barros, e de D. Luiza Borges de Barros.

Talento brilhante, imaginação viva, caracter generoso, arrebatamento por idéas novas, por horizontes de futuro entrevisto, e além de tudo isso o amor do estudo pela ambição do saber explicão a facilidade com que Domingos Borges completou na Bahia o seu curso de humanidades com a mais doce e animada esperança de seus paes.

Em Coimbra para onde seguio, alistou-se na phalange

mais esplendida da universidade e tomou o gráo de doutor em direito.

Rico pela grande fortun a de seus paes e resplendente de intelligencia, não se c ontentou com o titulo academico, estudou muito a philosophia, e poeta por natureza deu-se ao cultivo das letras e da poesia com tanto mais ardor, que em Lisboa Francisco Manoel (o Filynto Elizio) Bocage, Nicoláo Tolentino, e Agostinho de Macedo erão de sua intimidade.

Borges de Barros empregou depois o seu tempo em estudar agricultura, e poesia: aquella á começar pela botanica talvez pelo encanto das flôres; esta sem duvida pelo culto dessa flamma inspiradora, que se chama mulher.

Amigo de Filynto Elizio, e de Hyppolito, o redactor do *Correio Brasiliense* e enthusiasta das idéas liberaes, soffreu pelas relações com aquelles, e pelo ardor por estas, chegando á ser encarcerado.

Rompeu a revolução de Portugal em 1820, installárão-se em 1821 em Lisboa as côrtes constituintes e Domingos Borges de Barros deputado pela Bahia advogou nas côrtes a liberdade politica das mulheres, sendo não convencido, mas vencido pela grande maioria da assembléa, que repellio o seu empenho pelo menos inopportuno.

Brazileiro de coração sahio da constituinte portugueze para representar na França o imperio do Brazil independente, entrando na diplomacia com a patriotica missão da conseguir do rei da França o reconhecimento do nosso imperio. Durante essa patriotica tarefa deu elle, o diplomata que não deixára de ser poeta, ao prélo os dous preciosos volumes de:« Poesias offerecidas ás senhoras brazileiras por

um bahiano», collecção de bellas composições, que recommendão o nome do autor, e dão testemunho de sua muza erotica, mas decente.

Eleito e escolhido senador do imperio do Brazil, o illustrado bahiano poucas vezes se mostrou na camara vitalicia.

Muito brazileiro pelo coração, pelo amor, pela saudade, adquirira habitos de vida europêa que o enlaçavão ao velho mundo; lá porém prestou bons serviços.

Já tinha sido agraciado com o titulo de barão da Pedra Branca, quando em confiado e melindroso credito diplomatico ajustou o casamento da princeza Amelia de Leuchtemberg com o imperador D. Pedro I, merecendo por isso a gran-cruz da *Imperial Ordem de Christo*, e logo depois a sua elevação titular de barão á visconde da Pedra Branca, e ainda a grande dignitaria da Imperial Ordem da Roza.

Depois de ter estado ou como diplomata, ou como viajante illustre nas principaes côrtes e paizes da Europa, recolheu-se á patria já velho, e ainda prestou bons serviços, occupando-se com esclarecida intelligencia da agricultura, objecto de estudos seus feitos com amor.

O visconde da Pedra Branca falleceu na Bahia á 21 de Março de 1855.

Em sua vida recommendou-se principalmente como diplomata e como poeta.

Incansavel trabalhador, escreveu muito, e frequentemente cultivava a poesia; mas delle só ficárão impres-

sos os dous volumes das—*Poesias dedicadas ás senhoras brazileiras*—e um poema—*Os tumulos*.

O visconde da Pedra Branca foi membro de diversas sociedades scientificas e litterarias da Europa e do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

22 DE MARÇO

JOAQUIM FRANCISCO DO LIVRAMENTO

Aqui vae a lenda de um santo, embora não canonisado: ao menos pelas suas obras mereceu que alguem o chamasse o S. Francisco de Assis brazileiro.

Na villa depois cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital da provincia de Santa Catharina nasceu á 22 de Março de 1751 Joaquim Francisco da Costa, filho legitimo do sargento-mór Thomaz Francisco da Costa e de D. Marianna Jacintha da Victoria, sendo para lembrar que naquelle anno o dia 22 de Março foi sexta-feira maior.

Joaquim Francisco chegou além dos seis annos de idade sem fallar e já o suppunhão mudo, quando começou á pronunciar as primeiras palavras.

Na escola de primeiras letras revelou-se logo: era o

que foi sempre, *devoção e caridade*: talentoso e applicado fez notaveis progressos; mas boa parte do seu tempo se empregava no ensino dos condiscipulos mais atrazados no estudo, e nas horas de recreio esquecia tudo para entoar cantos religiosos diante de pequenos oratorios que armava.

Já então passavão de suas mãos para as dos pobres as dadivas que de sua mãe e de seu padrinho recebia.

Seu pae, negociante da praça daquella capital, o levou aos doze annos para sua casa de commercio: Francisco Joaquim contrariado; porque não sentia disposição alguma para negociar, obedeceu e sujeitou-se com a mais perfeita submissão; no fim porém de quatro ou seis annos obteve a graça de seguir a profissão que lhe approuvesse.

Tambem Thomaz da Costa reconhecêra que o filho não podia ser negociante.

O menino Francisco Joaquim desamparava a loja sempre que ouvia o dobre do sino, chamando os fieis para acompanhar o Santissimo Viatico, e era com verdadeira devoção assiduo na igreja. O pae não podia reprehendêl-o por isso.

Mas além disso o menino dava tudo quanto possuia aos pobres: a mezada que por animação lhe fizera Thomaz da Costa, sua roupa, as moedas que ás vezes obtinha de sua mãe servião-lhe para soccorrer a pobreza: os paes resolverão combater a caridade exagerada, reduzindo-o ao absolutamente indispensavel em cada dia, e privando-o da minima quantia de dinheiro: Joaquim Francisco

não tendo mais que dar, deu os lençóes e a coberta de sua cama.

Livre finalmente do commercio aos dezeseis ou dezoito annos, elle tomou conta do oratorio que seu pae levantára em sua casa sob a invocação de Nossa Senhora do Livramento, e então trocou o seu nome de familia, *Costa* pelo de—*Livramento.*

O joven se expandio em liberdade: pela madrugada ia varrer a igreja parochial, e ornar os altares, ajudando depois os sacerdotes, como acolyto, no santo sacrificio da missa, e antes de voltar á casa, visitava os pobres mais necessitados, soccorrendo-os, quanto podia: dos doentes era enfermeiro, com suas mãos lavava as ulceras mais repugnantes, e com suas consolações fallava ás almas.

Quando o parocho corria ao leito de algum moribundo, achava sentado junto delle Joaquim do Livramento com a imagem do Redemptor nos braços, inspirando resignação e adoçando a morte.

Harmonisava-se com estas obras a vida mais sã e pura.

Um dia elle concebeu a idéa de crear um *asylo* para serem nelle tratados os doentes pobres. Então vestindo um saial de lã pardo (e nunca mais uzou camisa) cingio-se de uma corda, e guarnecendo o peito de seu habito com a figura de um calix e hostia, em signal de sua grande devoção ao SS. Sacramento, sahio á pé á pedir esmolas para o asylo que devia fundar.

Desde então todos o chamarão simplesmente—*irmão Joaquim.*

A pé o irmão Joaquim andou pela sua provincia, á pé foi por terra a de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, e ao cabo de um anno voltou satisfeito com as esmolas que recolhêra e levantou o seu hospital de caridade em terrenos contiguos á capella do Menino Deus que fôra erguida pela virtuosa D. Joanna de Gusmão.

O irmão Joaquim fez-se enfermeiro do seu hospital e é inutil referir o zêlo, o ardôr, a dedicação com que servio aos pobres á este recolhidos.

As despezas avultavão e ao hospital faltava patrimonio: o irmão Joaquim foi á Lisboa, apresentou-se á rainha D. Maria I e della obteve a prestação annual de trezentos mil réis.

Tornando para Santa Catharina, continuou no seu sacerdocio de caridade até que pelos annos de 1796 a 1800 entregou o hospital á administração da irmandade do Senhor Jesus dos Passos erecta na capella do Menino Deus, e embarcou para a Bahia. Ignora-se o motivo que determinou o irmão Joaquim á deixar sua provincia, á que não voltou mais.

Na Bahia deu-se logo á pedir esmolas para fundar estabelecimento de educação de meninos desvalidos e abençoado por Deus lá deixou o *Seminario de Orphãos de S. Joaquim*, educando e sustentando grande numero de filhos da benificencia. Outra vez seguio para Lisboa á pedir para o seminario o que pedira e obtivera para o hospital de Santa Catharina, e satisfeito chegou de volta á cidade de S. Salvador em 1803, continuando á esmolar para os orphãos de S. Joaquim.

A' esse tempo recebeu a noticia da morte de seu pae

em carta que tambem o chamára á receber sua legitima: o irmão Joaquim respondeu, cedendo essa legitima em favor da mais pobre de suas irmãs. E no entanto elle vivia tambem de esmolas!...

Vendo bem montado e prospero o seminario, que fundára, partio-se para o Rio de Janeiro, onde o principe-regente D. João quiz vêl-o, declarou-se seu amigo, e confiou-lhe a educação de alguns meninos orphãos; mas o *irmão Joaquim* não estava em seu elemento na côrte.

A viagem á pé por terra de Santa Catharina ao Rio-Grande do Sul tinha deixado ao *irmão Joaquim* edemacia nos pés e nas pernas que o atormentava e nunca pôde, nem podia ser curada em quem andava sempre á esmolar para os pobres e para os orphãos.

Apezar da aggravação dessa enfermidade elle em 1809 seguio para a provincia de S. Paulo á pé e a pedir esmolas, e já á recebêl-as avultadas pela fama de suas virtudes e do seu amor do proximo: em S. Paulo fundou dous seminarios, um em Itú, e outro em Sant'Anna em fazenda que fôra dos padres da Companhia.

Como gostasse de desenhar sitios pitorescos á que chegava, um dia o *irmão Joaquim* estava solitario á sombra de uma arvore occupado em semelhante trabalho, quando o prenderão, como espião estrangeiro e o conduzirão algemado de S. Paulo para o Rio de Janeiro sem que attendessem aos seus protestos de innocencia, e a evangelica paciencia, com que soffreu insultos grosseiros, e o martyrio das algemas.

Chegado ao Rio de Janeiro e annunciado ao intendente

da policia o espião suspeito ao serviço da França, foi logo conduzido á presença daquelle; apenas porém appareceu á porta da sala, o intendente abrio os braços e correu exclamando:

— Oh!... *irmão Joaquim!...*

E arrancou-lhe as algemas, e depois de abraçal-o, levou-o, entregou-o á familia para tratal-o com a solicitude merecida.

O *irmão Joaquim* apenas descansou, e foi para Angra dos Reis adiantar a obra do seminario de *Jacuecanga*, tambem de orphãos, cujos fundamentos tinha lançado em sua viagem para S. Paulo.

Em 1820, vindo á cidade do Rio de Janeiro, soube que o seu querido hospital de Santa Catharina fôra deshumanamente convertido em quartel de soldados, e quasi chorando foi procurar o marquez de Lavradio: este, vendo-o da janella, apressou-se á ir recebêl-o, e tendo-o ouvido, consolou-o, e no dia seguinte expedio aviso, mandando restituir aos doentes pobres o hospicio, que lhes tinha dado a caridade do *irmão Joaquim*.

O seminario de *Jacuecanga* foi o ultimo dos angelicos amores do *irmão Joaquim*, que a zelal-o de continuo, pôde vêl-o florescente e rico de seminaristas que depois forão varões notaveis e esclarecidos.

Em 1822 o imperador D. Pedro I á rogos do grandioso-humilde pedinte de esmolas, nomeou reitor do seminario de Jacuecanga o padre Viçoso, depois venerando bispo de Marianna, prelado virtuosissimo, e orador singular e inimitavel de eloquencia sublime, porque todo o povo o comprehendia e aproveitava.

O *irmão Joaquim* viveu annos á esmolar e a engrandecer o seu seminario de *Jacuecanga*, e á frequental-o assiduo; mas sempre á dar lições de piedade e de religião. Quando nas visinhanças se annunciavão festas rusticas, e danças e folguedos, lá ia sem convite, obrigando obediencia e respeito pelas suas virtudes, fazia preceder aos doces entretenimentos orações religiosas, e inspirando innocencia e decóro ás reuniões, deixava expansão á gozos sem malicia.

Por vezes arrostrou tempestades em pequenas canôas na bahia de Angra dos Reis, indo soccorrer enfermos e consolar moribundos, e então o ouvião cantar em alta voz hymnos sagrados ao troar dos trovões, e ao impeto furioso das vagas.

Sentindo-se demais abatido e proximo da morte o *irmão Joaquim* desejoso de entregar o seu predilecto seminario de *Jacuecanga* aos padres da congregação da missão, pela terceira vez animou-se á ir á Europa em 1826 : em Portugal bem recebido por D. Miguel, falhárão-lhe todavia não se sabe bem que esperanças : dirigio-se em seguida á Roma, quando aggravando-se suas antigas enfermidades, quiz vir morrer no seio da patria; mas não passou de Marselha, onde falleceu em 1829 aos sessenta e oito annos de idade.

Sua vida foi clarissimo horisonte sem nuvens, céo azul abrilhantado por fulgente sol.

Em menino foi anjo; em joven sacerdote da caridade; em toda sua vida o exemplo do amor do proximo.

Foi enfermeiro de doentes, e consolador de moribundos.

Adoptou por filhos os pobres e os orphãos.

Sem um real de seu e fazendo voto de pobreza viveu e empregou a vida á pedir esmolas, e com as esmolas dos fieis fundou para os pobres um hospital em Santa Catharina, e para os orphãos e desvalidos um seminario na Bahia, dous em S. Paulo, e outro no Rio de Janeiro.

E tudo isso com um simples saial sobre o corpo, com a mão estendida á pedir o obulo da caridade, e sempre com o coração e com a alma em Jesus Christo.

Eis ahi a lenda do *irmão Joaquim*.

23 DE MARÇO

ESTELLA SEZEFREDA DOS SANTOS

Natural da provincia do Rio Grande do Sul, onde nasceu a 14 Janeiro de 1810 Estella Sezefreda veio para a cidade do Rio de Janeiro aos doze annos de idade em companhia de parentes seus.

Poucos annos depois entrou para o corpo de baile do theatro de S. Pedro de Alcantara; mediocre dançarina porém agradou mais pela graça e gentileza de sua figura, de que por habilidade na arte de Terpsichore.

O theatro era a sua vocação; mas os louros que ali havia de colher, não os conquistaria no corpo de baile, do qual se retirou um pouco antes de 1831.

Um genio advinhou-lhe o bello talento: João Caetano dos Santos, depois seu legitimo marido, chamou-a para a scena dramatica.

Estella fez sua estréa em 1833 no pequeno theatro do *Vallongo* na cidade do Rio de Janeiro na comedia—*Camilla ou o subterraneo*—, desempenhando o papel de Camilla.

João Caetano, Estella, e seus companheiros seguirão depois para Mangaratiba, e em tanta pobreza que por falta de recursos pecuniarios fizerão a viagem a pé até Guaratiba.

De volta á capital João Caetano dirigio empreza dramatica no theatro de S. Pedro de Alcantara.

João Caetano com instrucção muito limitada, e sem escola dramatica, tinha em si a flamma do genio para dar-lhe a luz dos segredos da arte, e todos os dotes physicos que se podem desejar em um actor.

Estella não era genio, que advinhasse a arte e bem que graciosa, e de corpo gentil, não tinha o condão precioso da expressão brilhante dos olhos nos lances das paixões e no fervor dos sentimentos: devia contrarial-a muito esta condição physica desfavoravel. Tambem se resentia da falta de escola; porque não poderia achar onde, nem com quem aprender; em compensação porém ella possuia intelligencia notavel que aos poucos foi desenvolvendo com estudo desvelado da arte dramatica, e com a leitura de poetas e dramaturgos portuguezes, e dos melhores escriptores francezes, nos quaes podia beber lições e conselhos para a pratica da scena theatral.

Por esse tempo chegárão de volta da Europa os Srs. Magalhães e Porto Alegre (actuaes visconde de Araguaya o primeiro, e barão de S. Angelo o segundo), trabalhárão ambos para a reforma do theatro no Brazil, e prin-

cipalmente Magalhães, aproveitando o genio de João Caetano e a intelligencia de Estella, conseguio quasi de repente banir a velha e monotona declamação, sujeitar á verdadeiros preceitos de arte as attitudes, gestos, e movimentos dos actores, e fazer entrar pela porta do theatro de S. Pedro de Alcantara a escola dramatica romantica em voga na França e na Europa, e desconhecida no Brazil.

Começou então a época do florescimento e do explendor da grande actriz.

Estella foi a estrella do theatro da escola romantica no Brazil.

Ella creou os papeis de *Catharina Howard*, de Margarida na *Torre de Nesle*, de Desdemona no *Othello*, de Marianna no *Antonio José*, de *Clotilde* no drama desse nome, um dos seus grandes triumphos, da mãe endoudecida na *Graça de Deus*, e em cincoenta ou mais outros em dramas e comedias, obtendo em todas applausos e ovações.

A intelligencia radiante, a arte conscienciosa de Estella completava o genio maravilhoso de João Caetano, que pouco sabia além do portuguez, aliás escrevendo muito mal. Diz-se que, ao menos nos primeiros annos, Estella costumava fazer a primeira leitura á seu marido dos papeis que este se propunha á desempenhar e que com a delicadeza feminil mais apurada, com geitosa dissimulação nesse lêr de artista, insinuava em accentuações, e em expressões de sentimentos conselhos disfarçados e generosos ao esposo, cujo orgulho se revoltava á mais leve idéa da menor duvida sobre os milagres do seu genio dramatico.

Incontestavelmente João Caetano dos Santos foi pela opulencia inexgotavel de seu natural e prodigioso talento de actor dramatico muito e muito superior á Estella Sezefreda dos Santos; esta porém foi mais artista, mais conscienciosa conhecedora dos preceitos da arte do que elle.

Em 1851 Estella já doente, e começando a decahir para entrar em breves annos na velhice, esquivava-se á desempenhar papeis, para os quaes pela sua idade menos apropriada se julgava; mas aceitou sem hesitar a parte de *velha idiota* no drama *Mysterios de Paris*.

O drama sem merecimento apenas podia recommendar-se, como eloquente signal de corrupção de uma escola que em seu maior brilho nunca teve condições, que lhe assegurassem perduração.

Isso nada porém importa para o caso.

Na primeira noite da representação do drama *Mysterios de Paris* estavão no theatro em um camorote dous amigos com suas esposas: um delles era o Sr. Porto Alegre (actual barão de S. Angelo), cujas relações com João Caetano e sua mulher Estella Sezefreda dos Santos se achavão desde annos cortadas com profundo resfriamento.

Chegára o acto, ou o quadro em que a *velha idiota* se exhibia.

A velha idiota não fallava; apenas em uma palavra destacada accusava a fome, e em sons inarticulados indicava seus soffrimentos, principalmente ao queimar as mãos na luz que servia ao trabalho de seu pobre e honrado filho, o lapidario.

Não era papel da protogonista do drama, era apenas parte secundaria de uma unica scena, ou quadro.

Mas Estella Sezefreda fez da velha idiota a maravilha artistica que impedio a merecida quéda do drama: seu rosto exprimio estupendamente o idiotismo, a dôr e os soffrimentos fallavão com inexcedivel eloquencia nas contracções dos musculos da face, e a palavra, grito da fome, e as vozes inarticuladas que lhe rompião da garganta penetravão em todos os corações.

O theatro retumbava de applausos.

O Sr. Porto Alegre muito commovido disse ao amigo:

— Nenhuma das mais celebres artistas dramaticas que admirei em Paris excederia a Estella neste papel de velha idiota, nenhuma!....

A insigne artista depois desse grande triumpho, negou-se cada dia mais á reapparecer na scena, da qual se ausentou de todo em 1863, anno em que falleceu João Caetano dos Santos, seu marido.

Recolhida com suas filhas á vida de pobre retiro Estella Sezefreda viveu ainda onze annos abatida de forças, e soffrendo dolorosos padecimentos physicos com admiravel paciencia, e religiosa resignação.

A 13 de Março de 1874 Estella Sezefreda dos Santos descançou emfim, morrendo na cidade de Nictheroy.

Até hoje o theatro dramatico do Brazil ainda não teve actriz que igualasse a Estella Sezefreda dos Santos.

24 DE MARÇO

JOÃO CHRYSOSTOMO CALLADO

A' 30 de Março de 1816 chegou ao Rio de Janeiro vinda de Portugal a divisão que tomou o nome de voluntarios d'El-rei composta de quatro batalhões de caçadores que se apresentarão em grande parada no dia 4 de Abril: commandava o quarto batalhão o tenente-coronel João Chrysostomo Callado.

Nascêra elle á 24 *de Março de* 1780 na cidade de Elvas, reino de Portugal: era filho legitimo do coronel Manoel Joaquim Callado, e D. Maria Joaquina Nobre: assentára praça em um regimento de infantaria, e fôra reconhecido cadete em 26 de Março de 1795.

Depois de combater contra os hespanhóes na guerra de 1801, aproveitou a paz, cursando as aulas de ma-

thematicas. Já era tenente, quando os francezes invadirão a Hespanha e Portugal. Sob o commando do general hespanhol D. Antonio de Arcé e seu ajudante de ordens fez todas as campanhas até 1814: distinguio-se na acção de 5 de Março de 1811 e foi graduado major; na batalha de S. Munhoz ganhou a effectividade do mesmo posto, foi louvado por outros feitos, e acabada a guerra, teve a cruz de S. Bento de Aviz e a tença correspondente.

Planejada em 1815 a campanha e occupação da Banda Oriental organisou e disciplinou o quarto batalhão de caçadores, veio para o Brazil na divisão commandada pelo general Lecor (depois visconde da Laguna) e chegado ao Rio de Janeiro a 30 de Março de 1816, seguio com a divisão para o Rio Grande do Sul e no mesmo anno entrou em campanha, e recebeu em premio de valiosos serviços a condecoração da Torre e Espada.

Em 1822 sendo chefe da segunda brigada dos voluntarios reaes na provincia Cisplatina adherio á causa da independencia do Brazil e do imperador D. Pedro I, retirou-se de Montevidéo, onde D. Alvaro da Costa, general portuguez dominava; bateu depois forças deste, sendo em consequencia sequestrados os bens que possuia naquella cidade.

Capitulando e retirando-se D. Alvaro, veio Callado ao Rio de Janeiro em commissão á dar parte de quanto se passára ao imperador, e por ordem deste voltou com o posto de brigadeiro graduado para a Cisplatina.

Rompendo a guerra que tomou o nome desta provincia, e que terminou em Agosto de 1828 com o reconhe-

cimento da sua independencia, o brigadeiro Callado prestou notaveis serviços que forão galardoados, e á 20 de Fevereiro de 1827 na batalha de Ituzaingo commandou a segunda divisão do exercito, salvou-a dolorosamente embora, formando-a em quadrado impenetravel, e dirigindo o fogo terrivel que matou entre outros bravos irmãos o heróe barão do Serro Largo que arrebatado pelos seus em fuga desastrosa vinha perseguido por mais de dous mil cavalleiros inimigos disparados em carga ameaçadora. Em todo o ferir dessa batalha Callado ostentou serenidade, valentia, e habil commando, merecendo ser elogiado.

Em 1828 nomeado commandante das armas da provincia de Santa Catharina, onde se reunira grande parte do exercito, o general Callado não quiz proteger idéas e planos de systema de governo absoluto que algumas autoridades machinavão: foi denunciado, submettido á conselho de guerra, que o absolveu unanime por sentença confirmada pelo conselho supremo militar o qual declarou seu comportamento não só irreprehensivel; mas louvavel. O imperador deu-lhe a commenda da ordem de S. Bento de Aviz: o governo imperial nomeou-o commandante das armas da provincia da Bahia, quando em quasi todo o Brazil, e muito nesta provincia fermentava já a exaltação revolucionaria.

A 4 e 5 de Abril tropa em sedição, povo em grita, e em revolta ameação a ordem: o commandante das armas quer oppor-se; mas o presidente da provincia Luiz Paulo de Araujo Bastos no empenho de poupar sangue, e contando poder obstar pela moderação as consequencias do

pronunciamento, ordena-lhe que deixe o posto: Callado obdece de má vontade, embarca para o Rio de Janeiro, onde chega para receber a noticia da abdicação de D. Pedro I, e a ordem para recolher-se preso á fortaleza de Villegaignon.

E' elle quem pede conselho de guerra immediato sem temer as paixões que flammejavão então: á 20 de Julho de 1831 o conselho de guerra o absolve, o supremo militar confirma logo depois a absolvição, e compensa-lhe a magoa da prisão com elogios ao seu proceder.

Callado deixa o Brazil, passa dous annos no Rio da Prata, volta depois á patria adoptiva, é elevado á effectividade do posto de marechal e em 1838, obedecendo ás ordens do governo do regente, commanda na Bahia as tropas que devem abater na cidade de S. Salvador a revolta que a dominava terrivel desde 7 de Novembro de 1837.

Elle dirige o ataque, mas o ataque e a resistencia durão tres dias!.... quanta bravura malbaratada e perdida em guerra de irmãos!....

A 16 de Março de 1838 o marechal Callado crava na praça da Piedade o estandarte da victoria que é o nacional.

Os bahianos agradecidos assignão avultadas quantias para offerecer condigna prenda ao marechal Callado; este porém esquiva-se ao favor da gratidão, e cede o producto da subscripção em beneficio das viuvas e dos orphãos dos bravos mortos em defeza da legalidade. O general vence ainda neste combate de sentimentos generosos; mas logo sorri vencido: porque sua esposa não podia, nem póde regeitar joia mimosa, que apresentava o retrato do impe-

rador o Sr. D. Pedro II (então ainda em menoridade) e a inscripção: « Os bahianos agradecidos ao marechal Callado em 1838. »

O governo do regente elevou Callado á tenente-general, e nomeou-o vogal do supremo conselho militar.

Em 1840 o tenente-general Callado nos dias tumultuosos do parlamento que precederão á decretação da maioridade, esteve no paço de S. Christovão e coube-lhe a honra de acompanhar o Sr. D. Pedro II ao senado á 23 de Julho.

Em 1841 teve a nomeação de conselheiro de guerra e pedio e lhe foi concedida sua reforma.

O mez de Março lhe tinha sido sempre auspicioso e afortunado: estava em 1857, aos setenta e sete annos á morrer em dias de Março; mas nem falleceu nesse mez que a morte lhe respeitou: falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 1 de Abril daquelle anno.

Era em honras da terra fidalgo cavalleiro da casa imperial, commendador das ordens de Aviz e da imperial da Roza, official da do Cruzeiro, condecorado com medalhas de campanhas, conselheiro de guerra além do elevado posto que tinha no exercito do Brazil.

25 DE MARÇO

ANTONIO AUGUSTO DE ARAUJO TORREÃO

Começa na lembrança biographica marcada neste dia a lista dos jovens e meninos heroes que se immortalizarão na guerra tremenda do Paraguay.

Antonio Augusto de Araujo Torreão, filho legitimo do dezembargador Bazilio Quaresma Torreão e de D. Josepha de Araujo Torreão, nasceu em Pernambuco á 25 de Março de 1845: acompanhando seu pae, então juiz de direito, que fôra removido para o Rio Grande do Norte, ahi estudou primeiras letras, e depois no Maranhão humanidades, nas quaes se aperfeiçoou na cidade do Rio de Janeiro, para a qual viera com seu avô com o fim de matricular-se na escola de marinha.

Foi reconhecido aspirante a 28 de Fevereiro de 1861.

Torreão cultivava com amor as bellas letras e a muzica; mas sua vocação ardente era a marinha; no curso da respestiva escola distinguio-se, conquistou louros e á 26 de Novembro de 1863 foi promovido á guarda marinha, em Dezembro do mesmo anno seguio para a Europa na corveta *Bahiana* em viagem de instrucção e de volta em Outubro de 1864, fez exame de pratica de navegação, completando assim os seus estudos regulares de official de marinha.

Acabava-os á tempo: a guerra estava chamando os bravos á peleja. Torreão partio radiante e enthusiasmado no vapor *Mearim* á encorporar-se á esquadra brazileira em operações no Rio da Prata.

Apanhado de improviso pela guerra do Paraguay o Brazil, começava-a, improvizando um exercito de voluntarios, e empregando seus velhos navios, alguns dos quaes á pressas concertados.

Chegou o dia terrivel de Riachuelo, terrivel; mas de heroicidade e de gloria para a marinha brazileira.

Tantas vezes será lembrada essa batalha neste livro, que para obviar não poucas repetições, se reserva o seu esboço rapido para o dia 11 de Junho em que ella se ferio.

Oito vapores paraguayos e outras tantas chatas cercão e atacão nove vapores brazileiros, contra os quaes na barranca do rio (o Paraná) quarenta peças de artilharia arrojão a destruição e a morte.

E' horrorosa a batalha: o *Jequitinhonha* encalhado fez-se alvo de torrente de balas: o *Parnahyba* tem seu tombadilho inundado de sangue e coberto de cadaveres de heroes, e antes que o *Amazonas* em inaudito arrojo venha decidir a

acção quasi perdida; os outros vapores brazileiros batem-se desesperados contra tentativas de abordagem.

No pequeno vapor *Mearim* o commandante, os officiaes e a guarnição ostentão galharda valentia e habil manobra, pelejando brilhantemente, e livrando-se de abordagens; mas no meio de tantos bravos distingue-se o joven guarda marinha Torreão pelo enthusiasmo e pericia, com que commanda uma peça de artilharia: impavido, quasi risonho, e com olhos flammejantes, sua voz sôa firme e electrizadora, gritando — fogo!....

Mas uma bala inimiga estende morto á seus pés o chefe da peça, e Torreão lança-se á esta, substituindo aquelle, e no momento em que tapava o ouvido da peça para a carga, outra bala paraguaya decepa-lhe a mão, e o fere mortalmente.

O bravo Torreão cahe sobre a culatra da peça, bradando ainda — fogo!... seu sangue cahe em jorro das arterias, e pouco depois elle expira, murmurando: — patria......

Nem teve a consolação de saudar a grandiosa victoria da patria em Riachuelo.

26 DE MARÇO

MANOEL ODORICO MENDES

Filho legitimo de Francisco Raymundo da Cunha e de D. Maria Raymunda Corrêa de Faria, Manoel Odorico Mendes nascido na cidade de S. Luiz do Maranhão á 24 de Janeiro de 1799, tomou o appellido de seu tio, padrinho, e pae adoptivo Manoel Mendes da Silva, que o levou á pia baptismal á 26 de Março do mesmo anno.

Tendo concluido no Maranhão alguns estudos de humanidades partio para Portugal com a intenção de formar-se em medicina: fez todo o curso de philosophia em Coimbra, e ahi foi companheiro e amigo intimo de Manoel Alves Branco, e de Almeida Garrett, ambos depois viscondes, e, mais que viscondes, glorias de suas patrias.

Qualquer que fosse a ignorada causa, Odorico interrom-

peu seus estudos e voltou para o Maranhão em 1824: tinha vinte e cinco annos, era ardente liberal e viera achar o Brazil abalado pela dissolução da constituinte: lançou-se exaltado na politica: escreveu no mesmo anno no Maranhão o *Argos da Lei*: foi eleito deputado pela sua provincia logo na primeira legislatura e logo em 1826, primeiro anno da camara, ligou-se a Paula e Souza, Feijó, e Costa Carvalho (depois visconde e marquez de Monte-Alegre) em opposição, no Rio de Janeiro collaborou em um periodico de que era redactor o francez Pedro Chapuis, foi um dos fundadores da *Astréa*; em S. Paulo redigio a principio o *Pharol Paulistano* com Costa Carvalho, e no parlamento e na imprensa pregou as idéas mais adiantadas, sendo contado entre os republicanos; mas na segunda legislatura foi amigo intimo de Evaristo e começou a experimentar a influencia daquelle patriota que era o symbolo do bom senso.

A' 17 de Março de 1831 foi um dos signatarios da famosa representação dos 23 membros do corpo legislativo; á 6 de Abril seguinte um dos chefes do povo pronunciado no campo de Sant'Anna; logo depois da abdicação de D. Pedro I distinguio-se como propugnador da ordem e da moderação, e em Junho ainda de 1831 deu bello exemplo de modestia e de desinteresse, não querendo ser membro da regencia permanente, e fazendo eleger em seu lugar á João Braulio Muniz.

Os maranhenses castigarão esse erro, ou não souberão honrar essa virtude: Odorico não foi reeleito deputado na terceira legislatura, e sem queixar-se entregou-se ao estudo em vida retirada.

Em 1839 voltou á imprensa periodica, escrevendo com Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, depois visconde de Sepetiba, a *Liga Americana*, patriotico sonho inspirado pelo resentimento de offensa ao brio nacional.

Durante alguns annos foi inspector da thezouraria da provincia do Rio de Janeiro e nesse lugar se aposentou.

Em 1844 tornou á camara dos deputados eleito pela provincia de Minas-Geraes, e com Paulo Barbosa da Silva elaborou o projecto de reforma eleitoral que com algumas modificações foi adoptado, offerecendo garantias e recursos á todos os partidos politicos.

Em 1847 Odorico retirou-se para a Europa e dedicou-se todo ás letras.

Elle era poeta primoroso; mas de inspiração muito morosa, muito meditada, e corrigida ainda antes de se produzir: por isso Odorico pouco deixou em composições originaes; mas o seu *Hymno á Tarde* é um canto admiravel cheio de doçura, de enlevo, de doce melancolia, e de verdade que terá de atravessar os seculos conservado pelo gosto mais puro.

Odorico avulta mais como eximio traductor poeta: fiel devoto da escola classica, seus amores forão Virgilio e Homero; antes porém pagou tributos a *Voltaire*, traduzindo magistralmente suas tragedias — *Tancredo* e *Merope*.

Em 1854 Odorico deu ao mundo illustrado a *Eneida Brazileira*, ou antes a traducção magnifica da *Eneida* de Virgilio, e em 1858 o *Virgilio Brazileiro* contendo a segunda e muito aperfeiçoada edicção daquella, e a *Bucolica* e as *Georgicas* traduzidas com igual mestria.

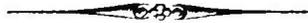
Velho e cansado estudou o grego, leu, examinou, com-

parou quantas traducções tem merecido Homero, aprofundou estudos, esclareceu interpretações, e deixou em manuscripto a sua traducção da *Illiada*, que a provincia do Maranhão tomou por gloriosa herança, fazendo-a publicar.

O senhor D. Pedro II imperador do Brazil foi amigo de Odorico e animou-o em todos esses trabalhos de grandiosas traducções com a sua protecção.

As traducções de Odorico são classicas na lingua portugueza e enriquecidas por estudos archeologicos do mais subido valor.

Odorico poeta traductor obscurece sua individualidade politica aliás importante e de grande influencia durante tres ou quatro annos.

Esse homem que não quiz ser membro da regencia do imperio, que fóra do governo governou um pouco de 1831 á 1833, viveu sempre sem privações; mas em honrada abastança que apenas o isentou dos soffrimentos de dura pobreza, e pobre morreu em França no anno de 1864.

27 DE MARÇO

THOMÉ DE SOUZA

Tendo tido de residencia no Brazil apenas quatro annos e quatro mezes, Thomé de Souza desempenhou nelle tarefa tão transcendente, e prestou tão altos serviços que seu nome não pode ser esquecido entre os dos benemeritos da patria ou da nação, á que elle veio dar o primitivo e regular governo.

O rei D. João III empenhado em colonisar as suas terras da America, dividira-as em 1534 em extensas capitanias, que repartio por donatarios, que receberão como incentivo extraordinarios privilegios, bastando lembrar, que as capitanias erão hereditarias, independentes entre si e sem que justiça, ou alçada alguma pudesse entrar nellas, e que os donatarios tinhão todos os poderes soberanos, e sómente *á pessoa do rei* darião contas de seus actos em cazo de graves accusações.

Era o feudalismo plantado na America-portugueza.

Fundadas algumas capitanias, o mesmo rei sentindo em breve as grandes inconveniencias daquelle systema, reformou-o profundamente, mandando criar um governo geral no Brazil e com elle abolindo a independencia das capitanias, e os grandes poderes dos donatarios, que ao governador geral ficarão sujeitos.

Para executar tão difficil e importante obra foi escolhido Thomé de Souza varão prudente e esclarecido que já se tinha mostrado distincto, militando em Africa e na India.

Thomé de Souza encarregado de criar o governo geral do Brazil, dando-lhe por séde cidade que devia fundar na Bahia de Todos os Santos, sahio de Lisboa á 2 de Fevereiro de 1549 com uma esquadra de seis navios, trazendo nelles mil homens entre gente de serviço, colonos e degradados, e alguns officiaes de artilharia, engenheiros, officiaes mechanicos, e emfim os principaes subdirectores da administração que se ia organisar e seis jezuitas, cujo chefe era o padre Manoel da Nobrega, destinados á catechese do gentio.

A' 27 de Março Thomé de Souza avistou ao longe a Bahia de Todos os Santos, e reunidos todos os navios de sua esquadra, entrou nella á 29 do mesmo mez, trazendo ao Brazil ordem social, e portanto fundamentos de civilisação.

O velho Diogo Alvares, o Caramurú, o legendario da terra, correu á receber Thomé de Souza, e os *tupinambás* atirarão ao chão seus arcos e flexas em signal de paz e de amisade.

Já havia começo de povoação portugueza criada por

Francisco Pereira Coutinho infeliz donatario da Bahia que após longa adversidade naufragára na ilha de Itaparica e ali fôra morto e devorado pelos *tupinambás* que o odiavão.

Thomé de Souza fundou á meia legoa dessa povoação a cidade á que deu o nome de Salvador depois mudado para S. Salvador, em altura escarpada e pouco distante da praia: o concurso muito numeroso dos *tupinambás* sob a influencia do *Caramurú* adiantou as construcções: a cathedral, a alfandega, o palacio do governador, e o collegio dos jezuitas forão os principaes edificios começados e no fim de quatro mezes já havia cem casas com cercados e plantações.

No entanto Thomé de Souza tinha inaugurado o governo com o ouvidor-geral á presidir á justiça, mordomo-mór á dirigir a fazenda, guarda-mór da costa encarregado da defeza maritima, e pouco depois alcaide-mór sub-director da força de terra.

No dia 1 de Novembro de 1549 a cidade nascente já tinha sua camara municipal, que registrou a patente do governador-geral Thomé de Souza, o qual com solemnidade prestou perante ella o juramento que devia.

Feliz e bem merecidamente feliz fundador da cidade da Bahia, criador do governo geral da colonia, Thomé de Souza teve grandes trabalhos á vencer: prudente, mas energico, justo e ás vezes sevéro, bom e honesto em seu governo, só se descuidou de si, arrostrando fadigas e perigos.

Impôz sua autoridade aos indios, obrigando-os pela brandura e pelos favores, e intimidando-os pelo horror do cas-

tigo, á que condemnou, por exemplo, um antropophago apanhado á devorar misero portuguez, á quem matára, e que atado á boca de uma peça de artilharia voou feito em pedaços ao disparar do tiro.

Reprimio os abusos e a corrupção do clero secular, que nas capitanias desenfreado mentia á pureza e santidade da religião.

Visitou as capitanias, em todas regulou a administração, e firmou a acção de sua autoridade superior e o imperio da lei: na de S. Vicente elevou á villa sob condições de obras de defeza a animada (e mais tarde extincta) povoação de Santo André, que João Ramalho fundára, e onde predominavão seus filhos, ardentes mamelucos.

Depois de tantas e tão arduas fadígas Thomé de Souza deixou em Julho de 1553 o Brazil, ficando nelle perpetuado pelos seus serviços, no prospero e relativamente rico desenvolvimento da cidade de S. Salvador, no incremento dado ás capitanias, na ordem administrativa que regulára, e mantivera zeloso, na civilisação que plantára, o seu renome, renome de homem honesto, e de magistrado justo, probo, desinteressado, e por todos os titulos benemerito.

Thomé de Souza, o sabio e feliz fundador do governo-geral do Brazil foi neste grande paiz placenta da civilisação primitiva, e o mais antigo, o primeiro e habilissimo organisador da administração, e da ordem social da colonia portugueza da America.

Thomé de Souza é como um pae: devem os brazileiros a maior veneração á sua memoria.

28 DE MARÇO

ANTONIO CARLOS DE MARIZ E BARROS

Filho legitimo do vice-almirante Joaquim José Ignacio e de D. Maria José de Mariz e Barros tendo por avós do lado paterno o segundo tenente José Victorino de Barros, e do materno o capitão de fragata Pedro Mariz de Souza Sarmento nasceu Antonio Carlos de Mariz e Barros na cidade do Rio de Janeiro á 7 de Março de 1835.

Filho e neto de valentes e audazes marinheiros, nascêra para a marinha, trazendo do berço todos os grandes sentimentos que constituem o heróe.

E o heróe nelle se foi revelando desde a segunda infancia na coragem, na fortaleza, na generosidade, e no exaltamento das idéas.

Tendo concluido seus estudos de preparatorios matricu-

lou-se na escola de marinha á 14 de Junho de 1849. Contava então quatorze annos e nessa idade foi admirado pelo arrojo e pela destreza com que por mais de uma vez assoberbou as chammas, combatendo incendios na capital.

O aspirante de 1849 era já primeiro tenente em 1857: commandou o hiate *Parahybano*, a canhoneira *Campista*, e as corvetas á vapor *Belmonte* e *Recife* e depois o encouraçado *Tamandaré*.

Foi duas vezes á Europa, uma ao Pacifico, outra ao Cabo da Boa Esperança, e a ilha da Trindade e fez ao Alto-Amazonas viagem de instrucção, da qual apresentou interessante relatorio.

Acompanhou S. M. o Imperador em sua viagem ás provincias do Norte e foi condecorado com o habito da imperial ordem da Roza.

Concorreu para salvar uma barca franceza que estava á naufragar sobre as pedras visinhas da fortaleza da Lage e recebeu por isso a cruz de cavalleiro da Legião de Honra.

Um dia chegava elle em passeio á praia de *Itapuca* (em Nictheroy), quando ouvio os brados de uma preta, que lutava embalde para salvar-se das ondas: vestido como estava atirou-se ao mar e livrou da morte a pobre escrava.

Antes da guerra ha um facto que manifesta sua bravura de official de marinha.

Commandando a canhoneira *Campista*, cruzava na altura da *Ilha Grande* para evitar qualquer desembarque de africanos, e eis que avista navio que se faz ao largo, e lhe parece suspeito.

— Larga tudo, cutélos, e varredouras!..... gritou elle.

A *Campista* voava; mas o vento amainou em breve e pouco e pouco deixou de soprar.

Marriz e Barros não hesita:

— Escaleres ao mar!...

A guarnição obedece e com armas de abordagem avança á força de remos para o navio. Mariz e Barros em pé no primeiro escaler ia emfim soltar a voz de abordagem, quando o commandante contrario mostrando-se sobre o passadiço tres vezes grita—*Hurrah!*... e tres vezes a equipagem repete—*Hurrah!*... e ao mesmo tempo iça a flammula ingleza.

O navio perseguido era um brigue de guerra inglez.

Finalmente eil-o na guerra. Eil-o em frente da praça do *Paysandú*, commandando bateria que elle proprio fizera levantar no sitio o mais adequado para o ataque; o mais exposto e perigoso porém, e onde ao lado de Mariz e Barros, hombro á hombro com elle no combate cahirão mortos não poucos bravos.

A bateria estava tão proxima da praça que era offendida pelo proprio fogo da fuzilaria inimiga: Os soldados de Leandro Gomez chamavão Mariz e Barros o—*invulneravel.*

Cincoenta e duas horas durou o bombardeio, a investida e a tomada da praça, onde cada casa se tornára fortaleza, até que na torre da igreja Marcilio Dias arvorou a bandeira auri-verde.

Em *Paysandú* forão heróes muitos officiaes e soldados; mas entre tantos foi Mariz e Barros que mereceu

dos campanheiros o magnifico appellido de—*leão*. Marcilio Dias, o Hercules que combatêra ao lado do *leão*, dizia delle com sua pobre rudeza: « *O diabo do rapaz é um demonio!* »

Mariz e Barros commandante do expresso que trouxe ao Rio de Janeiro a noticia da inclita victoria de *Paysandú*, foi tirado de bordo, e levado em triumpho pelo povo enthusiasmado á Praça do Commercio e d'ali á casa de seu pae.

O Imperador deu ao heróe a medalha de cavalleiro da Ordem do Cruzeiro.

Terminada a campanha do Uruguay, foi encetada a do Paraguay.

O primeiro encouraçado brazileiro (e construido em nossos estaleiros) recebeu nome obrigador de gloria, chamou-se *Tamandaré;* Mariz e Barros foi escolhido para commandal-o e levou-o bizarramente ao theatro da guerra.

No Passo da Patria no rio Paraná em face do campo e dos fortes paraguayos á bombardeal-os, ou á sondar o rio á despeito de horrivel fogo inimigo, Mariz e Barros fez prodigios de valor e de audacia com serenidade sempre imperturbavel.

Mas á 27 de Março de 1866 o forte *Itapirú* e chatas paraguayas pretenderão embaraçar nova digressão pelo Paraná incumbida ao vapor *Henrique Martins*, e por isso os encouraçados *Tamandaré* e *Brazil* baterão-se contra o forte e contra as chatas desde as dez horas da manhã até as quatro da tarde. Chatas forão destruidas e afundadas e taes estragos soffreu o forte que completamente immudecêra.

Era tempo de descansar : retiravão-se os vapores, quando uma bala disparada do forte penetrando pela portinhola da casamata de prôa do *Tamandaré*, leva em estilhaços as correntes que a defendião, e com elles recocheteando dentro das paredes da casamata ferem trinta e quatro pessoas. Mariz e Barros, impassivel na peleja, accode afflicto e cercado pelos officiaes, e de subito outra bala entrando pela mesma portinhola, dilacera horrivelmente o grupo de officiaes.

Scena horrivel !....

Além dos pobres soldados e marinheiros mortos, e despedaçados, que não deixarão nome, o bravo Vassimon, o commissario Accioli, o escrivão Alpoim cahirão completamente desfigurados, o primeiro-tenente José Ignacio da Silveira ainda vive e falla, tendo perdido um braço e uma perna, e calmo e sereno relata sem gemer ao Sr. visconde de Tamandaré que tem immediatamente acodido, o fatal acontecimento, e põe fim á narração sublime, murmurando — *adeus* — e expirando.

E do meio dos cadaveres dos mutilados e dos moribundos levantão Mariz e Barros que tem a perna partida abaixo do joelho tambem offendido e apenas pendente por tendões, e que elle estoico arranca, e lança ao lado, sorrindo para o Sr. conselheiro Francisco Octaviano de Almeida Rosa, ministro plenipotenciario do Brazil que estava então na esquadra, e que corrêra com o Sr. visconde de Tamandaré ao encouraçado, onde a patria cobria-se de luto em face da morte e da agonia de filhos heroicos.

No dia seguinte na camara da *Onze de Julho*, que servia de hospital, Mariz e Barros nos braços do Sr. visconde de

Tamandaré, tendo em face o Sr. conselheiro Octaviano, e em torno amigos e companheiros, sorria á todos, e á brincar como para consolal-os, perguntava, alludindo ao medico:

— Quem é o homem que vai ao leme?....

Era preciso amputar-lhe a perna quasi completamente perdida ácima do joelho.

Os medicos apresentarão-se, e quizerão applicar-lhe o chloroformio.

Mariz e Barros sorrio-se ainda e disse:

— Prefiro um charuto ao chloroformio.

Derão-lhe o charuto.

Elle fumou-o tranquillo e como indifferente durante a amputação.

Quando a operação terminou, o heroe deixando de sorrir, disse commovido, mas sem abatimento de animo:

— Digão a meu pae, que honrei sempre o seu nome.

E pareceu adormecer.... cerrára os olhos....

Erão vinte minutos da primeira hora do dia 28 *de Março de* 1866.

Antonio Carlos de Mariz e Barros — o leão — acabava de morrer.

29 DE MARÇO

JOSÉ IGNACIO RIBEIRO DE ABREU LIMA

No principio do ultimo quartel do seculo decimo oitavo José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima, filho legitimo de Francisco Ignacio Ribeiro de Abreu Lima e de D. Rosa Maria de Abreu Grades, nasceu na villa do Recife em Pernambuco, onde começou os seus estudos de humanidades, mostrando notavel intelligencia e caracter independente e um pouco aventuroso.

Entrou para a instituição do Carmelo, e no fim de algum tempo apostatou, e sahio de Pernambuco.

Passou alguns annos na Europa: esteve em Coimbra, onde soffreu perseguições, conforme o indica um apontamento, que se encontra em ligeirissima lembrança biographica em um manuscripto do general Abreu Lima: viajou

por alguns paizes e demorou-se em Roma, voltando d'ali para sua patria.

Em Pernambuco declarou que conseguira do Santo Padre a sua secularisação e ordens de sacerdote: o general Abreu Lima, seu filho, informa que elle era bacharel em theologia, e cavalleiro professo da Ordem de Christo, achando-se neste ultimo ponto de accordo com o que se lê no artigo competente da obra: « Os Martyres Pernambucanos. »

Nas suas viagens pela Europa e principalmente em Roma José Ignacio aperfeiçoou os seus estudos de humanidades: sabia muito o latim, conhecia o grego, e algumas linguas vivas. Como na cidade eterna houvesse estado e sobre ella ás vezes fallasse, chamarão-no desde então o—padre Roma.

Professava idéas liberaes muito adiantadas, e não se recommendava pela prudencia.

Exercia em Pernambuco a profissão de advogado e foi promotor de ausentes e de capellas.

Nos brevissimos e incompletos apontamentos manuscriptos do general Abreu Lima, lê-se, que sabendo da vinda da familia real portugueza para o Brazil, o Sr. José Ignacio convocára seus amigos e lhes propuzera, que não se recebesse o principe regente D. João sem que elle se prestasse á outorgar uma constituição politica, idéa que aliás foi regeitada.

No anno de 1817 José Ignacio tomou activa parte na revolução republicana de Pernambuco, e offereceu-se para ir ás Alagôas, e d'ali á Bahia afim de dar impulso ao movimento revolucionario: no desempenho da delicada e perigosa commissão conseguio muito nas Alagôas, e quando lhe

pareceu opportuno, fretou uma barca em Maceió, e dirigio-se para a Bahia, onde era extensa a conspiração no sentido do pronunciamento de Pernambuco.

O padre José Ignacio levava comsigo proclamações e cartas que podião comprometter á diversos pessoas ; mas como tomado de presentimento, lançou ao mar todos esses papeis.

Ao desembarcar perto da cidade foi preso e conduzido para esta.

Inexperiente e com a maior imprudencia nem se apresentava disfarçado, nem zelava o segredo da sua marcha, e da sua direcção.

O conde dos Arcos, capitão-general da Bahia, já contava com elle, e assim facilmente o fez prender.

José Ignacio foi julgado por uma commissão militar, que o condemnou á morte.

Fôra preso ao anoitecer de 26 de Março e no dia 29 do mesmo mez morreu fuzilado no Campo da Polvora, mostrando-se resignado e corajoso.

Em seus apontamentos biographicos o general Abreu Lima diz que o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima deixára muitos manuscriptos principalmente sobre melhoramentos de agricultura, *e tambem um commentario ás ordenações do reino que o Dr. Caldas, proprietario do engenho Larangeiras considerava o melhor Expositor do direito patrio ;* mas todos esses escriptos e trabalhos se perderão.

30 DE MARÇO

JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA

Quando outros titulos faltassem á este digno cidadão, bastava para sua gloria a parte que lhe coube no gabinete ministerial de 31 de Agosto de 1864, de que foi presidente o conselheiro Francisco José Furtado, gabinete que improvisou a esquadra e levantou o exercito de voluntarios da patria para a guerra do Paraguay.

João Pedro Dias Vieira nasceu á 30 de Março de 1820 na villa de Guimarães e nem de seu pae o capitão de milicias Manoel Ignacio Vieira, nem de sua mãe D. Dyonisia Maria Dias Vieira herdou riqueza e influencia que lhe facilitassem na provincia a importancia politica que aliás gozou.

Na capital do Maranhão estudou preparatorios e em Olinda

seguio o curso de direito, indo acabal-o em S. Paulo em 1841, tomando o gráo de bacharel formado.

Em 1842 foi nomeado promotor publico da capital da sua provincia; mas ligando-se á opposição liberal, na qual encontrára alguns de seus amigos e collegas á dirigir a imprensa, recebeu em breve a exoneração da promotoria e assentou banca de advogado até que dous annos depois teve a nomeação ainda de promotor para a comarca do Itapicuru-mirim em 1846.

Membro da assembléa provincial do Maranhão em mais de uma legislatura distinguio-se pela sua moderação, e como orador de palavra facil, de exposição clara, sem arroubos de eloquencia ; mas preciso e habil na argumentação.

Servio na mesma capital o lugar de juiz municipal interino, influio muito de 1851 a 1855 no governo da provincia: em 1852 foi nomeado procurador fiscal do thezouro provincial, desse cargo passou dous annos depois ao de director geral das terras publicas da provincia, ao mesmo tempo que exercia o magisterio como professor de philosophia, rhetorica e geographia do Seminario Episcopal, tarefa de que sómente se eximio, quando entrou para o senado.

Em 1855 foi nomeado presidente da provincia do Amazonas e administrou-a até 4 de Janeiro de 1857.

A eleição desse ultimo anno deu-lhe assento na camara dos deputados, e em 1861 sua provincia não só honrou-o com a reeleição de deputado geral, como incluindo seu nome na lista triplice, da qual foi elle o preferido pela escolha imperial.

Em 1858 administrára a provincia do Maranhão como

vice-presidente, dando então vivo impulso á navegação fluvial por vapores mediante toda a animação que lhe foi licito liberalisar á companhia pouco antes creada para aquelle fim: a directoria da empreza o reconheceu, pondo o nome — *Dias Vieira* — em um dos seus barcos á vapor.

A' 15 de Janeiro de 1864 entrou, occupando a pasta da marinha, para o gabinete de que foi organisador o Sr. conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos, e a 15 de Março passou á dirigir a pasta dos negocios estrangeiros, e coube-lhe desempenhar laboriosa e difficilima tarefa primeiro guardando forçosas reservas e ostentando grande prudencia nas discussões da camara em face do exaltado pronunciamento de oradores da opposição conservadora, e da maioria ministerial exigentes de acção energica e bellicosa contra o governo de Montevidéo que zombava das mais graves queixas e reclamações do Brazil por insultos e attentados soffridos por subditos seus; e depois preparando e resolvendo a missão do Sr. conselheiro Saraiva tão moderada, digna, e generosa e tão contrariada e desattendida pelos dominadores do governo de Montevidéo.

A' 31 de Agosto de 1864 novo gabinete, o organisado pelo benemerito conselheiro Furtado tomou o governo, e dias depois o conselheiro Dias Vieira que acompanhára os seus collegas do ministerio do illustre Sr. Zacharias de Góes na descida do poder, voltou á encarregar-se da pasta dos negocios estrangeiros.

Os serviços relevantissimos e extraordinarios prestados pelo gabinete Furtado inexoravelmente compellido, forçado pelo santo dever da desaffronta da patria á lan-

çar-se em guerra colossal, não tendo nem marinha, nem exercito, nem armamentos, hão de ficar gravados em paginas fulgurantes da historia do Brazil.

Depois do ministerio da independencia não houve ministerio mais gloriosamente patriota do que o ministerio *Furtado*.

Nesse gabinete Dias Vieira cumprio á risca o seu dever de patriotismo.

Depois desse gabinete os serviços do conselheiro Dias Vieira no conselho naval foram louvados, e são recommendaveis; ficam porém eclypsados pela brilhante luz do ministerio de 31 de Agosto que em nove mezes de existencia deu de improviso ao Brazil a esquadra e o exercito que ganharam as victorias de *Paysandú, de Uruguayana, de Riachuelo, de Cuevas, da ilha da Redempção ou da Victoria, do Passo da Patria, de 2 e de 24 de Maio de* 1866, e portanto os primeiros, essenciaes, e grandiosos elementos do magestoso triumpho do imperio na guerra do Paraguay.

João Pedro Dias Vieira contava apenas cincoenta annos de idade, quando morreu á 30 de Outubro de 1870.

Tinha o titulo de conselho, era official da imperial ordem da Rosa, e gran-cruz da ordem Ernestina da casa Ducal de Saxe.

A' sua viuva deixada em honradissima pobreza o governo imperial concedeu a pensão de um conto e duzentos mil réis por anno *em attenção aos relevantes serviços prestados ao Estado pelo conselheiro João Pedro Dias Vieira.*

31 DE MARÇO

JOAQUIM FRANCO DE SÁ

Na provincia do Maranhão a cidade de Alcantara, berço feliz de alguns brazileiros illustres, vio tambem nascer em seu seio á 25 de Dezembro de 1807 á Joaquim Franco de Sá, filho legitimo do coronel de milicias Romualdo Antonio Franco de Sá, e de D. Estella Francisca Costa Ferreira.

Até a idade de dezoito annos na companhia de sua tia paterna D. Anna Francisca de Sá, cultivou com applauso as letras primarias, estudos secundarios, e a arte de musica de que foi distincto amador: em 1826 foi para Lisboa e na universidade de Coimbra cursava o segundo anno da faculdade de direito, quando em 1828 a reacção absolutista o fez retirar-se para Pernambuco, onde na academia de Olinda tomou em 1832 o gráo de bacharel em leis, tendo em sua

vida de academico brilhado nas aulas por sua intelligencia e applicação, nos salões da melhor sociedade por amabilidade, cortezia e talento musical, e na praça publica mais de uma vez unido a seus collegas por valor e patriotismo defendendo a ordem contra a anarchia armada, e soldadesca desenfreada.

A 16 de Agosto de 1833 foi nomeado procurador fiscal da fazenda nacional no Maranhão e exerceu dignamente esse cargo até que a 2 de Janeiro do anno seguinte estreou-se na magistratura no lugar de juiz de direito da comarca da cidade de S. Luiz, cabendo-lhe iniciar ali o julgamento por jurados, e pronunciando na abertura do jury discurso notavel sobre a transcendencia dessa instituição.

D'ahi em diante a vida publica de Joaquim Franco de Sá se desenvolveu em tres diversos horizontes, na magistratura, no parlamento e na administração.

Na magistratura obteve em Dezembro de 1836 ser transferido da cidade de S. Luiz para a de Alcantara, onde nascera; e ahi prestou, como juiz de direito notaveis serviços, regularisando a marcha dos processos, e a ordem da justiça: á 14 de Janeiro de 1851 foi por decreto imperial elevado á dezembargador da relação do Maranhão; não chegou porém á entrar em exercicio nella, porque lh'o impedio a morte.

No parlamento entrou em 1841, como deputado supplente do Maranhão para a assembléa geral, depois de firmar na assembléa de sua provincia reputação merecida de orador verboso, e succulento: reeleito duas vezes deputado, foi escolhido senador por carta imperial de 31 de Março de 1849. Na camara temporaria e no senado occupou em discussões importantes a tribuna; ganhando gabos pela elocução facil,

graça, e valentia de argumentação; nunca porém abusou da palavra, e sempre della se servio em proveito do Estado.

Na administração foi que principalmente muito se distinguio. Em 1837 na qualidade de vice-presidente governou o Maranhão durante quatro mezes com imparcialidade, justiça e isenção de influencia de idéas de partido: em quatro mezes não podia conceber e realisar melhoramento algum consideravel; mas entre outros deixou delineado o plano da criação de uma companhia de navegação dos rios da provincia por barcos á vapor. Em 1844 foi presidente da Parahyba em febricitante e furente periodo eleitoral, e moderado e justo acalmou a violencia dos partidos; todo occupado do empenho de manter a ordem, e de obviar as consequencias do phrenesi das paixões politicas, e tendo o coração em profundo lucto pela morte de sua esposa, ainda assim regulou, e simplificou serviços administrativos, reformou e reorganisou completamente a repartição fiscal, e preparou em habeis methodos, e regulamentos bem inspirados marcha desembaraçada e proficua á administração. Tambem foi de poucos mezes a sua presidencia da Parahyba.

De 27 de Outubro de 1846 a 1 de Abril de 1848 Franco de Sá presidio o Maranhão.

Franco de Sá achou a provincia ainda resentida da devastadora revolta dos *cabanos,* retalhada em partidos odientos e quasi ingovernavel; mas corajoso e patriota declarou que —*justiça e progresso*— serião os pharóes de sua presidencia. Immediatamente formou-se a *Liga-liberal-maranhense* que reunio fracções partidarias dispersas, deu ao presidente o apoio de um grande partido, e na imprensa

o do —*O Progresso*— primeiro diario que teve a provincia e que foi redigido por notabilidades litterarias e politicas.

No entanto Franco de Sá reorganisava a administração, *criava* no orçamento provincial a verba ***obras publicas***, e a repartição respectiva, melhorava com systema e economia as rendas provinciaes, e com tributos lançados sobre generos de producção que excepcionalmente as não pagavão, vencia o *defficit* da provincia; e apresentava saldo; em Alcantara abria o canal do Carvalho, e, renovando esforços em favor da grandiosa empreza, á 1 de Fevereiro de 1848 começava os trabalhos do canal do Arapapahy; animava a agricultura, propagando incansavel o plantio da canna, e fabrico do assucar quasi de todo abandonado desde muito na provincia.

Em menos de dous annos elle dera ao Maranhão ordem, prosperidade, riqueza, e horisontes de futuro largamente abertos.

A' 1 de Abril de 1848 terminou o seu governo da provincia do Maranhão.

Joaquim Franco de Sá, senador do imperio, e dezembargador falleceu na cidade do Rio de Janeiro á 10 de Novembro de 1851.

1 DE ABRIL

SEIGNOT PLANCHER

Eis aqui o nome de um francez, pobre e obscuro emigrante, que veio para o Rio de Janeiro não se sabe em que anno, e de quem não se ouvio fallar até 1826.

Seignot Plancher, homem sem fortuna, sem educação litteraria, sem o fulgor da intelligencia que muitas vezes suppre a instrucção, sem capacidade para descortinar horisontes em calculos de legitima ambição, não podendo nem mesmo merecer o nome de artista mediocre, era apenas operario laborioso, economico e de vontade forte na exploração do trabalho para ganhar a vida.

Esse pobre e obscuro francez estabeleceu-se, sabe Deus á custa de que sacrificios e de quantos embaraços vencidos, com uma pequena e ruim typographia em modesta

casa da rua dos Ourives, e teve a abençoada fortuna de ver sahida da sua acanhada officina typographica uma das mais antigas, e por certo a mais espalhada e numerosa edição da constituição politica do imperio do Brazil jurada á 25 de Março de 1824.

Seignot Plancher não era constitucional, nem inconstitucional, imprimio a *Constituição,* calculando com a procura e com a venda faceis e certas do livrinho—pacto fundamental do imperio.

Era isso apenas um recurso, e naquelles tempos a typographia bem pouco tinha que imprimir, e portanto quasi nada á lucrar.

Mas Seignot Plancher teve uma idéa luminosa, cujo alcance, desenvolvimento e futuro evidentemente sua fraca intelligencia não comprehendeu: lembrou-se do interesse que os negociantes da praça do Rio de Janeiro tomarião por noticias de entrada e sahida de navios, portanto do movimento do porto, de annuncios de leilões, e de outros relativos ao commercio.

Explorando essa fonte de renda supposta mesquinha, mas em todo caso, embora dubia esperança, ainda um recurso abraçado pela sua pobreza dignamente laboriosa, o rude e obscuro Seignot Plancher publicou a 1 *de Abril* de 1826 o primeiro numero do *Jornal do Commercio* no Rio de Janeiro.

Sem que ao menos fosse *diario,* grosseiramente impresso, apenas com duas paginas em meia folha do peior papel, em papel de embrulho, contendo apenas noticias do movimento do porto, e outras as mais communs; todas porém do interesse do commercio, sahio pois á 1 de Abril de 1826 o *Jornal do Commercio.*

Nesse dia ficou portanto fundado por *Seignot Plancher*, que mal pensou, e que ainda mais tarde não comprehendeu o futuro brilhante de sua obra de modestissimo berço, o *Jornal do Commercio*, que dentro de poucos annos havia de tornar-se o orgão noticioso mais acreditado, mais generalisado, mais extenso, e a instituição mais opulenta da imprensa diaria do imperio do Brazil.

O commercio do Rio de Janeiro aceitára sympathico o *Jornal* em meia folha de papel de embrulho, que lhe déra *Seignot Plancher*.

O mais rude, o mais incompleto, o menos digno orgão do commercio foi o melhor; porque era o unico.

Seignot Plancher andou para diante; explorou a mina dos annuncios dos escravos fugidos e por vender; depois as casas á alugar, depois tudo quanto podia fallar aos interesses materiaes da população, e chegou ao grande melhoramento de dar ás vezes noticia dos principaes acontecimentos politicos da Europa!

O *Jornal do Commercio* tornára-se diario, e de quatro paginas, o numero de seus assignantes foi gradualmente augmentando, sua impressão typographica melhorou, e emfim Seignot Plancher vendeu a propriedade delle e o seu estabelecimento á 9 de Junho de 1832 a Junius Villeneuve e á Maugenol por 52:664$000.

Em seis annos o *Jornal do Commercio* déra á Seignot Plancher fortuna que satisfez sua ambição e que elle foi gozar em França, sua patria, para onde bem depressa se retirou.

Entretanto o *Jornal do Commercio* em 1832 ainda estava em seu periodo de noviciado, e muito longe do desenvolvimento e da prosperidade em que depois entrou.

Seignot Plancher era trabalhador e diligente; mas não tinha nem instrucção nem intelligencia para levar a folha diaria que creára, á altura digna de uma capital civilisada, mas nem por isso deixa de ter direito á menção de seu nome, que pertence á historia da imprensa brazileira.

2 DE ABRIL

PADRE ANTONIO NUNES DE SERQUEIRA

Natural do Rio de Janeiro, onde conforme a informação de Balthazar da Silva Lisboa, nasceu a 2 de Abril de 1701, Antonio Nunes de Serquerà estudou humanidades e dedicando-se ao sacerdocio, tomou ordem de presbitero na cidade do seu berço.

Distinguio-se pelo seu grande talento e viva imaginação, e pelo seu caracter honesto e exemplares costumes.

Foi padre muito illustrado: theologo e philosopho profundo; teve honras de padre-mestre e foi reitor do Seminario de S. José.

Cultivou com amor, e assegurão que tambem com applauso geral a poesia e a musica.

De musica passou ao seu tempo por notavel contrapon-

tista, e compositor inspirado e de grande merecimento, e é certo que exerceu o emprego de mestre da capella.

Foi membro da Academia dos Selectos, e algumas de suas poesias entrárão na collecção dessa Academia em 1754.

Balthazar da Silva Lisboa diz que o padre-mestre Antonio Nunes de Serqueira imprimira varias composições de musica e de versos.

3 DE ABRIL

FREI ANTONIO DE SANTA GERTRUDES

Filho legitimo de José Francisco de Figueiredo e de Feliciana Maria da Conceição, Antonio que se chamou depois de Santa Gertrudes, nasceu no Rio de Janeiro, e nesta cidade estudou, revelando grande intelligencia.

A 2 de Julho de 1804 tomou o habito carmelitano e tornou-se uma das primeiras notabilidades do Carmello fluminense.

Era consummado theologo e tão estudioso que dizião que em sua cabeça trazia uma bibliotheca.

Conhecia as letras sagradas como as profanas.

Não admira que gozasse credito de eloquente e substancioso pregador na época dos grandes oradores sagrados do Rio de Janeiro sendo, como era, homem de tanto saber

Foi provincial do Carmo e muito louvado pelo seu zelo e pela sua prudencia.

Frequentou muito o pulpito, e como S. Carlos, S. Paio e tantos outros deixou em manuscripto entregue á incuria, ou ao plagio, grande cópia de sermões.

Imprimio comtudo alguns, que aliás avulsos ou todos se perderão, ou um ou outro apenas se conserva.

Mereceu gabos e menção muito distincta o sermão de graças que na capella da Ordem Terceira do Carmo pregou á 3 de Abril de 1826 pela chegada do imperador D. Pedro I ao Rio de Janeiro de volta da provincia da Bahia.

4 DE ABRIL

JOSÉ LINO COUTINHO

José Lino Coutinho nasceu na provincia da Bahia em fins do seculo decimo oitavo.

Tendo feito na cidade de S. Salvador os seus estudos de humanidades, foi para Portugal, onde na universidade de Coimbra formou-se em medicina, e de volta ao solo natal, deu-se ao exercicio de sua profissão, e á estudos de gabinete respectivos.

Em 1816 publicou na Bahia um volume em 4º: *Observações sobre as affecções catharrosas por Cabanis:* traducção do francez.

Escreveu apreciada memoria que intitulou *Topographia medica dá Bahia*, que offereceu a Academia Real das Sciencias de Lisboa, da qual teve o diploma de socio. Esta memoria foi publicada na Bahia em 1832.

A politica arrebatou Lino Coutinho á medicina.

Além de illustrado não podia haver homem mais insinuante e sympathico: bom e desinteressado, simples, alegre e espirituoso, de facilimo accesso e de inexcedivel probidade Lino Coutinho era geralmente estimado, e muito popular.

Em 1821 foi eleito pela Bahia deputado á constituinte portugueza: obedeceu ao mandato e em Lisboa naquella grandiosa assembléa distinguio-se á par de Antonio Carlos, de Feijó, de Barata na defeza energica do Brazil, e com esses e mais dous deputados brazileiros embarcou-se ás occultas para *Falmouth*, e lá assignou com elles o famoso manifesto de 22 de Outubro de 1822.

Tendo-se demorado na Inglaterra não foi eleito para a Constituinte brazileira em 1823 ; mas em 1826, na primeira legislatura ordinaria, teve assento na camara como deputado da provincia da Bahia, que o reelegeu para a segunda legislatura.

Liberal pronunciado fez opposição constante no reinado de D. Pedro I. Sentava-se na camara em frente da meza do presidente e junto de Vasconcellos. Era muito frequente na tribuna: fallava quasi todos os dias: realmente estava longe de igualar a Vasconcellos e muitos outros na profundeza de idéas, e na altura da argumentação; era porém opposicionista terrivel: sua voz agradavel, e a fluidez de sua palavra obrigavão á ouvi-lo, e o seu espirito subtil, fertil em epigrammas, em ironias, e ás vezes em sarcasmos crueis tinha o poder de captivar a assembléa e de pôr em torturas os ministros, e seus defensores.

O povo chamava Lino Coutinho o *deputado das galerias* pelo gosto com que elle era ouvido.

Em 1831 depois da abdicação de D. Pedro I José Lino

Coutinho tomou a pasta do imperio no primeiro ministerio organisado pela regencia permanente, a 16 de Julho de 1831, ministerio celebre e glorioso, de que fizerão parte os seus amigos Vasconcellos, e padre Feijó, o energico e inabalavel ministro da justiça, que salvou a ordem publica e a capital do imperio dos mais horriveis perigos, e do qual Lino Coutinho se retirou, á 4 de Abril de 1832.

As provincias em convulsão, desordens por toda a parte, na capital e em face do governo sem força militar, as tropas indisciplinadas e sediciosas em Julho, e a revolta da ilha das Cobras tres mezes depois em 1831, conspirações quasi todos os mezes, revoltas, e combates á 3 e á 17 de Abril de 1832, anciedades todos os dias, ameaças todas as horas, preoccupações e temores incessantes, taes forão nesse ministerio, que durou um anno, os gozos do poder para os benemeritos patriotas que fizerão o sacrificio de carrega-lo.

E todavia nesses doze mezes de tormentos, de perigos, de pelourinho de açoutes levantado pela calumnia, e por atrozes injurias, e de noites passadas em vigilia sob o temor das revoltas nos dias seguintes, José Lino Coutinho, o ministro do imperio teve tempo, socego imposto ao espirito, reflexão obrigada para emprehender, preparar, e fazer decretar as reformas importantes, e engrandecedoras das escolas de medicina do imperio e da Academia de Bellas Artes da capital do Brazil.

José Lino Coutinho fôra, apezar seu, e com resistencia só vencida em nome da patria exposta á mil perigos, obrigado á aceitar a pasta do imperio, sendo procurado e urgido na sua muito modesta e pequena casa da *Travessa do Paço.* Ministro, ali ficou; porque era pobre, viveu, como tinha até então vivido, não teve carro, nem pensou em toma-lo, dis-

pensou ordenanças de luxo, nunca vestio farda, o ministro de casaca, ministro pedestre, e no exterior tal qual fôra até então, como deputado, prestou serviços, que não o esquecerá jamais a gratidão nacional.

Deixando o governo á 30 de Julho de 1832 o Dr. José Lino Coutinho pouco e pouco, e quasi imperceptivelmente desappareceu da scena politica.

Soffrimentos cada dia mais aggravados o atormentavão. A sciencia medica não pudera vencer o seu gosto exagerado pela arte cullinaria bahiana tão abuzadora de condimentos excitantes. Inflammações de estomago e de intestinos puzerão emfim termo á sua vida.

O Dr. José Lino Coutinho falleceu na cidade da Bahia em 1834 ou no seguinte anno.

Em 1849 foi publicada posthuma a sua obra: *Cartas sobre a educação de Cora, seguidas de um cathecismo moral, politico e religioso.*

O Dr. José Lino Coutinho foi patriota distincto, e homem de inexcedivel probidade.

30 DE MARÇO

JOÃO PEDRO DIAS VIEIRA

Quando outros titulos faltassem á este digno cidadão, bastava para sua gloria a parte que lhe coube no gabinete ministerial de 31 de Agosto de 1864, de que foi presidente o conselheiro Francisco José Furtado, gabinete que improvisou a esquadra e levantou o exercito de voluntarios da patria para a guerra do Paraguay.

João Pedro Dias Vieira nasceu á 30 de Março de 1820 na villa de Guimarães e nem de seu pae o capitão de milicias Manoel Ignacio Vieira, nem de sua mãe D. Dyonisia Maria Dias Vieira herdou riqueza e influencia que lhe facilitassem na provincia a importancia politica que aliás gozou.

Na capital do Maranhão estudou preparatorios e em Olinda

Em 1851 estando em serviço na provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul, seguio para a *republica do Paraguay para ali servir de instructor da arma de artilharia,* mal pensando então o governo brazileiro que armava e disciplinava futuro inimigo !....

Cabrita foi elogiado pelo zelo com que desempenhára essa commissão, e de outras importantes o incumbio no seio da patria o governo.

Em 1862 já era major por merecimento.

Rompera a guerra do Paraguay. Cabrita marchou para o campo da batalha, e já se achava em Corrientes, quando em 1866 recebeu a promoção á tenente-coronel.

No rio Paraná e em frente ao forte paraguayo de Itapirú jaz a ilha que se chamava da Redempção, consideravel ponto estrategico não só para proteger a passagem do exercito que devia invadir o territorio inimigo, como para evitar o mal que fazião as *chatas* paraguayas abrigadas nos socavões da mesma ilha, cuja occupação foi resolvida pelo bravo general brazileiro barão e hoje marquez de Herval.

Na noite de 5 para 6 de Abril o valente e habilissimo tenente-coronel Cabrita occupa de sorpreza a ilha, na qual hasteado brilhou o estandarte auri-verde, zombando durante tres dias do horrivel bombardeio que partia de Itapirú. Na guerra do Paraguay as armas brazileiras nunca perderão posição uma vez tomada.

Na noite de 9 para 10 de Abril os paraguayos em força relativamente poderosa accommettem a ilha. O dictador Lopez queria á todo transe rehave-la ; suas hostes valentes e ferozes levadas em *chatas* desembarcão silenciosas e no meio das trévas ; avanção em ordem ; mas um *menino heroe,* o menino Torres, pressente-os, brada ás armas ! e

deixa-se matar: rugem e se arrojão então como tigres os inimigos, trava-se medonha, enraivada peleja ainda mais horrivel pelo horror da escuridão: Cabrita em esplendido realce de bravura no combate, de serenidade no commando não só resiste; mas rechaça, leva de rojo os atacantes, e o sol de 10 de Abril rompe fulguroso para mostrar a completa derrota da força paraguaya, cujos restos fugindo nas *chatas* são ainda em grande parte exterminados pelo vapor *Henrique Martins*.

O intrepido Cabrita coberto de louros; mas arfando de fadiga, não descançou: depois de providenciar sobre os feridos e prisioneiros, entrou para uma *chalana*, e sentou-se á escrever a parte official do combate e da victoria, tendo ao perto e á acompanhal-o o major Sampaio, o tenente Cunha, e o alferes Woolf.

Erro lamentavel, audacia sem utilidade, nessa guerra de emulação de heroismo entre os brazileiros, chefes, officiaes e soldados não cogitavão jámais de posições arriscadas, e expostas ao fogo do inimigo, ainda mesmo quando o dever ou a honra não lh'as marcava.

Cabrita escrevia pois, quando de subito uma granada inimiga rebentou na chalana, e matou o heroe e vencedor da peleja negra pela noite; mas radiante pela victoria, e seus bravos companheiros de combate, de gloria e do triumpho.

A ilha tomou desde então primeiro o nome de *Cabrita*, depois o de *Victoria*.

Um nome vale o outro: *Cabrita* e *Victoria* são synonimos.

5 DE ABRIL

JOÃO CARLOS DE WILLAGRAN CABRITA

Quando em resultado da guerra iniciada em 1816 as tropas portuguezas occuparão a Banda Oriental, nasceu á 30 de Dezembro de 1820 na cidade de Montevidéo, onde seu pae se achava em serviço militar, João Carlos de Willagran Cabrita, filho legitimo do major Francisco de Paula de Avellar Cabrita e de D. Apollonia de Willagran Cabrita.

A 13 de Janeiro de 1840 assentou praça de voluntario no 1° batalhão de artilharia á pé no Rio de Janeiro, e foi reconhecido cadete á 5 de Fevereiro seguinte: matriculou-se na escola militar á 1 de Março do mesmo anno e a 2 de Dezembro de 1842 foi despachado alferes alumno em vista de suas distinctas approvações.

Tomou o gráo de bacharel em mathematicas e sciencias physicas na mesma escola á 16 de Janeiro de 1847.

6 DE ABRIL

JOSÉ IGNACIO DE ABREU LIMA

Nasceu José Ignacio de Abreu Lima em Pernambuco em 6 de Abril de 1796: seu pae foi o padre José Ignacio Ribeiro de Abreu Lima.

Depois de haver estudado latim, philosophia, rhetorica, francez e inglez, começou em 1811 ainda em Olinda o curso regimental de artilharia ao mesmo tempo que com seu pae cultivava a litteratura, e delle recebia as primeiras noções do grego.

Em Fevereiro de 1812 embarcou para o Rio de Janeiro e nesta capital matriculou-se no primeiro anno da Academia Real Militar, completando o curso de artilharia em 1816, tendo sido premiado em todos os annos de estudos de mathematicas: já era capitão de artilharia e foi despachado lente para o seu regimento.

Chegou á Pernambuco em Dezembro do mesmo anno, e logo depois o ouvidor de Olinda Antonio Carlos de Andrada Machado e Silva teve de pronuncial-o por crime de assuada, resistencia e ferimentos.

O capitão Abreu Lima foi preso, e aggravando da pronuncia, acompanhou o aggravo para a Bahia, onde chegado em principios de Fevereiro de 1817, o conde dos Arcos o mandou recolher á fortaleza de S. Pedro, e ali estava, quando seu pae, emissario do governo da revolução republicana de Pernambuco, ao desembarcar perto da cidade da Bahia á 26 de Março, cahio em poder da justiça, que prevenida o esperava.

A' 28 de Março e á pedido do infeliz revolucionario, o capitão Abreu Lima sahio da fortaleza para a cadêa, onde abraçou seu pae, que no dia seguinte morreu fuzilado. Depois desse horrivel trance, e de alguns mezes passados na cadêa com um seu irmão e com os presos que chegavão de Pernambuco, conseguindo ser solto e tambem o irmão em Outubro do mesmo anno, e recebendo de lojas maçonicas o auxilio de uns cem pezos em moeda, embarcarão-se ambos os irmãos para os Estados-Unidos Norte-Americanos, e ali chegarão em Fevereiro de 1818.

Em ligeiros apontamentos autobiographicos Abreu Lima se queixa de que o *commissionado* da revolução pernambucana que para os Estados-Unidos fôra mandado com *bastante dinheiro,* se negasse a prestar-lhe o menor soccorro.

Seguirão os dous para a ilha de S. Thomaz em Abril de 1818, e o capitão Abreu Lima deixando o irmão como caixeiro de uma casa commercial em Porto Rico,

depois de adversa fortuna e grandes contrariedades chegou á cidade de Angustura, séde do governo republicano de Venezuela em Novembro de 1818, quando o general Bolivar acabava de voltar da sua desgraçada campanha de Caracas.

Abreu Lima foi admittido ao serviço de Venezuela como capitão de artilharia addido ao estado maior do exercito.

E' muito longa, e muito gloriosa a historia da vida militar, de seus feitos marciaes, e de seus brilhantes serviços na guerra da independencia dessa parte da America.

Abreu Lima distinguio-se notavelmente em combates, em emprezas militares arriscadissimas e de consideraveis resultados, em batalhas, e em commissões delicadas: occupou importantes cargos, como o de secretario geral da vice-presidencia do governo de Angustura exercida pelo general Soublette, de quem foi ao mesmo tempo ajudante de campo: aproveitou-se de sua posição e influencia para ser util, e feliz protector de dous brazileiros compromettidos na revolução pernambucana de 1817 e mais tarde foi ainda afortunado bemfeitor do infeliz José da Natividade Saldanha, pernambucano revolucionario de 1824, condemnado á morte, e livre e escapo da forca pela fuga, que o levou ás mais tristes e dolorosas provações no estrangeiro. Desempenhou missões diplomaticas junto ao governo dos Estados-Unidos; teve o titulo de libertador da Nova Granada, e foi membro da ordem militar dos libertadores de Venezuela.

Morto o general Bolivar em 1830, Abreu Lima deixou a Columbia com licença do seu governo, seguio para os

Estados-Unidos, e d'ali para a Europa, visitou algumas de suas capitaes, demorando-se algum tempo em Paris, d'onde veio para o Rio de Janeiro em 1832.

Uma resolução do poder legislativo o fez entrar no gozo de seus direitos de cidadão brazileiro, e lhe permittio aquelle do seu titulo de general, e de todas as honras, e condecorações que ganhára por seus relevantes serviços prestados na guerra da independencia e da liberdade daquellas antigas colonias hespanholas da America do Sul.

Em 1833 ligou-se no Rio de Janeiro ao partido Caramurú ou restaurador, e na imprensa periodica entrou em viva e ardente luta com Evaristo Ferreira da Veiga; mas sua principal occupação foi o estudo da historia patria.

Em 1836 publicou em opposição ao governo do regente Feijó o *Raio de Jupiter*, periodico do qual apparecerão vinte e cinco numeros, pregando a idéa de passar a regencia do imperio á serenissima princeza a senhora D. Januaria.

Em 1835 tinha collaborado no *Mensageiro Nictheroyense*; em 1840 collaborou no *Maiorista*.

Em 1844 retirou-se do Rio de Janeiro para Pernambuco, onde em 1848 publicou o periodico—*A Barca de S. Pedro*— e collaborou no *Diario Novo*, orgão liberal em 1844 e 1845 e seguintes até a revolta praieira de 1848, sustentando sempre na imprensa politica á favor do partido liberal, que então em Pernambuco se denominava *praieiro*.

Em 1867 começou a sustentar na imprensa periodica a idéa do *casamento civil*, seguindo-se vivissima polemica, á que o general Abreu Lima não recuou, e pelo contrario manteve com ardor.

Este illustre brazileiro falleceu em Pernambuco na cidade do Recife em 1849, e em consequencia das idéas que pregára, defendendo o casamento civil, e de não ter querido renega-las, desdizendo-se, como delle exigia a autoridade religiosa, foi negada ao seu cadaver a sepultura em sagrado, o que esteve á ponto de produzir grave motim no Recife.

7 DE ABRIL

JOSÉ BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA

A villa mais tarde cidade de Santos berço dos Gusmão, e do visconde de S. Leopoldo, tambem o foi dos Andradas.

Ali nasceu á 13 de Junho de 1763 José Bonifacio de Andrada e Silva, filho legitimo do coronel Bonifacio José de Andrada e de D. Maria Barbara da Silva.

Tendo recebido em Santos a instrucção primaria, e estudado o latim foi aos quatorze annos para a cidade de S. Paulo, onde seguio os cursos de philosophia e de rhetorica, applicando-se ao mesmo tempo ao estudo de linguas vivas e de litteratura. Em tres annos fizéra progressos extraordinarios: o bispo D. frei Manoel da Ressurreição empenhou-se fortemente para faze-lo abraçar o estado ecclesiastico: mas nem o estudante, nem sua familia annuirão ao que tanto desejava o bispo.

Aos dezesete annos José Bonifacio deixou S. Paulo, veio ao Rio de Janeiro, e depois de breve demora seguio para Coimbra, em cuja universidade se matriculou nas faculdades de philosophia natural e de direito, e no fim de seis annos tinha o gráo de bacharel formado em ambas.

Em Coimbra José Bonifacio firmou logo a reputação de sua intelligencia descommunal: ao mesmo tempo que muito se distinguia nos estudos scientificos, e principalmente nas sciencias naturaes, conquistava conhecimentos vastos em litteratura, cultivava com talento natural e abalisada arte a poesia, achava tempo para escrever dissertações, sendo algumas sobre indios e escravos do Brazil, e ainda tempo lhe sobrava para entretenimentos e folguedos proprios de sua fulgurosa juventude.

De Coimbra partio para Lisboa, almejando occupar empregos litterarios; sua reputação porém já era tal que o duque de Lafões o fez logo entrar como socio para a Academia Geral das Sciencias, que recebeu delle além de outros trabalhos, notavel memoria sobre a pesca da balêa, sobre os melhores processos para a preparação do seu azeite e sobre as vantagens que o governo colheria, animando e favorecendo as immensas pescarias que se poderião fazer nas costas do Brazil, trabalho que foi impresso na collecção das *Memorias da Academia.*

Por proposta desta sabia sociedade foi José Bonifacio escolhido para viajar pela Europa, como naturalista e metallurgista.

Em Junho de 1790 o sabio de vinte e sete annos deixou Portugal, primeiro quiz ouvir as lições de Werner, Jussieu, Lavoisier e outros, depois quiz ler a sciencia no livro da propria natureza, e examinar em cada paiz da Europa os

estabelecimentos metallurgicos, e os processos das sciencias naturaes: percorreu a França, a Allemanha, os Paizes-Baixos, a Italia, a Hungria, a Bohemia, a Suecia, a Noruega e por fim uma parte da Turquia, gastando nessas peregrinações dez annos, e tres mezes, e escrevendo ao mesmo tempo importantes memorias.

Logo em Paris leu na celebre Sociedade de Historia Natural um trabalho historico e scientifico sobre a descoberta dos diamantes do Brazil, e os caracteres distinctivos destes, o que lhe grangeou o titulo de membro dessa sociedade, sendo a sua memoria impressa nos Annaes de Chymica de *Fourcroy*.

Em carta publicada primeiro em allemão e dirigida ao engenheiro Beyer, inspector das minas em Schneeberg apresentou brevemente discriptos, com methodo particular, os caracteres distinctivos de doze novos mineraes por elle descobertos na Suecia e Noruega: essa carta foi traduzida nas gazetas scientificas da França e da Inglaterra, e bastaria ella para immortalisar o sabio brazileiro; elle porém escreveu ainda diversas memorias filhas de suas observações na peninsula Escandinavica, e a mais importante sobre as minas de Salha foi publicada em allemão na gazeta das Minas de Freiberg.

A Academia Real das Sciencias de Stockholmo conferio o titulo de seu socio á José Bonifacio.

Em 1794, percorrendo a Italia, escreveu a memoria que intitulou « Viagem geognostica aos montes Euganeos no territorio de Padua » impresso no fim de dezoito annos depois que em 1812 a leu na Academia de Sciencias de Lisboa.

Além de outros trabalhos de menor importancia, produ-

zio um sobre o fluido electrico, que se encontra nos Annaes de Chymica de Fourcroy.

O peregrino da sciencia ia ao mesmo tempo estudando litteratura, e cultivando como doce linitivo de suas fadigas a poesia.

Em Setembro de 1800 recolheu-se á Portugal trazendo sua nomeada européa. O governo portuguez desvanecido do sabio, nomeou-o intendente geral das minas, dezembargador da relação do Porto, e creou para elle na universidade de Coimbra uma cadeira de geognesia e metallurgia, e a faculdade de sciencias da universidade conferio-lhe o titulo de doutor em philosophia natural.

Logo em 1800 José Bonifacio fez viagem minerographica pela provincia de Estremadura até Coimbra, e escreveu curiosa memoria respectiva que em 1812 foi lida na Academia de Sciencias de Lisboa.

Encarregado do encanamento do Mondego, em 1802 director das sementeiras e plantações nos areaes da costa de Portugal, José Bonifacio soube multiplicar-se para desempenhar cabalmente essas commissões, e os outros cargos de magistratura, de administração e de magisterio.

A invasão dos francezes em 1807 veio perturbar as occupações do sabio, e acender nelle a flamma do patriotismo. Lisonjeado e muito applaudido como homem de sciencia pelos generaes francezes José Bonifacio não se deixou attrahir, e no primeiro pronunciamento da reacção nacional portugueza tomou seu posto de honra, expedio armas e espingardeiros em auxilio dos patriotas, e em seguida foi major e logo depois tenente-coronel do batalhão de estudantes, e bateu-se intrepido e valoroso pela

causa da honra e da independencia de Portugal contra as aguias francezas invasoras.

Expulsos os francezes foi nomeado intendente de policia do Porto, e exerceu esse cargo com prudencia e zelo, salvando muitas vidas de portuguezes suspeitos de amigos de francezes, e ameaçados pela furia da reacção.

Voltando á seus trabalhos scientificos José Bonifacio, que em Junho de 1812 fôra eleito unanimemente secretario perpetuo da Academia de Sciencias de Lisboa, escreveu e apresentou á ella diversos e notaveis trabalhos, como os seguintes:—Memoria sobre o carvão de pedra de Portugal—outra sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal—outra sobre a nova mina de ouro, da outra banda do Tejo, chamada Principe Regente, e muitos outros escriptos scientificos, e discursos lidos na Academia.

O sabio já tinha trabalhado muito, e as saudades da patria, da qual se achava ausente á trinta e nove annos o levarão em 1819, obtida a licença do governo, á voltar para o Brazil.

Chegando ao Rio de Janeiro, recusou empregos que o governo lhe offereceu, e indo despedir-se do rei D. João VI resistio ainda as suas instancias no mesmo sentido, e como o rei insistisse para que elle ao menos aceitasse o lugar de director da Universidade que projectava fundar no Brazil, pedio licença para reflectir, promettendo responder depois que se achasse em Santos.

Eil-o em seu berço natal. José Bonifacio levava por galardão de seus grandes serviços o titulo de conselheiro e o habito da ordem de Christo.

Recolhido ao seu sitio chamado dos *Outeirinhos* occu-

pou-se em coordenar seus manuscriptos, e em classificar sua preciosa collecção de mineraes, de plantas, e de medalhas que trouxera da Europa.

Em 1820 o conselheiro José Bonifacio fez com seu irmão Martim Francisco uma excursão montanistica em parte da provincia de S. Paulo para determinar os terrenos auriferos, resultando della importante estudo que foi publicado no *Journal des Mines*, abundando tambem em informações sobre a existencia de outros mineraes, e sobre as ricas e variadas minas de ferro.

Rompe em 1820 a revolução de Portugal, e as provincias do Brazil por ella se pronuncião no anno seguinte.

Em S. Paulo organisa-se a Junta provincial e o sabio conselheiro José Bonifacio é eleito vice-presidente.

As côrtes de Lisboa desenvolvem politica desastrada contra o Brazil, tirão-lhe seus tribunaes, quebrão ou revogão os laços provinciaes de sua união como reino, e por ultimo decretão a retirada do principe D. Pedro, que o rei deixára como regente do Brazil.

Os brazileiros reagirão, e acudindo ao convite dos patriotas do Rio de Janeiro, José Bonifacio a 24 de Dezembro de 1821 pelas onze horas da noite reune a Junta e faz assignar uma representação, pedindo ao principe D. Pedro que não se retirasse do Brazil.

No Rio de Janeiro o povo assigna representação igual e o senado da camara a leva ao principe á 9 de Janeiro de 1822.

D. Pedro passa o Rubicon, declarando que ficava no Brazil.

A guarnição portugueza se pronuncia em sedicção á 11 de Janeiro: no dia seguinte capitula e vae esperar na

Praia Grande que se aprestem os navios que devem leval-a para Portugal.

José Bonifacio chega de S. Paulo á frente de deputação que vem pedir ao principe, que não deixe o Brazil, e á 16 de Janeiro é nomeado ministro dos negocios do reino e dos estrangeiros.

Desse dia até 12 de Outubro de 1822 a historia do ministro José Bonifacio é a historia da revolução da independencia do Brazil, e da acclamação de D. Pedro I Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil.

José Bonifacio teve grandes e benemeritos auxiliares; foi elle porém o mentor do joven e inexperiente principe e a intelligencia directora dos acontecimentos.

A' 28 de Outubro do mesmo anno de 1822 o ministerio dos Andradas (além de José Bonifacio, Martim Francisco era nelle ministro da fazenda) é demittido; mas o povo o reclama em manifestação publica e tumultuaria; o joven imperador cede; mas os Andradas voltão ao poder dous dias depois sob condição de medidas extraordinarias que se realisárão com a deportação de algumas notabilidades politicas aliás muito distinctas pelos seus serviços relevantes á causa da independencia, como forão Ledo, Januario da Cunha Barbosa, e José Clemente.

O ministerio Andrada activou a guerra da independencia e em 1823 conseguio ver todas as provincias do Brazil reunidas no corpo geral do imperio.

A constituinte brazileira trabalhava sem ligações de partido na obra da constituição politica do Brazil.

O ministerio Andrada mantinha ainda em 1823 o seu espirito de energica reacção ante-lusitana, e em projecto á sua influencia attribuido, e apresentado á constituinte,

excedeu-se querendo disposições legislativas demasiado violentas. O projecto foi regeitado, e semanas depois os Andradas forão demittidos á 17 de Julho.

A nova situação politica incorreu no erro do espirito opposto, e os brazileiros se alvoroçarão, suspeitando influencia lusitana, ou favor ao elemento portuguez no governo do imperio.

Exaltarão-se os animos: um brazileiro offendido phisicamente por officiaes militares de naturalidade portugueza, queixou-se á constituinte: houve discussão vehemente: os Andradas pronunciarão-se com ardor em honra da nacionalidade brazileira.

A crise politica declarou-se ameaçadora.

O imperador dissolveu a constituinte brazileira a 12 de Novembro de 1823, e á sahida dessa assembléa forão presos Antonio Carlos e Martim Francisco, (dois irmãos Andradas) Rocha, Montesuma, Belchior Pinheiro, e em sua casa José Bonifacio, todos elles deputados, que dias depois sahirão do Brazil deportados.

O imperador D. Pedro I pagou caro esse grave erro politico, vendo para sempre distanciado do seu governo o partido liberal profundamente resentido.

O conselheiro José Bonifacio, o sabio, o ministro da revolução da independencia, o benemerito da patria seguio para o desterro com animo sereno.

A constituinte apresentára elle dous trabalhos de maximo interesse — uma representação sobre a escravatura — e uma memoria sobre a catechese dos indios.

Desterrado em França com seus dois irmãos e os outros tres ex-deputados, José Bonifacio foi habitar em um dos arrabaldes de Bordeos, e nessa cidade deu ao prelo em

1825 a sua — representação sobre a escravatura — e o mimoso livro que intitulou « Poesias de Americo Elysio, » thesouro precioso da litteratura brazileira.

Em 1829 o conselheiro José Bonifacio volta ao seio da patria ; mas na viagem é amargurado pelo fallecimento de sua virtuosa esposa : chega ao Rio de Janeiro onde é bem recebido por D. Pedro I, mas velho e desgostoso foge ás lutas dos partidos e se recolhe á pequena e formosa ilha de Paquetá.

Chega o anno de 1831. O imperador D. Pedro I, não querendo ceder ao pronunciamento do povo e tropa que á 6 de Abril exigião a demissão do ministerio impopular organisado na noite de 5, abdica a corôa nas primeiras horas do dia 7 de Abril, e nomea tutor do senhor D. Pedro II e de suas augustas irmãs ao desterrado de 1823, ao velho e patriota conselheiro José Bonifacio.

A camara dos deputados logo depois em sessão ordinaria por intelligencia que deu ao preceito da constituição, annullou a nomeação feita pelo ex-imperador ; mas nomeou tutor ao mesmo conselheiro José Bonifacio, que aliás protestára, defendendo os seus direitos, ou antes os do pae de seus augustos pupillos.

José Bonifacio teve então e por muito pouco tempo assento na camara, como deputado supplente ; nunca porém foi orador parlamentar que se mostrasse na tribuna na altura de sua sabedoria.

Em 1832 começou á organisar-se e a conspirar o partido restaurador ou *caramurú*. José Bonifacio foi envolvido nas intrigas politicas e suspeito de animar e proteger aquelle partido.

Depois de batidos no campo armado no Rio de Janeiro,

os *caramurús* conspiravão de novo em 1833: o partido liberal moderado ou do governo sem duvida de plano precipitou a crise já imminente, fazendo a capital do imperio theatro de motins reprehensiveis, abusivos e impunes contra os restauradores nas noites de 2 e de 5 de Dezembro.

A ordem publica estava ameaçada; a cidade inquieta e cheia de sinistras apprehenções· o governo aproveitou o ensejo para tomar medida extraordinaria, e á 15 de Dezembro mandou prender o conselheiro José Bonifacio no Paço da Boa-Vista, e envial-o em custodia para a ilha de Paquetá, ficando ao mesmo tempo suspenso da tutoria, que passou á ser exercida pelo marquez de Itanhaem. E' desnecessario dizer que na sessão de 1834 a camara dos deputados sanccionou com applausos da sua maioria todas as medidas tomadas pelo ministerio da regencia.

José Bonifacio soffreu por certo muito com esse golpe violento e dictatorial que sobre elle desfechou o governo, soffreu coacção, e provavelmente espionagem em Paquetá durante alguns mezes; mas não foi de outro modo perseguido, nem houve empenho politico em obstar a sua absolvição no processo que de necessidade lhe instaurárão.

Pondo-o fóra da tutoria do Imperador o governo da regencia tinha conseguido o seu fim.

O illustre, sabio e venerando septuagenario não mentio ao seu estoicismo nesses dias de adversidade: Conduzido preso tinha no rosto a expressão de triumphador modesto, que não se exalta com o triumpho: retido na ilha de Paquetá, vivia tão placido e tranquillo, tão affavel e tão isento de cuidados, como se estivesse em retiro vo-

luntario e de recreio. Sua imperturbavel serenidade parecia senão desprezo ao menos profunda indifferença aos revezes da fortuna humana.

Da ilha de Paquetá o conselheiro José Bonifacio passou á residir no bairro de S. Domingos da cidade de Nictheroy, e ali rendeu a alma ao creador á 6 de Abril de 1838.

O governo prestou ao illustre finado todas as honras e distincções que em sua alçada podia ordenar, e que erão devidas á tão grande homem. Foi geral o luto do povo; mas o cadaver de José Bonifacio levou para a sepultura pendente ao peito apenas o habito da ordem de Christo que outr'ora lhe déra a rainha D. Maria I em Portugal.

Em 1822 e 1823 dominante no ministerio, mentor ás vezes até severo do principe regente depois Imperador do Brazil, recusou teimoso e vencedor na recusa disputada as mais elevadas condecorações.

Patriarcha da independencia do Brazil nem foi senador do imperio.

A nova geração e o Imperador o senhor D. Pedro II honrarão ao menos a memoria do Washington brazileiro.

O conselheiro José Bonifacio tinha em 1829 ou 1830 recebido do Estado não pedida, mas justamente decretada, pensão de quatro contos de réis annuaes. Por sua morte o governo concedeu pensões ás filhas do benemerito da patria.

Em 1872 á 7 de Setembro, no anniversario quinquagenario da independencia foi inaugurada na praça de S. Francisco de Paula na cidade do Rio de Janeiro a estatua de José Bonifacio, sendo a solemnidade patrio-

tica presidida pelo Imperador o senhor D. Pedro II, e concorrendo á ella S. M. a Imperatriz, a Princeza Imperial, e seu augusto esposo o Sr. conde d'Eu ; os Grandes do Imperio, o Instituto Historico e enthusiasmada multidão de povo.

Se vivo fosse, o velho José Bonifacio assistiria á tudo isso com a impassivel, risonha, e serena simplicidade do seu caracter que sempre teve em pouco as grandezas, e as vaidades triumphaes da terra.

José Bonifacio de Andrada e Silva, sabio reconhecido na sociedade dos sabios, ministro e um dos patriarchas da independencia do Brazil, glorificado pela escolha honrosissima de D. Pedro I para tutor do senhor D. Pedro II e de suas augustas irmãs, José Bonifacio, homem monumento, homem tres monumentos, um pela sciencia, outro pela poesia, outro pela gloria de patriarcha da independencia da patria, José Bonifacio, rei de tres corôas, viveu, floresceu, resplendeu, e morreu sendo o admiravel symbolo da simplicidade estupenda, do desinteresse inexcedivel, da probidade brilhante sem jaça, e do patriotismo mais acrysolado.

Na familia Andrada houve tres irmãos que foram monumentaes, e já pertencem ao passado; mas dos tres o mais alto, o mais glorioso, o mais resplendente foi José Bonifacio de Andrada e Silva.

8 DE ABRIL

JOÃO RAMALHO

Aqui está um tronco modesto de arvore immensa, um irmão de adversidade e de fortuna de Diogo Alvares—o Caramurú—, não legendario, romanesco, e poetisado, como elle; talvez porém mais util.

João Ramalho, portuguez, vinha em navio que provavelmente demandava as Indias e que naufragou perto da provincia de S. Paulo; pois que em um ponto da costa desta parte do Brazil elle se salvou.

Dão ao seu naufragio o anno de 1512.

Ignora-se muito a historia dos primeiros dias, semanas ou mezes do seu naufragio; certo é porém que elle foi parar á taba do valente *morubixada* (chefe) indio *Tebyreçá*, que o acolheu, deu-lhe por consorte uma filha

sua; e certamente acabou por dobrar-se á influencia do homem civilisado que adoptára.

Naturalmente (pois que a polygamia era observada entre os indios) João Ramalho ligou-se tambem á outras indias, pois que deixou não poucos filhos.

Em 1532 foi devida ao seu concurso trazido do interior a facilidade com que Martin Affonso de Souza fundou a colonia e villa de *S. Vicente*, e com certeza por seus conselhos e por sua direcção foi pelo mesmo Martin Affonso fundada nesse anno, além da serra oriental, a colonia e villa de *Piratininga;* da qual elle ficou nomeado *guarda-mór* ou chefe.

Perto de Piratininga João Ramalho fundou a povoação de Santo André, animado ninho de seus filhos, aggregados, e indios escravos, simples povoado de familia, que a 8 de Abril de 1553 foi elevado á villa pelo augmento que em poucos annos tivera.

As villas de Piratininga e de Santo André floresceram até morrer á falta de calor, dominadas pela sombra potente que lhes impozéra a nascente povoação de S. Paulo que se desenvolveu em torno do collegio desse nome levantado pelos jezuitas.

Esse predominio dos jezuitas custou sangue logo em 1556, em que esses padres erão por inimigos e quasi vencedores atacantes do seu collegio os *mamelucos de Santo André* e *Piratininga.*

O patriarcha dos *mamelucos*, o tronco primitivo dessa raça cruzada provinda da união de portuguezes e indios, a raiz dos admiraveis romanescos, e heroicos sertanejos de S. Paulo, que conquistárão a maxima parte do interior do Brazil, foi João Ramalho.

A' seu exemplo, e sob sua influencia os colonos portuguezes de Piratininga, e annos mais tarde de Santo André, ligarão-se por laços legitimos, e por uniões não legitimas ás indias, e do cruzamento das duas raças continuado ainda mais extenso depois provierão esses indomaveis *mamelucos* e sertanejos de S. Paulo que pelas suas proezas, e quasi inverosimeis conquistas assombrárão os seus contemporaneos, e ainda hoje obrigão a maior admiração.

João Ramalho perpetua sua memoria pela adversidade do naufragio, pela sua adopção na taba selvagem de Tebyreçá; pelo seu poderoso concurso e direcção nas duas colonias e villas fundadas de S. Vicente, e de Piratininga, pela creação do povoado e villa de Santo André, e ácima de tudo isso; porque elle foi a raiz e o tronco da arvore immensa dos *mamelucos*, e sertanejos de S. Paulo.

Pae ou avô de heróes, João Ramalho, portuguez de nascimento embora, foi o primeiro paulista.

Diogo Alvares—o Caramurú, teve na Bahia a gloria de dedicado concurrente nas conquistas da civilisação; João Ramalho em S. Paulo foi, sem o pensar, elemento preparador de grandioso futuro.

Convém declarar que a historia de João Ramalho no Brazil começa obscura e duvidosa.

Pretendem alguns que elle não fôra naufrago, como dizem muitos outros escriptores, e sim um degradado que trazido na primeira expedição exploradora do Brazil, fôra deixado na ilha de Cananéa, onde no fim de trinta annos se apresentou á Martin Affonso de Souza.

9 DE ABRIL

JOÃO VIEIRA DE CARVALHO

MARQUEZ DE LAGES

João Vieira de Carvalho, filho legitimo do coronel desse mesmo nome e de D. Vicencia da Silva Nogueira, nasceu em 1781 em Olivença, então pertencente á Portugal.

Assentou praça de soldado em 1786, e, reconhecido cadete, foi alferes em 1801, e ajudante do 2º regimento de Olivença quatro annos depois.

Estudou no *collegio dos nobres,* e foi successivamente premiado no curso de mathematicas, ganhando além disso reputação de distincta intelligencia.

Na invasão franceza militou na Peninsula; portuguez

porém não tolerou a idéa de servir á conquista estrangeira; declarou-se incapaz de serviço, e, protegido pelo marquez de Alorna, embarcou para o Brazil, e veio trazer ao principe-regente D. João os tributos de sua capacidade intellectual e de sua espada.

No posto de sargento-mór de engenheiros militou nas campanhas do Sul de 1811 á 1812, e de 1816 a 1817. Em ambas deu provas de pericia e valor, e principalmente na ultima, em que além do zelo e sciencia que mostrou, dirigindo trabalhos de fortificações, da habilidade e afouteza com que effectuou marchas terriveis através de pantanaes e rios caudalosos em territorio dominado ainda pelo inimigo, de tal modo se portou na batalha de Catalão, que teve o posto de tenente-coronel por distincção. Ordens do dia dos seus generaes, e a carta regia de 26 de Julho de 1817 deixárão documentados os importantes serviços que prestou na guerra.

Em 1821 João Vieira de Carvalho foi nomeado commandante militar e director da colonia de Nova Friburgo, para cujo desenvolvimento muito concorreu então.

Em 1822 adoptou a causa da independencia do Brazil e logo á 28 de Outubro acceitou a pasta da guerra no ministerio ephemero, que succedeu ao dos Andradas de novo chamado ao poder á 30 do mesmo mez em consequencia de demonstração popular em seu favor.

No anno seguinte João Vieira de Carvalho teve a nomeação de fidalgo cavalleiro, e em 1824 a promoção á brigadeiro, recebendo tambem então a graça de Official da Imperial Ordem do Cruzeiro.

A 6 de Agosto de 1824 voltou ao governo com a pasta da guerra, que conservou até o anno seguinte, sendo ao

deixal-a agraciado com o titulo de barão de Lages com grandeza.

A' 20 de Janeiro de 1826 occupou interinamente a pasta do imperio; no mesmo anno teve a nomeação de conselheiro de estado, em 1827 promoção á marechal effectivo, em 1828 foi elevado de barão á conde de Lages, e em 1829 escolhido senador em lista triplice offerecida á corôa.

Evidentemente o imperador D. Pedro I distinguia muito o conde de Lages e o honrava com a maior confiança.

O partido liberal em opposição cada vez mais vehemente, desconfiou do conde de Lages, hostilisou-o com ardôr na imprensa, não o poupou na camara, e teve-o em suspeita de conspirar para a proclamação do governo absoluto.

O conde de Lages tornou-se impopular.

Já lá vae esse tempo: as paixões politicas daquella época não influem mais no juizo dos homens.

O conde de Lages era mais militar do que politico e por justa gratidão amigo do imperador e á elle dedicado até o sacrificio pessoal. Educára-se na disciplina e na obediencia de soldado, e não bebera, como a mocidade do seu tempo, na Universidade de Coimbra as idéas liberaes sahidas em lavas do volcão da França: isto explica todo o seu proceder: ao imperador servio com lealdade por obediencia, e dedicadamente por gratidão.

Sem a menor duvida o partido liberal o devia ter por adversario, desde que hostilisava, e fazia opposição ao governo do imperador; mas o conde de Lages não conspirou para a proclamação do governo absoluto.

D. Pedro I nem concebeu, nem animou a trama, que

um ministro mais monarchista que o rei, começou á urdir naquelle sentido, e abandonou depois desenganado : o conde de Lages não cooperou para tentativa semelhante, na qual nem se manifestou a vontade de D. Pedro I, que aliás nesse tempo tinha ainda por si a força obediente de exercito numeroso e dedicado.

Mas o conde de Lages não media sacrificios, nem as consequencias de seus serviços leaes e extremos á causa do throno, e da pessoa do imperador.

Elle o demonstrou na noite de 5 de Abril de 1831, aceitando a pasta da guerra em gabinete de reacção ante-liberal em face de revolução já mal contida, já manifesta em ardentes reuniões nocturnas e não dissimuladas do povo.

A mais impolitica e provocadora organisação ministerial só se explicaria, se ella rompesse armada com todas as medidas energicas e até extraordinarias no sentido de reacção violenta, e aliás em todo caso de consequencias desastrosas.

D. Pedro I, que sem duvida sabia o que estava fazendo, organisou ministerio de caracter pessoal francamente reaccionario, e não lhe deu nem força, nem amplas faculdades de reacção.

O conde de Lages, acudindo ao chamado do imperador, obedeceu, tomando a pasta da guerra; mas foi logo contrariado ao vêr que erão negadas medidas de *influencia decisiva* sobre a força militar existente na côrte.

O ministerio da noite de 5 de Abril de 1831 teria sido o typo da inepcia á 6 de Abril, se não fosse exemplo de extremo sacrificio pessoal.

O pronunciamento do povo na tarde de 6 de Abril, e o concurso sedicioso dos corpos militares na noite da

mesma data realisárão-se sem a menor opposição, sem o mais leve ensaio de acção opposta da parte do governo!

Foi como se ministros de estado não houvessem!

Na madrugada de 7 de Abril o imperador D. Pedro I abdicou a corôa, e do ministerio da noite de 5 de Abril ficou o marquez de Inhambupe para entregar o poder ao governo que a revolução quizesse crear ou impôr.

Durante a menoridade do imperador o senhor D. Pedro II, o conde de Lages foi ainda duas vezes chamado á occupar a pasta de ministro da guerra, a primeira a 1 de Novembro de 1836 pelo regente padre Diogo Antonio Feijó, a segunda á 16 de Maio de 1839 pelo regente Pedro de Araujo Lima, depois marquez de Olinda.

Em 1840 o conde de Lages entrou no numero dos propugnadores da *maioridade* e no anno seguinte no acto da sagração e da coroação do Imperador teve a honra de servir de alferes-mór, sendo então agraciado com a gran-cruz da Ordem de Aviz, e a 9 de Abril de 1845 elevado á marquez de Lages.

Como ministro da guerra foi o fundador da escola dos menores no arsenal de guerra e da companhia de artifices que tão util tem sido.

O estabelecimento da fabrica da polvora na Estrella, e um asylo para invalidos na fortaleza de S. João forão igualmente devidos ao mesmo ministro.

O marquez de Lages falleceu a 1 de Abril de 1847, tendo sessenta e seis annos de idade.

10 DE ABRIL

FRANCISCO CORRÊA VIDIGAL

Filho legitimo do dr. Bartholomeu Corrêa Vidigal, Francisco Corrêa Vidigal nasceu na cidade do Rio de Janeiro, e nella estudou humanidades.

Formou-se em direito canonico na universidade de Coimbra: de Portugal seguio para Roma, onde tomou ordens de presbytero e apurou seus estudos.

De volta á patria foi nomeado vigario para Cuyabá e ali exerceu dignamente a administração parochial.

Tornando para o Rio de Janeiro, adoptou a profissão de advogado, na qual se distinguio e ganhou notavel reputação.

O principe regente D. Pedro o nomeou conego da cathedral, e o bispo D. José Caetano, apreciando o seu saber e

virtudes fe-lo aceitar a Reitoria do Seminario de S. José e lhe conferio a vara de provisor do juizo ecclesiastico.

Em 1829 nomeado ministro do imperio do Brazil junto a côrte de Roma, gozou ali tanta estima, que o Santo Padre chegou á pedir a sua conservação.

Nas eleições para a primeira legislatura foi Corrêa Vidigal, já monsenhor, eleito deputado pela provincia do Rio de Janeiro. Na camara fugio ás lutas dos partidos, mostrando-se moderado, sempre governista, distanciado da opposição liberal; mas sem combate-la na tribuna, e merecendo geral respeito.

Fallecendo o bispo D. José Caetano, foi nomeado por unanimidade de votos vigario capitular, e exerceu o melindroso cargo com prudencia e zelo até sua morte á 10 de Abril de 1838.

Seus restos mortaes descansão na igreja de S. Pedro do Rio Janeiro.

Suas pastoraes forão muito louvadas.

Vigario capitular, governou o bispado em época difficil, em que o governo do imperio se achou em grave desintelligencia com a côrte de Roma; e nem por isso o illustre Corrêa Vidigal faltou uma só vez ao respeito e á obediencia civil e politica que devia ao poder do Estado.

O monsenhor Francisco Corrêa Vidigal conservou até sua morte a moderação, e a modestia que ainda mais realçárão seu espirito de justiça e seu notavel saber.

11 DE ABRIL

D. MARIA DE SOUZA

Dominio e colonia de Portugal e consequentemente ligado aos destinos da sua metropole, o Brazil estava desde 1580 sujeito ao jugo da Hespanha.

Em 1621 terminada a tregoa de doze annos que com o governo de Madrid ajustára em 1609, a Hollanda reacendeu a guerra, e não cabendo aqui a exposição do systema e dos recursos que empregou para fazêl-a, basta dizer, que o Brazil foi então a victima principal da inimiga da Hespanha.

Em 1624 poderosa expedição hollandeza atacou a cidade de S. Salvador da Bahia, capital do Brazil-colonial, e della se apoderou; perdendo-a porém no anno seguinte depois de rigidos combates.

Em 1630 voltárão os hollandezes com esquadra colossal e numerosas forças de desembarque empenhados em conquistar a capitania de Pernambuco: tomárão Olinda, cidade capital, e a povoação do Recife apenas em seu berço; mas para elles de maxima importancia; porque lhes dava porto de mar.

Seguirão-se mais de cinco annos de guerra terrivel e gloriosa para os pernambucanos que mal soccorridos e em numero muito inferior ao do inimigo, illustrárão-se por indomita bravura e por feitos heroicos.

Portugal abatido pouco podia fazer em auxilio do seu Brazil, a Hespanha dividia demais seus cuidados, e não lembrava bastante a colonia do reino que subjugára, e pelo contrario a Hollanda não poupava esforços para consolidar o seu poder em Pernambuco, e estendel-o sobre capitanias visinhas.

Em 1635 os pernambucanos reconhecião-se já em periodo de pronunciada adversidade e batião-se em desesperada defensiva precursora de proxima retirada das posições que ainda occupavão.

Mathias de Albuquerque, o general brioso, habil, e intrepido dos pernambucanos foi atacado em Villa-Formosa á 11 de Abril por forças superiores, e após longa e brilhante peleja teve de abandonar o campo, e de retirar-se; mas chegado ao rio Serinhaem, vio-se tão de perto perseguido pelo inimigo, que resolveu morrer, combatendo: a peleja travou-se ás dez horas do dia e acabou ao anoitecer com a derrota dos hollandezes, que em fuga tiverão a escuridão da noite para véo negro de seu triste vexame.

A morte porém ceifára preciosas vidas na minguada cohorte de Mathias de Albuquerque.

Entre os bravos mortos contou-se o joven pernambucano Estevão Velho, filho de Gonçalo Velho, que naquella guerra já tinha perdido dous outros filhos, e um genro.

Mathias de Albuquerque, impavido nos combates, estremeceu, pensando no golpe que ião receber os paes de Estevão Velho.

A lugubre noticia poz em relevo heroina varonil, que excede talvez aquella de quem se ufanára a Grecia por exclamar : « vamos dar graças aos deuzes ! » esquecendo a morte do filho ao annuncio da victoria da patria.

Estevão Velho era filho de D. Maria de Souza, nobre senhora pernambucana, rica de virtudes, religiosa, patriota, e honestissima esposa de Gonçalo Velho.

Recebendo de subito a cruel noticia da morte de seu terceiro filho, D. Maria de Souza estanca lagrimas que lhe innudavão as faces, concentra, suffoca a violentissima dôr, e chama em alta voz dous filhos, os ultimos que lhe restavão, um Gil Velho de quatorze annos, o outro apenas de doze.

Os dous meninos acudirão ao chamado, e ao vêl-os D. Maria de Souza disse, fitando o seu olhar no rosto do mais velho :

« Meus filhos, neste momento chegou á vosso pae e á mim a noticia de haver o inimigo morto vosso irmão Estevão, que já é o terceiro que nesta guerra perco além de um genro : mas o que vos cumpre é seguir a carreira delles. Tomai já e já as espadas e ide dar a vida com a mesma honra, que vossos irmãos, por Deus, pelo rei e pela patria. »

E' possivel que o chronista daquelle tempo da guerra (o marquez de Basto, conde e senhor de Pernambuco) emprestasse sua redacção ou sua fórma á exclamação pungente; mas energica e grandiosa de D. Maria de Souza; a sublimidade porem está na fortaleza e nos elevados sentimentos daquella alma, na abnegação daquella mão, e na magestosa sancção dos factos que realisárão o voto da heroina.

Gil Velho foi immediatamente tomar o lugar de seu finado irmão Estevão na phalange dos patriotas, e o outro, o mais novo dos filhos de D. Maria de Souza, o que contava só doze annos, pouco tardou em ir pelejar ao lado de Gil Velho. Erão dous meninos, que na guerra se mostravão homens valentes, dignos de sua mãe.

E não se esqueça, que D. Maria de Souza procedia enthusiastica, gloriosa, sublimemente assim não aos electricos impulsos de victorias arrebatadoras; mas nos afflictivos e supremos dias da maior adversidade, e do desespero da causa da patria.

D. Maria de Souza, esposa modelo pela honestidade, mãe por força amorosa pois que era mãe, e boa esposa, senhora virtuosa e benefica, é realmente magnifica, violentando a natureza, e suffocando o coração em honra e culto de Deus, do rei, e da patria.

D. Maria de Souza resplende entre as mais radiosas heroinas do mundo.

12 DE ABRIL

FREI JOSÉ MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO

José Velloso Xavier, filho legitimo de José Velloso da Camara e de Rita de Jesus Xavier nasceu na freguezia de Santo Antonio, villa de S. José, comarca do Rio das Mortes, provincia de Minas-Geraes, provavelmente em 1742, pois que nesse anno recebeu o sacramento do baptismo.

A' 11 de Abril de 1761 abraçou a vida claustral, tomando o habito no convento de S. Boaventura de Macacú, o que indica que viera cedo para o Rio de Janeiro. A 12 *de Abril* do anno seguinte fez o voto solemne do abandono das ambições humanas e da vida do seculo e seu nome passou á ser frei José Marianno da Conceição Velloso.

Suas virtudes e severa dedicação aos estudos logo o tornárão distincto. Recebeu ordens por imposição das mãos

do bispo D. Antonio do Desterro, com letras de frei Ignacio da Graça. Na congregação de 23 de Julho de 1768 foi nomeado pregador.

Exerceu cargos diversos no convento do Rio de Janeiro, foi instituido confessor dos seculares, passante de geometria da cidade de S. Paulo, e lente de rhetorica do convento da mesma cidade, e era um dos mais illustres franciscanos da provincia da Conceição do Rio de Janeiro.

Mas frei Velloso além dos estudos theologicos, philosophicos e outros de humanidades, dera-se muito aos de sciencias naturaes e particularmente aos de botanica, e tanto nestes se tornou famoso que, voltando de S. Paulo para o Rio de Janeiro, o vice-rei Luiz de Vasconcellos e Souza bem inspiradamente resolveu aproveitar para a sciencia, e honra da patria o immenso prestimo do sabio frade, e em resultado de ordem que mandou intimar ao provincial frei José dos Anjos Passos, Velloso teve sahida franca, e ausencias não limitadas do convento, e deu principio á longas, penosas e fructuosissimas excursões botanicas que produzirão a obra monumental, que elle intitulou — *Flora Fluminense.*

Em suas excurções teve por companheiros frei Anastacio de Santa Ignez, escrevente das diffinições herbareas, e frei Francisco Solano, admiravel desenhista criado por seu proprio dom natural, pois que não tivera mestres.

Ou em companhia de Luiz de Vasconcellos, ou provavelmente muito poucos annos depois da retirada deste, frei Velloso seguio para Portugal.

Em Lisboa foi director da typographia Litteraria do Arco do Cego creada em 1800 sob os auspicios de D. Rodrigo de Souza Coutinho, então ministro de estado, e sendo este

estabelecimento encorporado pouco depois na Régia Officina Typographica que passou a chamar-se Impressão Régia foi frei Velloso nomeado director litterario da mesma conjunctamente com os professores Custodio José de Oliveira, e Joaquim José da Costa e Sá e o brazileiro Hyppolito José da Costa.

Em premio de seus serviços recebeu frei Velloso do principe regente depois rei D. João VI a patente de ex-provincial, e uma pensão de quinhentos mil réis.

Socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa durante algum tempo, frei Velloso vio o seu nome riscado do quadro dos socios dessa Academia por desintelligencias que teve com a mesma corporação.

O illustre brazileiro foi amigo do grande poeta Bocage e o protegeu quanto podia como director litterario da Impressão Régia.

Em 1807 frei Velloso acompanhou a familia real portugueza para o Rio de Jeneiro, onde a 13 de Junho de 1811 pela meia noite falleceu no convento de Santo Antonio.

O mais vasto trabalho sahido de suas mãos foi incontestavelmente a *Flora Fluminense*, onde numerosas plantas do Rio de Janeiro e seus arrabaldes figurão classificadas segundo o systema de Linnêo. Obra citada á cada passo por todos os botanicos do mundo que se occupam da flora da America do Sul, não ha quasi familia botanica que não contenha generos ou especies creadas por Velloso. D'entre os primeiros e d'entre os segundos diversos forão acceitos, e outros figurão como synonymia. E além destes elementos indestructiveis para sua gloria, como o *Jabanesia Princeps* nas Euphorbiaceas e outros, figura o genero *Vellosia* nos annaes de Botanica como recordação do nome do illustre brazileiro.

A sua *Quinographia* comprehende as quinas ou plantas

anti-febris que elle suppunha congeneres das verdadeiras *Chinchinas* de outros terrenos d'America do Sul; mas que hoje estão incluidas em outros generos.

A *ornitologia* brasileira ou enumeração de muitas aves uteis, contem elementos interessantes.

O estudo da cochonilha, no interesse da industria do carmim, offerece pormenores de algum valor.

A monographia dos alkalis fixos.

As brochuras sobre o Lavrador pratico, contendo a historia da cultura da canna de assucar, o estudo do salitre (nitrato de potassa,) os processos para preparação dos animaes distinados aos musêos, e algumas dezenas mais de brochuras exprimem apenas traducções de livros escriptos em outras linguas, e cujas idéas Velloso procurou derramar e propagar no seio da patria, cumprindo por esta fórma as vistas de D. João VI, seu protector, a quem elle dedicou senão todas pelo menos a maior parte destas traducções. Elle as publicou na Typographia Litteraria do Arco do Cego em Lisboa sem despeza alguma de seu bolso.

Mas a celebre *Flora Fluminense*, sua maior gloria e trabalho original, é obra posthuma, publicado á custa de muito dinheiro e á instancias do Imperador D. Pedro I.

Esta noticia biographica é forçosamente muito incompleta especialmente em relação ao merecimento das obras scientificas de frei Velloso; mas na *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brazileiro se encontra o mais precioso erudito e autorisado estudo na biographia do immortal auctor da *Flora Fluminense*, trabalho extenso, consciencioso, e esclarecido do illustre Sr. Dr. Saldanha da Gama.

13 DE ABRIL

GASPAR RIBEIRO PEREIRA

Natural do Rio de Janeiro, onde nasceu no primeiro quartel do seculo decimo setimo, estudou no collegio dos jezuitas na cidade do seu berço e obteve o grão de mestre em artes.

Dotado de feliz intelligencia e de vocação religiosa foi prestimoso sacerdote e de exemplar caridade: um dos primeiros conegos na nova Sé do Rio de Janeiro, occupou a quarta cadeira á 16 de Junho de 1686. Na qualidade de assistente do bispo D. José de Barros e Alarcão acompanhou-o á côrte, sendo tambem nomeado procurador do Cabido. Voltando com o Bispo, o mesmo Cabido depois em Sé vacante o nomeou visitador das igrejas do reconcavo em 1701, e em seguida outra vez seu procurador para levar ao rei representações sobre assumptos de importancia.

De volta ao Rio de Janeiro em 1703 teve quasi logo de seguir para Minas-Geraes com faculdades episcopaes delegadas pelo bispo D. Francisco de S. Jeronymo principalmente para marcar os limites do bispado do Rio de Janeiro com o arcebispado da Bahia e para impedir a assistencia de sacerdotes estranhos que sem expressa nomeação do bispo parochiavão pelos sertões.

Arcediago, tomou posse do beneficio á 13 de Abril de 1715; no anno seguinte foi thezoureiro-mór. Servio depois as varas do bispado com provimento da Sé vaga até a posse do bispo D. frei Antonio de Guadelupe, deixando bello exemplo de desinteresse, brilho de sciencia, e vigor de actividade.

O arcediago Gaspar Ribeiro Pereira falleceu em 8 de Janeiro de 1734.

Doou á fabrica da sua igreja seis mil cruzados para serem empregados á arbitrio do bispo.

Instituio com os fundos precisos a esmola annual de vinte e quatro mil réis para doze pobres no *Lavapés* de Quinta-Feira Santa na Casa da Mizericordia do Rio de Janeiro, além de duzentos mil réis por uma vez.

Deixou mais esmolas e doações consideraveis á conventos, recolhimentos e para obras pias.

Destes beneficios houve conhecimento porque constarão de verbas testamentarias; mas, embora sabido por grata confissão de muitos, que os publicarão, não se puderão calcular os actos constantes de caridade, as esmolas diarias que o beneficente sacerdote espalhou durante sua vida.

14 DE ABRIL

MANOEL DE MORAES NAVARRO

Filho do paulista, José de Almeida Lara, nasceu Manoel de Moraes Navarro á 14 *de Abril* de 1697.

Estabeleceu-se na villa (hoje cidade) de Sorocaba, onde se casou. Seu nome está inscripto na *Nobliarchia Paulistana* de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Paulista puro, representa como tantos outros, o typo do sertanejo impavido, audacioso, rude, heroico ás vezes, e ás vezes vingativo e cruel.

Nobre e prestimoso Manoel de Moraes exerceu longamente em Sorocaba todos os cargos *da republica* pelos *eleitores dos pelouros, e nunca jámais ficou culpado nas devassas dos corregedores,* nem nas de *Jancyrinha,* diz Paes Leme. Possuia fabrica de assucar e de aguardente.

Até aqui o *homem bom* considerado justo e virtuoso.

Mas Manoel Moraes, chefe sertanejo, tambem sahira de S. Paulo para buscar fortuna aurifera em Goyaz: estando ausente de sua casa nas minas do Pilar, sitio de Papuã, da comarca de Villa-Bôa, numeroso troço de negros escravos quilombolas (e provavelmente de indios) atacou seu filho José de Almeida Lara que só tinha comsigo dous homens pardos, seus escravos e tres espingardas. Lara fortalecido na casa bateu-se *doze horas* (era sertanejo paulista), até que arrombada a porta, os quilombolas entrarão, e além de assassinal-o, como aos dois seus defensores, despedaçarão horrivelmente seu cadaver, multiplicando mutilações, e *crivos* de facadas nos membros, e no rosto com apuros incriveis de ferocidade.

Manoel de Moraes chegou tarde para salvar o filho; logo porém armando os parentes e amigos sahio, avançando pelos sertões em procura dos assassinos; mas abrirão-se as cataractas do céo como á medo de horrorosa vingança, e chuvas abundantes e continuas encherão os rios, e obrigarão *a bandeira vingadora* á recuar.

Manoel de Moraes rugia.

Os quilombolas tinhão-se distanciado; continuarão porém á atacar aqui, e ali propriedades, roubando e assassinando, o que obrigou o conde dos Arcos, governador e capitão-general da capitania de Goyaz, á permittir que livremente se atacassem os quilombos, matando-se os quilombolas que resistissem.

Manoel de Moraes Navarro já velho e abatido invadio de novo os sertões, destruio quilombos, e vendo assassinos de seu filho em todos os quilombolas, em todos achou resistencia, e em enfiada medonha de centenas de

orelhas, recolhendo-se das florestas, trouxe o testemunho da destruição que fizéra, das victimas que immolára, e da immensa vingança, que tomára.

Deixou depois Goyaz e recolheu-se á sua fazenda de Sorocaba sem poder consolar-se da perda de seu filho José de Almeida Lara, que entre nove outros era o mais esperançoso herdeiro e continuador de suas bravas façanhas de sertanejo.

Manoel de Moraes Navarro morreu annos depois de 1766.

15 DE ABRIL

LUIZ BARBALHO BEZERRA

Filho legitimo de Antonio Barbalho Felpa de Barbuda e de Camilla Barbalho, Luiz Barbalho Bezerra nasceu em Pernambuco em um dos ultimos annos do seculo decimo sexto.

Adoptou a carreira das armas e havia quatorze annos que militava na patria, quando em 1630 os hollandezes invadirão Pernambuco, e tomarão a cidade de Olinda e o Recife.

Começou a guerra hollandeza, e Luiz Barbalho levando seus dous filhos Agostinho e Guilherme, criados e escravos seus apresentou-se ao general Mathias de Albuquerque na fortaleza do Arraial do Bom-Jesus de improviso construida, e desde logo principiou a distinguir-se.

Fôra preciso enumerar algumas dezenas de combates, de ataques e tomadas de reductos, de repulsão de assaltos do inimigo, e de assombrosas proezas para referir os feitos heroicos de Luiz Barbalho desde 1630 até 1635.

Neste ultimo anno Mathias de Albuquerque foi obrigado a operar sua retirada para as Alagôas, e Luiz Barbalho e o sargento-mór Pedro Corrêa da Gama que commandavão na fortaleza de Nazareth, onde resistirão ao mais vigoroso e apertado cerco por quatro mezes, capitularão a 2 de Julho com as maiores honras da guerra ; mas em tal estado que ao sahirem da praça alguns soldados cahirão mortos por effeito da fome que á dias toda a guarnição soffria.

Luiz Barbalho, sua mulher e filhos ficarão prisioneiros, sendo elle logo depois mandado para a Hollanda, d'onde conseguio passar á Hespanha, e voltar para o Brazil, chegando á Bahia a 16 de Agosto de 1637, vindo nomeado mestre de campo, de um terço que se levantára em Lisboa apenas com duzentos e cincoenta soldados.

O cuidado da familia preocupava muito Luiz Barbalho, e á empenho seu o general Bagnuolo escreveu ao principe Mauricio de Nassau, pedindo que restituisse áquelle esposo e pae sua esposa e dez filhos conservados prisioneiros no Recife. O illustre e generoso chefe hollandez promptamente poz termo ao captiveiro de dous annos dos objectos do amor do bravo Luiz Barbalho e apressou-se em mandal-os para a Bahia.

Mas em 1638 Mauricio de Nassau vem com forças numerosas tentar a conquista da cidade de S. Salvador : Bagnuolo traz em soccorro desta o pequeno exercito que se retirára de Pernambuco e que estava acampado na Torre de Garcia d'Avila.

Luiz Barbalho suffoca o sentimento da gratidão pessoal e entre os defensores da cidade capital da Bahia e do estado do Brazil distingue-se como heróe, e rechaçados os hollandezes, recebe no anno seguinte premio conferido pelo rei, e deixa seu nome perpetuado em importante forte que construira.

Em 1639 chegára á Bahia com poderosa armada o conde da Torre, e quasi no fim de um anno, pondo em execução vasto plano de campanha, deu á vela com numero excedente a oitenta navios, levando forças de desembarque e os principaes chefes brazileiros, entre os quaes Luiz Barbalho.

Todo o plano do conde da Torre falhou : as tempestades o contrariarão, e a esquadra hollandeza em combates e batalhas navaes deixarão muito duvidosa a sua capacidade militar.

Depois dessas crueis contrariedades o conde da Torre poz em terra na povoação dos Touros, quatorze leguas ao norte do Rio-Grande Luiz Barbalho com a gente do seu commando, e fez-se ao mar.

Era quasi um sacrificio barbaro.

Luiz Barbalho assim abandonado com algumas centenas de valentes á quem o conde da Torre déra apenas ração para dous dias, ou tinha de entregar-se prisioneiro com os seus camaradas, ou atravessar o Rio-Grande, a Parahyba e Pernambuco, tres capitanias sob o dominio hollandez, e ainda Sergipe sem pontos de apoio e completamente exposto ás forças inimigas.

Luiz Barbalho não hesitou : preferio a retirada quasi impossivel á render-se ao hollandez.

Elle commandava cerca de mil soldados e alguns bravos

capitães: fallou-lhes com energia, e deu principio a retirada, sahindo de um verdadeiro deserto: avançando para o sul, procurou de proposito as povoações: naquellas que não tinhão guarnições hollandezas recebeu acolhimento e soccorros alimenticios, nas outras occupadas pelo inimigo entrou á força, tomou o necessario e incendiou, o que não podia levar. Depois de mil trabalhos e difficuldades chegou á villa de Goyanna, onde os hollandezes tinhão quinhentos e trinta soldados, Barbalho atacou-os, e em furente peleja os venceu, e mandou passar á espada os prisioneiros por não podel-os levar comsigo.

Tres mil hollandezes divididos em tres columnas sahirão do Recife em perseguição de Barbalho, cuja retirada se tornou mais aspera e tremenda.

O impavido mestre de campo vio-se forçado á marchar, fazendo grandes rodeios, á entranhar-se pelos sertões aridos e desertos, a abrir caminho atravéz de florestas, a transpôr alguns rios engrossados pelas cheias, e outros em todo tempo mais ou menos caudalosos: as vezes urgido pela fome e pelas privações despedia partidas ligeiras em busca de alimentos: as vezes apparecendo á descoberto opportunamente, batia-se, e forçando á recuar a columna inimiga que de mais perto o perseguia, de novo penetrava nas mattas, e illudindo com marchas falsas os hollandezes, continuava a sua heroica retirada.

Por fim Luiz Barbalho chegou á margem de S. Francisco, e passando além delle, fez alto da parte do sul, dando descanso e allivio á seus admiraveis soldados e a não poucos imigrantes de ambos os sexos que fugindo ao jugo estrangeiro os acompanhavão.

O hollandez não ousou perseguil-o além do S. Fran-

cisco, e Luiz Barbalho depois de alguns dias de repouso, proseguio em sua retirada, atravessou Sergipe, entrou na Bahia, e foi chegar á cidade de S. Salvador no fim de quatro mezes de marchas calculadas em mais de trezentas legoas, tendo combatido muitas vezes sempre com vantagem.

Foi este o feito talvez mais portentoso de toda a guerra hollandeza.

A retirada de Luiz Barbalho mereceu o louvor insuspeito de escriptores hollandezes: os portuguezes a compararão á *dos dez mil*, e á elle chamarão o novo Xenofonte.

Pouco depois de chegar á Bahia Luiz Barbalho é mandado de S. Salvador á desalojar os hollandezes que se tinhão fortificado no rio Real: atacou-os, rompeu suas fortificações, desbaratou-os e pôl-os em fuga depois de lhes matar mais de trezentos homens.

Luiz Barbalho tinha adquirido gloriosa e fulgente fama.

Rompeu e triumphou a revolução regeneradora de Portugal. O marquez de Montalvão, 1° vice-rei do Brazil, acclamou D. João IV; mas porque dous irmãos do marquez tinhão fugido para Hespanha, não querendo apoiar a causa da patria, D. João desconfiou do vice-rei, e escrevendo-lhe carta outographa em que annunciava o grande acontecimento que o elevára ao throno, dizia-lhe tambem que adoptasse a regeneração de Portugal, proclamando-o portanto no Brazil; dias depois porém faz seguir de Lisboa para a cidade de S. Salvador o padre jezuita Francisco Vilhena, trazendo duas outras cartas, uma ao marquez, exonerando-o do cargo de vice-rei, e a segunda nomeando o bispo D. Pedro da Silva, o mestre de campo *Luiz Barbalho Bezerra*, e o procurador-mór Lourenço de Brito Corrêa governadores interinos do Estado do Brazil.

Estas duas cartas devião servir para o caso de não querer o marquez de Montalvão proclamar o rei D. João IV ou de hesitar em fazel-o.

O padre Vilhena chegando á Bahia, já achou proclamado o rei D. João IV ; mas por leviandade, ou má fé, conspirou para seduzir os tres governadores interinos nomeados para o caso que aliás não se déra, e, fazendo entrega das cartas, levou estes a depôr o marquez de Montalvão, e á prendel-o, mandando-o depois para Lisboa.

A influencia e o dólo de Vilhena embaciarão por alguns mezes a gloria de Luiz Barbalho, que em 1642 foi remettido preso para Portugal.

D. João IV reconheceu a innocencia de Luiz Barbalho victima, não de criminosa ambição de poder ; mas de confiança nas instrucções e nos abusivos impulsos do padre Vilhena; e não só lhe perdoou o erro involuntario, como o nomeou governador do Rio de Janeiro em 1649.

No governo desta capitania ostentava elle toda a sua actividade, e acção administrativa zelosa e energica, quando falleceu á 15 de Abril de 1644.

Seus restos mortaes forão sepultados na capella mór da Igreja da Companhia de Jesus.

16 DE ABRIL

ANTONIO DA CUNHA BROCHADO

Natural da cidade da Bahia, filho legitimo do desembargador Belchior da Cunha Brochado, fidalgo da casa Real, conselheiro da fazenda, e corregedor da côrte e casa e de D. Maria Francisca de Paula e Almeida, Antonio da Cunha Brochado estudou humanidades no collegio dos Jezuitas, e na universidade de Coimbra tomou o gráo de licenciado em direito civil.

Passando-se para Lisboa, foi nomeado juiz da India e Mina: para praticar a diplomacia, e se instruir na politica internacional acompanhou seu tio José da Cunha Brochado, quando este seguio para a côrte de Madrid no caracter de plenipotenciario.

De volta á Portugal teve a nomeação de conselheiro da

fazenda; mas despresando as grandezas do mundo, e ambicionando sómente consagrar-se ao serviço de Deus, tomou ordens de presbytero, recolheu-se ao claustro de Santa Cruz em Coimbra, onde professou a 16 de Abril de 1735, e foi um dos seus observantes criticos.

Traduzio do hespanhol diversas obras, e no seu tempo se fez distincto na republica das lettras.

17 DE ABRIL

THOMAZ GOMES DOS SANTOS

Nascido em humilde berço na cidade do Rio de Janeiro á 17 de Abril de 1803, Thomaz Gomes dos Santos revelou desde menino intelligencia admiravel: brincando traquinas recebeu a instrucção primaria tão rapidamente, como se a tivesse advinhado; era porém tal a pobreza de seus paes, que foi mandado para uma loja de *latoeiro*, e como se rebelasse, ou parecesse incapaz desse officio o destinárão para frade, e o levárão para o convento dos Franciscanos.

O recentemente finado venerando bispo de Marianna vio Thomaz Gomes, e apreciando seu talento, levou-o para o collegio de *Jacuecanga* de que era reitor, e ahi se extasiou, applaudindo-o no curso de humanidades, que elle seguio e completou.

Thomaz Gomes parte para a França e ali toma o grão de bacharel em letras pela Academia de Pariz, e o de doutor

em medicina na de Montpellier, onde ainda á poucos annos era lembrado o nome de mr. Gomés, como o de um dos mais distinctos e glorificados estudantes.

De volta ao Brazil é logo em 1834 nomeado lente de clinica interna da escola de medicina do Rio de Janeiro; á 13 de Dezembro do mesmo anno recebe a nomeação de medico de S. M. o Imperador e de suas augustas irmãs, e em 1837 passa da cadeira de clinica para a de hygiene daquella escola.

Foi membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro em diversas legislaturas, deputado da assembléa geral de 1845 á 1848 pela mesma provincia, que por tres vezes tambem o incluio em listas para senador.

Na administração governou por vezes como vice-presidente a provincia do Rio de Janeiro, na qual foi de 1858 á 1864 director da instrucção primaria, e de 1858 até sua morte director da Academia das Bellas Artes na capital do imperio.

Em 1851 tomou a tarefa de redactor em chefe do periodico *Reforma*, orgão politico do partido liberal em opposição naquelle tempo.

O dr. Thomaz Gomes dos Santos teve o titulo de conselho, a commenda da imperial Ordem da Roza, o habito da Ordem de Christo, a gran-cruz de segunda classe da Ordem de S. Estanisláo da Russia, e foi membro correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro e de outras sociedades scientificas e litterarias.

Em sua cadeira de lente era de eloquencia enlevadora: em suas lições a sciencia medica se amenisava com a illustração vastissima que elle possuia e que punha em extenso e sempre bem applicado tributo.

No parlamento foi orador de primeira ordem: ajuntava á sciencia apuro de delicadeza, rigor de logica, palavra fluente e dicção correctissima: nos combates da tribuna sua arma de predilecção era a ironia aguda e penetrante, que nenhum até hoje manejou mais habilmente do que elle.

As sciencias não monopolisárão o seu amor: Thomaz Gomes cultivava zeloso a litteratura, e os grandes poetas de todas as idades lhe erão familiares: a lingua portugueza e os classicos que são della os mestres, fazião objecto de seu apurado estudo. Na vespera de sua morte, e pensando sem duvida no seu proximo passamento, lembrou-se ainda dessa rica seara que muito suaves cuidados lhe merecêra.

Aos setenta e um annos de idade accommettido de affecção pulmonar debalde combatida, Thomaz Gomes á 9 de Julho, conversando, e ainda com a sua caracteristica amenidade, tratou da lingua portugueza, e disse, sorrindo: « a mais bella radical que encontrei nella, foi a da palavra *cadaver*: *carnis data vermis*.

E no outro dia, á 10 de Julho de 1874 seu corpo era *cadaver*.

Talento descommunal, illustração vastissima, imaginação fulgurosa, espirito feliz e radiante de inspiração, encyclopedia viva, criterio e bom senso, memoria prodigiosa, coração patriota, o dr. Thomaz Gomes, que pudera deixar volumosas e ricas obras scientificas ou litterarias, morreu, deixou-se morrer sem ter escripto e sem legar á patria um livro.

Um sabio, o dr. Joaquim Caetano da Silva, seu condiscipulo, amigo, e admirador, dizia muitas vezes: « Thomaz Gomes não é um grande talento, é mais; é um *genio* que infelizmente não quer voar.»

18 DE ABRIL

PADRE JOSÉ MAURICIO NUNES GARCIA

Natural da cidade do Rio de Janeiro, onde nasceu em 22 de Setembro de 1767 José Mauricio Nunes Garcia, filho de Apolinario Nunes Garcia e de D. Victoria Maria da Cruz, perdeu seu pae, quando apenas contava seis annos de idade.

De sua mãe e de uma tia materna que o amava com extremo recebeu os estudos primarios e desvelada educação. Em suas horas de folga o menino preferia quasi sempre ás travessuras proprias de sua idade o ir tocar viola ou cravo, cantando muitas vezes, e acompanhando sua voz infantil é suave com um ou outro daquelles instrumentos.

Por esta disposição natural para a musica mandou-o sua mãe para a aula de Salvador José, e nella em pouco tempo elle eclypsou a todos os seus condiscipulos.

Estudou latim com o padre Elias, mestre regio que no fim de tres annos declarou José Mauricio capaz de substitui-lo na cadeira: passou a estudar philosophia na aula do dr. Gaulão, e tanto se applicou e leu, e taes conhecimentos mostrou, que seu mestre o apresentou para substituto; elle porém não poude aceitar; porque fortissima vocação o dominava.

José Mauricio queria abraçar o estado sacerdotal: o generoso negociante Thomaz Gonçalves fez-lhe doação de uma casa na rua das Marrecas (é hoje a de n. 14) e com esse patrimonio recebeu o joven estudante ordens de diacono e mais tarde em 1792 cantou missa solemne. Em 1798 teve licença para pregar.

O padre José Mauricio além do latim, philosophia, sciencia theologica, e da rhetorica em que tivera por professor o celebre dr. Manoel Ignacio da Silva Alvarenga, tinha conhecimentos de historia e geographia, não lhe erão estranhos o grego e o hebraico, traduzia o inglez, e sabia bastante francez e italiano.

Illustrado, modesto e virtuoso mereceu a estima do bispo D. José Caetano a Silva Coutinho, que tinha em justo apreço a sua intelligencia e o convidava para as palestras litterarias no seu palacio.

Mas o padre José Mauricio era principalmente musico: pobre, e tão pobre que por muitos annos não poude economisar quantia sufficiente para comprar um *cravo*, pois que o da sua infancia de todo se arruinára, sem mestres, á quem consultasse, e menos com quem aprendesse os grandes segredos da musica, sem haver no Rio de Janeiro archivos musicaes importantes, assombra o genio desse homem,

que advinhando aquelles segredos, revelou-se mestre e compositor admiravel á côrte portugueza logo em 1808.

O padre José Mauricio creou-se, educou-se, formou-se com o poder do seu genio, mestre e compositor de musica, severo observador da escola classica de Hayden e de Mozart, que o terião abraçado como bom e condigno companheiro de arte.

Antes da chegada da familia real portugueza ao Rio de Janeiro o padre José Mauricio já gozava de immensa reputação musical: para prover a sua subsistencia, elle dava lições particulares de musica; mas abrira em sua casa aula gratuita da bella arte (aula que manteve durante trinta e oito annos) e seus discipulos trazião no chapéo um laço azul e encarnado, e erão isentos do serviço militar. Por muito tempo o grande mestre ensinou ali os exercicios musicaes, acompanhando os solfejos com a sua viola de cordas metalicas por não possuir um cravo! ensinou porém e deu á sua patria muitos professores notaveis.

Em 1798 vagando o lugar de mestre de capella na antiga cathedral, o bispo nomeou para occupa-lo o padre José Mauricio com o ordenado de seis centos mil réis.

Em 1808 chegou a familia real portugueza: o principe-regente depois rei D. João VI muito apaixonado de musica, e religioso exigente de pomposas solemnidades, trouxera de Lisboa o celebre mestre Marcos Portugal: mas desde o primeiro dia ouvio na cathedral musica sacra, que demonstrou *mestria* brazileira á não temer competidora.

Começou quasi logo rivalidade mesquinha e indigna: o padre José Mauricio era mulato, e o accidente da côr servio aos musicos portuguezes de arma de ridiculo, e de injuria; mas o principe-regente apreciou e louvou o mestre brazi-

leiro, e em Novembro de 1808 o nomeou inspector de musica da Capella Real.

O padre José Mauricio era compositor inspirado e fortissimo: suas musicas sacras são quasi todas primores de arte: em 1810, acabada grandiosa festa, D. João sentio-se tão enthusiasmado pela musica que ouvira, que mandou chamar aquelle grande mestre, e em plena côrte, tirando da farda do visconde de Villa Nova da Rainha o habito de Christo, collocou-o com sua propria mão no peito daquelle.

Logo depois o mesmo principe-regente mandou dar ao padre José Mauricio uma ração de creado particular, que se converteu em mensalidade de trinta e dous mil réis á requerimento do musico brazileiro, que na Ucharia achava sempre embaraços da parte dos creados portuguezes.

Na fragata que trouxe para o Rio de Janeiro a archiduqueza d'Austria D. Leopoldina depois primeira imperatriz do Brazil, viera optima banda de musica marcial, que tocou por vezes no pequeno e antigo largo de S. Jorge. O padre José Mauricio ali morava, e tanto gostou das magistraes execuções daquella banda, que improvisou para ella *doze divertimentos*, que são doze peças de inspiração arrebatadoras.

O padre José Mauricio experimentado e julgado em musicas sacras, que lhe davão o primeiro lugar como mestre, escreveu por ordem do rei para o theatro de S. João a opera *Le Due Gemelle*, cujas partituras se perderão, uma no incendio do theatro em 1824, a outra nos papeis de Marcos Portugal, e essa era a original.

Na fazenda de Santa Cruz deu-se por aquelle tempo uma especie de certamen, ou de duello artistico : o rei quiz que se solemnisasse com toda a pompa religiosa a comme-

moração sacra da degollação do santo Precursor : José Mauricio foi incumbido da musica da grande missa e credo ; e Marcos Portugal das matinas : este levou um mez a compôl-as ; aquelle em quinze dias apresentou sua obra, que encantou D. João, e obrigou a admiração de todos.

Retirando-se em 1821 para Portugal o rei D. João VI desejou levar comsigo o padre José Mauricio, que não quiz deixar a terra da patria. De Lisboa escreveu-lhe aquelle rei, tão amante do Brazil, e tão amigo dos brazileiros, lisongeira e honrosa carta, queixando-se docemente de não ter querido acompanhal-o o grande mestre. O illustre e honradissimo Sr. Dr. José Mauricio Nunes da Silva guarda esse precioso documento honorificador da memoria de seu pae.

Com a retirada de D. João VI do Brazil arrefeceu o ardor das esplendidas solemnidades religiosas : seguio-se de 1821 á 1822 o periodo da revolução da independencia.

O primeiro reinado não teve tempo para occupar-se das artes.

O padre José Mauricio esquecido, desgostoso e doente foi quasi ignorado caminhando em silencio para a sepultura.

Um dia o imperador D. Pedro I que notára a ausencia prolongada do padre José Mauricio nas recepções de seu palacio, encontrou-o na praça da Constituição, e estacando o cavallo, em que ia, disse-lhe :

— O padre já não apparece !..

— Senhor, já dei o que tinha para dar ; respondeu tristemente o homem de genio desprezado em injusto esquecimento.

O grande musico brazileiro sentio aggravarem-se antigos soffrimentos, e vio-se obrigado a guardar o leito em Abril de 1831 : indo cada dia á peior, deixou na manhã de 18 desse mez o sotão, onde habitava, e cuja escada era demasiado estreita, e foi occupar uma alcova do pavimento terreo.

Chegando da escola medico cirurgica, seu extremoso filho pergunta-lhe :

— Porque mudou de leito, meu pae ?..

— Para dar menos trabalho a sahida do meu cadaver ; disse elle.

Na tarde desse mesmo dia o padre José Mauricio começou a entoar o hymno de Nossa Senhora, e poucos momentos depois cerrou os olhos e logo expirou.

A' convite do Sr. Dr. José Mauricio Nunes Garcia, o Sr. Porto Alegre, actual barão de Santo Angelo, e já então artista de nomeada tirou das feições do illustre padre José Mauricio uma mascara em gesso que existe no Musêu Nacional. O conego Luiz Gonçalves dos Santos correu á vestir o cadaver de seu illustre amigo : já porém achou cumprido esse dever pelo piedoso filho, o Sr. Dr. José Mauricio, que annos depois conseguio á força de paciencia e constancia reproduzir na tela o rosto de seu pae.

O padre José Mauricio escreveu muito, e em todas as suas composições musicaes deixou brilhantemente manifesto o seu genio, e a severidade de sua escola classica, e do seu profundo conhecimento da arte ; mas entre as suas producções admirão-se principalmente a *symphonia funebre* que foi executada em suas exequias, a *missa de requiem, a missa, Te-Deum e matinas* que compozera para a festa de Santa Cecilia, os *Doze divertimentos,* a ouvertura da *Tem-*

pestade escripta para um elogio dramatico representado no anniversario natalicio do vice-rei D. Fernando, *a grande missa e credo* da degolação de S. João Baptista.

Neuckom dizia que o padre José Mauricio era o primeiro musico improvisador que elle conhecia no mundo.

O padre José Mauricio Nunes Garcia foi o genio da musica no Brazil, genio que se revelou maravilhoso desde o fim do seculo passado, e ainda o nosso seculo toca ao principio do seu ultimo quartel em ter produzido quem possa por direito de grandeza artistica herdar-lhe a palma de primeiro musico brazileiro.

19 DE ABRIL

DOMINGOS VIDAL DE BARBOZA LAGE

Antes de 1786 doze jovens brasileiros, estudantes da universidade de Coimbra reunirão-se em conferencia, e discorrendo sobre as grandezas de sua patria ainda colonia, comprometterão-se á trabalhar pela independencia do Brazil, aproveitando a primeira opportunidade.

Em 1786 outros estudantes brazileiros em França, entre os quaes os fluminenses José Joaquim da Maia, e José Marianno Leal, e os mineiros Domingos Vidal de Barbosa Lage e José Pereira Ribeiro, forão além, chegando Maia a escrever ao ministro dos Estados-Unidos em Pariz Thomaz Jefferson, e á encontrar-se depois com elle em Nimes no empenho de alcançar o apoio da Confederação Norte-Americana á causa da regeneração politica do Brazil, da qual se tratava.

O diplomata respondeu com habil evasiva que não poderia certamente encorajar o joven patriota.

Desses estudantes então em França veio á ser victima da idéa generosa e nobre que abraçára Domingos Vidal de Barbosa Lage.

Filho legitimo do capitão Antonio Vidal de Barbosa e de D. Maria Thereza de Jesus, nascera elle em Minas-Geraes, na freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Caminho do Matto no anno de 1761 : mandado para França, lá se formára em medicina e em 1788 chegára de volta á patria, tendo-lhe já morrido nella seus paes.

O dr. Vidal de Barbosa achou em Minas já adiantada a conjuração que depois se chamou do *Tiradentes* e prompto adherio á ella.

Seguirão-se em breve a denuncia e as prisões dos conjurados, os tormentos do segredo e dos calabouços e emfim á 17 de Abril de 1792 a sahida do segredo e entrada dos onze condemnados á morte para o *oratorio* preparado na cadeia da cidade do Rio de Janeiro. Entre os onze infelizes estava o dr. Vidal de Barbosa.

A' 19 de Abril pela madrugada a sentença tremenda foi lida aos condemnados.

No dia seguinte veio finalmente o magistrado lêr a carta regia de 15 de Outubro de 1790 de D. Maria I, e em consequencia a commutação da pena de morte em desterro, menos para o Tiradentes.

O dr. Domingos Vidal de Barbosa Lage devia soffrer dez annos de desterro na ilha de S. Thiago de Cabo Verde. Era ali secretario do governo o fluminense e insigne naturalista dr. João da Silva Feijó, que agasalhou, e tratou com a maior attenção não só a elle, como aos

Rezende Costa, pae e filho, e á João Dias da Matta tambem desterrados.

No fim de oito mezes falleceu o dr. Vidal de Barbosa no convento de S. Francisco da cidade da Ribeira Grande, onde residia.

20 DE ABRIL

DOMINGOS FERNANDES CALABAR

Em Fevereiro de 1630 formidavel expedição hollandeza em esquadra de mais de sessenta navios e com numerosa força de desembarque chega á Pernambuco, toma facilmente sua capital, a cidade de Olinda, e dias depois o Recife, cujo porto lhe dá facil e indispensavel communicação com a Hollanda pelo Oceano.

Mas os pernambucanos aterrados e fracos ás primeiras investidas do inimigo, de improviso se tornão heróes, acudindo á voz do bravo governador e general Mathias de Albuquerque o qual funda e fortalece o historico e glorioso *Campo Real do Bom Jezus* em planicie que medeia entre Olinda e o Recife, e onde reune quantos patriotas correm á tomar armas contra o estrangeiro invasor.

Mathias de Albuquerque já ou logo inexpugnavel no

Campo Real contém os hollandezes restrictamente encerrados em Olinda e no Recife, e organisa *companhias de emboscada*, que embaração, atormentão e quasi impedem as communicações terrestres daquelles dous pontos.

De 1630 á Abril de 1632 combateu no *Campo Real*, fez parte de companhias de emboscadas Domingos Fernandes Calabar sem menção de seu nome e dos seus serviços, e esquecido no numero dos pelejadores mediocres, pois que nem delle se fallou.

Domingos Fernandes Calabar tivera por berço na opinião geral a villa de Porto Calvo; mas alguns sustentão que nascêra em Olinda, onde asseverão, que se baptisára: pobre e desamado da fortuna madastra trazia do nascimento accidente, que Pernambuco notavelmente aristocrata não lhe excusou: era de raça cruzada e de côr parda: os chronistas portuguezes obrigados á occupar-se delle de 1632 á 1635 o chamarão sempre o—*mulato* Calabar em signal de desprezo.

De 1630 á 1632 pois os hollandezes não avançarão um passo para fóra de Olinda e do Recife, e em Itamaracá, na Parahyba, no Rio Grande do Norte, no Rio Formoso, no Pontal de Nazareth, que atacarão forão sempre rechaçados com estereis e grandes sacrificios.

Mas á 20 *de Abril de* 1632, dia inglorio e fatal, Domingos Fernandes Calabar o quasi incognito, o desapercebido combatente do *Campo Real* deserta e vai tomar posto nas phalanges hollandezas, e a sorte da guerra immediatamente muda em desfavor dos pernambucanos.

Dez dias depois de sua deserção Calabar leva os hollandezes á Iguarassú, cuja villa é saqueada, e seus habitantes mortos, ou prisioneiros: em Janeiro de 1633 dirige

a tomada do forte do Rio Formoso; em Junho do mesmo anno leva os hollandezes á victoria em Itamaracá: em Dezembro do mesmo guia Ceulen á conquista do forte dos Reis Magos no Rio Grande do Norte; em Março de 1634 vinga da derrota soffrida em Fevereiro o general Segismundo que accessorado por elle no commando ataca e toma os portos do Cabo de Santo Agostinho. Além dessas emprezas de exito feliz Calabar, official do exercito hollandez, distingue-se em muitas acções de que é conselheiro e director, e desde 1632 desnortêa ou amesquinha as companhias de emboscada pernambucanas, organisando, e ensinando as companhias de emboscada hollandezas.

A fortuna da guerra obedecera ao genio de Calabar— o desertor.

Duarte de Albuquerque em suas *Memorias* e outros chronistas portuguezes que repetirão as informações nellas bebidas, enegrecem a memoria de Calabar, dizendo que elle desertára á medo do castigo por crime de furtos que fizera á fazenda real; frei Manoel Callado no *Valeroso Lucideno* informa que elle era por esse crime perseguido pelo provedor André d'Almeida Fonseca.

Mas onde o pobre *mulato* Calabar, de quem nunca antes se fallára, e que combatia no *Campo Real* inteiramente livre de perseguições, apanharia a fazenda real para furtar em suas rendas bem desordenadas então?...

A accusação do desertor tornado fatal inimigo deveria basear-se não em vaga e odienta insinuação balda da mais leve prova, e de fundamento aceitavel.

E' tambem absolutamente inexacto, que o confessor de Calabar declarasse que este na sua hora extrema de condemnado em 1635 confessára ter sido perpetrador daquelle

crime do furto: é inexacto; porque frei Manoel Callado nem o revelou, como se escreveu, e nem ousaria revelal-o sem escandaloso abuso do confissionario.

A nodoa da deserção das bandeiras da patria é de sobra para obscurecer a memoria de Calabar; tudo porém leva á crêr que esse acto indesculpavel e nunca bastantemente reprovado foi devido ao menoscabo, ao desprezo, com que elle se via esquecido, quando em sua consciencia se reputava digno de distincção pela sua capacidade.

Mas como quer que fosse, Calabar, passando para o serviço hollandez, provou immediatamente sua rara habilidade na arte da guerra que nunca aprendêra, nem praticára: sem instrucção; mas com admiravel intelligencia, perfeito conhecedor da topographia de Pernambuco e das capitanias da Parahyba e do Rio Grande do Norte na zona do litoral, elle foi no primeiro periodo da guerra hollandeza o estrategista mais distincto entre os chefes hollandezes e pernambucanos.

Era bravo; mas não foi a sua bravura, foi a sua intelligencia militar que reunia capacidade para planejar, astucia para sorprehender, energia para executar, que lhe deu o condão da victoria.

De 20 de Abril de 1632 em diante os pernambucanos provarão fortuna quasi sempre adversa até que perdido o *Campo Real*, e ameaçados por toda parte, Mathias de Albuquerque afim de salvar os restos do exercito começa no principio de Julho de 1635 a sua retirada para as Lagunas, e chegando ás visinhanças de Porto Calvo á 12 do mesmo mez, soube que no dia antecedente ali chegára Calabar com duzentos e cincoenta ho-

mens para reforçar a guarnição commandada por Picard.

Então Sebastião do Souto, morador da povoação e tido por amigo de Picard, sahio em um cavallo deste, offerecendo-se á ir observar e reconhecer a gente de Mathias de Albuquerque; mas o que fez, foi combinar com este os meios de entregar-lhe os hollandezes, e de facto no mesmo dia 12 levou Picard com duzentos homens á emboscada já disposta, e derrotada esta força, Mathias de Albuquerque atacou em seguida Porto Calvo, cuja guarnição capitulou á 12 de Julho, ficando preso Calabar, já então major do exercito hollandez.

No dia 22 de Julho de 1635 foi Domingos Fernandes Calabar enforcado em Porto Calvo, tendo sido na vespera religiosamente preparado para a morte por frei Manoel do Salvador (o mesmo frei Manoel Callado).

21 DE ABRIL

JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER — O TIRADENTES

Filho legitimo de Domingos da Silva dos Santos e de Antonia da Encarnação Xavier, nasceu Joaquim José da Silva Xavier no anno de 1748 em Pombal, termo da villa depois cidade de S. João d'El-rei, em Minas-Geraes.

Sua familia era pobre, seu berço muito modesto : elle recebeu a instrucção primaria, e desde a juventude provou fortuna adversa.

Fez-se mascate e andava nessa profissão por Minas Novas, onde foi preso. E' bem de crer que se houvesse verdadeiro motivo deshonroso para essa prisão, te-lo-ião averiguado e posto bem á luz os magistrados que o processarão com os outros inconfidentes, e que contra elle tão desapiedados se mostrarão.

Desgostoso deixou de mascatear, e abraçou a carreira

militar, e no regimento de dragões commandado pelo governador da capitania, foi *alferes*, e não o teria sido, se por crime que o infamasse, houvesse soffrido prisão. Bravo, e exacto no cumprimento de seus deveres, empregado nas diligencias mais arriscadas, experimentou repetidas preterições que o levarão á desgostar-se tambem do serviço militar.

Explorou a mineração em pequeno sitio que adquirio na freguezia de Simão Pereira e foi ainda infeliz; era pobre, tomou compromissos, e perdeu as suas sesmarias e lavras.

Obtendo dois mezes de licença, seguio para o Rio de Janeiro, onde, tendo estudado notaveis necessidades da capital do Brazil, ou dellas informado, propôz-se a executar o encanamento das agoas dos rios de Andarahy e de Maracanã para abastecimento da cidade, e nas praias da mesma alguns trapiches; mas o vice-rei Luiz de Vasconcellos não o attendeu.

Silva Xavier não tinha conhecimentos profissionaes, nem instrucção bastante, e nem dispunha de capitaes para que o vice-rei lhe confiasse taes emprezas; na ousadia porém de querer tomal-as aquelle energico mineiro mostrava, embora á par de imprudencia, força de vontade e espirito audaz.

Era Silva Xavier homem de comprehensão facil, tinha o dom da palavra, á que muitas vezes o enthusiasmo suppria a elegancia, e fazia perdoar a rudeza.

Habil em extrahir e pôr dentes artificiaes, o que fazia desinteressadamente, ganhára a alcunha de *Tiradentes* que a historia lhe conservou.

Estava elle ainda na cidade do Rio de Janeiro, quando ahi desembarcou, vindo da Inglaterra o Dr. José Alves

Maciel : Silva Xavier que o conhecera em Minas, o procurou, e o joven que trazia da Europa idéas democraticas, e grandes aspirações de engrandecimento industrial do Brazil e especialmente da capitania de Minas-Geraes, poz em fogo a cabeça volcanica do *Tiradentes.*

Era o anno de 1788.

Voltando para Minas mezes depois do joven Dr. Maciel, o *Tiradentes*, que já não era alheio á tramas que ali se urdião, entrou de corpo e alma e com todo o seu ardor natural na famosa conjuração mineira, de que forão victimas tantos homens illustres, como os poetas Claudio Manoel da Costa, Gonzaga, e Alvarenga, e além desses o coronel Francisco de Paula Freire de Andrade, o vigario Carlos Corrêa, os Rezendes, o padre Costa e outros.

O Tiradentes com todos os defeitos de suas qualidades levava a franqueza até á leviandade, á valentia e a coragem até á imprudencia, e á presumpção vaidosa, e no seu enthusiasmo compromettia a si e aos outros com expansões inconvenientes. Homem tal não podia ser cabeça, devia apenas ser braço, não podia ser, nem foi chefe, nem teve a confiança plena dos chefes, foi sómente instrumento, agente da conspiração. O Tiradentes resentia-se até dos chefes, que não se abrião com elle sem reservas, e que não o chamavão para suas conferencias.

Mas a conspiração foi denunciada, e ao tempo que o visconde de Barbacena, governador da capitania, preparava a prisão dos conjurados, partio o Tiradentes em commissão para o Rio de Janeiro, e logo apoz seguio tambem officio do visconde ao vice-rei annunciando aquella viagem.

Luiz de Vasconcellos não perdeu de vista o *Tiradentes*,

que emfim desconfiado, procurou fugir; mas foi preso na cidade do Rio de Janeiro em uma casa, onde se tinha homisiado, e logo posto em segredo no carcere que o vice-rei lhe destinára.

D'ahi, de Março de 1789 em diante Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, principia á avançar do segundo ou terceiro plano para o primeiro do quadro.

Respondendo á interrogatorios que havião de influir na sua sentença, não hesita, não procura dissimular, declara franco e impassivel toda a parte que tivera na conspiração, e generoso sustenta que era alheio á ella Thomaz Antonio Gonzaga, com quem aliás se achava inimisado.

Lavra-se a sentença que é de morte para elle e para dez outros conjurados, que vem todos para o oratorio; mas á 20 de Abril lhes é lida pelo magistrado a carta regia de 15 de Outubro de 1790 da rainha D. Maria I, em conformidade da qual a alçada reformára a sua sentença commutando em degredo a pena de morte para todos menos para o *Tiradentes*.

O unico que havia de subir á forca, era o braço, o agente, um dos instrumentos da conjuração!...

O Tiradentes, algemadas as mãos, e os pés em grilhões, sorria-se melancolico, e dava parabens aos commutados.

No dia seguinte, 21 *de Abril*, no meio dos festejos *officiaes* e escandalosamente impostos, e ao jubiloso repique dos sinos, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, subio á forca e morreu com profunda contricção religiosa e com inabalavel coragem.

A forca foi para elle monumento.

O homem quasi obscuro entre os grandes homens da conjuração mineira foi pela propria iniquidade da sentença elevado ácima de todos elles.

A forca mostrou-se tão alta que apresentou o *Tiradentes* á posteridade.

22 DE ABRIL

PEDRO ALVARES CABRAL

O DESCOBRIDOR DO BRAZIL

Filho terceiro de Fernão Cabral Adiantado da provincia da Beira, senhor de Azurara, e Alcaide-mór de Belmonte e de Izabel de Gouvêa, filha de João de Gouvêa, senhor de Almandra, Pedro Alvares Cabral deu á seus paes mais gloria, do que nobreza tinha delles recebido.

Nomeado por El-rei D. Manoel para ir continuar nas Indias a obra famosa começada por Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, commandando uma esquadra de dez caravellas e tres navios redondos, á 9 de Março desce o Tejo, e demanda o Oceano.

A' 22 de Março chega á Cabo Verde.

No proseguimento da viagem, afasta-se. para o Occidente áfim de evitar as calmarias da costa d'Africa, e, sem que o pense, ainda mais é afastado pela força das correntes oceanicas ainda então desconhecidas.

A' 21 de Abril reconhece em passaros e em hervas signaes de terra proxima; e de que não tinha idéa, e passa a noite á desejar a aurora.

A 22 de Abril, quarta-feira, *oitavario da Paschoa*, descobre á leste alto monte, á que logo deu o nome de monte *Paschoal* : pouco e pouco vai admirando immensa terra não conhecida.

A 23 e 24 do mesmo mez manda procurar alguma abrigada, e já então sabia que a terra era habitada por selvagens.

A 25 de Abril entra a armada de Cabral na excellente enseada á que elle dá o nome de *Porto Seguro*.

A' 26 de Abril, Domingo de Paschoela, *celebra-se a primeira missa* no Brazil em altar armado em pequena ilha : acodem os selvagens, que exultão com rudes mimos de pequenos espelhos, contas de côres, e outros semelhantes.

De 26 á 30 Cabral emprega meios de estabelecer as primeiras relações com os selvagens, e prepara a solemnidade com que devia deixar plantada na nova terra descoberta o imperio da Cruz e o dominio da corôa portugueza : grande arvore é derribada, e della se cortou a cruz.

A 1 de Maio Cabral e seus capitães, soldados e marinheiros seguindo os padres vão buscar e trazem em procissão, e ao som de hymnos religiosos o sagrado symbolo da redempção que é erguido e firmado á poucas braças do mar no continente de Porto Seguro : arma-se aos pés da cruz um altar, e aos pés da cruz são marcadas as quinas portuguezas e a divisa d'El-rei D. Manoel. Frei Henrique celébra *missa* e prega sermão, á que sobravão

inspirações de eloquencia, que commove os navegantes, e que os selvagens admirão sem entender.

Cabral recolhe-se ás náos, deixando em terra dous degradados, aos quaes se ajuntão á noite dois grumetes desertores da armada, quatro portuguezes de sequente fortuna ignorada.

A' 2 de Maio Gaspar de Lemos em um dos navios volta para Lisboa á dar conta a El-rei do feliz descobrimento por ordem de Pedro Alvares Cabral, que tambem ao romper do mesmo dia segue em sua derrota para as Indias.

Deste dia em diante não pertence mais ao Brazil Pedro Alvares Cabral, apenas onze dias brazileiro; mas onze dias conquistador de sua maior e perpetua gloria pelo descobrimento da terra maravilhosamente rica, á que por erro deixou o nome de — *Ilha* de Vera-Cruz.

Qualquer que seja o livro que se occupe da historia, ou que lembre e se empenhe em perpetuar a memoria dos homens illustres do Brazil, ou incorrerá no mais deploravel esquecimento, ou terá inscripta em sua primeira pagina o nome de Pedro Alvares Cabral.

Aqui fica esse nome gravado não na primeira pagina; mas no artigo de 1 *de Maio*, porque foi nesse dia, que o inclito capitão portuguez solemnemente arvorou no Brazil o pendão divino da *Cruz*, gravou patrioticamente os signaes do dominio do soberano de sua patria; e perpetuou indelevel o monumento de sua gloria, gloria ufanosa de heroica e então esplendida nação.

23 DE ABRIL

JOSÉ FERREIRA CARDOZO

Nascido na cidade da Bahia aos 23 de Abril de 1761, José Ferreira Cardoso fez ahi com a maior distincção os seus estudos de humanidades, e cultivou esmeradamente as letras: grande latinista e apaixonadissimo dos poetas latinos, poeta latino de notavel merecimento se tornou.

A justa e bem merecida reputação de poeta e litterato distincto que Ferreira Cardoso gozava, foi confirmada com legitima autoridade pelo seu amigo o famoso e inspirado Manoel Maria Barboza du Bocage, que traduzio na lingua portugueza o poema *Tripoli* do illustre brazileiro, vulgarisando as bellezas e altivo pensamento dessa obra.

24 DE ABRIL

JOÃO CAETANO DOS SANTOS

Em 1808 nasceu neste dia na cidade do Rio de Janeiro João Caetano dos Santos que havia de ser o famoso e inspirado actor dramatico ainda sem igual no Brazil. Forão seus paes o capitão de ordenanças João Caetano dos Santos e D. Joaquina Maria Roza dos Santos.

Ou fraquezas de exagerado amor, ou resistencia e reluctancia de menino travesso e genioso, João Caetano cresceu, e chegou á juventude sem ao menos completar seriamente a instrucção primaria: tinha talento manifesto, animo ardente, comprehensão facil; mas aos desenove annos ainda lia mal, e escrevia muito peior.

A época era favoravel ás distracções, e ao abandono de estudos do menino e do joven: em 1808 chegára a familia real portugueza á cidade do Rio de Janeiro que nadou em

festas publicas desde esse anno até quasi o de 1821, em que D. João VI se retirou para Portugal. De 1821 á 1823 a revolução da independencia, a constituinte brazileira e sua dissolução occuparão todos os espiritos: as crianças erão embaladas com hymnos e cantos patrioticos, e os meninos ouvião lições politicas, repetião aquelles hymnos, e erão mandados á saudar com os seus — vivas! — o imperador D. Pedro I.

João Caetano sahio da segunda infancia e mal tocava a adolescencia desenvolvido, forte e enthusiasta assentou praça de cadete no batalhão do imperador, e na guerra da Cisplatina deu provas de intrepidez e bravura, que em toda sua vida sempre mostrou.

De volta ao Rio de Janeiro deixou o exercito e um dia em 1827 á despeito da opposição de seus paes, zombando das censuras dos parentes e dos amigos da familia engajou-se como *galan* em uma desarvorada companhia dramatica que foi estabelecer-se na então parochia depois villa de Itaborahy, provincia do Rio de Janeiro.

João Caetano fôra tão applaudido em theatros particulares, desempenhando papeis de *dama* e de *galan*, que se deixou arrebatar pelo amor, e pelo encanto do theatro.

Era a vocação que o impulsava.

Em Itaborahy fez elle sua estréa dramatica, desempenhando o papel de *Carlos* no *Carpinteiro da Livonia*, á 24 de Abril de 1827. Quem rudemente escreve estas linhas foi testemunha dessa estréa; mas então tinha sete annos de idade e só conserva hoje impressões materiaes da revelação daquelle genio da scena dramatica.

Era um joven verdadeiramente bello, e cuja voz tinha o poder da musica á exprimir sentimentos.

Como era de crêr, a companhia em pouco tempo naufragou por falta de renda; mas João Caetano não deixou mais o theatro.

Até 1835 a vida dramatica de João Caetano foi com exepções raras pouco notavel: as exepções deveu-as elle a inveja de seu genio á pronunciar-se: engajado no theatro de S. Pedro, os directores da companhia quasi toda portugueza quizerão comprometter e inutilisar o grande artista dramatico criado pela natureza, e uma vez impozerão-lhe o papel de um velho na comedia *D. José II visitando os carceres*: o joven *galan* appareceu envelhecido em scena, e ás primeiras palavras que proferio, e aos gestos apropriados, com que deu verosimilhança á secundaria personagem que desempenhava retumbárão no theatro fervidos applausos.

Não bastou essa experiencia á inveja; João Caetano foi levado á representar o ridiculo e absurdo papel de *Manoelinho* na farça *O chapéo pardo*: o publico vingou-o, applaudindo-o freneticamente.

João Caetano fez-se emprezario de companhia dramatica no mesmo theatro de S. Pedro de Alcantara, conquistou numeroso concurso de apreciadores; mas em verdade resentia-se na scena de todos os defeitos da escola dramatica portugueza, que se chamou classica, e que nada tinha de intelligente e de verdadeiros preceitos de arte, que Garret e outros poetas e litteratos portuguezes lhe derão mais tarde.

João Caetano era prodigiosa natureza sem arte: não tinha instrucção, lia mal, e escrevia peior, quasi nada sabia; mas quasi tudo facil adevinhava. Natureza, e natureza privilegiada, eis o seu condão!... a natureza lhe déra rosto realmente bello, olhos onde radiavão todas as paixões ima-

ginaveis, formosa boca, e dentes alvejantes, iguaes, e lindos, corpo perfeitamente talhado e elegante, voz que era suave e insinuante em sereno sentimento, murmurio de somnolento arroio em doçuras, trovão horrivel em tempestades do animo, mimica expressiva, musculos faciaes moveis, trementes, convulsos á mercê da vontade, elle tinha tudo; só lhe faltava ensino e arte.

Em 1836 chegarão da Europa os poetas brazileiros Domingos Magalhães e Porto Alegre (hoje visconde de Araguaya, e barão de Santo Angelo) e, presentindo o genio de João Caetano, o iniciarão na escola romantica.

João Caetano foi o fundador dessa escola no Rio de Janeiro.

A *Torre de Nesle*, *Catharina Howard*, *Oscar filho de Ossian*, *Aristodemo*, *Antonio José*, *Othelo*, e dez outras tragedias e dez outros dramas fizerão de João Caetano o objecto do enthusiasmo do publico.

Irritavel, orgulhoso, inconstante o grande actor separou-se dos dous poetas; mas não esqueceu suas lições: prodigioso no *Kean*, inexcedivel no *Cabo Simão*, estupendo na *Gargalhada*, sorprendente, admiravel em muitos outros dramas, João Caetano brilhou como genio, e meteóro da scena dramatica brazileira.

Magalhães tinha escripto no album do inspirado entre outros os seguintes versos:

> « Os vôos de Talmá, com quem tu sonhas,
> Ovante segue, escurecendo a inveja,
> Que já nem ousa disputar-te a gloria!... »

João Caetano teve por azas de seu genio sem lição dous afortunados auxiliares: o concurso amigo daquelles poetas,

e sua união amorosa e mais tarde conjugal com a actriz e devotada amiga D. Estella Sezefreda dos Santos, que não tinha a decima parte da sua privilegiada natureza; mas tinha mais intelligencia, mais consciencioso e apurado conhecimento da arte.

João Caetano adevinhava segredos de arte; Estella os conquistava com severo estudo.

A ultima vez que Estella resplandeceu na scena, foi desempenhando o papel da velha idiota dos *Mysterios de Pariz*: foi o seu sol no occaso; mas que occaso!...

Estella tocára o sublime.

Lá vae esse tempo...

Não ha mais João Caetano...

Não ha mais Estella...

Os actores e actrizes, os melhores que hoje definhão em theatros viciadores da arte são tristes mediocridades em comparação daquelle genio da natureza, e daquella intelligencia de verdadeira actriz dramatica.

João Caetano foi objecto dos reparos e das censuras dos seus contemporaneos, e applaudidores principalmente no desempenho do papel de *Othelo*, em que o responsabilisavão pela exageração dos impetos apaixonados, pelos gritos, ou rugidos selvagens e desentoados.

Passarão alguns annos e Rossi, e Salvini, celebridades europeas dramaticas, representarão *Othelo* no Rio de Janeiro, e então os censuradores confundidos saudosos, e cheios de arrependimento murmuravão no theatro: «Oh!... já vimos isto mesmo!... João Caetano tinha adevinhado e realisado na scena as maravilhas de Rossi, e de Salvini!...»

João Caetano dos Santos já tinha morrido á 24 de Agosto de 1863.

No theatro nacional do Brazil ninguem póde disputar-lhe a gloria de genio filho de miraculosa natureza : foi um prodigio ; infelizmente porém não deixou escola, nem discipulos.

25 DE ABRIL

PADRE LUIZ GONÇALVES DOS SANTOS

Filho legitimo de José Gonçalves dos Santos, e de D. Roza Maria de Jesus, aquelle portuguez, esta fluminense, nasceu Luiz Gonçalves dos Santos na cidade do Rio de Janeiro á 25 *de Abril* de 1767, e desde os mais verdes annos lampejou-lhe precoce a intelligencia mais viva.

Estudou na cidade de seu berço, de aula á aula passou de triumpho á triumpho: discipulo de mestres illustres, honrou á todos. Latim, philosophia, theologia dogmatica, grego, rhetorica, poetica, geographia, historia tinha já estudado com extraordinario proveito o joven Luiz Gonçalves, que com a mais decidida vocação se destinava ao sacerdocio, quando o brutal decreto assassino da florescente e invejada ourivaria da colonia de Portugal, arruinou a casa

de seu pae que era ourives. Retirado para Suruhy, veio-lhe em soccorro um de seus mestres, o professor de latim Jorge Furtado de Mendonça, que o chamou para sua casa.

Luiz Gonçalves continuou á estudar: o bispo D. José Joaquim Justiniano de Mascarenhas nomeou-o substituto da cadeira de latim no seminario de Nossa Senhora da Lapa e o joven professor teve por discipulos, entre outros depois varões notaveis, Januario da Cunha Barbosa, e Antonio José do Amaral.

Em 1794 tomou as primeiras ordens, e dous annos depois subio á presbytero.

Já muito apreciado pela sua capacidade e instrucção foi escolhido para leccionar philosophia, substituindo o professor regio, e seu mestre, o dr. Goulão, que se retirára da cidade por doente.

Em 1809 fez opposição a cadeira regia de latim, e sendo nella provido, deixou a do seminario da Lapa. Depois de dezeseis annos de exercicio naquella sobreveio-lhe consideravel surdez, e por isso pedio e obteve a sua jubilação em 1825, recebendo o habito de cavalleiro da Ordem de Christo á 13 de Outubro do mesmo anno.

Escriptor fecundissimo, encetou a serie de suas obras e opusculos em 1808, senão redigindo logo, ao menos tomando notas e apontamentos minuciosos que lhe servirão para as suas « *Memorias para servir á historia do Brazil* » escriptas no anno de 1821 e publicadas em Lisboa em 1825 á 1826 em dous volumes em quarto.

Escreveu muito e quasi até o fim de sua vida; pois que deixou ainda em manuscripto a sua obra « *A Fé Catholica ou o symbolo dos apostolos provado e explicado pelas*

santas escripturas publicada em tres pequenos volumes em 1847.

Tendo vivido sempre com escassos meios, ameaçou-o a miseria em sua velhice ; mas o governo do regente em nome do Imperador, attendendo á seu merecimento e serviços o despachou conego prebendado da cathedral e capella imperial em 1839, anno em que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro conferio-lhe o diploma de membro honorario.

Cinco annos depois o conego Luiz Gonçalves dos Santos sentindo aggravarem-se as suas molestias pedio e recebeu com a maior devoção os Sacramentos e morreu á 1 de Dezembro de 1844, tendo perto de setenta e oito annos de idade.

O conego Luiz Gonçalves possuia instrucção variadissima : sabia em linguas além da propria o latim, o grego, e noções do hebraico, o francez, o inglez, o italiano e o hespanhol ; era profundo em sciencias theologicas e philosophicas, e dispunha de vastos conhecimentos de litteratura.

Em seus escriptos admira-se grande sciencia ; mas não se póde desconhecer quasi sempre a dureza do estylo, muitas vezes a incorrecção, e nas polemicas a acrimonia e as inspirações inconvenientes da colera.

Era o conego de estatura menos que ordinaria e muito magro, de espaçosa fronte, boca grande, de olhos scintillantes, e de voz fina e estridente : argumentando com os proprios amigos ainda em conferencia ou entretenimento particular, elle exaltava-se facilmente, e á fallar de pé e agitado, tinha o séstro de saltar para a frente, dando pequenos pulos : á aquellas disposições physicas e á este

sêstro devia elle a alcunha de—*Pereréca*—ou *padre Pereréca*, pela qual era geralmente conhecido, e até em artigos de periodicos tratado com intenção offensiva.

Deixou impressos numerosos trabalhos (além dos que forão mencionados) sobre o celibato clerical, e assumptos religiosos.

26 DE ABRIL

JOÃO FRANCISCO LISBOA

Natural da provincia do Maranhão onde nascê
2 de Maio de 1812, João Francisco Lisboa, filho le
lo agricultor João Francisco de Mello Lisboa e de D
rudes Rita Gonçalves Nina, foi homem de grande
escriptor de elevado merecimento.

Embora muito cedo se patenteasse o talento e
o espirito de João Francisco Lisboa, correu desc
talvez contrariada a sua educação litteraria até
orque menino vio-se elle na fazenda paterna solto
omo as aves do campo que habitava, e joven ac
reso e constrangido em uma casa commercial; m
ezesete annos a indole do mancebo revoltou-se, q
s cadêas que prendião sua intelligencia, que, des

do-se da incuria do passado, conquistou em arrojados vôos os estudos de humanidades na capital da provincia.

Os acontecimentos politicos de 1831 não podião deixar de influir na alma enthusiasta e generosa do joven Lisboa, que alistando-se logo no partido liberal, fez-se o mantenedor de nobres idéas na arena da imprensa, e jornalista aos vinte annos de idade, foi redactor do *Brazileiro* em 1832, do *Pharol* desde Novembro do mesmo anno até o fim do seguinte, e do *Echo do Norte*, de Maio de 1834 até 1836, e emfim da *Chronica* que escreveu de Janeiro de 1838 até Março de 1841.

Durante dez annos o jornalismo fôra a sua tunica de Nesso; não lhe servirão para arrancal-a dos hombros nem os cuidados da administração, na qual prestou bons serviços como secretario do governo da provincia em 1835, por nomeação do presidente Antonio Pedro da Costa Ferreira, ulteriormente barão do Pindaré, nem os trabalhos legislativos da assembléa provincial da qual foi membro distincto na primeira legislatura e na de 1848.

O que não pôde a fadiga, a luta incessante, a aggressão dos contrarios, pôde o desamor e a ingratidão dos alliados. Ha na vida politica desillusões que arrefecem a fé; contradicções inexplicaveis que apadrinhão o scepticismo, essa morte do coração; rivalidades egoistas e esquecimentos crueis que ás vezes accendem na alma do offendido um justo resentimento e despertão nobre orgulho onde sómente florescia a modestia.

João Francisco Lisboa fôra dez annos o jornalista do seu partido; era além disso orador de merecimento, e homem illustrado: em 1840 apresentou-se candidato á assembléa geral pela sua provincia, e em breve reconheceu que a

má vontade dos proprios correlligionarios politicos lhe preparava triste derrota. Então seu coração resentio-se, e o seu orgulho alterou-se. Não se suicidou como Chatterton; quebrou a penna desamada : lembrou-se do eloquente conselho do grande orador sagrado, que dizia ao velho guerreiro esquecido pela patria — Morre e vinga-te! — Elle não morreu, mas calou-se.

Entregue ao mister da advocacia, que lhe deu honrosa e bem merecida nomeada, descansou onze annos das lides da imprensa; mas em 1852 voltou de novo a ella, não como d'antes, para defender as idéas do seu partido, sómente porém para castigar os abusos de todos os partidos, fulminar a desmoralisação, e tambem para escrever a historia da sua provincia : foi então que começou a dar ao prélo esses interessantissimos folhetos sob o titulo de *Jornal de Timon*, nos quaes, como diz um seu digno biographo, com o lapis de Gavarni na mão de Juvenal, expôz diante do mundo quadros profundamente verdadeiros, onde a satyra e o ridiculo atacárão o vicio, o desregramento e a vaidade : sobresahindo os dois ultimos dos doze numeros desse periodico, nos quaes estudou os antigos historiadores do Maranhão, e combinando raros documentos e investigando os archivos do passado, apresentou curiosissimos trabalhos sobre a historia civil, economica e administrativa da sua provincia.

A reputação de João Francisco Lisboa, como litterato, philosopho e historiador firmou-se para sempre com o *Jornal de Timon*. S. M. o Imperador agraciou o distincto brazileiro com a commenda da ordem de Christo : o Instituto Historico chamou-o para o seu gremio, e o seu nome

desde mui conhecido tão vantajosamente no Maranhão foi repetido com louvor e estima em todo o Brazil.

Em 1855 João Francisco Lisboa vem ao Rio de Janeiro, e pouco depois parte para Portugal incumbido pelo governo imperial de colligir documentos relativos á historia patria. Laborioso e incansavel, desempenhava com solicitude essa commissão, e ao mesmo tempo escrevia a historia do padre Vieira, e enthesourava preciosas notas para escrever mais completa e até uma época contemporanea a historia do Maranhão, quando a 26 de Abril de 1863 falleceu depois de longo padecer.

Da tarefa encarregada a João Francisco Lisboa pelo governo de S. M. colheu o paiz cópias de importantes manuscriptos e memorias que enriquecem o archivo do Instituto, e das suas espontaneas locubrações, dos trabalhos de sua penna illustrada e patriotica ficou thesouro de trabalhos profundos, alguns dos quaes infelizmente incompletos.

27 DE ABRIL

MANOEL DA CUNHA

No seculo decimo oitavo, talvez no principio do segundo quartel ou no fim do primeiro nasceu na cidade do Rio de Janeiro de ventre escravo Manoel que depois se appellidou da Cunha, e que escravo, como sua mãe, pertenceu á familia do postero e muito illustre conego Januario da Cunha Barboza.

Sabe-se como os filhos e filhas dos *senhores* e por elles tambem estes se afeiçoavão ás *crias* escravas nascidas no seio ou sob o tecto das familias.

Manoel experimentou essa fortuna: foi crescendo protegido, e bem tratado junto de seus senhores, que por fim descobrindo e admirando no seu estimado escravo notaveis disposições para pintor, o mandárão estudar a arte de Raphael e Buenaroti em Lisboa.

Manoel da Cunha em poucos annos igualou seus mestres, e voltando para o Rio de Janeiro trabalhou com ardor duplamente inflammado — pelo amor da arte — e pelo vivo almejar da liberdade.

Dentro em pouco sua palheta deu-lhe parte do seu valor de escravo, a caridade do negociante José Dias da Cruz completou-o, e Manoel da Cunha respirou a doce aura e sorrio ao encanto indizivel da liberdade.

Liberto foi ainda mais laborioso: fez-se discipulo de João de Souza, famoso mestre daquelle tempo, e distinguio-se muito.

Manoel da Cunha adquirio tal reputação artistica que foi escolhido pelo senado da camara para fazer o retrato em corpo inteiro do capitão-general Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, que por ordem do rei se erigio na sala das sessões do mesmo senado, e ainda no paço municipal se conserva.

O quadro do descimento da cruz no tecto da capella do Senhor dos Passos na antiga igreja do convento do Carmo depois Capella Real, e emfim Imperial, — o Santo André Avelino da igreja de S. Sebastião do Castello, — diversos retratos de bemfeitores da Santa Casa da Misericordia do Rio de Janeiro, — alguns paineis commemorativos da sagrada Paixão de Christo, que de costume se levavão dessa mesma Santa Casa na procissão que sahia em Quinta Feira Maior — os quadros do tecto e das paredes da capella do noviciado da ordem terceira de S. Francisco de Paula, representando Nossa Senhora da Victoria naquelle, e nestas milagres do patriarcha S. Francisco — forão obras de Manoel da Cunha.

Além desses trabalhos fez elle muitos retratos que ficárão

guardados pelas familias, e quadros de inspiração propria, que se perderão; estabeleceu escola de pintura para doze discipulos, que depois reduzio a seis despedindo os menos esperançosos que tambem o impacientavão por traquinas.

Velho e doente, abatido de forças acabou de viver no anno de 1809.

Não se sabe a data do nascimento do misero escravo que veio á tornar-se notavel artista: ignorava-se o dia do fallecimento do applaudido artista, que desde muito se resgatára do captiveiro; mas o Sr. dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, vencendo afadigosas pesquizas, foi descobrir nos livros de assentamentos de obitos da igreja do Hospicio a nota funebre de Manoel da Cunha á 27 *de Abril de* 1809.

Autoridades competentes que fallárão e fallão no seculo actual, apreciando as obras ainda conservadas de Manoel da Cunha, louvão e honrão seu merecimento de artista, e ainda mais o admirão, considerando-o nos acanhados horisontes, e nos recursos mais que mesquinhos da arte de pintura sem mestres, sem modelos vivos, sem paineis e sem copias dos quadros dos grandes pintores, e finalmente no tempo e nas circumstancias do Brazil-colonia no seculo decimo-oitavo.

28 DE ABRIL

DOMINGOS RIBEIRO DOS GUIMARÃES PEIXOTO

BARÃO DE IGUARASSU'

Filho legitimo de Luiz Ribeiro Peixoto dos Guimarães e de D. Jozepha Maria da Conceição Peixoto nasceu á 14 de Agosto de 1790 Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto em Pernambuco, onde além de estudar humanidades, seguio os cursos de cirurgia nos hospitaes até que em 1810 veio para o Rio de Janeiro e matriculou-se na escola cirurgica, e entrou como alumno interno no hospital militar.

Tinha apenas concluido o curso de anatomia e de phisiologia, quando foi encarregado (sem vencimento algum) de ensinar aquellas materias aos pensionistas que o principe-regente mandára vir d'Africa.

A 12 de Maio de 1812 obteve carta de cirurgião.

Já era 1° cirurgião militar, e o foi da casa real em 1817, sendo elevado á cirurgião da real camara em 1820.

Cinco annos antes tinha sido nomeado vaccinador.

Em 1821 foi condecorado com o habito da Ordem de Christo.

A 4 de Fevereiro de 1822, fallecendo o principe da Beira, D. João Carlos, foi Peixoto escolhido para o embalsamar e á 11 de Março seguinte foi o parteiro que acompanhou a proxima futura imperatriz do Brazil no acto do nascimento da princeza a Sra. D. Januaria.

A mesma honra lhe coube á 2 de Agosto de 1824 e á 2 de Dezembro de 1825, recebendo ao nascerem a princeza Sra. D. Francisca, o principe Sr. D. Pedro, actual Imperador do Brazil. Neste ultimo e faustoso dia o Imperador D. Pedro I apertou em seus braços o já illustre cirurgião diante de toda a côrte, e convidou a imperatriz á exaltal-o com semelhante e distincto favor.

Em 1824 o fôro de fidalgo cavalleiro, mezes depois o titulo de conselho, em Dezembro de 1825 a commenda da Ordem de Christo premiarão o merecimento do illustrado brazileiro.

A 10 de Setembro de 1827 o conselheiro Peixoto, obtendo do Imperador licença e a pensão de cincoenta mil réis mensaes durante o tempo que elle devia empregar em seus estudos, seguio para França afim de formar-se em medicina.

Em Pariz, cursando a escola, frequente nos hospitaes, recebido e estimado pelos mestres da sciencia medica mais celebres, o conselheiro Peixoto adquirio consideravel reputação, e foi altamente considerado.

O governo do Brazil suspendêra-lhe, tirára-lhe a pensão, e o lugar e ordenados de cirurgião-mór do imperio: D. Pedro I deu-lhe de seu bolsinho a pensão de oito centos mil réis annuaes, que o conselheiro Peixoto recebeu regularmente até formar-se.

Em 1831 o conselheiro Peixoto correu á apresentar-se ao ex-imperador D. Pedro I, que chegava do Brasil depois de sua abdicação: o protector augusto abraçou o protegido sabio: chorárão ambos á bordo da fragata *Volage*.

O conselheiro Peixoto volta á patria com o seu gráo de doutor em medicina pela Universidade de Pariz, e com os reflexos do brilhante nome que deixára naquella capital.

Como medico da imperial camara tem a felicidade de salvar em 1833 a vida do Imperador o Senhor D. Pedro II ameaçada por grave enfermidade: a regencia agradece-lhe o grandioso serviço e offerece-lhe recompensa pecuniaria que o dr. Peixoto recusa, aceitando o titulo de 1° medico do Imperador e da imperial familia.

Na organisação das escolas de medicina do imperio o conselheiro dr. Peixoto illustra e realça a cadeira de phisiologia, e exerce o cargo de director da escola do Rio de Janeiro.

Em 1841 foi agraciado com o titulo de official-mór ordinario da casa imperial.

A' 23 de Fevereiro de 1845 o conselheiro dr. Peixoto, aquelle mesmo que recebêra em seu nascimento o Senhor D. Pedro II, teve a gloria e a indizivel alegria de receber o augusto principe-imperial D. Affonso, filho do Senhor D. Pedro II.

Então recebeu elle o titulo nobiliario e bem merecido de *barão de Iguarassú*.

Um anno depois á 24 *de Abril de* 1846 falleceu o barão de Iguarassú na cidade do Rio de Janeiro aos cincoenta e seis annos de idade, bem que em seu aspecto parecesse muito mais velho.

Foi medico sabio, illustrado e experiente pratico, homem de grande coração, e de probidade não menor.

Na cadeira de lente de phisiologia sua lição esclarecida, eloquente, lucifera corria com a suavidade da voz, com a inexcedivel fluencia da palavra, com a profuzão de idéas, que lhe dava o profundo conhecimento da sciencia, com a clareza da exposição e com a pureza da linguagem ás vezes, como arroio suave á deslizar-se por entre flôres, ás vezes como rio caudaloso á precipitar-se arrebatado.

O barão de Iguarassú deixou ao Brazil o thezouro de um nome monumental.

29 DE ABRIL

JORGE DE ALBUQUERQUE COELHO

Em 1534 dividindo D. João III o Brazil em capitanias hereditarias com extraordinarios privilegios com o fim de promover a colonisação do paiz, coube á Duarte Coelho Pereira a capitania de Pernambuco com a extenção de costa que vai do rio de S. Francisco ao Iguarassú.

Duarte Coelho da antiga linhagem dos Coelhos e casado com D. Brites de Albuquerque dedicou-se todo á capitania de que era donatario e ahi lhe nascerão dois filhos Duarte Coelho de Albuquerque em 1537, e *Jorge de Albuquerque Coelho* aos 29 de Abril de 1539.

Em 1554 morreu o illustre e benemerito primeiro donatario de Pernambuco, estando seus filhos á estudar em Lisboa, e os terriveis indios *cahetés* sahirão das florestas ameaçando destruir toda a capitania, cujo governo ficára

nas debeis mãos da afflicta viuva; mas por ordem da regente D. Catharina os dois jovens Coelho de Albuquerque, donatario herdeiro, e Albuquerque Coelho voltão em 1558 para Pernambuco, e ali cedendo o primeiro o commando das forças á seu irmão, sahio este á campo e desbaratou completamente os cahetés, fazendo nelles grande mortandade, e perseguindo-os pelos sertões.

Jorge de Albuquerque depois desses feitos demorou-se em Pernambuco até 1565; mas a 16 de Maio desse anno regressou para Lisboa, sahindo na náo *Santo Antonio.*

Viagem horrivel!.. já ia sem contratempos adiantada, quando uma náo de corsarios francezes ataca a *Santo Antonio* e no fim de longo pelejar toma-a, ficando prisioneiros a tripolação e os passageiros.

Navegando ambas á vista desenfrea-se medonha tempestade que por dias as maltrata; a *Santo Antonio* porém mais velha e já meio arruinada, ameaça ir ao fundo: os corsarios, contando perdel-a, retirão de seu bordo a guarnição franceza, e os objectos de maior valor, e abandonão á furia do oceano a gente portugueza.

A velha náo tinha perdido os mastros e fazia agua por diversos pontos, por vezes esteve prestes á submergir-se; mas Jorge de Albuquerque era o inspirador da coragem: á força de trabalho, e graças á terminação do temporal foi vencido o maior perigo. Todavia a *Santo Antonio* andava á mercê das ondas, e depois sobreveio a fome e a sêde. Ainda Jorge de Albuquerque impoz-se aos desesperados, impedio suicidios, e em todos alimentou ou acendeu a luz da fé em Deus. Morrerão não poucos dos infelizes; mas por fim a náo deu á costa nos baixos de Carcaes, perto do Tejo,

e os naufragos cahirão quasi cadaveres na praia salvadora, rendendo graças ao Senhor...

Em 1578 Jorge de Albuquerque (e tambem seu irmão) acompanha o rei D. Sebastião á Africa, e commanda uma columna de cavallaria : fere-se á 4 de Agosto a fatal batalha de Alcacer-Quivir : D. Sebastião, perdendo o cavallo atravessado por uma bala inimiga, vê-se arriscado á cahir em poder dos infieis; mas Jorge de Albuquerque gravemente ferido e coberto de sangue chega, e dá seu ginete ao rei, e pouco depois cahe no meio de um troço de inimigos e é deixado por morto.

Ganharão os mouros a batalha. Jorge de Albuquerque não morrêra e foi conduzido em um carro para Fez : ficou captivo, e após longo tratamento captivo, aleijado das pernas e precisando usar de muletas.

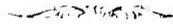
No fim de dois annos foi resgatado a alto preço, deixando seu irmão que fôra captivo como elle, á dormir o somno da morte na terra estrangeira e cruel.

Voltando para Portugal, gemeu e mergulhou o coração em luto, encontrando o opprobrio do dominio hespanhol.

Tendo morrido Duarte de Albuquerque, era elle o donatario de Pernambuco ; estava porém em pobreza, faltavão-lhe recursos, ficou em Portugal e ahi escreveu diversos trabalhos moraes e politicos e memorias importantes sobre as guerras do Brazil nos primeiros tempos da colonisação.

Tivera um filho nascido em Lisboa ; Duarte de Albuquerque Coelho : apenas o abençoou chegado á idade varonil, mandou-o para Pernambuco á representa-lo e como seu herdeiro.

Jorge de Albuquerque Coelho vivia ainda em 1596 : general reformado do exercito portuguez, e litterato conceituado envelhecia coberto de cicatrizes e de gloria.

Ignora-se o anno de seu fallecimento; mas não morreu na historia que lhe perpetúa o nome de brazileiro heróe, e de brazileiro que amou e saudoso lembrou sempre a terra querida de seu berço.

30 DE ABRIL

PERO DE MAGALHÃES DE GONDAVO

Não estão averiguadas as datas do nascimento e da morte de Pero de Magalhães de Gondavo; sabe-se porém que elle foi natural da cidade de Braga, e que florescêra no seculo decimo sexto.

Consta que Gondavo residira no Brazil durante alguns annos, ou que ao menos neste paiz se demorára mais tempo, do que de simples passagem o teria feito.

Certo é que deixou seu nome necessariamente ligado ao Brazil; porque foi elle o primeiro que escreveu obra, embora de acanhadas proporções, historiando o descobrimento desta terra por Pedro Alvares Cabral, e dando informações sobre os costumes dos indios, e sobre a historia natural do paiz.

A obra tem o titulo seguinte: *Historia da provincia Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil: feita por Pero de Magalhães de Gondavo, dirigida ao muito illustrissimo Sr. D. Leonis, primeiro governador que foi de Malaca e das mais partes do Sul na India.*

Além deste trabalho historico Gondavo escreveu ainda: *Tratado da terra do Brazil, no qual se contém a informação das cousas que ha nestas partes*—impresso pela primeira vez no tomo IV da *Collecção de Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.*

Pero de Magalhães de Gondavo gozou no seu tempo reputação de humanista e de bom latino. O Sr. Innocencio Francisco da Silva no seu precioso *Diccionario Bibliographico Portuguez* ainda menciona outra obra desse mesmo escriptor: *Regras que ensinão a maneira de escrever a orthographia da lingua portugueza com um dialogo que adiante se segue em defensão da mesma lingua.*

Os dous primeiros trabalhos—a *Historia* e o *Tratado* escriptos hoje, ou ainda mesmo no seculo decimo setimo não se recommendarião pelo seu valor historico; mas Gondavo os escreveu nos annos primitivos do Brazil-portuguez, ao que parece não muito depois de ter o nome *Brazil* excluido o de *Terra da Santa Cruz,* que por sua vez tinha em correcção de errado juizo geographico substituido o de *Ilha de Véra Cruz* dado por Pedro Alvares Cabral ao paiz que descobrira.

As duas pequenas obras de Gondavo dão-lhe o merecimento e a gloria da prioridade: nellas escreveu o que no seu tempo lhe era possivel adiantar.

Gondavo foi o venerando obreiro da civilisação que

lançou a primeira pedra nos fundamentos da historia do Brazil.

Seu nome fica devidamente registrado no dia 30 de Abril, em que ficou em 1500 talhado e prompto o lenho da *Santa Cruz*, que Pedro Alvares Cabral plantou em Porto Seguro no dia seguinte.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

PRIMEIRO VOLUME

Janeiro

Fevereiro

Março

Ab. il